



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DAYANE FREITAS DE LOURDES

**PROFESSORA OLIVA ENCISO: VIDA E CARREIRA PELA
EDUCAÇÃO**

**CUIABÁ-MT
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DAYANE FREITAS DE LOURDES

**PROFESSORA OLIVA ENCISO: VIDA E CARREIRA PELA
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Organização Escolar, Formação e Práticas Pedagógicas. Grupo de Pesquisa: Docência e memória social, ação política de sujeitos envolvidos na docência e no exercício de cargos políticos eletivos.

Orientadora: Professora Doutora Marlene Gonçalves.

**CUIABÁ-MT
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

L892p Lourdes, Dayane Freitas de.
Professora Oliva Enciso: Vida e Carreira pela Educação : Professora na Política /
Dayane Freitas de Lourdes. -- 2018
224 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Marlene Gonçalves.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Oliva Enciso. 2. educação. 3. memória. 4. gênero. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT
Tel : 3615-8431/3615-8429 - Email : secppge@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "Oliva Enciso: vida e carreira pela educação"

AUTORA: Mestranda Dayane Freitas de Lourdes

Dissertação defendida e aprovada em 12 de março de 2018.

Composição da Banca Examinadora:

| | | | |
|--------------------------------|--|-----------------------------------|--------------------|
| Presidente Banca / Orientadora | Doutora | Marlene Gonçalves | <i>M Gonçalves</i> |
| Instituição: | UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO | | |
| Examinadora Interna | Doutora | Ana Lucia Nunes da Cunha Vilela | <i>A. Vilela</i> |
| Instituição: | UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO | | |
| Examinadora Externa | Doutora | Marinei Almeida | <i>M. Almeida</i> |
| Instituição: | UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO/UNEMAT | | |
| Examinadora Suplente | Doutora | Filomena Maria de Arruda Monteiro | |
| Instituição: | UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO | | |

CUIABÁ. 12/03/2018.

AGRADECIMENTO

Há muitos anos fiz uma oração: “Deus, meu sonho é estudar”, e de fato ele ouviu, então devo agradecê-lo. Obrigada Deus por me atender.

À meu pai pela parceria, segurança e conforto que proporcionou-me e em especial para a minha querida mãe, a melhor mãe do mundo, que fez-me crer que nada estava acabado quando eu acreditei que havia chegado ao fim, obrigada por ser minha confidente e abrir caminhos para mim.

Aos meus filhos Guilhermy e Eduardo, os melhores filhos, pela compreensão da minha ausência, pelo silêncio, pela companhia e por confiarem que tudo ia passar e passou.

À todos os familiares que oraram e se alegraram com minha conquista, não estavam por perto, mas estiveram na torcida, obrigada!

Agradeço em especial a duas amigas Vandilma Teófilo e Simone Rocha, obrigada pelas horas de diálogo, força, nunca me abandonaram e inundaram minha vida de muitos risos e leveza, valeu!!! Agradeço a minha amiga Alcimar Bezerra pela força e pelas orações e por estar atenta aos trâmites da minha carreira profissional.

À Elisabete Rodrigues por cuidar dos meus filhos quando eu precisei ausentar-me, não foi apenas necessária foi muito importante para mim, tenho imensa gratidão.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Marlene Gonçalves por selecionar-me e pela confiança, contribuiu imensamente com meu crescimento, aprendi muito com a senhora, obrigada!

À professora Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Nunes da Cunha Vilela e ao esposo Raimundo por abrirem caminhos para nós, obrigada pelos contatos, pela atenção em Campo Grande e pelas valiosas sugestões no meio do percurso.

À professora Dr.^a Marinei Almeida (Belelei), uma das professoras mais interessantes que eu conheci, forte, crítica e humana, eu precisava mesmo de você, obrigada!

Aos companheiros de mestrado e o grupo de pesquisa (Ana Cristina Vieira e Silva e Vanessa Campos Moraes), foram amigos que construí na angústia, vocês foram importantes, em especial agradeço a Marileuza Rosa de Souza pelas tardes de café e diálogo.

À família de Oliva Enciso por abrirem literalmente as portas das suas casas para que eu me achegasse, obrigada pela confiança e por compartilharem conosco suas memórias afetivas. Agradeço em especial a Dona Zezé que me acolheu com tanta doçura e elegância.

Agradeço aos depoentes Cleuza Gardner Mourão Ferreira, Davi Morais da Silva, Evory Padilha, Isis Catarina Martins Brandão, Joares Silva, José Bispo da Silva, José Nilson dos

Santos, grata por confiarem a mim suas memórias tão íntimas, meu profundo respeito e consideração, vocês foram um dos pontos mais significativos para essa escrita.

Agradeço aos funcionários das repartições públicas que fizeram questão em demonstrar o respeito por essa pesquisa. Agradeço aos funcionários da Câmara Municipal de Campo Grande, da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, dos Arquivos Públicos, Jornal Correio do Estado, Instituto Histórico e Geográfico e da Academia de Letras de Mato Grosso do Sul. Obrigada!

Agradeço à Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Estadual de Educação, representadas pelos secretários, obrigada pela oportunidade que proporcionaram-me.

Agradeço aos gestores da UFMT, professores das disciplinas do mestrado e equipe do PPGE pelo apoio e por proporcionarem um ambiente de respeito.

À todos que direta e indiretamente deram-me apoio e suporte, o resultado eu divido com todos, só tenho a agradecer.

“Cada um de nós escreve o livro da própria vida, em que cada dia é uma página e cada linha é um instante. Desse livro, nenhuma página se pode arrancar, nenhuma linha se pode apagar. O que escrevemos está escrito...”

Walfredo Tepe - Franciscano

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida no curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem como temática Professora Oliva Enciso: vida e carreira pela educação. O objetivo principal da pesquisa foi registrar a trajetória da professora Oliva Enciso que exerceu os cargos de primeira vereadora em Campo Grande - MS de 1954 a 1958 e de primeira deputada estadual em Mato Grosso de 1959 a 1963. A metodologia utilizada para a coleta de dados foi a qualitativa, o método foi o da Prosopografia. A presente pesquisa divide-se em capítulos: O primeiro “Quem foi e o que fez Oliva Enciso” em que consta a biografia de Oliva Enciso e seu ingresso no espaço público e a construção do seu reconhecimento social enquanto professora. O segundo capítulo “A criação da filantropia e o orfanato” delinea a história da Filantropia e do Orfanato administrado por Oliva Enciso. Terceiro capítulo: “As escritas de Oliva Enciso” expõe algumas produções literárias, parte das memórias de Oliva Enciso. No capítulo quatro “a professora Oliva Enciso na política” descreve a atuação parlamentar da professora Oliva Enciso. Nas considerações finais retomamos algumas questões que ainda precisam ser refletidas na história de vida de Oliva Enciso e reafirmamos o quanto fora importante para Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Para o desenvolvimento das discussões as bases teóricas e metodológicas na perspectiva da memória abordada foram: Bosi (1994), Halbwachs (2006), Bobbio (1997), Ricouer (2007) e Le Goff (1996) e para a questão de gênero recorreremos a Perrot (1998), Priore (2015), Louro (2014), Beauvoir (2009), Saffioti (2013) e outros.

Palavras-chave: Oliva Enciso, educação, memória, gênero.

ABSTRACT

This research was carried out at the master's degree Post Education Program at the Federal University of Mato Grosso, in the state of Mato Grosso, in Brazil. It's study object is Professor Oliva Enciso: her life and career for education. This study aims at recording the trajectory of Professor Oliva Enciso, who held the positions of first councilwoman in the city of Campo Grande, in the state of Mato Grosso do Sul from the years of 1954 to 1958 and the first state deputy in Mato Grosso from 1959 to 1963. This research counted on a methodology of qualitative type. The used method was Prosopography. This study is divided into chapters: The first one was titled as "Who was she? What did Oliva Enciso do?" which includes the biography of Olivia Enciso and her entrance into public space, as well as, the construction of her social recognition as an educator. The second chapter was named as "The creation of philanthropy and the orphanage" outlines the history of Philanthropy and the Orphanage managed by Oliva Enciso. The third chapter was titled as: "The writings of Oliva Enciso" exposes some literary productions, part of her memories. In chapter four named as: "Professor Oliva Enciso at the politics" describes her parliamentary performance. At the final conclusions, it was brought out some questions which still need to be reflected at the life story of Oliva Enciso and it was also reaffirmed how important she was for the states of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul. The development of the discussions presented in this study counted on the theoretical and methodological bases according memory perspective of the following authors: Bosi (1994), Halbwachs (2006), Bobbio (1997), Ricouer (2007) and Le Goff (1996). The gender subjects were guided by the authors: Perrot (1998), Priore (2015), Louro (2014), Beauvoir (2009), Saffioti (2013) among others.

Keywords: Oliva Enciso, education, memory, gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Imagem 1- Foto de Oliva Enciso | 49 |
| Imagem 2 - Declaração de tempo de serviço de Oliva Enciso | 54 |
| Imagem 3 - Cópia da Ata Fundação da Sociedade Miguel Couto Amigos do Estudante | 70 |
| Imagem 4 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959, folha nº 003 | 82 |
| Imagem 5 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959, folha nº 004 | 83 |
| Imagem 6 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959, folha nº 005 | 84 |
| Imagem 7 – Parte do Estatuto da Associação Amigos do Estudante, agosto de 2004 | 85 |
| Imagem 8 - Orfanato Lar Santa Teresinha | 87 |
| Imagem 9 - Alunos em atividades na Escola Rural Miguel Couto - 1948 | 91 |
| Imagem 10 - Horta da Escola Rural Miguel Couto | 94 |
| Imagem 11 - Foto da Ata 738 – Sessão de 10 de maio de 1957 | 108 |
| Imagem 12 - Foto de arquivos digitais de domínio público no site FGV | 114 |
| Imagem 13 - Jornal do Correio do Estado - 1954, Discurso de Olivia Enciso | 170 |
| Imagem 14 - Jornal Correio do Estado - 1959, página 04, nº 1393, ano V | 175 |
| Imagem 15 – Anuncio de Oliva Enciso na Presidência da Câmara Jornal Correio 1993 | 176 |
| Imagem 16 - Professora Oliva Enciso recepcionando Getúlio Vargas na Capital | 179 |
| Imagem 17 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959. Folha nº 17 | 183 |
| Imagem 18 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959. Folha nº 18 | 184 |
| Imagem 19 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959. Folha nº 19 | 185 |
| Imagem 20 - Ata 11 de 20 de junho de 1962, folha 22 da ALMT. Folha 06 | 187 |
| Imagem 21 - Ata 11 de 20 de junho de 1962, folha 22 da ALMT. Folha 07 | 188 |
| Imagem 22 - Jornal Correio do Estado em 05 de outubro de 1955 | 194 |
| Imagem 23 - Ata parlamentar de 1976 – Discurso Oliva Enciso | 201 |
| Imagem 24 - Anúncio da morte de Oliva Enciso nos meios de Comunicação | 209 |
| Imagem 25 - Certidão óbito de Oliva Enciso | 212 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 11 |
| CAPÍTULO I – QUEM FOI E O QUE FEZ OLIVA ENCISO | 29 |
| 1.1 A família e a infância | 29 |
| 1.2 A formação escolar e profissional de Oliva Enciso | 33 |
| 1.3 O contexto histórico de Mato Grosso | 36 |
| 1.4 A mulher no espaço público | 40 |
| 1.5 Os contextos históricos educacionais vivenciados por Oliva Enciso | 49 |
| 1.5.1 A inserção de Oliva Enciso na Educação | 51 |
| 1.6 Além da datilógrafa-amanuense | 57 |
| 1.7 Reconhecimento do SENAI e do SESI à professora Oliva Enciso | 62 |
| 1.8 A contribuição da Deputada Oliva Enciso na criação da Faculdade De Farmácia e Odontologia | 64 |
| 1.9 Reconhecimento da prefeitura de Campo Grande | 65 |
| CAPÍTULO II - A CRIAÇÃO DA FILANTROPIA E O ORFANATO | 68 |
| 2 Filantropia Sociedade Miguel Couto dos Amigos dos Estudantes | 68 |
| 2.1 Memórias do orfanato “Lar Santa Teresinha” | 86 |
| 2.2 Memórias do orfanato sob a perspectivas dos ex-alunos | 89 |
| 2.3 O diretor do orfanato na memórias dos ex-alunos | 98 |
| 2.4 Críticas externas ao orfanato | 106 |
| 2.5 Por fim as lembranças que guardam de Oliva Enciso | 118 |
| 2.6 O encerramento das atividades no “Lar Santa Teresinha” | 121 |
| CAPÍTULO III – AS ESCRITAS DE OLIVA ENCISO | 125 |
| 3 A academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de MS | 125 |
| 3.1 Obra Mato Grosso do Sul: Minha Terra | 128 |
| 3.2 Palavras de Poesia | 130 |
| 3.3 Obra Pensai na Educação, Brasileiros! | 154 |
| CAPÍTULO V – PROFESSORA OLIVA ENCISO NA POLÍTICA | 164 |
| 4 A mulher na política | 164 |

| | | |
|-----|---|------------|
| 4.1 | O mandato de vereadora por Campo Grande 1955 a 1958 | 169 |
| 4.2 | De vereadora municipal a deputada estadual | 177 |
| 4.3 | A despedida de Oliva Enciso | 207 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 213 |
| | REFERENCIAS | 217 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Professora Oliva Enciso: vida e carreira pela educação é o resultado da pesquisa realizada no curso de Pós-Graduação em Educação a nível de mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso, vinculada ao projeto “Gênero, vida e ação: memórias de docentes que exerceram cargos eletivos nas esferas municipal, estadual e federal em Mato Grosso”¹, coordenado pela professora doutora Marlene Gonçalves, a qual também foi orientadora da presente pesquisa de mestrado. O objetivo do referido projeto é registrar a memória de docentes que participaram da política em Mato Grosso, mostrando suas ações e trazendo para a margem histórias de vidas que contribuíram com o desenvolvimento do estado, dessa forma, com a produção da referida pesquisa inicia-se os primeiros passos do projeto.

Diante do exposto, a temática que norteia a presente dissertação não fora embrionada por mim, a pesquisa não nasceu do meu desejo, porém sofri um processo de encantação pela mesma, alguns falam em desencanto, eu, pelo contrário, sofri o inverso, encantei-me pela pesquisa.

Meu objetivo inicial em cursar o mestrado estava alicerçado em minha vivência como professora da rede pública de Mato Grosso, por esse motivo inscrevi-me e idealizava pesquisar: “As condições da formação dos educadores da escola pública regular para atuarem com alunos deficientes na sala de aula”. Porém, na segunda etapa do processo seletivo do mestrado, durante a arguição, uma das arguidoras perguntou-me se estava disposta a mudar radicalmente o projeto para outro enfoque, para outra discussão. A indagação foi tão incisiva que entendi que não aceitar significaria adiar a entrada no mestrado, então sem pestanejar respondi que aceitaria, sem saber o que seria o outro enfoque e a outra discussão.

Nosso objeto de pesquisa foi alterado por três vezes. Primeiro a orientadora sugeriu o nome da professora Celcita Rosa Pinheiro, deputada federal na legislatura de 1999 - 2007, depois sugeriu o nome da professora Zilda Pereira de Leite Campos, deputada estadual na legislatura de 1995 – 1999 e enfim encontramos a professora Oliva Enciso, deputada estadual na legislatura de 1959 a 1963.

Oliva Enciso foi literalmente um achado, desconhecíamos a história de vida de Oliva Enciso bem como suas ações pelo estado de Mato Grosso, quando por um acaso em uma visita junto a orientadora da referida pesquisa ao espaço da Assembleia Legislativa de Mato Grosso

¹Projeto aprovado pelo Conselho de Ética em 2017 o qual engloba outras pesquisas sobre docentes na política de Mato Grosso a serem realizadas ainda.

onde a superintendente da instituição, Senhora Ísis Catarina Martins Brandão, ouvia-nos atentamente sobre o projeto guarda-chuva e apresentou-nos Oliva Enciso. Dentre a alegria desse encontro e com ouvidos atentos aos fragmentos da atuação da parlamentar, a orientadora entoou firmemente: Mudamos o projeto! De fato percebi que era necessário, pois falávamos da primeira mulher que assumiu a legislatura no espaço sagrado do parlamento da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

Após a confirmação da mudança passamos dias na angústia indagando: quem foi Oliva Enciso? O que fez? Onde encontrar dados? Quem a conheceu? Compreendi que parte da pesquisa empírica encontrava-se em Campo Grande. Nas disciplinas e nas orientações para a pesquisa eu havia compreendido a necessidade de entrevistar pessoas.

A ansiedade com o novo foi tanta que ao tomar conhecimento sobre a ferramenta da entrevista e após perceber que eu desconhecia o assunto, de imediato testei o gravador do celular e na primeira oportunidade fui a Pontes e Lacerda-MT, onde resido, e entrevistei dez professores que concorreram ao cargo de vereador no município, objetivava compreender o movimento de professores na política, mas o que eu mais almejei era entender como funcionava uma coleta de depoimentos, procurei diluir o medo que assolava-me.

Adentrei nas disciplinas do mestrado; os estudos levaram-me à pesquisa qualitativa e as angústias foram diluindo-se dando lugar à leitura e à produção. Assim, refleti sobre os caminhos da pesquisa e compreendi que realmente a proposta da presente pesquisa era distante daquilo que idealizei para o mestrado.

Indagaram-me sobre a relação do meu tema com a educação, refleti inúmeras vezes e construí minha resposta; visualizei o quanto o que pesquiso é valioso, pois pesquisar sobre uma professora de Mato Grosso é refletir sobre a história da educação no estado; é ter acesso a novos conhecimentos, fatos e fontes orais de pessoas que foram sujeitos, mas que foram esquecidos na história.

Era o começo de um longo processo; leituras sobre memórias, gênero e política e a descoberta do novo objeto de pesquisa. A convivência com a orientadora contribuiu para amenizar as aflições, houve momentos que esta esteve próxima a mim e isso fortaleceu-me. A orientadora da referida pesquisa possui um toque humano incrível, sugeriu outros atalhos e outros acessos ao mundo da memória. O livro Dercy Gonçalves e o clássico O Vento Levou, foram suas sugestões de leituras, a orientadora dizia: “são para relaxar”. As narrativas nos livros mencionados são história de mulheres que provocam-nos a observar a presença desse gênero na televisão brasileira, no cinema, teatro e na literatura, assim visualizei a força, a bravura, a

irreverência e a persistência dessas mulheres, cada uma em seu contexto, aguicei a percepção e procurei observar a movimentação da mulher em diferentes contextos.

Foi um começo com lutas internas em aceitar esse novo desafio. Como é difícil mudar. Tentei entender a grandeza da discussão e a esse respeito percebi que,

Quando percorremos uma vez mais os lugares da memória, os mortos perfilam-se em torno de nós em número cada vez maior. A maior parte dos que nos acompanham já nos abandonou. Mas não podemos apagá-los como se nunca tivessem existido. No momento em que os trazemos à mente, os fazemos reviver e ao menos por um instante não estão de todos mortos, não desapareceram no nada: o amigo que morreu ainda rapaz em um acidente na montanha, o companheiro de escola e de brincadeiras que caiu com seu avião durante a guerra, cujo corpo a família esperou durante anos, e que nunca foi encontrado. (BOBBIO, 1997, p. 31).

Outrora pensei que para uma pesquisa importava mais falar dos vivos do que dos mortos, porém, nas inúmeras páginas lidas sobre memórias entendi que as ações dos homens nunca deixam de existir, podemos até nos esquecermos das pessoas, porém, como grafou Bobbio (1997), as pessoas não desaparecem do nada como se nunca tivessem existido; são exatamente as memórias arquivadas que evidenciam a ação do sujeito e mostram o quanto este significara.

Em meio às leituras de memória social atentei-me ao fato de estar estudando o século que recebeu-me ao mundo, com seu contexto social, político e histórico. O século XX estava diante de mim eu imersa em seu contexto, a partir dessa reflexão a compreensão abriu-se, passei a olhar pela janela da memória pessoal, as discussões foram tomando contornos significativos, evoquei as memórias da minha própria existência.

Percebi que muito do que lia sobre gênero eu presenciei, visualizei as lutas das mulheres dentro da minha família, minha mãe, avós e cinco tias mineiras, em que a questão do gênero foi acentuada com muita intensidade no seio familiar, principalmente por parte do meu avô materno, o qual foi a figura do autoritarismo e machismo na família. Relatos de minha mãe narram que o fato de ter “filhas” nunca agradou ao patriarca, este considerava as filhas um sexo frágil e inútil; isso evidenciou-se quando ao falecer deixou toda a sua herança para um filho “homem” administrar e distribuir sem qualquer documentação; minha mãe e tias são sobreviventes com marcas indelévels dessa rejeição no espírito.

Mediante as leituras fui tomando consciência do novo projeto que estava eu inserida e com o decorrer do semestre entendi que o “Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e

Formação Docente: Ensino Infantil, Fundamental e Superior” é composto por sub grupos² de pesquisadores com suas respectivas temáticas de pesquisas.

A partir deste entendimento iniciou-se uma preocupação de cunho institucional em virtude dos relatórios que deveria encaminhar a Superintendência dos Profissionais da Educação – SUFP – Comissão da Análise e Parecer de Análise e Parecer sobre “Licença para Qualificação Profissional”, cuja preocupação estava centrada na interpretação dos membros da Comissão sobre “o outro enfoque e a outra discussão” de meu projeto de pesquisa, porque a compreensão do atual governo é de que as pesquisas de mestrado e doutorado estejam relacionadas à formação de professores centrada nas questões da alfabetização e da matemática.

No primeiro relatório encaminhado a SUFP estava exposto que minha pesquisa não estava de fato situada nas questões já mencionadas, relatamos o novo projeto de pesquisa, que ao ser aprovado, levou-me a retornar o bom hábito de buscar no dicionário, se assim posso dizer a anamnese das palavras no meu caso o termo formação, para encontrar justificativas para explicar caso a SUFP questionasse a pesquisa, que já estava sendo realizada no âmbito documental e no âmbito bibliográfico, cujo sujeito era a trajetória da professora Oliva Enciso. A realização da pesquisa nestes dois campos evidencia o alicerce de minha formação de mestrado: a de pesquisadora.

Envolvei-me com a nova proposta e ao dar os passos na construção de um referencial teórico para a presente dissertação, mergulhei em um vasto repertório bibliográfico, com leituras de memórias, teorias de gênero, leitura de fontes memorialistas sobre a vida de uma professora atuante no parlamento, a qual seria o nosso objeto de pesquisa.

Principiei meu conhecimento “para novo enfoque” a partir das obras abaixo mencionadas: *Manual de história oral* de Verena Alberti (2004); *Magia e técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura* de Walter Benjamin (1994); *O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos* de Norberto Bobbio (1999); *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos* (1994) e *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social* (2003) de Éclea Bosi; *Solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer* (2001) de Norbert Elias; *Os cacos da História* (1985) e *História e narração em Walter Benjamin* (1999) de Jeanne Marie; *Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX* (2006) de Guimarães Neto e Regina Beatriz; *Memória Coletiva* (2006) de Maurice Halbwachs; *Memória, esquecimento, silêncio* (1989) e *Memória e identidade social* (1992) de

² Estou inserida no sub grupo cuja temática de pesquisa é “Docência e memória social prosopografia e ação política de sujeitos envolvidos no exercício da docência e no exercício de cargos políticos eletivos.

Michael Pollak e *A voz do passado: história oral* (1992) de Paul Thompson; *Ciências e política: duas vocações* (2011) de Max Weber; *O príncipe* (1973) de Nicolau Maquiavel *O silêncio das Mulheres* (2005) e *Mulheres Públicas* (1995) de Michelle Perrot e outros. Tomei conhecimento da rede de sebos da Estante Virtual onde localiza-se alguns livros que não são facilmente encontrados, além do preço acessível a estudantes.

No percurso de pesquisa bibliográfica adquiri diversas obras que tratavam sobre a vida e a ação de Oliva Enciso: *Mato Grosso do Sul: Minha Terra de Oliva Enciso* (1986); *Palavras de Poesia* (2004), *Pensai na Educação Brasileiros!*(1990), esses três primeiro de autoria de Enciso; *Campo Grande – 100 anos de construção*, coordenado por Francisco Maia da Cunha (1999); obra *Dicionário das mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado* de Schuma Schumacher e Érico Vital, (2000), e a obra *Personalidades de Campo Grande de Maria da Glória Sá Rosa*³ (2005) e foi-me concedido pela diretoria do SESI⁴ o *Catálogo ilustrado do SESI 50 anos – Mato Grosso do Sul*, (1998).

Tracei um percurso e conceituei o termo pesquisa e como realizá-la. Muitas discussões foram proporcionadas e as reflexões levaram-me a alguns conceitos. Assim compreendi que a pesquisa qualitativa é utilizada nas produções no meio acadêmico, para tanto é preciso estar atenta para o rigor científico exigido, visto que os caminhos percorridos na pesquisa determinarão a qualidade da investigação e sua legitimidade no meio científico.

A pesquisa qualitativa traz diferentes olhares sobre o objeto, conceitua e desfaz preconceitos sobre determinado assunto, o objetivo é construir conhecimento com base segura, desvelando inverdades outrora estabelecidas. A pesquisa não é uma simples investigação, mas uma prática de dimensão social que altera rumos na forma de olhar um povo, lugar ou comunidade.

É importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época. (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.03).

A pesquisa é atividade humana e social pois tem o compromisso com a realidade histórica. Compreendi o quanto na prática uma coleta de depoimento torna a pesquisa relevante e séria, visto que o olhar do pesquisador deve constatar as variáveis e as suas mudanças e sempre

³ Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁴ Serviço Social da Indústria.

dialogar a partir dos dados que podem ser cotejados. É preciso considerar todos os aspectos, espacial, temporal e cultural do que se propõe investigar.

Menga Ludke e Marli André (1986) na obra *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*, assinalam que em uma pesquisa é preciso promover o confronto entre dados, as evidências, as informações coletadas sobre o assunto investigado e o conhecimento acumulado a respeito deste. Para tanto, busquei responder às metáforas obsessivas da minha pesquisa de mestrado: Quem foi Oliva Enciso? E quais foram as suas ações? Essas questões foram respondidas mediante os dados encontrados. Segundo as referidas autoras tudo inicia-se a partir de um problema que direciona o pesquisador a um posicionamento investigativo e desencadeia um processo sistematizado de busca de dados.

Um das características na pesquisa qualitativa é a preocupação com o processo que é tão importante quanto o produto, é necessário verificar como se dá as interações e manifestações daquilo que se investiga. Para Ludke e André (1986, p.12) ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. Os dados não se revelam diretamente, não há neutralidade científica, de alguma forma há marcas de quem depõe e escreve. Por fim a pesquisa qualitativa é uma metodologia que faz conjecturas dentro de uma gama de relações e fatos socialmente interligados e contextualizados.

Outra técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos é a análise documental. São considerados documentos as leis, atas parlamentares, estatutos, ofícios, telegramas, regulamentos, normas, pareceres, fotos, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão, livros, estatísticas e arquivos.

Na análise documental informar fatos oficiais é uma fonte estável, rica considerada uma fonte a mais, complementa informações e suscita dúvidas. Deve ser um processo organizado, rígido e criterioso da legitimidade do dado documental.

A pesquisa qualitativa com apoio teórico [...] os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário, com fotografias etc., acompanhados de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas etc. (TRIVIÑOS, 2013, p.128).

Em pesquisa qualitativa a entrevista é reconhecida como uma ferramenta de coleta de dados valioso. Para Thompson (1992, p. 254) entrevistar exige habilidade, interesse pelo outro,

flexibilidade nas relações, compreensão, simpatia e disposição para calar-se e ouvir com qualidade.

É preciso ter informações básicas do que irá entrevistar; é importante mapear o campo, conhecer aspectos relevantes do entrevistado, suas origens, sua profissão, sua cultura. De acordo com Thompson (1992) é preciso cuidados com a excitação que pode pôr tudo a perder na entrevista.

O objetivo de uma entrevista deve ser relevar as fontes do viés, fundamentais para a compreensão social, mais do que pretender que elas possam ser aniquiladas por um entrevistador desumanizado “sem um rosto que exprima sentimentos”. Na verdade, nenhum historiador oral, que eu saiba, tem defendido o estilo de entrevista com questionários rigidamente inflexível. (THOMPSON, 1992, p. 258).

Percebe-se que a entrevista não é um diálogo. Nela deve conter não apenas o universo das palavras, mas as emoções do entrevistado que traduzem muito mais perspectivas ao assunto. Busquei essa percepção quando ouvi os depoentes e transcrevi os seus depoimentos, busquei transcrever tal qual expressaram-se. Thompson (1992, p. 258) acentua que “as memórias são importantes e preciosas para o entrevistado”, caso o pesquisador banalize esse fato, coloca em risco a coleta de dados. Os depoimentos da presente pesquisa foram percebidos enquanto fonte oral cujo alicerce é a memória expressa pelas lembranças dos sujeitos que testemunharam as ações de Oliva Enciso.

Norteamo-nos pelas discussões de Verena Alberti (2013) para a escuta e transcrição técnica dos depoimentos, adotamos a metodologia da história oral em que existe todo um processo no tratamento dos dados, protegemos a imagem dos depoentes denominando-os por letras do alfabeto, somente membros da família autorizaram a exposição de nomes na referida pesquisa.

Ao transcrever os depoimentos mediante as perspectivas teóricas de Alberti (2013) que assevera:

Quanto às normas gramaticais, cabe ao programa decidir até que ponto irá adotá-las na apresentação final de suas entrevistas. Há instituições, por exemplo, voltadas especialmente para o campo da linguística, que adotam uma forma de registro inteiramente peculiar para transcrever as palavras tal qual proferidas, orientando-se pelo som enunciado e não pelas regras de ortografia. No programa de História Oral optamos por seguir as normas gramaticais. [...] Ajustamos a fala de entrevistado e entrevistadores à norma gramatical porque consideramos que o “erro” cometido na linguagem falada não têm peso equivalente aos da linguagem escrita. Mantê-lo na entrevista transcrita seria conferir-lhe um destaque não adquirem na conversa. Se, eventualmente, um pesquisador estiver interessado em pesquisar justamente a recorrência desse tipo de “erro” nas entrevistas – digamos que seja um linguista, pode resgatá-los escutando as gravações. (ALBERTI, 2013, p.332).

Diante do exposto, realizamos na transcrição das entrevistas a correção gramatical da fala dos depoentes.

As leituras acerca dos aspectos do depoimento foram de grande valor para mim, pois segundo Paul Thompson (1992) decisões e precauções precisam ser tomadas antes das entrevistas, desde o cuidado com equipamento, há também o sigilo que faz parte da confiança entre depoente e pesquisador. O autor em discussão sugere que o entrevistador leve “auxílios para a memória” (1992, p.265) ou seja, tudo deve ser pensado objetivando qualidade e precisão na coleta do material, é um processo tão importante quanto qualquer outro dentro da pesquisa. Durante os depoimentos levei como auxílio à memória o livro *Mato Grosso do Sul: minha terra (1986)* o qual levava os depoentes a ecoar suas memórias ao verem a obra escrita por Oliva Enciso.

Cuidados foram estabelecidos para esta pesquisa, desde o contato com os depoentes, a forma de abordagem, a percepção com os assuntos delicados; o cuidado de expressar corretamente os objetivos da pesquisa. Levei cabos de energia, uma bateria a mais para o celular, fichas de anotações, cuidei para que o local fosse apropriado, respeitando o horário de interesse do depoente e o conforto deste.

Para Queiroz (1992, p. 90) o uso do gravador, a fotografia e outros meios permitem uma investigação mais profunda, levando em consideração os contextos sociais, objetivando tirar do silêncio, da invisibilidade e do subterrâneo aspectos relevantes dos sujeitos pesquisados ou daquilo que se propõe discutir, dando mais relevância e destaque aos fatos na pesquisa.

A fotografia, adequadamente aumentada, pode servir como um desencadeador para evocar memórias de pessoas que uma entrevista não conseguiria, de outro modo, que fossem lembradas espontaneamente, ou pode acessar importantes memórias passivas, mais que memórias ativas, presentes. [...]. As imagens fazem ressoar memórias submersas e podem ajudar entrevistas focais, libertar suas memórias, criando um trabalho de “construção” partilhada, em que pesquisador e entrevistador podem falar juntos, talvez de uma maneira mais descontraída do que sem tal estímulo. (BAUER E GASKELL, 2002, p. 143).

O uso da fotografia na pesquisa é uma ferramenta que condiciona um auxílio para a memória e condiciona o depoente a rever fatos outrora esquecidos, a foto é fonte de dados que desvelam informações culturais e históricas e é reconhecida enquanto fonte histórica de dados. Em uma foto pode conter informações que na entrevista não foi possível captar, como por exemplo, aspectos das relações de poder entre os pares que podem estar evidente na organização da imagem e dizer muito sobre hierarquias nas relações.

Para tanto, na casa dos familiares de Oliva Enciso pesquisamos fotos e materiais simbólicos; a Santa de devoção, os quadros pintados à mão de fotografias antigas representando a história afetiva familiar, bíblias e livros presenteados por Oliva Enciso foram sendo confiados a mim na certeza de que entenderia os significados impressos neles.

O pesquisador deve estar muito atento, pois o discurso às vezes não corresponde à imagem, a fotografia deve ser analisada pois pode haver alterações ou ser manipulada as imagens além de representar significados variados.

A concepção da fotografia com uma forma de construção da realidade, e assim sujeita a interpretações subjetivas, tanto do produtor quanto do receptor da mensagem visual, não subtrai, porém a validade da Análise da Imagem como documento. (DUARTE E BARROS, 2005, p.332).

Ainda que na análise a fotografia seja tomada em um aspecto subjetivo, mesmo assim ela não deixa de ser uma importante fonte histórica, pois também representa a apreensão dos sentidos de um povo, da imaginação e de sua crença. Ao analisar uma foto é necessário perceber se esta traz os significados ou os distorcem.

As técnicas de registro em ciências sociais tiveram considerável avanço neste século, por várias razões, entre as quais o aparecimento de uma multiplicidade de invenções mecânicas, tais como a fotografia, o cinema, o gravador (continuador do fonógrafo), a televisão. Com o vídeo cassete, que permite o contato muito estreito do pesquisador com o material, ou com os informantes, sem passar pelo intermediário muitas vezes incômodo que é a escrita. [...] a utilização de tais técnicas - notadamente da gravação em fitas - foi o relevo adquirido pelas histórias de vida e depoimentos pessoais, isto é, pelas investigações ligadas à memória individual, compondo o que na França está sendo chamado de “arquivos orais”, e que tem recebido também noutros países o nome de “informação viva”. (QUEIROZ, 1991, p. 73).

Outras ferramentas utilizadas na pesquisa foram: CD concedido pela emissora TV Morena de Campo Grande, DVDs da TV Senado com imagens de homenagens a Oliva Enciso, jornais, recortes de jornais, revistas e folhetos, os quais são materiais que proporcionaram-me uma gama gigante de possibilidades para perceber as relações sociais tecidas por Oliva Enciso.

Há uma soma de possibilidades de dado, de acordo com Queiroz (1991, p. 74) o documento escrito, por em si é uma pálida cópia da realidade, sendo assim, quanto mais recursos e possibilidades forem agregados à pesquisa, mais dados teremos, mais realidade se evidenciará e mais conhecimento será produzido.

Para o bom andamento de uma pesquisa o método a ser aderido na investigação alinha-se as características da pesquisa e aponta entendimento para sujeitos envolvidos. Para o registro,

da vida de uma mulher, digamos, política, além das temáticas da sua vida pessoal, o método que empregamos foi prosopografia, para mim outro encontro, pois desconhecia-o.

Para Stone (1971) a prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. Prosopografia é definido como:

A técnica empregada consiste em fazer uma investigação meticulosamente detalhada sobre a genealogia, os interesses comerciais e as atividades políticas do grupo os relacionamentos expostos por meio de detalhados estudos de caso, apoiados apenas de maneira secundária e em um grau relativamente menor por suportes estatísticos. (STONE, 1971, p. 116).

Um dos propósitos do método prosopografia é demonstrar a força de coesão do grupo em destaque, demonstrando os laços sanguíneos, sociais, educacionais e econômicos, dentro da mesma ideologia dominante. O método também volta-se para o estudo das massas, preocupa-se com a história social, os indivíduos a serem investigados são pessoas mortas. O pensamento é de que a história é determinada pela opinião popular, os seus indivíduos a serem investigados não são grandes homens da história. O método prosopografia investiga grupos de interesse e trouxe contribuições no registro de diversos homens políticos na história.

O referido método compreende a discussão das origens da ação política, o funcionamento de uma máquina política e a identificação daqueles que a manipulam, bem como, a estrutura e mobilidade social, por meio da origem familiar e status políticos. Segundo Stone (1971) o propósito da prosopografia é dar sentido à ação política, explicar mudanças culturais e ideológicas, identificar a realidade social e descobrir e analisar a estrutura da sociedade.

Em suas buscas de novos e mais frutíferos caminhos para entender o funcionamento das instituições, alguns jovens historiadores logo antes e depois da I Guerra Mundial começaram a passar da análise cerrada de textos e teoria política e de documentos constitucionais ou da elucidação da máquina burocrática para um exame dos indivíduos envolvidos e das experiências que eles estavam sujeitos. (STONE, 1971, p. 119).

No século XIX e XX o método prosopografia possibilitou a produção de um arsenal bibliográfico, contribuindo com as listas, títulos, qualificações, genealogias e dicionários. Conforme Stone, o qual escreveu o artigo Prosopografia publicado em 1971 na Revista *Daedalus*, o método se divide em escolas conceituais que surgiram durante a década de 1920 a 1930. Os temas estudados a partir do método são as elites de poder, tais como senadores, membros parlamentares, membros da nobreza, podendo o método ser aplicado nos estudos de líderes revolucionários.

Um método novo para alguns, porém existe há dois séculos e sua relevância predispõe a forma, a maneira com que a pesquisa se formatará, em como os dados serão coletados, quais os caminhos, quais os grupos de interesse, como é a relação do tempo e espaço na investigação. É relevante observar os caminhos que mais nos aproximam do objeto estudado, por isso o método da prosopografia foi selecionado, pois nossas discussões circulam entorno de uma mulher com ações na política, algo que encaixa-se nos ideais do método. Eis a pesquisa e diante de nós o método emaranha-se em todas as linhas nesse registro de vida, gênero e ação.

Assim fui somando os conceitos à proposta de investigação. As disciplinas foram importantes, pois trouxeram um olhar do todo, fui construindo significados e imprimindo sentidos para os passos da pesquisa.

Ao final do ano, em novembro de 2017, comecei a pesquisa e fiquei um mês no Instituto de Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso em Cuiabá, pesquisei em todas as atas parlamentares recorrentes ao período que Oliva Enciso atuou como deputada estadual, busquei a percepção da atuação dessa professora no campo da política.

Analisei 431 atas parlamentares disponíveis as quais correspondem aos anos de 1959 a 1963, referentes aos quatro anos de mandato de deputada, as atas possibilitou-me perceber que Oliva Enciso compareceu a 301 sessões, sendo ausente em 123 vezes, não mencionada em 07 atas. Não obtive acesso à todas atas parlamentares, devido à má conservação algumas sumiram. Portanto em 1959 analisamos 07 meses de discurso; em 1960 apenas 04 meses, em 1961 analisamos 07 meses e em 1962 os 04 meses foram submetidos a análise. Não há registros das atas de janeiro de 1963 em que encerra-se o mandato de deputada estadual.

A princípio falar da política partidária era algo desconfortável para mim, pois haviam muitas decepções instauradas. Mas o envolvimento fez-me atentar aos fatos, aos discursos e compreender o espaço da política. Para as discussões no campo da política, tomamos como referência além dos documentos parlamentares, as referências bibliográficas de Max Weber (2011), Arendt (2000), Maquiavel (2015), Bonachi e Groppi (1995) e Cruz (2013).

Outro lócus de pesquisa foi o Arquivo Público de Cuiabá em que encontrei fotos das escolas de Mato Grosso e dentre elas fotos que correspondem ao período de atuação de Oliva Enciso com imagens de escolas de Campo Grande que pertenciam ao ciclo de relações da mesma.

Entrei em contato com um dos membros da família de Oliva Enciso através de uma professora da UFMT que reside em Campo Grande, esse primeiro contato foi muito importante,

pois conectou-nos com pessoas que abriram caminhos para encontrar materiais, foto e depoentes.

Assim que as primeiras disciplinas do curso terminaram, em janeiro de 2017, fui a Campo Grande e fiquei por 30 dias e voltei mais 8 dias em julho do mesmo ano, meu objetivo foi coletar o maior número de informações possíveis sobre Oliva Enciso. Vivi aflições e dilemas na busca pela informação na referida cidade. Em janeiro os órgãos públicos da capital, os funcionários experientes estavam de férias, coincidiu com a troca de prefeito e com a troca de funcionários dos setores, o horário de expediente não contribuiu para o andamento da pesquisa, isso travou a coleta de dados. Outro dilema no campo foi a dificuldade de acesso aos depoentes, pois em sua maioria são idosos e inseguros quanto ao conteúdo das informações.

Assim, com acesso à família de Oliva Enciso entrei em contatos com ex-internos do orfanato Lar Santa Teresinha administrado pela família; assim, possibilitou-me encontrar cinco ex-internos e destes apenas um foi localizado por mim. O que mais dificultou localizar os depoentes outrora internos no orfanato foi o fato de todos terem apelidos, a família não sabia os nomes, apenas apelidos tais como Calango, Calanguinho, Turco, Primo, Chê, etc., para a família era a forma acolhedora dos veteranos e funcionários receberem os novatos e isso tornou-os mais anônimos ainda, pois já o eram dado as circunstâncias sociais dos mesmos, os apelidos os tornaram invisíveis na multidão.

Mesmo com insegurança as pessoas envolvidas com Oliva Enciso e com a história de Campo Grande abriram suas portas, pois para muitos ela foi uma pessoa importante para a cidade. Aos poucos fui compreendendo sobre quem eu escrevia, não referiam-se a ela enquanto “Oliva Enciso” e sim “Dona Oliva”, uma reverência percebida entre os seus conterrâneos que traduzia o respeito das pessoas. Aderi ao meu dicionário esse termo ao falar de Oliva Enciso em Campo Grande, busquei conquistar a confiança dos depoentes.

Notei o quanto é delicada essa relação de respeito das pessoas, a princípio para mim Oliva Enciso era um objeto de pesquisa, porém para os depoentes e conhecidos a mesma foi uma das mulheres mais importante do seu Estado. Entendi que haviam significados em torno do nome Oliva Enciso e enquanto pesquisadora compreendi a necessidade da construção da confiança. Compreendi na prática a grandeza de tudo isso.

Em Campo Grande estive no Arquivo público Estadual -APE onde localizei obras, documentos e informações sobre Oliva Enciso. No APE pesquisei as obras: *100 mulheres pioneiras em 100 anos de Campo Grande: relatos que falam de mulheres que fizeram a história de Campo Grande* de Terezinha de Alencar Selem (1999); *Deus quer o homem sonha a cidade*

nasce/Campo Grande 100 anos de história, de Maria da Glória Sá Rosa (1999) e *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul: história de vida*, de Maria da Glória Sá Rosa (1990), além do acesso aos diários oficiais do Estado de Mato Grosso no período de 1962, 1963 e 1964.

Localizei diversos artigos escritos em revistas que circulam ou circulavam em Campo Grande: *A instrução em Campo Grande* da Revista Folha da Serra (Agosto de 1933), *Oliva Enciso- 46 anos dedicados à educação* na Executivo – A revista de Mato Grosso do Sul (1986), ambos da ARCA⁵; na Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, 2012 localizamos os artigos: *Oliva Enciso – Educadora... Humanitária... Literata... ou “irmã de caridade?”* e *Oliva Enciso - A benfeitora da educação profissional e da cidadania*, esses últimos artigos fora uma homenagem póstumas à Oliva Enciso.

No Arquivo Público Municipal de Campo Grande - ARCA pesquisei em jornais do Estado de Mato Grosso correspondentes ao período de 1940 a 1963. Pesquisei em exemplares do Jornal Do Comércio (anos disponíveis de 1944 a 1962), Jornal Mato-Grossense (1961), recortes do Jornal do Povo e a Revista folha da Serra (1930).

Em Campo Grande, na Câmara Municipal, analisei todas as atas do período de 1954 a 1959 em um total de 370 atas que permitiram notar a atuação e discurso da vereadora Oliva Enciso.

No Arquivo eletrônico do Jornal Correio do Estado pesquisamos entre os períodos de 1953 a 1963, todos os jornais estavam digitalizados, legíveis e à disposição do pesquisador; ao todo folheei 25.360 (vinte e cinco mil, trezentos e sessenta) páginas do Jornal Correio do Estado. Enquanto eu pesquisava uma das funcionárias do jornal relatou-me que o jornal publicou por anos as crônicas de Oliva Enciso e que ela era amiga do Senhor José Barbosa Rodrigues, dono do Jornal em questão, a funcionária presenciou Oliva Enciso visitar o amigo na sede do Jornal.

Um lugar peculiar que visitei em Campo Grande foi o cemitério Santo Antônio onde encontram-se sepultados Oliva Enciso, a mãe e todas as irmãs dela; encontrei o assistente do cemitério que fez o sepultamento de Enciso que também expôs sua memória daquele dia. Sem dúvida a lápide traduz o poder social das pessoas, quanto ao túmulo de Oliva Enciso constatei a simplicidade, porém um zelo em colocar os nomes e os apelidos dos familiares no túmulo.

Acessei obras, revistas, catálogos produzidos em Mato Grosso do Sul, as quais registram as ações de Oliva Enciso, tomei conhecimento de que existe uma pesquisa de doutorado em

⁵ Arquivo Público Municipal de Campo Grande.

andamento intitulada *O Capital simbólico na biografia de Oliva Enciso: em foco os campos educacionais e político*, iniciada em 2016 sob a orientação da professora Jacira Helena do Valle Pereira Assis da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do programa de pós-graduação da referida universidade. Como importante balizador e fonte memorialística, contamos também com a autobiografia e as poesias de cunho pessoal de Oliva Enciso.

Assim, “documento” pode ser uma foto, uma carta, um diário, um jornal, uma revista, uma filmagem, um relato, e até mesmo escritos memorialísticos. Enfim, é tudo aquilo que o pesquisador de aspectos históricos coleta, seleciona e utiliza para compreender seu objeto de investigação. (ASSIS E SILVA, 2015, p.54).

Busquei ao longo do trajeto da referida pesquisa produzir reflexões em artigos que apontassem para a compreensão das ações de Enciso, para tanto produzi os seguintes artigos: *Mato Grosso do Sul: Minha terra, releitura da obra pela obra*, apresentado em congresso internacional Redes e tecnologia em Educação na Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2017; *O Protagonismo de Oliva Enciso no parlamento masculino (1959 a 1960)*, apresentado em simpósio internacional das mulheres da América Latina e do Caribe, na Universidade São Martins de Porres em Lima/Peru.

Outro artigo produzido por mim foi *Oliva Enciso: a professora na política*, apresentado no seminário regional da Educação da Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá em 2017, todos são reflexões que auxiliaram-me a aguçar a percepção sobre meu objeto de pesquisa.

Na presente dissertação refleti sobre os movimentos de Oliva Enciso como ela concebeu suas escolhas em sua vida, fomos atentos às suas ações, que foram justificadas e registradas, sem a pretensão de se obter a verdade absoluta, pois nada é absoluto quando falamos de seres humanos.

A mulher no espaço público também foi pauta em discussão na presente dissertação, notamos avanços significativos em seu processo de conquista do espaço público, assim, foi possível compreender a resistências instauradas. É no campo da resistência que dissolvem-se as bases machistas e constata-se que ainda é preciso resistir.

É uma pesquisa de relevância; é fato, a mulher deve estar em todos os espaços, deve fazer-se ouvida, é necessário que sua voz ecoe na tribuna do parlamento, na escola, nas empresas, na segurança pública e, em todos os espaços que ela julgar ser necessário adentrar, ela não precisa disputar, é direito legitimado.

Foi de grande importância tirar do subterrâneo a participação da mulher no parlamento, pois como afirma Perrot (1998, p.56), “o militar, o religioso, o político, constituem três santuários que fogem às mulheres, mas a mulher adentrou nesses núcleos de poder”, núcleos resistentes, porém através da luta é possível a conquista. Para as discussões da mulher no espaço público e na escola nossos aportes foram: Simone de Beauvoir (2009), Mary Del Priori (2015), Michelle Perrot (2005), Guacira Louro (2014), Saviani e Almeida (2006) dentre outros.

A presente pesquisa *Professora Oliva Enciso: vida e carreira pela educação* teve como fulcro a evocação da memória. Para Ricoeur (2007) o lugar, não é indiferente “Os lugares habitados são, por excelência, memoráveis. Por estar a lembrança tão ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los”. (RICOEUR, 2007, p. 59). Conforme a discussão do respectivo autor os lugares habitados são memoráveis, notamos o quanto foi significativo visitarmos o espaço de trabalho e vida de Oliva Enciso, toda a estrutura apontou para suas ações nos espaços que vivera.

Reitera-se que este registro das memórias constrói-se a partir de diferentes olhares, e isso o torna instigante, é interessante a forma com que o outro resgata sua memória individual e coletiva. Encontramos depoentes que desfrutaram da presença de Oliva Enciso ouvimos os depoentes, interpretamos os documentos e cotejamos os dados.

[...] pela memória somos remetidos ao contato direto com algumas de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite saber como teria sido o nosso passado. (HALBWACHS, p.91, 2006).

O olhar dos depoentes remonta as ações do sujeito a partir das memórias individuais e coletivas, trazem parte das ações de uma pessoa pública, partindo de uma ótica humana, aferindo uma realidade até então invisível. Os documentos coletados concederam-nos dados preciosos e desenharam os significados entorno da figura de Oliva Enciso.

O tempo da memória segue um caminho inverso ao tempo do real: quando mais vivas as lembranças que vêm à tona de nossas recordações, mais remoto é o tempo em que os fatos ocorreram. Cumpre-nos saber, porém, que o resíduo, ou o que logramos desencavar desse poço sem fundo, é apenas uma ínfima parcela da história de nossa vida. Nada de parar. Devemos continuar a escavar! Cada vulto, gesto, palavra ou canção, que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver. (BOBBIO,1997, p.55).

À medida que foram evocadas as memórias dos depoentes a imagem de Oliva Enciso foi construindo-se, como afirma Bobbio na discussão acima, essas memórias eram “poços sem fundo” muitas vezes um depoente aprofundava em uma lembrança e trazia uma realidade inversa ao que víamos nos documentos coletados, os ecos da memória trouxeram sentimentos, emoções vividas. Para Paul Ricoeur (2007, p. 44) “Para evocar o passado em forma de imagens, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar” e assim o fizemos, valorizamos até o silêncio instaurado nas entrevistas.

Em inúmeras vezes íamos atrás de apenas *resíduos* como apresenta Bobbio (1997) e esses foram os pontos necessários para construirmos imagens da vida e das ações da nossa protagonista. Compreendemos que é “Por meio de um trabalho minucioso, que os historiadores podem redescobrir e atualizar certa quantidade de fatos grandes e fatos pequenos, que se acreditava perdidos para sempre, especialmente quando têm a sorte de encontrar memórias inéditas”. (HALBWACHS, 2006, p.101).

De acordo com Ecléa Bosi (2003, p.15) “A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”, e, são essas paixões que distanciam a frieza de um relato da memória, consideramos cada respiração como um relato do que vivenciaram. É a memória que permitiu ver quem se foi um dia, mas que sobrevive no afetuoso espaço da memória individual, no sentido posto por Maurice Halbwachs (2006, p.29) “recorremos dos testemunhos para reforçar ou enfraquecer” o que sabemos sobre algo ou alguma pessoa. Na pesquisa cada detalhe levou-nos a totalizar a impressão causada.

Também tomamos a importância do registro da memória nos termos postos por Ricoeur (2007) no sentido de fazer justiça aos que se foram, o autor assinala que: “O dever da memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si” (p.101), o autor em questões apoia essa afirmação nos pressupostos filosóficos, ao afirmar que somos devedores de parte do que somos aos que nos precederam. Para tanto torna-se de grande significado registrar as memórias sobre a primeira mulher a exercer o cargo de vereadora em Campo Grande, e de primeira deputada em Mato Grosso.

Paul Ricoeur (2007, p.107) retoma os conceitos de Santo Agostinho, o qual afirma que o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória. Foi dito isso com Aristóteles, diz-se de novo mais enfaticamente com Santo Agostinho, “a memória é passado”, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado.

O passado que os depoentes refletem são arrolados aos contextos da suas histórias de vida e são trazidos à tona de forma individual e outrora coletiva. Apoiamo-nos também na discussão de memória social trazida por Maurice Halbwachs, o qual traça uma linha teórica sobre memória individual e memória coletiva. Para o autor em questão a memória individual é aquela que o sujeito evoca, porém a evocação somente é possível através da memória coletiva, é a partir do seu grupo que as memórias são construídas, para Halbwachs (2006) ‘na realidade, nunca estamos sozinhos’.

As lembranças são permeadas de sujeitos, fatos e locais que compõem a memória coletiva, segundo Ricoeur (2007, p.133) é nos quadros do pensamento coletivo que encontramos os meios de evocar a sequência e o encadeamento dos objetos. Evocamos memórias que brotam de um contexto, são sujeitos que falam de outros sujeitos e não de si.

A presente pesquisa foi organizada em quatro capítulos, uma escrita sobre memórias com capítulos nos quais os assuntos entrelaçam-se, lançamos mão dos aportes teóricos que consolidam os caminhos da pesquisa com reflexões que desenharam a protagonista em questão. Não há quadro teórico isolado, contém uma narrativa que cotejam dados e apoia-se nos aportes teóricos, essa é uma forma peculiar de nossa orientadora tecer seus escritos e tornou-se um desafio de produção atípico ao que tenho desenvolvido até então.

Para o primeiro capítulo intitulado “Quem foi e o que fez Oliva Enciso”, consta a biografia de Oliva Enciso, no qual partimos da autobiografia dela com as descrições da origem e sua infância. O capítulo apresenta uma discussão sobre a presença da mulher no cenário mato-grossense e as características históricas desse cenário, bem como uma discussão teórica sobre a mulher no espaço público, relata o exercício da docência de Oliva Enciso e a construção do reconhecimento social de professora.

Desenvolvemos o segundo capítulo “A criação da filantropia e do orfanato” em que delinea a história da instituição filantrópica criada por Oliva Enciso, em que nos ancoramos nos depoimentos dos ex-alunos que trouxeram para a margem, a partir das memórias, a história do orfanato e reconstruíram as imagens de Oliva Enciso e do ex-diretor naquele espaço, expressando as relações constituídas no orfanato.

No terceiro capítulo: “As escritas de Oliva Enciso” produzimos uma discussão sobre a poesia e crônicas de Oliva Enciso, realizando uma análise sobre o envolvimento da mesma com o mundo acadêmico, avaliando os temas e o estilo de poesia produzidos por ela.

E por último, no quarto capítulo, intitulado “A professora Oliva Enciso na política” tecemos a discussão sobre a mulher no espaço da política, recorremos aos dados nos

documentos parlamentares arquivados nas casas de leis, e analisamos a atuação da professora Oliva Enciso no parlamento.

Nas considerações finais reafirmamos a importância de registrar as memórias de Oliva Enciso e realizamos alguns apontamentos a serem investigados em outras pesquisas: um dos fatos é a invisibilidade do orfanato e da Filantropia de Oliva Enciso no relato de cem anos da cidade de Campo Grande. Também ficamos intrigados a respeito da fusão daquilo que é público e privado na Filantropia, quais os limites dessa parceria entre privado e público. Ainda em relação à Filantropia intriga-nos o porquê da problemática da alimentação dentro do orfanato já que haviam recursos financeiros captados junto aos órgãos federais, municipais e estaduais dentre diversas doações. Partindo da memória dos órfãos, outra relevante discussão seria refletir o lugar da infância dentro do orfanato de Oliva Enciso.

Outra indagação é a sobre a criação, documentos e destino de sete Escolas da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos, as quais fizeram parte do cenário educacional de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul na década de 50. Para nós, essas são questões em aberto.

Há muito a ser investigado para o registro das memórias de uma pessoa, além da vida tem as ações e para além destas ainda existem os contextos e os sujeitos emaranhados na memória ecoada.

Todo o percurso construído durante a pesquisa trouxe o resultado que tanto nos agrada. Não intencionamos distorcer imagens e criar outras, intencionamos registrar as memórias, sem o tribunal da verdade. Para nós importa suas tramas, sua presença, participação, negligência, ausência e seu silêncio, como dito por Eni Orlandi (2002) importam os sentidos além das palavras, esses sentidos somente foram perceptíveis através dos depoimentos, os quais são memórias.

Abarcar pesquisas com história de vida é um dos fundamentos essenciais para a prosopografia que compreende a vida do sujeito envolta na historicidade cotidiana, em razão de que esse sujeito, como pontua Lispector (1998, p. 34) “não teve um dia a dia, mas sim uma vida a vida”. E, é na vivência “da vida a vida” que ocorrem as denominadas imperfeições, os deslizes, o erros presentes em qualquer trajetória humana, e não foi diferente com o curso “da vida a vida” de Oliva Enciso. Para tanto, a sua história vista desse ponto tornou-se mais real, e as escolhas e tomadas decisões perfeitas ou não de Oliva Enciso refletiram-na humana.

CAPÍTULO I

QUEM FOI E O QUE FEZ OLIVA ENCISO

“na ação e no discurso, que os homens mostram quem são, revelam ativamente suas atividades pessoais e singulares”. ARENDT (2000, p. 192).

Para reconstruirmos a trajetória da professora Oliva Enciso nos ancoraremos nos aportes teóricos do método prosopografia que abarcar o percurso de um grupo ou de um indivíduo do “[...] nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante”. (STONE, 1971, p. 115).

Para Stone (1971) o método prosopografia possibilita a correlação de [...] vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo que são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Essas informações “são testadas com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação”. STONE (1971, p.115).

Parte das informações, diríamos, que são oficiais por terem sido registradas pela própria Oliva Enciso em sua autobiografia intitulada *Mato Grosso do Sul: Minha Terra* (1986), nesta obra constam seus traços biográficos, suas ações no parlamento municipal de Campo Grande e no da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

Nas últimas décadas do século XX, biografias, autobiografias, diárias, correspondências compõem a denominada “escrita de si”, que segundo Gomes (2004) é considerada um gênero de escritos. Nesta perspectiva a autobiografia de Enciso é a escrita de si, cotejadas por suas ações, comprovadas com documentos, ofícios e telegramas. Segundo Gomes (2004, p.13),

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o “grande” homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. Na medida e em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si. (GOMES, 2004, p.13).

Foi nesse auto reconhecimento dos valores dos indivíduos que consideramos a autobiografia de Oliva Enciso de suma importância, pois possibilitou, como afere a citação, dizer as excepcionalidades de seus feitos, e foi a partir do que escreveu de si que começamos nossa investigação, fomos cotejando os dados e comprovando a legitimidade destes. Para Gomes (2004, p. 113) os arquivos pessoais não são, portanto, os testemunhos incontestes e são “*formas de ver o mundo*” e de fato, localizamos atas, livros usados por Oliva Enciso os quais demonstraram o próprio olhar referente ao seu mundo pessoal e público. Ressaltamos que seus escritos foram o registro de suas ações, e essa atitude pode ser vista numa acepção de um agente político, embora sem que ela mesma reconheça pelo menos de forma explícita.

Deste modo consideramos a autobiografia e as poesias de Oliva Enciso como fontes históricas para esta pesquisa. Na definição de Neves (2000) na revista da Associação Brasileira de História Oral:

Uma autobiografia consiste na narrativa da própria existência e, como salienta Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988), nela foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro. (NEVES, 2000, p.118).

As escritas de Enciso desvelaram sua história individual refletindo o que mais amou, odiou e superou.

1.1 A família e a infância

A chegada de Oliva Enciso ao mundo deu-se em 17 de abril de 1909 na Fazenda Taquaral na cidade de Corumbá- MS. Segundo Arendt (2000) todo ser humano que nasce é novo no mundo, ao nascer chega de forma singular, ninguém é igual ao outro, cada qual tem suas particularidades e desenvolve sua forma de agir e ser entre os seus, ainda que da mesma espécie somos sujeitos singulares; certamente algo nos diferencia, e é isso que chamamos de singularidades, acentuada por Hannah Arendt, e estas singularidades são reveladas nas atividades, nas escolhas, nas ações do sujeito, no caso as ações de Oliva Enciso, seja como professora, como vereadora, como deputada estadual, por fim enquanto cidadã.

Filha de Santiago Enciso e Martinha Florentin Enciso, o pai era de descendência paraguaia e italiana e aos 14 anos de idade foge de navio de um seminário no Paraguai e passa a morar na Fazenda Taquaral em Corumbá. Santiago e Martinha tiveram seis filhas. Oliva Enciso descreveu o pai: homem autodidata, inteligente, alegre, comunicativo, bom, um leitor,

rodeado de amigos. Via no pai a nobreza nos sentimentos, um homem que não separava patrões de empregados, todos alimentavam-se na mesma mesa, apontando para o fato de que o pai não se esquecia que era funcionário da fazenda e nada mais. Parte dessa descrição nos leva a aferir que o senhor Santiago exercia a função de encarregado⁶ pelos trabalhos da fazenda Taquaral cujo proprietário era Constantino Preza⁷.

A mãe é descrita como: inteligente, boa de contas, alegre e enérgica. Era leitora da coluna política, dela Oliva Enciso herdou hábitos de leitura e o legado da fé. Martinha Enciso, era filha do Senhor Joaquim Antonio Ferreira da Cunha, o único avô mencionado por Oliva Enciso na autobiografia. O avô veio de Portugal aos 04 anos de idade e fixou morada em Corumbá. Chegou ao posto de Tenente-Coronel do exército imperial, morou no Rio de Janeiro, casou-se com a sua avó⁸, condecorado no campo de batalha e foi destacado por Oliva Enciso como amigo da família de D. Pedro II e dos republicanos, faleceu em 09/11/1889, não há registro do local do sepultamento do avô; deixou dois filhos Lucas e Martinha.

Em 12 de outubro de 1976 no discurso proferido em agradecimento a Câmara de Vereadores de Campo Grande - MS na ocasião em que recebeu o título de cidadã campo-grandense, Oliva Enciso fez referência à Fazenda Taquaral:

Não nasci na cidade, mas a 6 Km de Corumbá, no Taquaral. Para chegar lá, a estrada era como um túnel, em que a luz do sol e o lunar se infiltraram através das folhas das árvores altas e frondosas, dando a impressão que estava coberta de tapete estampado. E as flores... as parasitas – orquídeas silvestres – a se confundirem com as aves de penas coloridas... Havia um córrego de água cristalina perto da nossa casa que era de palha... e uma criação de marrecos de penas de várias cores, de incrível beleza. Ao longe o recorte azul dos morros do Urucum... E o rio Paraguai, o pôr do sol de Corumbá... a deslumbrar pintores e poetas... As flores flutuantes... os camelotes brancos e lilazes, que Ulisses Serras immortalizou no seu livro: *Camalotes e Guavirais...*” (Ata da Câmara Municipal de Campo Grande, nº 2201 de 12 e outubro de 1976).

Os referenciais à Fazenda Taquaral aparecem com a mesma beleza poética no livro *Palavra de Poesias* (2004):

RECORDAÇÕES

Fui uma criança feliz...
Guardo lembrança imperecível
Do Taquaral, onde nasci –
Árvores frondosas...

⁶ Expressão utilizada na época.

⁷ Informação “extraída da autobiografia de Oliva Enciso: Mato Grosso do Sul: minha terra” (1986).

⁸ Oliva Enciso não menciona em outro lugar o nome de sua avó materna e não menciona nome dos seus avós paternos.

Um córrego de águas cristalinas...
 Nossa casa, grande, chão batido,
 Coberta de palmas de acorí...
 Cresci, ouvindo a sinfonia da mata,
 Sentindo o seu perfume agreste,
 Admirando o colorido das flores
 E o colorido e o cantar das aves...
 Sinfonia de sons,
 Sinfonia de cores!...

Deliciava-me em contemplar
 A luz radiante
 Do nascer do dia...
 E as das horas vespertinas
 De tanta nostalgia!...
 As noites de luar
 Ou de estrelas mil a cintilar...(ENCISO, 2004, p. 128)

Outros detalhes da casa da Fazenda Taquaral encontram-se registrados no livro editado em 1986: *Mato Grosso do Sul: Minha Terra*, nessa época Oliva Enciso constava com 77 anos de idade. Uma anciã que registra, além de suas lembranças da infância, suas ações políticas, em outras palavras se assim podemos dizer registra para a história seus feitos políticos, não só para os campo-grandenses, mas também para os mato-grossenses.

No referido livro a Fazenda Taquaral foi saudosamente descrita como um lugar sossegado ao descrever que: “da casa se avistavam os morros azulados do Urucum. E nas noites sem luar, o céu azul, escuro era bordado de estrelas. Nas noites de tempestade, muito escuras, eu me extasiava em ver os relâmpagos rasgando o céu. Esse era o Taquaral.” (ENCISO, 1986, p. 15).

E, é nesse lugar rupestre como pode ser averiguado em suas poesias apinhado de “onças e cobras grandes”, que viveu parte da infância saboreando o leite quente “trepada” na cerca do curral, um ato da cultura dos caipiras mato-grossense. Enciso possuía um cavalo branco que usava para seus passeios solitários na estrada, revelando uma personalidade que se movia desde a tenra infância. Residiu no Taquaral até “mais ou menos” seis anos de idade quando muda-se juntamente com sua mãe e as irmãs para a cidade de Corumbá por encontrarem-se em idade escolar. O senhor Santiago permaneceu no Taquaral e os encontros com a família davam-se aos sábados.

Sua história com o Taquaral é encerrada após o falecimento do Senhor Santiago, ocorrido em 21/10/1923 deixando a família desamparada dos proventos da sobrevivência, visto que no Brasil, nessa época, não existia lei que assegurasse a pensão para as viúvas. Dona Martinha recebeu cinco mil réis em dinheiro e tomou a decisão de mudar-se com as filhas

Mercedes (Henriqueta), Clarice, Oliva, Maria da Conceição (Conchita) e Maria do Carmo (Carminha) para Campo Grande.

No discurso proferido em 12 de outubro de 1976 Oliva Enciso expressou no discurso parlamentar suas lembranças referentes à mudança da família de Corumbá:

Vim de Corumbá com 14 anos e com luto no coração pelo falecimento do meu pai. Eu e minha família viemos trazidos pelo meu cunhado João Francisco de Freitas, que era baiano de nascimento e campo-grandense de coração. E apesar de toda a sua vontade e dedicação esse recomeço da vida não foi fácil. Muitas vezes minha mãe emendava o dia com a noite junto à máquina de costura. Éramos 7 irmãs e só a mais velha casada. Todas nós trabalhávamos. A minha especialidade era fazer casa de botão nas camisas de homem, que minha mãe fazia. Meu pai foi sepultado em Corumbá. Aqui em Campo Grande, o modesto jazigo de nossa família já recebeu minha mãe e minha irmã mais velha... Os melhores e inolvidáveis anos de minha vida, os de minha infância, passei em Corumbá, aqui teve início uma fase diferente... As belezas incomparáveis de Corumbá, com seu Pantanal hoje tão justamente decantado, eu aprendi a apreciá-los desde os meus primeiros anos. (Ata parlamentar da Câmara Municipal de Campo Grande, nº 2201 de 12 e outubro de 1976).

Como pode ser aferido no discurso acima e por extensão comprovada no livro *Mato Grosso do Sul: Minha Terra*, dona Martinha e suas seis filhas partiram de Corumbá para Campo Grande envoltas na dor e na ausência “para sempre, para todo sempre”⁹ do senhor Santiago Enciso. Ao despir-se do patrão do esposo falecido dona Martinha ouviu: “Deus lhe ajude é uma mulher trabalhadeira saberá cuidar das suas filhas” (ENCISO, 1986, p.17). O trajeto da viagem foi feito de barco e trem, assim, em 1923 chegaram pela estrada de ferro Noroeste do Brasil, dia e mês são incertos, foram acolhidas pelo senhor João Francisco de Freitas e a irmã Bráulia Enciso de Freitas, já residentes em Campo Grande.

O “recomeço da vida na nova cidade não foi fácil”, dona Martinha “emendava o dia com a noite junto à máquina de costura”¹⁰, as filhas mais velhas trabalhavam com a mãe. De acordo com Michelle Perrot (2005) a máquina de costura é o chão da fábrica dentro da casa, um ofício típico atribuído ao gênero feminino.

1.2 A formação escolar e profissional de Oliva Enciso

⁹Judith Viorst (2002, p. 394).

¹⁰ (ENCISO, 1986, p.17).

Reitera-se que no recomeço da família Enciso em Campo Grande, a jovem Oliva Enciso constava com 14 anos de idade e não interessava-se pelos estudos e nem por religião, como ela própria atestou:

[...] Não queria mesmo estudar, até que Deus colocou no meu caminho uma Sra. Muito religiosa e boníssima, a D. Emiliana Brandão que [...] vinha todas as primeiras sextas-feiras convidar uma de nós para ir à Missa na Igreja Santo Antonio[...]. E um dia achei numa gaveta de Mercedes, um pequeno livro: “Manual da donzela cristã”. Guardei-o para ler na Igreja, na 1ª sexta-feira do mês. Pela 3ª vez que o peguei, comecei a me interessar por ele. Não era um livro de orações, embora tivesse algumas, mas era de orientação: - “Um dia Deus nos pedirá contas do que fizemos com os dons que Ele nos deu...” Que dons eu tinha recebido? - comecei a pensar. [...] Eu já esperava D. Emiliana, na 1ª sexta-feira com satisfação. (ENCISO, 1986, p.18).

A origem desse desinteresse por estudos não foi explicitado na autobiografia, Oliva Enciso apenas relatou que a escola era algo que encarou com resistência, aos seis anos de idade “Muitas vezes escondia o meu livro e às vezes era difícil encontrá-lo” (ENCISO, 1986, p.16), seu primeiro tutor foi tio Lucas, irmão de sua mãe.

Nos documentos concedidos pela Academia Sul mato-grossense de Letras Oliva Enciso também expõe sua trajetória escolar ao informar que o: “Primário-iniciado em Corumbá na “Escola Pública D. Maria Leite e terminado em Campo Grande no “Colégio Spencer”. No primeiro colégio citado Enciso foi convidada a recitar a poesia “As borboletas”, porém não gostou do convite, não expõe as razões de não ter gostado, apenas viu nisso o motivo de abandonar a escola, assinalou que “não houve quem me fizesse voltar a estudar”. Aproveitou para ser criança e subir nas árvores, era o ano de 1915 e ela tinha apenas seis anos de idade.

Essa vontade de estudar reaparece quando estava em Campo Grande ao ser desafiada através das palavras do livro “Manual da donzela Cristã” que impactou-a com as escritas “A aluna deve estudar, não para ser a primeira da classe, mas para agradar a Deus” (ENCISO, 1986, P.17) dessa forma compreendeu a necessidade de estudar e seu compromisso firmou-se e solicita ao seu cunhado o Senhor João Francisco de Freitas para matriculá-la em qualquer escola. É matriculada no Colégio Spencer do professor Bartolomeu, uma escola particular, também paga com dificuldades pela sua mãe.

Após dois anos Oliva Enciso fez uma prova de admissão e junto aos poucos alunos é escolhida para ingressar no Instituto Pestalozzi em Campo Grande e no ato da matrícula informa-se dos valores e não havendo dinheiro nem para as mensalidades nem para o material, a pedido de sua mãe a menina procura a administração da escola para desistir da vaga, porém o

diretor foi generoso e concedeu permissão para estudar, percebeu a atitude proativa de Oliva Enciso.

[...]-Voltei ao Pestalozzi e disse a D. Raquel que não dava mesmo para eu estudar e ela novamente foi falar com o Sr. Tessitore, mandando-me esperar. Logo voltou: - “O Diretor disse que você não precisa pagar nada. Ele só quer que você seja uma boa aluna.” [...] Então voltei ao Pestalozzi novamente e o Sr. Tessitore estava dessa vez na Diretoria e eu lhe disse então que uma vez que eu não ia pagar nada, eu queria ajudar o colégio na limpeza ou outro qualquer serviço. Ele me mandou voltar a 1 hora e então me levou para uma classe, onde hoje é a Capela do Colégio Dom Bosco e onde estavam 45 alunos do 4º ano primário, esperando o professor. Olhei para o Senhor Tessitore, surpresa e mesmo assustada e ele disse apenas: - “Eu lhe ajudarei...” [...]. (ENCISO: 1986, p. 20 e 21).

Estudou e exerceu o ofício de professora no Instituto Pestalozzi por cinco anos, porém a carreira escolar de Oliva Enciso continuou e em 1930 foi estudar no Rio de Janeiro ao que registrou: “Superior – após vestibular, em 1930, matriculou-se na “Faculdade Nacional de Medicina” do Rio de Janeiro, tendo abandonado esse curso em setembro do mesmo ano quando regressou a Campo Grande”¹¹.

Em seu regresso após dois anos, Enciso na autobiografia atesta que matriculou-se no curso de Farmácia no ano de 1932, fez exames de suficiência e mediante avaliações era concedido diploma ao candidato aprovado.

E ainda eu arrumava tempo para estudar. Soube mais tarde, que “só não tem tempo, quem o perde...”. E eu não tinha tempo de perder tempo. Assim, em 1932, “para fazer número”, me matriculei na FACULDADE DE FARMÁCIA E ODONTOLOGIA DE CAMPO GRANDE e a frequentei regularmente. Após os Exames Finais da 1ª e única Turma, os livros foram transferidos para o Ministério da Educação [...]. Meus colegas revalidaram seus diplomas em São Paulo, mas eu não fui por falta de recursos¹².

Em 1932 ainda recebi o Diploma de Contador, pela ESCOLA DE COMÉRCIO DOM BOSCO, após exames de suficiência com uma Banca vinda do Rio de Janeiro.

Em entrevista a Maria Glória de Sá Rosa (2005) Oliva Enciso relatou seu percurso educacional que apontou o seu interesse pelo conhecimento, tinha habilidade em exatas, mas interessava-se também pela área das humanas.

Quero acentuar que tenho diploma de contador pela Escola de Comércio Dom Bosco e, em 1938, recebi o diploma de normalista da Escola Normal Dom Bosco, dirigida pelas Irmãs Salesianas. Estudava na Escola Normal pela manhã e à tarde trabalhava na Prefeitura. À noite, fazia minhas tarefas. (ROSA, 2005, p.14).

¹¹ Informações também descritas nos documentos cedidos pela Academia Sul mato-grossenses de Letras.

¹² Em outro momento Oliva Enciso valida seu diploma, porém o perde.

Na história da educação no Brasil a Escola Normal¹³ na década de 1930 era um curso equivalente ao nível médio na atualidade, porém capacitava professores para o exercício da docência. Em Campo Grande Enciso era notada pela sua busca pelo saber, encontramos essas informações em livros, jornais e revistas do estado diversos relatos das inúmeras atividades que exercera.

Daí pra frente, Oliva não parou mais, Dona de uma incrível experiência e boa vontade, hoje ela possui um extenso currículo, tendo concluído diversos cursos, como Noções de Serviço Social e Psicologia, Higiene Moral, Cooperativismo, Atividades Artísticas Infantis, Psicologias das Relações Humanas na Família e Recursos Áudio visuais pelo SESI. [...] Além disso, é formada em Magistério pela escola Dom Bosco¹⁴ e também carrega em sua bagagem o diploma de Contadora. Mais tarde, chegou a matricular-se na faculdade de Medicina. Só não concluiu o curso porque preferiu regressar a Campo Grande, tendo aqui se formado em Farmácia e Odontologia. Foi funcionária da prefeitura, exercendo quase todos os cargos [...]. (*Executivo - A revista de Mato Grosso do Sul*, abril de 1986, Ano II, nº23, p. 18 e 19).

Suas formações escolares apontam para uma mulher com conhecimentos em diversas áreas, depoentes e familiares descreveram-na enquanto culta, dados confirmados na exposição dos discursos no parlamento.

1.3 O contexto histórico de Mato Grosso

Ressaltamos que não realizaremos uma análise profunda do contexto histórico de Mato Grosso no qual Oliva Enciso estava emergida, mas é necessário em uma pesquisa que tomamos como fonte a memória atentarmos-nos para o que apregoou Assis e Silva (2015, p. 53) “É indispensável que o pesquisador leia as fontes memorialísticas atentando-se para o contexto

¹³A Escola Normal no estado de Mato Grosso e, de modo específico, no sul do estado, foi implantada num contexto de alterações da sociedade mato-grossense, que de certa forma, condicionou a sua instabilidade institucional, sofrendo interrupções sucessivas, provocadas pelas mudanças econômicas e pelas lutas políticas e ideológicas do período. Isso se evidencia nos vários instrumentos legais que regulamentaram a sua instalação, sua organização administrativa e curricular, assim como seu funcionamento. Com efeito, inicialmente a instituição teve sérias dificuldades devido à falta de docentes normalistas que assumiram as aulas, porque havia poucos normalistas formados, o que motivou a contratação de professoras vindas de Cuiabá (capital do estado). [...] Para Marcilio (1963) o Ensino Normal experimentou um processo de reabilitação e propagação. Nesse sentido, implantaram-se ações políticas concedendo ao setor privado esse ensino, delegando, novamente a formação de professores, principalmente ao setor confessional. [...] (<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/22.pdf>, artigo A Escola Normal no Sul do Estado de Mato Grosso (1930-1950), acesso em 29 de novembro de 2017).

¹⁴ Grifo nosso. Essa entrevista consta na Revista Executivo de Mato Grosso do Sul, abril de 1986, Ano II, nº23, p. 18 e 19, arquivada no Arquivo Público de Campo Grande, o autor do artigo descreve que Oliva fez Magistério, porém o curso que ela realizou foi Normal, supomos que houve uma confusão das nomenclaturas.

histórico que foi palco dos testemunhos escritos, pois, do contrário, a investigação torna-se vazia e sem propósito”.

Reforça-se que as fontes memorialísticas do período em que Oliva Enciso exerceu suas funções e cargos apontaram pistas, mas não nos ofereceram o panorama da história política e econômica de Mato Grosso no período republicano.

Sobre o contexto histórico de Mato Grosso, Côrrea (1995, p. 25) assinalou que:

A história de Mato Grosso e de Mato Grosso Sul¹⁵, nas primeiras décadas do período republicano (1880-1943), foi na realidade a história de um povo armado. Sua principal característica constitui-se no uso extremo da violência que acabou por se confundir com o próprio modo de vida do povo mato-grossense. Essa violência, que atingiu profundas dimensões na política regional após a queda do regime monárquico, não significou o surgimento de uma situação historicamente inédita, mas seguramente resultou do próprio processo de ocupação e desenvolvimento da região desde o período colonial. (CÔRREA, 1995, p. 25).

Essa acepção corrobora com a pesquisa da historiadora Elisabeth Madureira Siqueira (1997) que também descreveu as disputas políticas pelo poder e a existência de nova facção política tanto em âmbito nacional como regional.

As contendas existentes entre facções políticas, durante a Primeira República, ficaram conhecidas na História do Brasil como as disputas entre os Coronéis, e o período conhecido como “coronelismo”. Em Mato Grosso, não foi diferente. Desde a proclamação da República, inúmeros movimentos armados se sucederam, tendo como protagonista os coronéis que disputavam entre si o comando político do Estado. (SIQUEIRA, 1997, p. 101).

A referida historiadora apresentou a definição da origem de tal facção política:

O coronelismo pode ser definido como o poder exercido pelos homens ricos e proprietários de terras, pessoas influentes politicamente que haviam sido agraciadas durante o império, com patentes da Guarda Nacional correspondentes àquelas do exército, sendo que a maioria deles era chamada de coronel, porém eram coronéis civis, da Guarda Nacional. Um poder paramilitar passou a existir no interior da sociedade brasileira, tendo à frente a figura desses coronéis que, além de respeitados pelo seu poder econômico e político, mantinham grande contingente de homens armados, verdadeiros exércitos particulares que por eles lutavam nos momentos de disputa ou confronto político. Esses potentados conseguiam carrear muitos votos, tanto para os cargos municipais como para os estaduais e até mesmo federais. (SIQUEIRA, 2002, p. 156).

¹⁵ Na data descrita pelo respectivo autor não existia a divisão geográfica e política dos dois estados ainda, porém o autor foi didático em colocar que tanto a história de Mato Grosso e a história de Mato Grosso do Sul passaram pelo mesmo contexto histórico.

Os coronéis ditavam as suas próprias leis na conduta da sociedade e segundo Corrêa (1995, p. 53) esses coronéis eram a elite política que se projetava no meio do povo e da própria política em si, eram pessoas que exerciam influencia no comércio, entre os profissionais liberais e no funcionalismo público, atingiram as condições de chefes políticos e exerciam o poder absoluto das decisões na comunidade que residiam.

O coronelismo segundo Siqueira (1997) amenizou seu domínio político mediante as circunstância de novas conjunturas políticas.

A partir de 1946, os governadores estaduais voltaram a serem eleitos diretamente pelo voto popular. Foi a partir desse período que Mato Grosso ganhou uma nova fisionomia, visto que seu território recebeu grande fluxo migratório de outros estados brasileiros, desencadeando um processo de modernização da agricultura, pecuária, industrialização e mineração. (SIQUEIRA, 1997, p. 109).

Até a década de 40 o estado de Mato Grosso permaneceu sob o domínio dos coronéis, porém com a volta do sufrágio para a escolha de governadores os coronéis são destituídos do poder, porém ainda assim permaneceram no controle total das usinas e no domínio dos empregados rurais, os quais eram explorados e tratados de forma desumanizada.

De acordo com a obra *Fragmentos da memória subterrânea das usinas de açúcar: Aricá, Conceição, Flechas e Maravilha* de Marlene Gonçalves (2011) a exploração de homens, mulheres e crianças era uma realidade presente nas usinas de Mato Grosso também na década de 1950.

Mesmo depois da legitimação de leis que asseguravam o direito aos trabalhadores. Para Elisabeth Siqueira (2002, p. 115) “com o Estatuto da Lavoura Canavieira, instituído pelo Decreto-Lei nº 3.855, de 21 de novembro de 1941, melhores condições de trabalho foram oferecidas aos trabalhadores”, porém para Gonçalves (2011) as condições de trabalho nas usinas, não sofreram mudanças, visto que “que as medidas sociais contidas no estatuto não foram levadas a efeito”¹⁶, fato que foi confirmado pelo testemunho dos ex-trabalhadores. Para Gonçalves foi Lei nº 4.214, promulgada em 2 de março de 1963, denominada Estatuto do Trabalhador Rural e trouxe garantias e poderia ter beneficiados os trabalhadores das usinas, no

¹⁶ FONTES: *Boletim Contag*; CAMARGO, A. *Questão*; CONG. NAC. (1973); CONG. NAC.(1979); CONST. FED.1988; CONTG. *Anais (II)*; IANNI, O. *Estado*; *Jornal do Brasil* (31/8/81); PRADO JÚNIOR, C. *Questão*; ROCHA, O. Manual: SCHMITER, P. *Interest.FVG*.

entanto quando este passou a vigorar as usinas já haviam encerrado suas atividades. Contextos que evidenciam a vida difícil da sociedade pobre mato-grossense.

Já Oliva Enciso iniciou a vida laboral de funcionária pública na prefeitura municipal de Campo Grande em 04 de novembro de 1930 como datilógrafa-amanuense, segundo consta em sua autobiografia, o emprego foi mediado pela família do Coronel do Exército Antonino Mena Gonçalves.

[...] prometi a minha mãe que eu ficaria para trabalhar, deixando de lado a ideia de ir para o Convento [...]. Nesse dia, chegava a Campo Grande o Coronel ANTONINO MENA GONÇALVES, para ir a Cuiabá assumir a Interventoria do Estado, com a vitória da Revolução em 1930.

A família do Coronel Antonino era nossa amiga e até D. Cacilda, sua esposa, tinha ficado oculta em nossa casa, antes da vitória da Revolução. O ZÓZIMO, um dos seus filhos, tinha sido meu colega de ginásio e por meio deles fui admitida como funcionária da Prefeitura Municipal de Campo Grande. (ENCISO, 1986, p. 27).

A partir da referida citação é possível aferir que o Coronel pagou uma espécie de dívida pela família de Enciso ter ocultado, escondido a esposa do mesmo durante a revolução. A influência política do Coronel Antonino na intervenção do Estado colocou Oliva Enciso no cargo da prefeitura. Diante disso constata-se que houve um período histórico em Mato Grosso em que homens de destaque exerciam poder na escolha dos funcionários públicos¹⁷ o que corrobora com as afirmativas dos historiadores Siqueira e Côrrea. Neste sentido a admissão de Oliva Enciso como funcionária pública municipal estava dentro do seu contexto histórico em que fora beneficiada pela benevolência do interventor do Estado. No entanto é preciso ressaltar que Oliva Enciso fez jus ao cargo que ocupava.

Siqueira (1997) leva-nos a inferir que a partir da entrada de firmas internacionais na aquisição de terras em Mato Grosso surge uma nova configuração política e econômica no estado.

As terras mato-grossenses foram alvo de compra por parte das grandes firmas internacionais fixadas no Estado, especialmente após a decadência das Casas Comerciais. Estas empresas multinacionais adquiriram grandes extensões de terras, nas quais passaram a produzir gênero e lavoura, extrair minérios e manter grandes propriedades voltadas para as atividades pecuárias. Estas últimas foram muito intensificadas depois da construção da Estrada Noroeste do Brasil que, partindo da cidade paulista de Bauru, atingia Campo Grande que, naquele período, pertencia ao Estado de Mato Grosso.

¹⁷ Atualmente essa visão ainda impera, porém tem sido questionada e combatida através dos sindicatos dos trabalhadores e a criação de leis contra o nepotismo. As leis exigem mais concurso público de ampla concorrência e menos ingresso de indivíduos que gozam de favores políticos, mas ainda assim no Brasil é uma cultura essa indicação de indivíduos aos cargos de confiança.

Era de interesse do Governo Estadual a concessão de terras para “sem terras”, ou seja, pequenos agricultores que haviam perdido suas terras em outros estados. (SIQUEIRA, 1997, p.110).

A aquisição de terras atraiu um contingente de imigrantes para o estado formando muitas colônias de trabalhadores e posseiros.

Os assentamentos se deram, inicialmente, sob a égide do governo estadual. Em 1942, o Interventor Júlio Müller promoveu a criação da Colônia Agrícola de Mutum (atual Dom Aquino). Pela já citada Lei 336/49, ocorreu o assentamento de pequenos produtores na região do atual Município de Rondonópolis. (SIQUEIRA, 1997, p. 122).

Para Elisabeth Siqueira (1997) nesse momento em Mato Grosso desencadeou uma luta por terras em muitas partes do estado e sangue fora derramado no solo mato-grossense. Segundo a autora esse foi um período de grandes atividades agrícolas, pecuária e do nascimento de várias cidades no estado e também surgimento de comércios e frigoríficos. Ocorreu ainda uma mudança radical da paisagem local e um acelerado processo de ocupação territorial de Mato Grosso que redundou na expansão das fronteiras agrícolas regionais.

Era um estado que crescia na economia e que atraía pessoas de todas as regiões, mas que tinha sérios problemas dado a sua extensão territorial, os lugares eram isolados do progresso. Segundo Mendonça (2012, p. 68) a distância de Mato Grosso de centros maiores e as dificuldades com as rodovias foram fatores que tolheram seu desenvolvimento.

No governo do cel. Pedro Celestino (1922 a 1924) começou a campanha pela construção de rodovias, ligando entre si várias sedes municipais, como sejam: Cuiabá ao Araguaia, Cuiabá ao Coxipó, Cuiabá ao Santo Antonio do Rio Abaixo, Cuiabá a Diamantino, Cuiabá a São Luís de Cáceres, Cuiabá a Campo Grande, as quais o Dr. Mário Corrêa da Costa (1926 a 1930) melhorou e ampliou, eram todas essas rodovias vicinais.

O Dr. Francisco Saturnino Braga, Diretor do Departamento Nacional de Estrada e Rodagem, prefaciando o livro do engenheiro Gasparino Silva, “Mato Grosso e a Nova Política Rodoviária Nacional”, 1950, escreveu: “Mato Grosso era um estado que até 1946, praticamente nada existia no setor de estradas de rodagem, a não ser caminhos carroçáveis e algumas rodovias construídas pelas unidades militares”. (MENDONÇA, 2012, p.90).

Para tanto, até o ano 1946 locomover-se no estado de Mato Grosso tratava-se de um desafio, a população enfrentava dificuldades em receber e escoar produtos, além disso, compreendemos que não existiam recursos de atendimento em casos de problemas da saúde, pois a locomoção dava-se por carroças.

O estado estava em desenvolvimento, mas a vida cotidiana era difícil para o povo. Oliva Enciso estava imersa nesse contexto, entendemos que tudo era um desafio, tanto escolas, saúde pública e o próprio sustento diário, um momento em que as oportunidades eram escassas principalmente para as mulheres e para os pobres.

1.4 A mulher no espaço público

Para a mulher, após anos à margem social e atuando na invisibilidade, entrar no muro de ferro da esfera pública configura-se em uma nova forma de desenhar-se enquanto ser humano. Hannah Arendt (2000, p. 59) define o espaço público como “tudo que pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível”, logo o espaço público é aquele constituído entre os pares, na sua relação.

Ao analisarmos as teorias sobre gênero entendemos o desdobramento do olhar sobre a mulher, por séculos foram cerceadas, consideradas serviçais e peça de significado para o marido, daí a legitimação da busca pelo reconhecimento que ainda se faz em processo de construção. Ainda é necessário muitas reflexões a fim de romper discursos cristalizados à respeito dos direitos da mulher e seu pleno exercício da cidadania.

No século XX inicia-se a fase do individualismo e impera-se as vaidades do capitalismo, mas no interior das casas é de forma tímida que entra o sentimento de nova sociedade. Os tradicionais tentam trancar dentro da intimidade dos lares a mulher com comportamentos exigidos pela força ideológica da igreja, assim a mesma sofre a contradição entre a existência da mulher estigmatizada pela igreja e o surgimento da nova mulher que passa a ser desenhada a partir das novas tendências políticas, econômicas e culturais. Em grandes centros as relações sociais avançavam em relação à mulher, porém no interior do Brasil as mudanças foram lentas.

Principia também uma busca audaciosa por parte da mulher que sonhara em conhecer e viver esse novo mundo a qual almejou fazer parte da construção dessa nova sociedade, ela quis participar da escrita de um novo tempo. Afinal a guerra acabara e o mundo estava livre dos horrores, então, por quais razões a mulher deveria permanecer trancada dentre os muros de sua casa, para tanto, ela passa a resistir uma conjuntura de pensamento a respeito de si. Porém, desconstruir as velhas mentalidades leva mais tempo do que construí-las.

Convém não esquecer que a emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos,

redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativo e da imprensa na formação de uma série de propostas que visavam “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família – a medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo de afazeres domésticos. Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e a mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole. (PRIORE e PINSKY, 2015, 230).

A citação apresenta um comportamento destinado à elite, nos registros oficiais as relações dos grupos minoritários nunca foram interessante; são os vencidos da história, o padrão social sempre partiu da burguesia, a detentora dos hábitos civilizatórios e a pobreza sempre fora considerada como a escória social não contendo nada a ensinar.

Esse pensamento descrito por Priore e Pinsk (2015) está enraizado na mentalidade do século XIX e perdurou fortemente no início do século XX. Por séculos a mulher teve que lutar, mobilizar, fortalecer-se para romper esse pensamento rigoroso que a anulava enquanto indivíduo, e que ainda persiste em famílias tradicionais e em algumas culturas.

Ao longo da história, as mulheres buscaram superar a representação de ser apenas mãe e esposa do lar, teve que provar que não é um “grupo” e que eram pessoas capazes de produzir e de pensar para além da casa. Entrar no espaço público do ensino, ser empregada da fábrica, ser uma política tornou-se um ato corajoso para a figura da mulher, e ainda continua sendo campos de lutas. Diante do exposto, na obra *História das mulheres no Brasil* (2007) Mary Del Priore relata que em certas famílias ao recepcionarem pessoas em suas residências, a filha e a esposa permaneciam trancadas no quarto, o interesse dos assuntos deveriam circular em torno da manutenção do bem estar do homem.

Segundo Michelle Perrot (2005, p. 30) há “pouca coisa nos arquivos públicos destinados aos atos da administração e do poder, onde as mulheres aparecem apenas quando perturbam a ordem [...]”, assim sendo temos uma história contada por homens e que valoriza o gênero masculino, segregando as mulheres.

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-los nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que podemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-lo na opressão. Compreende-se pois que o homem tinha vontade de dominar a mulher. (BEAUVOIR, 2009, p.35).

O século XX demarcou as esferas pública e privada, o mundo público no que se referem ao econômico e político foi idealizado para o homem em sua ascensão pelo poder, conforme afirma Perrot (2005, pg.12) o mundo econômico “é o mundo que conta”, e se a mulher era excluída das participações nas tomadas de decisões, logo não tinha significado social, não era parte do “mundo”.

Para Simone de Beauvoir (1970, p. 16) desde a infância a menina é reprimida e mutilada e o homem é “o Sujeito, o Absoluto, ela é o Outro”, para a referida autora o ser humano tem facilidade em afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto. Assim vimos algumas fronteiras entre o espaço do homem e da mulher considerada “o outro sexo”.

Ora a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum país, seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta. Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc, maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem [...]. (BEAUVOIR, 1970, p.14, 15).

Na discussão em questão nota-se que o território social sempre fora preparado para atuação e comando dos homens, nisto também está a dificuldade da mulher romper com a dominação masculina. Existe uma concordância entre homens em afirmar que “aquele” ou “esse” espaço não comportam as mulheres. Para Beauvoir “É muito difícil para a mulher agir em nível de igualdade com o homem enquanto essa igualdade não for universalmente reconhecida e concretamente realizada” (BEAUVOIR, 2009, p. 731). Para a referida autora, mesmo que a mulher comece a fazer parte da elaboração do mundo, este ainda continua a pertencer aos homens.

Em partes do mundo e na própria história, legisladores, sacerdotes, filósofos, empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra. Uma acentuante dessa submissão sempre fora a religião que é forjada pelos homens e refletem essa vontade de domínio com seus argumentos e lendas tais como Eva e Pandora, mulheres que são usadas para punir toda a humanidade. O dilema da discussão de gênero é problematizar até quando este estado de dominação deve perpetuar-se, pois a mulher permanece entre a multidão de homens sendo subjugada enquanto minoria dominada.

Essa imersão da mulher nos diferentes espaços foi construída na resistência, sua voz não foi e ainda não é ouvida, sua presença proibida e mal interpretada, o corpo fora tampado, a voz silenciada e os gestos tolhidos nos espaços públicos, todos os movimentos das mulheres foram controlados, pois ao contrário ela seria confundida com “outras” mulheres desaprovadas, para Simone Beauvoir (1997) o corpo da mulher sempre fora visto como um “embaraço” social.

De acordo com Michelle Perrot (2005) na obra *As mulheres e os silêncios da história*, a história da mulher começa a ser escrita na França, mas os pioneiros são os Americanos, porém a história não pode parar de ser narrada visto que ainda temos muitas mulheres com grandes ações no mundo e que ainda estão na invisibilidade e na inexistência. Seu silêncio está junto com a massa da humanidade, porém sempre ocuparam espaços e se moveram na história.

As mulheres do século XIX movem-se mais do que se pensa. Participam das migrações, camponesas vindas à cidade como domésticas ou costureiras, burguesas médias contratadas como preceptoras, não raro muito longe de seu país. Elas viajam e (às vezes) exploram. O mundo muda, modificam-se as fronteiras, também entre os sexos. (PERROT, 1998, p.86).

Não foi em um único dia que a mulher saltou dos quartos da casa para os espaços públicos, porém foi na indignação e no enfrentamento que galgou direitos sociais. Quando esta pertencia a alta sociedade ou era da burguesia gozava do privilégio de certo trânsito social, mas a visão era focada em seu exterior e não na sua representação enquanto cidadã.

A cidade do século 19 é um espaço sexuado. As mulheres inscrevem-se nele como ornamento, estritamente disciplinadas pela moda, que codifica suas aparências, roupas e cuidados, principalmente pelas mulheres burguesas cujo lazer ostentatório tem como função significar a fortuna e a posição de seu marido. Protagonista no verdadeiro sentido da palavra, elas desfilam nos salões, no teatro ou no passeio, e é por suas roupas que os cronistas se interessam. (PERROT, 2005, p.34).

Para as mulheres havia uma “autorização” de participação limitada e cerceada pelos códigos de conduta e pela imobilidade dos usos e costumes.

Na história social a responsabilização pela educação dos filhos ficou a cargo da mulher, uma concepção inegociável para a sociedade e todo desvio na conduta dos filhos e filhas a mesma era responsabilizada. Priore e Pinski (2015) explicita que,

Os argumentos religiosos e higienistas responsabilizavam a mulher pela manutenção de uma família saudável – no sentido mais amplo do termo. A esses argumentos iriam se juntar, também, os novos conhecimentos da psicologia, acentuando a privacidade familiar e o amor materno como indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças. O casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos

como a *verdadeira carreira*¹⁸ feminina. Tudo que levasse as mulheres a se afastarem desse caminho seria percebido como um desvio da norma. (PRIORE e PINSK, 2015, 454).

A carreira feminina está presente nas discussões sobre a ocupação da mulher dentro do espaço privado, compreende-se que tudo externo era um perigo, uma ameaça; romper com esses códigos sociais e morais significava por em risco a reputação da mulher. As diversas mulheres da casa de Oliva Enciso, mesmo com a ausência paterna, seguiram os conceitos da estrutura cultural da época e submeteram-se à carreira feminina.

Por séculos na relação matrimonial houve a questão do pertencimento, a mulher era a propriedade do marido com papéis definidos e para além dessa visão imperava a visão dentro das próprias teias sociais de que a mulher deveria manter os valores da sociedade tradicional.

Apesar das expectativas alvissareiras da ordem e do progresso do século XX, a higiene, a moralidade e a religiosidade, a pureza, os ideais de perseverança da raça, da sobrevivência social estamparam no sexo feminino seu emblema de manutenção da sociedade tradicional, e as mulheres continuaram sendo submetidas a padrões comportamentais que serviram para impor barreiras à sua liberdade, autonomia, principalmente em relação à sexualidade. Educar o sexo feminino passou a ser uma necessidade que impunha cada vez mais diante da sociedade urbanizada que ditava novas regras de convivência no espaço citadino. [...]. (SAVIANI, ALMEIDA, et. al., 2006, p.74, 75).

Os depoimentos dos familiares evidenciaram que além de Oliva Enciso sua irmã Carminha também não contraiu matrimônio, porém não se desviaram da carreira feminina, pois assim como muitas mulheres envolviam-se com os atos religiosos; a igreja era parte do ciclo social, algo peculiar para as mulheres, a igreja era a sociedade mais indicada e dessa forma preservava-se a imagem pessoal.

Para que a mulher adentrasse no espaço público através do trabalho ocorreu um processo árduo de enfrentamentos, além da exploração do trabalho também havia o mais alto grau de desrespeito do homem, opressão, marginalização, discriminação, exploração mental, física e sexual. Assim sendo, entendemos que toda conquista e discussão ainda assinala um ato de incorporação e recusa das imagens projetadas sobre as mulheres, portanto faz-se legítima.

Para Cruz (2013, p.24) “A luta que as mulheres enfrentaram para sair da invisibilidade, para serem reconhecidas como pessoas humanas com vontade e direito não foi nada fácil”. Na fábrica, por exemplo, sua mão de obra feminina era de valor inferior. De acordo com Perrot (2005) a mulher não foi reconhecida, porém nunca dispensada, ela sempre foi atuante até

¹⁸ Grifos do autor.

mesmo durante as guerras, porém os registros imortalizam a presença dos homens, os documentos pós guerra foram destruídos, apagando a presença das mulheres.

A mulher sublevoou contra à segregação e ao preconceito, procura avançar substancialmente em sua representação, a mesma se desenha, faz-se e supera-se. Para Oliva Enciso adentrar no espaço público foi uma questão de sobrevivência da família, mas para muitas mulheres foi algo mais complicado diante da cultura socialmente imposta.

As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens, “naturalmente masculino”. (PRIORE E PINSK, 2015, p.581-582).

No mundo, no Brasil e em Mato Grosso, diversas mulheres lutaram para saírem da invisibilidade social. Em Mato Grosso há registros dos movimentos de mulheres e das suas representações no espaço público.

O caráter associativo da mulher mato-grossense advém de tempos remotos. O primeiro registro colhido reside na obra *Lembranças de Matto Grosso*, de Maria do Carmo de Mello Rego, onde a autora assinala alguns nomes de mulheres usineiras e da capital Cuiabá. – “inteligentes, amigas do progresso” – com quem ela se relacionou quando residiu em Mato Grosso no período de 1887 a 1889 [...].

Quando Maria do Carmo publicou essas impressões, em 1897, dados lidos na imprensa mato-grossense oitocentista informam a circulação quinzenal, naquele mesmo ano, do jornal *O Jasmim*, de “dedicados aos interesses das senhoras”. O jornal foi dirigido por uma mulher, D. Leonor Galvão.

Mesmo não tendo sido possível localizarmos os seus exemplares, extraímos notícias sobre ele em periódicos da época, que comprovam tratar-se de um veículo onde as mulheres congregavam para lutar pela sua emancipação e pela igualdade entre os sexos, numa clara demonstração da prática associativa do chamado “sexo frágil” em Mato Grosso, na segunda metade do século XIX. Um exercício de união que se intensificou e se consolidou no século XX [...]. (NADAF, 2004, p. 15 e 16).

A escrita em Jornal fora uma forma das muitas mulheres entrarem no espaço público, assim muitas desenharam e registraram sua presença. Diante do que grafou Nadaf (2004) é possível acentuar que a mulher mato-grossense atuou no espaço público e buscou formas de narrar seu pensamento.

O primeiro exemplo data de 1909, com a formação, em Cuiabá, do Grupo Feminino de Teatro Amador, sob o comando de Zulmira Canavarros, Felenila da Silva (de Freitas), Jacinta de Siqueira, Vigília, Esther, Orítia e Aricina. Em 1930, a cargo da mesma Zulmira, o grupo renovou e ampliou-se[...]. Nas pegadas desses incipientes grupos de teatro, cujo propósito era o de integrar a mulher ao meio social e cultural, e elevá-la, as mulheres mato-grossenses fundaram, em novembro de 1916, o Grêmio Literário Júlia Lopes, uma entidade cultural que atuou nas mais diversificadas áreas e

constituiu-se na maior e mais duradoura entidade do gênero do Estado. Nossas pesquisas revelam que o seu desaparecimento ocorreu possivelmente no começo da década de 1950. (NAFAF, 2004, p. 16 e 17).

As mulheres em Mato Grosso tiveram suas movimentações e não foi a curto prazo, teve representação e participação, seja na direção e publicação em jornal, seja no teatro, na escrita de poesias ou nas participações em grêmios sociais.

Para Yasmin Nadaf em sua obra *Presença de Mulher* (2004) o referido Grêmio Literário Júlia Lopes somando muitas mulheres veio integrar a mulher mato-grossense à vida pública.

Semelhantemente ao que ocorreu com Grêmio Literário Júlia Lopes, o Clube Feminino integrou a mulher à vida pública, proporcionando-lhe um espaço para desenvolver, entre as práticas culturais, sociais e recreativas, o exercício da socialização, fato que contribuiu largamente para que ela rompesse as barreiras do espaço privado e restrito do seu lar. (NADAF, 2004, p. 18).

Nadaf (2004) trouxe informações interessantes sobre a presença da mulher mato-grossense em diversos espaços. Nesse período uma das vozes da mulher em Mato Grosso fora a revista *A Violeta* (1916 a 1950)¹⁹ que circulou também em países estrangeiros, nela constou a participação de mulheres e homens. A finalidade da revista foi divulgar o ideário das mulheres mato-grossenses, tratava de diversos assuntos, cartas, contos, poesias “que estendeu do lirismo, à política, história, ao feminismo, à cultura, religião, moda para a mulher, culinária, campanhas educativas, de higiene e de saúde, efemérides, registros da sociedade local entre outros”. (NADAF, 2004, p.17).

A Violeta foi uma revista de mulher para a mulher. Grande parte de sua produção diz respeito direta e especificadamente à mulher – a mulher – esposa, a mulher-mãe, a mulher-namorada, a mulher-filha, a mulher-moça, a mulher-educadora, a mulher-estudante, a mulher-funcionária pública e a mulher-profissional liberal. Seus escritos, vindos, grande parte deles, de mulheres simples e lutadoras – umas escritoras, outras professoras, funcionárias públicas e autônomas, jovens e donas-de-casa- revelam-nos tanto o universo dessas mulheres que os escrevem como o daqueles a quem escrevem: um mundo recheado de criações literárias, desejos, lutas, frustrações, modo de ver e de viver a vida, e o dúbio pensamento ideológico conservador e de progresso. (NADAF, 2009, p.20).

Ao descrever o conteúdo da revista a autora aponta para uma revista que foi um instrumento e ferramenta de emancipação do pensamento da mulher, tirando do submerso

¹⁹ Órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes, o primeiro número de *A Violeta* circulou em dezembro de 1916, e o último exemplo que localizamos de sua coleção data de março de 1950. Do seu aparecimento até 1920 ela foi bimestral, posteriormente passou a ser um periódico mensal. (NADAF, 2009, p. 17).

histórias individuais, além de acentuar que as mulheres de Mato Grosso teve participação pela palavra escrita, que também é um instrumento de luta e uma forma de apresentarem-se socialmente.

Em Mato Grosso na década de 20 e 30 surgiram as Ligas Femininas demonstrando também as diferentes participações da mulher nos diversos espaços sociais nas cidades.

Paralelamente à atuação dinâmica do grêmio, surgiu em Cuiabá, no ano de 1928, o Clube Feminino, igualmente criado e dirigido por mulheres. Este Clube contou com uma programação também heterogênea, dividindo-se entre ações recreativas, culturais e de desporto [...].

A segunda – a Liga Feminina Pró-Lázarus em Mato Grosso – surgiu no começo da década de 1930, e tinha por finalidade auxiliar a Santa Casa na obra de manutenção do Hospital São João [...].

E, finalmente, a terceira – a Liga Feminina Pró-Alistamento Eleitoral – instalada oficialmente no Palácio da Instrução em 1º de maio de 1934. Essa liga nasceu do entusiasmo da mulher mato-grossense em exercer o direito de escolher os seus representantes políticos, conclamando os elementos do sexo feminino ao alistamento eleitoral e à organização de um partido político para a defesa de um Mato Grosso unido. Atuou de modo intenso, organizando inúmeras sub-comissões para o exercício da propaganda eleitoral nos bairros de Cuiabá e povoações circunvizinhas. (NAFAD, 2004, p. 20).

Segundo Nadaf (2004) em 27 de julho de 1934 em Cuiabá foi criada a Federação Mato-grossense pelo Progresso Feminino, a liga feminina, e na sessão solene de inauguração contou com o apoio e a presença de representantes da Federação Nacional com núcleo administrativo no Rio de Janeiro, uma das pessoas ilustres presentes foi Bertha Lutz²⁰.

A presença de mulheres mato-grossenses na vida pública evidencia que nem todas as mulheres desse estado limitavam-se as obrigações domésticas, pois fizeram-se presente nos espaços públicos e auxiliaram a sociedade na busca de diversos direitos sociais, além de ratificar que a tal busca estava integrada as lutas femininas do país:

Correspondendo ao ideal das Federações existentes nos demais estados brasileiros, a Federação de Matogrosso acompanhou os objetivos ditados pela matriz nacional, que foram expressos do seguinte modo em seu Estatuto: promover a educação da mulher e elevar o nível da instrução feminina; proteger as mães e a infância; obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino; auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão: estimular o espírito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance político; assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e prepará-la para o exercício inteligente destes direitos; e, estreitar os laços de amizade com os demais países americanos a fim de garantir a manutenção perpétua da paz e da justiça no Hemisfério Ocidental. (NADAF, 2004, p.21)

²⁰ Representante Nacional das Feminista no Brasil, detalhes da sua biografia estão no capítulo IV da presente dissertação.

Reiteramos que as mulheres em Mato Grosso em diferentes décadas tiveram participação nos campos social, educacional e político, o que evidencia a dimensão da sua atuação na própria história. Oliva Enciso não era da Liga Feminina mato-grossense, mas estava em pleno movimento dentro da sociedade e da sua realidade e também reescreveu a história da mulher mato-grossense.

1.5 Os contextos históricos educacionais vivenciados por Oliva Enciso

Imagem 1 - Foto de Oliva Enciso



Fonte: Acervo pessoal de Maria Inês Puga Barcelos

A foto revela a imagem de uma jovem mulher com sobrancelhas largas, pretas e grossas. As pessoas que a conheceram descreveram-na com tipologia corporal magra, baixa estatura, branca, discreta, com tom de voz baixo, porém firme. Nas demais fotos do acervo da sobrinha Maria Inês Puga Barcelos apresenta-se com cabelos curtos, observa-se que é ondulado, volumoso e preso nas laterais com presilhas. A guardiã do acervo asseverou em seu depoimento que Enciso usou esse penteado por toda a vida, fato constatado na foto publicada no jornal Correio do Estado de 01 de julho de 2005²¹, o qual traz a notícia do falecimento de Oliva Enciso. No referido jornal está o registro de uma senhora com os cabelos descoloridos pelo tempo, transformando-os em brancos como as nuvens do céu. Em 1976 aos 67 anos ao agradecer o título de cidadã campo-grandense fez referência ao embranquecimento dos cabelos:

²¹ O referido Jornal consta no capítulo IV da presente dissertação.

Se os despreocupados e felizes anos da minha infância os passei em Corumbá, aqui vivi a minha juventude. Embora o pesar dos dias venha embranquecendo os meus cabelos e querendo me envelhecer, sinto-me ainda com a mesma disposição, o mesmo entusiasmo de viver e servir, para poder dar aos menos um pouco que recebi. (Ata parlamentar nº 2201 da Câmara Municipal de Campo Grande, de 12 e outubro de 1976).

Parece-nos que o fragmento “[...] sinto-me ainda com a mesma disposição com o mesmo entusiasmo de viver e de servir, para poder dar ao menos um pouco do muito que recebi”, representa parte da essência do que foi a vida de Oliva Enciso e o percurso dos 96 anos foram vividos no século XX marcado por mudanças econômicas, sociais, bélicas e por extensão de atrocidades até então impensáveis, mas é também “o século da conquista do espaço público” Arendt (2000).

Porém foi no referido século, em âmbito mundial, que as mulheres adentram no magistério como pontua Hypólito (1997).

A tendência de crescimento do número de mulheres nessa profissão mais ou menos se mantém até 1930. Nos EUA, nesse ano, 89,5% dos cargos de docentes do ensino primário estavam ocupados por mulheres. Na Inglaterra e no País de Gales a partir de 1900 houve uma certa estabilização dos 70% (74,1% a 78,5%). Entre os anos de 1880 e 1900 o crescimento percentual nesses países foi maior do que nos EUA. No entanto, o número de professoras norte-americanas apresentou um crescimento permanente, podendo se identificar uma certa estabilização na década de 1920 e 1930. (HYPÓLITO, 1997, p.51).

No Brasil, década de 1940 esse crescimento da participação da mulher no magistério chegou a ultrapassar o índice de 90%, porém, esse espaço esteve dividido com as atividades da maternidade e da vida doméstica.

Nessa linha de o espaço público da escola também é considerado um espaço de conquista importante. No Brasil o ingresso da mulher no magistério foi no final do século XIX e início do século XX e associou-se à expansão da rede escolar de ensino, frutos das transformações sociais, políticas e culturais, culminando com o processo feminização do magistério, industrialização e da urbanização.

As formas como se dá essa feminização podem ter algumas características particulares, ainda que se assemelhem a processos que ocorreram também em outros países. De qualquer modo, parece ingênuo buscar nos decretos ou nas leis da iniciante “nação independente” as razões deste movimento. Talvez mais adequado seria entender que, naquele momento, um processo de urbanização estava em curso, no interior do qual – além da presença de outros grupos sociais, como os imigrantes, de outra expectativa e práticas educativas e de outras oportunidades de trabalho – um novo estatuto de escola se instituíra. O magistério se tornará, neste contexto uma

atividade *permitida*, após muitas polêmicas, *indicada*²² para mulheres, na medida em que a própria sociedade passa por um processo de ressignificação [...]. (LOURO, 2014, p.99).

Para Louro (2014) o magistério significava “um exercício de doação e amor” algo intitulado enquanto ato de vocação e missão, um conceito ainda recorrente no Brasil. Assim, o breve ingresso de Oliva Enciso na escola, para o ofício de professora, veio confirmar um dos fatores que circundou a história da educação do Brasil, o ingresso do professor leigo e a entrada da mulher no ofício de professora foi uma conquista em “certos” aspectos, mas significou também uma junção de ventre e educação, um trabalho de extensão da lar.

No espaço da escola a mulher cumpria o que usualmente estava determinado visto que:

[...] A responsabilidade feminina nunca deveria transpor as fronteiras do lar, nem ser objeto de trabalho assalariado. O trabalho somente poderia ser lícito se significasse cuidar de alguém, doar-se com nobreza e resignação, e servir com submissão, *qualidades inerentes às mulheres*, premissas com as quais também se afinavam profissões ligadas à saúde, como enfermeira ou parteira. A ideia de alocar às mulheres a sagrada missão de educar transitou por décadas no imaginário social. (SAVIANI e ALMEIDA, et. al., 2006, p.71).

Embora não seja objeto de análise nesta pesquisa notamos os vestígios dessas concepções sobre a mulher nos espaços públicos assumidos por Oliva Enciso.

1.5.1 A inserção de Oliva Enciso na educação

Desde o falecimento do progenitor da família as dificuldades econômicas permearam a trajetória de Oliva Enciso, e é por essa escassez monetária que tornou-se professora. Durante cinco anos trabalhou no Instituto Pestalozzi para custear seus estudos do curso ginásial, esses cinco laboriosos anos a transformaram professora em Campo Grande.

[...] E aí começou uma nova fase da minha vida. No dia seguinte de manhã, quando estávamos em forma para entrar em classe, D. Raquel se postou em frente e disse alto para que todos ouvissem: - “De hoje em diante, vocês têm de chamar a Oliva de “DONA OLIVA²³”, porque ela também é professora!” – Meus colegas me olharam com um mudo sorriso e até eu achei graça, como o pessoal de casa também. [...].
Das 7:30 às 11:30 – Aulas do Ginásio
Das 13:00 às 16:30 – Aula do Primário. Depois eu vinha para casa e ia ajudar dar banho em 5 crianças: Conchita e Carminha (minhas irmãs) e Nilza (que faleceu com 8 anos) Neusa e Mariazinha. [...]

²² Grifo do autor.

²³ Grifos do autor.

O Prof. Tessitore me orientava: não devia falar muito alto e nem ter preferência por aluno; devia ser justa nas notas; não exigir mais do que 15 minutos de atenção, nas aulas teóricas; devia saber o que eu ia ensinar etc. (ENCISO: 1986, p. 20 e 21).

O ingresso de Oliva Enciso na docência ocorreu no período de 1925 a 1930. A docência nessa época era uma das profissões que possibilitavam visibilidade às mulheres e é por ele que Oliva Enciso é por assim dizer foi introduzida no espaço público de Campo Grande, e posteriormente no espaço político municipal e estadual. O contexto social da história de Oliva Enciso leva-nos a entender suas escolhas, e ser professora não fora sua escolha, fora circunstâncias da vida.

Oliva Enciso fora professora em um momento em que segundo Benathar (1981) o Brasil passava pela pior estatística de analfabetismo existente e somente a classe média alta do país tinha acesso à escola. Um período de grandes movimentos em prol da educação que contou com a energia e o trabalho de nomes como Anísio Teixeira.

Em 1930 a Revolução traz Anísio Teixeira para o Distrito Federal. O ocaso da República Velha enche brasileiros de esperanças democráticas. Com elas a função social da escola consequentemente se amplia. A escola primária pública, comum e obrigatória mobiliza a elite intelectual de então. O povo bate às portas da escola média e luta com consciência mais larga pelo seu acesso à escola. A experiência na América levou Anísio ao encontro com a cultura brasileira. O conformismo da população face ao absurdo de ter apenas 9% das crianças frequentam a escola - e que ele encontrara na Bahia 5 anos antes - parecia agora passado longínquo. O povo queria escola. Anísio Teixeira parte com redobrados esforços para a Reforma do Distrito Federal. Nesta fase é que nasce, para nós brasileiros, a ciência pedagógica; e, por assim dizer, pedagogicamente, entre nós, o alvorecer do século XX. Sobrevém o Manifesto da Escola Nova de 1932 e aglutina-se à volta de Anísio Teixeira a única geração pedagógica que o Brasil conheceu, a qual nos referimos atrás. Este grupo ensaiava as primeiras ideias que resultariam posteriormente, como veremos adiante, em praticamente todas as realizações da pedagogia no Brasil. (BENATHAR, 1981, p.01 e 02).

Anísio Teixeira somando-se a outros pensadores suscitava as concepções de educação até aquele momento criando as ciências pedagógicas, e pela primeira vez na história da educação cria um movimento em prol da escola para todos. Na década de 1930 circulavam em Mato Grosso publicações de professores, jornalista, padres e homens de influência social, preocupados com a educação das crianças:

Ao lado da boa vontade, sempre demonstrada, com espírito de sacrifício, pelo magistério público e particular, somos adeptos fervoroso de um systema de educação moral e cívica, capaz de ensinar às crianças de hoje, que serão os homens de amanhã, a necessidade imperiosa do culto da Patria, na sua História, mas suas tradições e nos feitos dos seus heroes. [...] A exemplo do que se faz em São Paulo, colheríamos grandes fructos, na formação do character das crianças, commemorando com festas infantis, o dia da arvore, aproveitando a oportunidade para ministrar-lhes

ensinamentos práticos de botânica. (SEM AUTOR, Revista Folha da Serra, “Educação”, 07 de setembro de 1937²⁴. C.C. ano IV, nº 37 a 48, p. 26).

Para Benathar (1981) na década de 1930 a preocupação foi com o acesso das crianças à escola primária visto que apenas 9% a frequentavam. Os mato-grossenses expressam a preocupação genérica fincada na educação moral cívica alicerçada na mentalidade tradicionalista de ensino em que as práticas pedagógicas priorizavam o conteúdo como centro da proposta de ensino da construção do homem nacionalista.

O Instituto Pestalozzi de Campo Grande não era uma instituição educacional primária pública e não encontramos nos depoimentos e nem nos documentos informações relativas à docência de Oliva Enciso, estivemos no antigo Colégio Pestalozzi, hoje Colégio Dom Bosco, porém os documentos desse período não encontram-se na instituição. A escola/educação constituiu-se na bandeira de luta de Oliva Enciso que pode ser aferida em seus discursos e em suas ações, amalgamada em sua história de vida, algo impossível de desassociar-se, alicerce da construção da memória coletiva, eternizando-a enquanto “professora para sempre de Campo Grande”²⁵.

Nos documentos da Academia Sul mato-grossenses de Letras também consta “Profissão-Professora-aposentada” assinalando o período de 1925 a 1930 e uma das poucas evidências dessa data. No entanto, na declaração de tempo de serviço da Prefeitura de Campo Grande afere que Enciso foi aposentada na função de inspetora de ensino:

²⁴ Convenção ortográfica do ano da documentação.

²⁵ Palavras da professora doutora Ana Lucia Nunes da Cunha Vilela durante a qualificação.

Imagem 02 - Declaração de tempo de serviço de Oliva Enciso


 PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
 Estado do Mato Grosso do Sul
 Secretaria Municipal de Administração

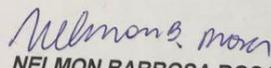
DECLARAÇÃO

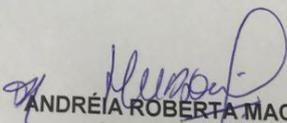
Declaramos, para fim de comprovação funcional, que **OLIVA ENCISO**, cadastro: 13773 inscrito(a) no CPF nº 019.548.221-20, nascida em 17/04/1909, natural de Corumbá MS filha de SANTIAGO ENCISO e MARTINHA FLORENTIN ENCISO, foi servidor(a) público(a) municipal desta Prefeitura, CNPJ: 03.501.509/0001-06, com a seguinte evolução funcional no cargo, desde o seu ingresso no Município de Campo Grande, a saber:

| Cargo/Função | Período | Provimento |
|--------------------|-------------------------|------------|
| Inspetor de Ensino | 04/11/1930 a 18/10/1962 | Concurso |

Servidora aposentada com 31(trinta e um) anos e 11 (onze) meses e 12 (dose) dias de tempo de serviço.

Por ser verdade, firmamos a presente.
Campo Grande/MS, 30 de outubro de 2017.


NELMON BARBOSA ROSA
 Gerente de Controle Funcional
 Gerência de Controle Funcional


ANDRÉIA ROBERTA MACIEL DA SILVA
 Superintendente de Gestão
 de Recursos Humanos

Fonte: Recurso Humanos da Prefeitura de Campo Grande.

Na autobiografia Oliva Enciso grafou que ingressou na Prefeitura de Campo Grande em 1930 enquanto datilógrafa-amuense, porém como afere no documento acima aposentou-se na função relacionada ao ensino, não conseguimos uma explicação para tal mudança, porém a partir do envolvimento de Oliva Enciso na educação é possível, a nosso ver, afirmar que o seu envolvimento com a educação a fez permanecer à frente das questões educacionais em seu município.

Porém, reitera-se que Oliva Enciso rompera com o espaço privado desde o momento que fora trabalhar na escola em troca da mensalidade da escola, rompe com as concepções do legado matrimonial traçado para a mulher.

Segundo Hypólito (1997) o ofício de professora tinha sua similitude com a função de cuidar de crianças, algo que foi demarcante com a possibilidade de compatibilização de horários entre afazeres domésticos e o magistério, essa característica proporcionaram uma aceitação social.

Dentre as características que permitiriam o ingresso maciço das mulheres na profissão de ensinar ou dentre as características femininas que se adequavam às da profissão podem ser destacadas: a proximidade das atividades do magistério com as exigências para as funções de mãe; as “habilidades” femininas que permitem um desempenho mais eficaz de uma profissão que tem como função cuidar de crianças [...]. (HYPÓLITO, 1997, p.55).

Ao atuar como professora aos 16 anos de idade Oliva Enciso exercera o ofício como uma extensão daquilo que a sociedade idealizava e permitia para a mulher, a mesma seguiu a cultura da época, pois a tradição ditava que a mulher sabia cuidar de qualquer criança pelo simples fato de ser mulher.

As fontes documentais e memorialistas utilizadas na referida pesquisa apontam para as ações, o envolvimento e o compromisso de Oliva Enciso com a educação estendida também na aceção de assistência social, concretizadas na fundação da Escola Miguel Couto vinculada ao orfanato que Oliva Enciso fundou e administrou.

É necessário assinalar que em 1939 Oliva Enciso já era funcionária municipal e exercia o cargo de inspetora de ensino o que leva-nos a interpretar a atitude tomada a partir de um passeio, ou seja, as providências da inspetora de ensino que estava a passear na Chácara Miguel Couto. Passeio relembado por ela mesma a Rosa (2005).

Fomos um dia passear na Chácara Miguel Couto, no tempo em que era ainda da Prefeitura. Havia uma horta, ao lado da qual japoneses trabalhavam. Na casa humilde, vi escrita no quadro-negro uma conta de somar. Descobri que o professor era o chefe da casa, ao mesmo tempo que recordei as palavras de Miguel Couto sobre o fato de que no Japão o pai era o professor dos filhos. Fui a várias casas de japoneses (cujos filhos hoje são engenheiros ou médicos), comecei a visitar as famílias da redondeza e a sentir na própria carne as dificuldades da pobreza, o que me levou a dirigir um ofício ao governador Júlio Müller comentando a precariedade do local e solicitando a nomeação de uma professora para a escola que instalamos num depósito da Prefeitura. Como em Campo Grande naquela época, não havia escola primária, arregimentei um grupo de pessoas interessadas e passamos a fazer assistência domiciliar, para atender as crianças sem escola. A meu pedido, Dr. Fernando Correia da Costa fundou sete escolas no então estado de Mato Grosso. Em 1948, consegui dele a criação no

município de Campo Grande da Seção de Educação e Assistência Educacional de que fui a primeira titular. (ROSA, 2005, p.15 e 16).

Na ata de fundação da Filantropia administrada por Oliva Enciso registra-se os encaminhamentos “oficiais” para a resolução dos problemas encontrados durante o referido passeio da inspetora de ensino.

[...] a Srta. Oliva Enciso, que expôs o seguinte: A 14 de Setembro de 1939, os Srs. Antonio de Albuquerque, Ten. Waldemar de Souza Bezerra e ela se dirigiram ao Exmo. Sr. Júlio Muller, M.D. Interventor Federal de Mato Grosso, a seguinte petição: “Os abaixo assinados expõem a V. Exa. o seguinte: 1) Existem, nas cercanias da Chácara Municipal de Campo Grande”, onde se encontra uma das represas de água, umas 70 crianças em idade escolar, bem assim, mais de 50 do lado oposto, ao redor da olaria do Sr. Antonio da Silva Vendas. 2) Estas duas localidades, vizinhas distam [deve ser distante] do centro da cidade, mais ou menos 4 Km, não havendo nas imediações nenhuma escola. 3) O Sr. Vendas oferece mobiliário necessário e uma das peças de sua olaria, desde que ali se instale uma escola. 4) A Chácara Municipal tem a área de mais ou menos 15 hectares, com ótimas terras para a agricultura. Pelo exposto e confiantes no desvelo de V. Exa. em resolver os assuntos educacionais no Estado [...]. (Ata de fundação da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, Campo Grande, 1985).

A resolução descrita na referida ata de fundação pode ser vista por três prismas: o primeiro, a atitude de inspetora, ou melhor, a decisão da inspetora para resolver o problema das 70 crianças em idade escolar que estavam à margem do sistema público de educação por falta de construção de escolas. Segundo, a inspetora juntamente com os senhores Antonio de Albuquerque e o Ten. Waldemar de Souza Bezerra enviaram ao Interventor Júlio Müller um abaixo assinado expondo a situação das crianças apontando as possíveis soluções. Em terceiro, tudo nos leva a crer que o Interventor ignorou a petição encaminhada pela Inspetora e pelos dois senhores citados, levando-nos a entender que pode ter sido esse um dos motivos mais veementes que a impulsionou a criar a Filantropia nas dependências da Prefeitura Municipal lócus de trabalho da Inspetora de Ensino, dando por assim dizer um revestimento público institucional para a Filantropia.

Nota-se no trecho da referida ata o compromisso da prefeitura municipal em criar uma escola na olaria do senhor Antonio da Silva Vendas, porém, a Escola Agrícola²⁶ nunca foi criada. Ao cotejarmos os dados de fato Júlio Müller era o responsável no estado em receber a

²⁶A escola agrícola é citada em muitas entrevistas e nos próprios documentos oficiais da Sociedade Miguel Couto, além de citada no livro *Pensai na Educação Brasileiro* (1990), porém segundo Eduardo Fontoura de Freitas chegaram a ganhar a área do prefeito Lúdio, mas dado que a mesma fora o local onde o filho do prefeito foi assassinado, este em um ato de dor justifica para os membros da Sociedade Miguel Couto esse ser o motivo para não doar a área, assim a negociação não ocorre e fica somente a idealização de Oliva Enciso que lutou muito para criar essa Escola Técnica, e é nesse ensejo que ela conhece o SENAI.

solicitação remetida por Oliva Enciso e fora o interventor federal que propiciou investimentos e avanços na década de 1940 em Mato Grosso.

Em relatório apresentado ao presidente Getúlio Vargas no período de 1939-1940 o interventor Júlio Müller, declarou que estava tentando suprir as necessidades educacionais [...] Avaliando a atuação de seu governo na educação, Júlio Müller destacou que no ano de 1941, pelo Decreto nº 53, de abril do respectivo ano, foram criadas em Mato Grosso 100 escolas rurais e que nesse mesmo período seu governo dispendeu com “a educação e instrução pública o total de 2.722.693, 400 (cruzeiros), em cujo cômputo não se incluem as importâncias que foram aplicadas na construção, e conserta de prédios escolares [...].(RELATÓRIO, 1941-1942, p.17)”. (ASSIS E SILVA, 2014, p.72).

Oliva Enciso participou de um momento histórico de Mato Grosso em que presenciou passos rumo aos avanços que viriam acontecer no que tange a oferta de escolas públicas no Estado. Esteve no processo e participou das conquistas para o campo educacional além de mediar a criação de algumas escolas.

Por indicação do ex-governador Fernando Correa da Costa Enciso foi membro do Conselho Estadual de Educação no ano de 1964, assumiu o mandato por dois anos, fato mencionado na sua autobiografia, uma das evidências de que fora atuante no espaço público educacional.

1.6 Além de datilógrafa-amanuense

Já assinalamos que Oliva Enciso tornou-se funcionária pública para exercer a função de datilógrafa-amanuense por indicação do Coronel do Exército Antonino Mena Gonçalves, nomeado pelo presidente da República Getúlio Vargas como Interventor Federal de Mato Grosso o qual naquele momento tinha a missão de combater o poder das oligarquias políticas dos coronéis usineiros em Mato Grosso.

Na autobiografia Oliva Enciso registra que o emprego na prefeitura foi mediado pelo mencionado coronel em sinal de gratidão por sua família ter “ocultado a esposa” durante a revolução, pode-se dizer uma decisão de fórum íntimo, talvez por isso nas atas e nos documentos do Arquivo Municipal de Campo Grande - ARCA, isto não esteja registrado. No entanto pode-se inferir que certamente o coronel indicou Oliva Enciso porque conhecia e sabia que a mesma possuía formação e capacidade (e de fato Oliva Enciso havia concluído o curso normal e terminado o primeiro ano do curso de medicina) para assumir o cargo. Nosso

argumento alicerça-se no sentido do termo amanuense: 1- o que copia textos a mão, secretário. 2- funcionário de repartição pública, responsável por registros e da correspondência²⁷.

A autobiografia e os demais documentos pesquisados atestam que Olivia tinha formação e sobretudo era uma aprendiz atenta, se assim podemos dizer, aos avanços do sistema educacional, em outras palavras esteve à frente de seu tempo, o que pode ser averiguado na sua atitude de criar a Seção de Educação e Assistência Social em Campo Grande.

Mas eu queria mesmo era uma SEÇÃO DE EDUCAÇÃO, que eu vinha pleiteando há tempos, até que em 1948, o Dr. Fernando Correa da Costa criou a SEÇÃO DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA EDUCACIONAL, que organizei e dirigi com a colaboração da notável Profª ELISA AUGUSTA DA SILVA e todo apoio do então Secretário Dr. Wilson Barbosa Martins. (ENCISO, 1986, p. 33).

Chamo-nos atenção o fragmento: “mas eu queria mesmo era uma SEÇÃO DE EDUCAÇÃO, que eu vinha pleiteando há tempos, [...]”, isso indica que a educação consistia em sua preocupação primordial, se considerarmos que Oliva Enciso iniciou seu trabalho na prefeitura em 1930.

Podemos compreender no significado das palavras “que eu vinha pleiteando há tempos” que Oliva Enciso possuía conhecimento dos procedimentos legais e organizativos para o desenvolvimento do sistema educacional de seu município. A secretária-amanuense era segura das necessidades educacionais do município quando propôs a criação da “SEÇÃO DE EDUCAÇÃO”.

Após a criação da referida Seção fomentou-se a criação de escolas pela prefeitura de Campo Grande, uma visão que destaca-se fundindo com as tendências educacionais nível de Brasil.

Desde de 1930 já haviam leis tais como o decreto de 01 de dezembro de 1930 que “Dispõe sobre os serviços que ficam e cargo do Ministério da Educação e Saúde Pública, e dá outras providências”. O referido decreto cria os departamentos da Educação e da Saúde o que aponta para um novo olhar para a organização das políticas públicas de ensino.

Art. 3º Ficam pertencendo ao Ministério da Educação e Saúde Pública os seguintes estabelecimentos, institutos e repartições:
I. Subordinados ao Departamento Nacional do Ensino:
a) Universidade do Rio de Janeiro;
b) Escolas Superiores Federais, localizadas nos Estados;
c) Instituto Benjamim Constant;
d) Escola Nacional de Belas Artes;
e) Instituto Nacional de Música;

²⁷ Dicionário online acesso 26/12/17.

f) Instituto Nacional de Surdos-Mudos;
 g) Colégio Pedro II (Interno e Externato);
 h) Biblioteca Nacional;
 i) Museu Nacional;
 j) Museu Histórico Nacional;
 k) Casa de Rui Barbosa;
 l) Escolas de Aprendizes Artífices;
 m) Escola Normal de Artes e Ofícios Venceslau Braz;
 n) Observatório Nacional; e
 o) Superintendência dos Estabelecimentos de Ensino Comercial.
 II. Subordinados ao Departamento Nacional de Saúde Pública:
 Os serviços que dele atualmente fazem parte.
 III. Constituindo o Departamento Nacional de Medicina Experimental:
 a) Instituto Oswaldo Cruz; e
 b) os estabelecimentos federais congêneres existentes no País.
 IV. Constituindo o Departamento Nacional de Assistência. Pública:
 Os serviços que atualmente estão incluídos na Assistência Hospitalar e, além deles, os da Assistência a Psicopatas.
 Parágrafo único. A organização ou reorganização dos serviços acima enumerados será, feita sem aumento de despesa em relação ao quantitativo total das verbas atuais, a não ser que, no orçamento de 1931, sejam a esse fim destinados recursos especiais.
 [...]
 Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1930, 109º da Independência e 42º da República.
 GETULIO VARGAS
 Osvaldo Aranha.
 J. F. de Assis Brasil.
 Francisco Campos.

Por fim compreende-se a expertise política de Oliva Enciso, visto que nem todos os municípios do estados haviam se proposto a organizar uma Seção para a Educação.

[...] até que em 1948, o Dr. Fernando Correa da Costa criou a SEÇÃO DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA EDUCACIONAL, que organizei e dirigi com a colaboração da notável Profª ELISA AUGUSTA DA SILVA e todo apoio do então Secretário Dr. Wilson Barbosa Martins. (ENCISO, 1986, p. 33).

Enfim reitera-se o decreto N. 19.444 que criou o Ministério da Educação e Saúde Pública e sucessivamente a organização do departamento de educação por Gustavo Capanema²⁸, indicando primeiros avanços para a educação pública. A partir do decreto de Getúlio Vargas é possível aferir que no período de criação da escola Miguel Couto a visão de assistência social fundia-se ao atendimento escolar, uma realidade nos meados do século XX. Assim compreendemos que Oliva Enciso reproduzia essas concepções, uma visão advinda da

²⁸[...]Gustavo Capanema foi o homem que representou a política e os ideais do Estado Novo na cultura e na educação brasileira. Capanema foi ministro da Educação e Saúde de Vargas, entre os anos de 1934 a 1945, quando realizou obras importantes, entre as quais se destaca a criação de órgãos nacionais como a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e o Instituto do Livro. (http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069_10.html, Biografia, consulta em 27 de novembro de 2017).

fusão da Educação com a questão da Saúde Pública. Somente em 1953 ocorre a criação do Ministério da Saúde e sua desmembramento da Educação Pública.

É importante registrar que antes da consolidação da Seção da Educação que ocorrera em 1948, Oliva Enciso participou intensamente da Campanha CNEC-CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS DA COMUNIDADE com início em Mato Grosso em 1943, da qual fora Presidente da seção estadual em 1948 tendo fundado ginásios no Norte e no Sul de Mato Grosso. Rosa (1999, p. 247) escreveu que “na esteira das realizações, Oliva Enciso²⁹ percorreu a partir de 1950 o então Estado de Mato Grosso, implantando os ginásios da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, criada por Felipe Tiago Gomes”.

CNEC- CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS DA COMUNIDADE, inicialmente “Campanha Nacional de Educandários Gratuitos” – Com o fundador dessa Campanha – o Prof. Felipe Tiago Gomes – e outras pessoas foi instalada a Seção Regional de Mato Grosso, da qual foi por muito tempo sua Presidente, desde a sua instalação em 1948, tendo instalado com a colaboração da Prof. Maria Constança de Barros Machado e do Inspetor Federal Dr. Amélio de Carvalho Baís, 7 Ginásios gratuitos em Mato Grosso: - o Barão do Rio Branco em Campo Grande; o Dom Aquino Correa em Cuiabá e outro em Rondonópolis, Porto Murtinho, Bela Vista, Guia Lopes da Laguna e em Rio Verde de Mato Grosso. (Trecho do Documento do arquivo da Academia Sul mato-grossense de Letras, na pasta de Oliva Enciso, sem assinatura).

Em sua autobiografia Oliva Enciso afirma ter participado da criação de sete educandários no Estado de Mato Grosso Uno. Segundo Rosa (1999, pp. 247 e 248) Enciso inaugurou inúmeros ginásios noturno, um deles foi o Ginásio Barão do Rio Branco, embrião da Campanha da CNEC em Mato Grosso Uno, o que permitiu a continuidade dos estudos de centenas adolescente, numa época em que terminado o primário os estudantes viam cerceada a vontade de aprender por falta de escolas públicas.

A “Escola Cenecista de Educação pré-escolar e 1º grau Oliva Enciso”, em homenagem a ela, funcionou segundo Assis e Silva (2015) até o ano de 2012 e “o objetivo da CNEC era ofertar o ensino secundário a estudantes necessitados que possuíam o desejo de estudar, que por não ter condições não o faziam. Tal problema era presente em todo o Brasil, visto que o Estado não conseguia atender às necessidades educacionais”. As autoras em questão ainda grafam que: “a Campanha nacional dos Educandários Gratuitos originou-se com a finalidade de oferecer aos “desfavorecidos” o curso de ensino secundário, gratuitamente, tendo como auxílio os poderes públicos”. (ASSIS E SILVA, 2015, p.197).

²⁹ Acréscimos nosso.

Oliva Enciso desligou-se da campanha em 1968³⁰. Para Assis e Silva (2015, p.212), “observa-se que o Ginásio Barão do Rio Branco esteve sob olhar atento de Oliva por quase 20 anos desde sua fundação, deixando um considerável legado para com a educação no estado”. O prédio é administrado pela Prefeitura Municipal e segundo a secretária escolar os documentos dessas mudanças não encontram-se na escola que hoje tornou-se o Centro de Educação Infantil Eleodes Estevan.

A preocupação de Oliva Enciso com a educação também foi perceptível em outras modalidades de ensino, também envolveu-se com a Educação Especial. Nos documentos e memorandos da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Campo Grande- APAE registra-se que a mesma foi a primeira presidente da instituição nos anos de 1967 a 1971, a constar na galeria dos presidentes exposto no salão de recepção e na homenagem no nome “Clube de mães Prof.^a Oliva Enciso” destinado à oficinas para mães dos alunos da APAE inaugurado em julho de 2016, que traduz a consideração da instituição à professora Oliva Enciso.

Em um histórico produzido pela direção da APAE de Campo Grande registra-se:

HISTÓRICO FUNDAÇÃO DA APAE/CG³¹

No dia 10 de junho de 1967, reuniu-se na sede da Associação de Imóveis, sita a Rua D. Aquino nº 339, uma comissão composta dos valorosos colaboradores Srs. Noel Martins, Dom Antônio Barbosa – Bispo Diocesano de Campo Grande, Cel. Faustino Corrêa – Representante do Comandante da 9ª Região Militar, Gabriel Cardoso Ramalho e Wilson Furtado, com a finalidade de fundar esta APAE, bem como, elaborar o seu primeiro Estatuto e eleger a primeira Diretoria que ficou assim constituída:

Presidente - Prof.^a Oliva Enciso
 1º Vice Presidente - Dr. Wilson Furtado
 2º Vice Presidente - Manoel de Castro Pache
 Secretário Geral - Noel Martins
 1º Secretario - Gabriel Cardoso Ramalho
 Tesoureiro – Reginaldo Martins Mendonça³²

No livro “40 anos: velhas questões, novos desafios” contém um memorial dos presidentes e especifica a origem da APAE, na obra atesta que “A Professora Oliva Enciso, apoiada por sua diretoria, trabalhou mantendo a instituição em funcionamento e buscando a constituição de uma escola de educação especial em Campo Grande” (CHACON, 2007, p.10). No site do diário oficial de Mato Grosso em 1976 também consta documento com a assinatura

³⁰ Dado descrito na autobiografia de Oliva Enciso.

³¹ Informações concedidas pela diretora da APAE Claudeci Alves da Silva Mendes, a qual disponibilizou-nos as informações. Os funcionários da APAE reconhecem a importância de Oliva Enciso na estruturação da instituição.

³² Documento concedido para cópia pela diretora da APAE de Campo Grande.

de Oliva Enciso na celebração de contrato na função de secretária da APAE junto presidente da instituição e o governo do estado.

1.7 Reconhecimento do SENAI e do SESI à Professora Oliva Enciso

O Serviço Nacional da Aprendizagem da Indústria- SENAI tem origem em São Paulo e sua construção em Campo Grande foi permeada por obstáculos administrativos os quais foram vencidos um a um por Oliva Enciso que mediou com a empresa os diálogos em nomes dos prefeitos e após persistência trouxe delegado regional de São Paulo o qual afirmou a negociação da instalação da Instituição em Campo Grande, Enciso era inspetora de ensino da prefeitura e nesse período houve mais de um prefeito durante as negociações de terrenos e da contrapartida das mensalidades aos alunos egressos no SENAI.

Segundo os registros³³ essa instituição foi inaugurada em 21 de maio de 1949 em parceria com a prefeitura e ficou 20 anos sob a direção de Afro Puga, cunhado de Oliva Enciso. O reconhecimento do SENAI à Oliva Enciso expressa-se nas paredes do Memorial da Indústria na sede de Campo Grande representada por uma foto e um painel com o seguinte texto:

Não fosse a persistência dessa educadora, o ensino técnico e o serviço social da indústria tardariam a chegar em Mato Grosso. Graças as suas tentativas com Roberto Mange (idealizador do SENAI) e Euvaldo Lodi (presidente da CNI), unidades do SESI e do SENAI foram construídas em Campo Grande já nos de 1940. Oliva dedicou toda a sua vida à educação, tendo sido a responsável pela implementação de ginásios e cursos superiores na região que hoje abriga o Estado de Mato Grosso do Sul [...]. (Fonte: Memorial da Indústria no SENAI de Campo Grande³⁴).

Oliva Enciso está entre os fundadores e idealizadores do SENAI que em reconhecimento a seus serviços prestados a instituição resolve reeditar e publicado em 2004 duas obras de Oliva Enciso, *Mato Grosso do Sul: Minha Terra e Palavras de Poesia*. Na declaração do Presidente do grupo SENAI notamos o reconhecimento de Oliva Enciso:

Está no fato histórico a vinda do SENAI e do SESI para o Mato Grosso do Sul, a proximidade que essas instituições e a professora Oliva Enciso cultivava, há 55 anos. Em razão desse mútuo bem querer, o Sistema FIEMS reeditou, em 2003, o livro *Mato Grosso do Sul minha Terra*, de autoria da ilustre educadora, uma obra rica em detalhes históricos e contos interessantes sobre o nosso Estado. Agora, não se poderia deixar fugir a oportunidade de contribuir para que os sul-mato-grossenses primeiro e os

³³ Autobiografia de Oliva Enciso e documentos do Memorial da Indústria do SENAI DE Campo Grande.

³⁴ Visita ao Memorial da Indústria na sede de Campo Grande em 30 de janeiro de 2017.

brasileiros todos conheçam um lado, para a maioria novo, da mestra, escritora, historiadora, artista plástica³⁵ e também e muito bem, poetisa. (Nota de Alfredo Fernandes Presidente da Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul/ 2003).

Na comemoração dos 50 anos do SESI em um catálogo ilustrado no ano de 1998 está impresso uma foto de Oliva Enciso e sete páginas traz a narrativa de Oliva Enciso também presente na obra *Mato Grosso do Sul: Minha terra* (1986), legitimando assim os relatos da sua autobiografia.

MATO GROSSO DO SUL COMEMORA MEIO SÉCULO DO SESI

O pioneirismo de Oliva Enciso abriu os caminhos para grandes atividades sociais no então Estado de Mato Grosso. Campo Grande, importante centro urbano, foi a primeira cidade a receber todas as atenções da Confederação Nacional da Indústria, com a implantação do Serviço Social da Indústria, em 1º de dezembro de 1948. (Catálogo ilustrado do SESI, 1998, texto de abertura).

Na revista *Executivo Plus* (1979, p.36) Célia Teixeira grafou em um artigo:

Se Mato Grosso do Sul conta atualmente com cerca de 10 mil indústrias que representam 17% na arrecadação estadual, deve ao espírito combativo de pessoas de pessoas empreendedoras e arrojadas como Oliva Enciso e Jorge Elias Zahran.

Diante dos documentos podemos aferir que Oliva Enciso fez parte não apenas da criação do SESI e SENAI, porém participou do desenvolvimento econômico de Campo Grande fomentando cursos para a formação de mão de obra para a indústria e comércio.

Junto à vinda do SENAI em 1948 o Serviço Social da Indústria - SESI³⁶, um ano antes Oliva Enciso também movimentou a instalação dessa instituição. Na sua autobiografia consta que: “colaborei na organização da Casa da Aprendizagem Doméstica, que começou a funcionar em 1º/12/48 e que, posteriormente, passou a chamar-se ESCOLA DE FORMAÇÃO DOMÉSTICA ROBERTO SIMONSEN³⁷”. (ENCISO, 1986, p. 100), fato reconhecido também por vários depoentes e no referido catálogo do SESI.

A diretoria do SESI concedeu-nos uma cópia de uma ata³⁸ em que grafa a inauguração da sede própria com data que remete a 17 de dezembro de 1966, na qual Oliva Enciso redige o documento e declara-se “orientadora de atividades sociais e supervisora do serviço social do

³⁵ Informação de que Oliva Enciso era artista plástica não foi encontrada.

³⁶ Tem por objetivo de promover a expansão de ações de educação básica para jovens e adultos trabalhadores, mediante oferta cursos supletivos equivalentes aos diversos níveis do ensino fundamental, e alfabetizar a população acima de 14 anos (SESI -50 ANOS – CATÁLOGO ILUSTRADO, 1998, p. 49).

³⁷ Foi o patrono da Escola de Formação Doméstica, núcleo do SESI em Campo Grande (Fonte: Catálogo ilustrado do SESI ano 1998).

³⁸ Cópia concedida a nós em 30 de janeiro de 2017 e não consta em anexo na referida dissertação.

núcleo regional de Campo Grande”. Conforme asseverou em sua autobiografia seu contrato com o SESI foi rescindido em 09 de maio de 1968 a pedido seu. Participou da gestão do SESI por vinte anos.

No memorial da Indústria também estão documentos da fundação do SESI e em um dos painéis registra-se: “SESI- Criação do núcleo regional de Campo Grande, subordinado ao Departamento Nacional do SESI, e inauguração da Escola de Formação Doméstica Roberto Simonsen, idealizada pela educadora *Oliva Enciso*”³⁹.

1.8 Contribuição da Deputada Oliva Enciso na criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia

Nos dados levantados e a partir da memória dos depoentes destaca-se a contribuição de Oliva Enciso para a criação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Reitera-se que mesma formou-se em Farmácia na faculdade de Farmácia e Odontologia no ano de 1932, segundo dados do livro de Hércules Maymone foi a referida faculdade um princípio para a criação da UFMS. Na obra *Da Farmácia e odontologia à Universidade* de Hércules⁴⁰ Maymone registrou suas memórias e por extensão a memória da criação da UFMS.

Grupo de Trabalho de Pró Instalação

Of. Circ. nº1- Campo Grande, MT, em 19 de fevereiro de 1963

Ao Exmo Sr.

Participação

1-Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, consoante Portaria n.º33/63, de 1.º do corrente ano, do Exmo. Sr. Governador do Estado, Doutor Fernando Correa da Costa, foi criado o Grupo de Trabalho destinado a proceder a instalação da Faculdade de farmácia e Odontologia de Mato Grosso, com sede em Campo Grande, criada pela Lei nº 1755, de 9 de novembro do ano próximo passado.

2- Referido grupo tomou posse dia 14 do mês em curso e está integrado dos seguintes membros:

Prof. Oliva Enciso, Representante do Governo⁴¹

Farm. Hercules Maymone

Farm. José de Menezes

Farm. Aloysio Americano Magiano Pinto (MAYMONE, 1989, P. 52).

³⁹ Fonte: painel do Memorial da Indústria do SENAI, visita em 30 de janeiro de 2017.

⁴⁰ Fundador da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

⁴¹ Grifo nosso.

Oliva Enciso era membro comissão de criação do curso de Farmácia e Odontologia e na função de presidente do referido grupo e trabalho solicitou ao governo do Estado à criação da Faculdade de Farmácia e de Odontologia de Mato Grosso.

É necessário acentuar que nessa época Oliva Enciso exercia o cargo de deputada estadual e era também membro do Conselho Estadual de Educação, portanto era por assim dizer o canal direto entre os membros do grupo de trabalho e o poder político. Na obra: *Da Farmácia e odontologia à Universidade* (1989) constam ofícios e telegramas mostrando a mediação de Enciso: “dirigimo-nos à Deputada Oliva nos seguintes termos: Tomamos liberdade de agradecer inestimável serviço e brilhante atuação resultou criação Faculdade. Saudações Hércules Maymone”. MAYMONE (1989, pp.46 e 47). A foi criada pela lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961.

Rosa (1999, p.249) categoricamente afirma que Oliva Enciso “foi uma das molas mestras da criação da Faculdade de Odontologia e Farmácia, célula base da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

1.9 Reconhecimento da prefeitura de Campo Grande

O prefeito Lúdio Martins Coelho criou em 06 de dezembro de 1985 no Bairro Tiradentes a “Escola Professora Oliva Enciso” outro reconhecimento pelas contribuições da Enciso para Campo Grande.

Flávia Lima escreveu no Jornal Folha do Povo em 09 de março de 1999 o artigo “Oliva Enciso – Coragem marca a vida de professora” em que registrou:

GERAL/POLÍTICA OLIVA ENCISO

Coragem marca a vida de professora Com determinação, Oliva Enciso, hoje com 89 anos, ajudou a construir a história da educação na região Centro-Oeste

Por Flávia Lima

A vida de Oliva Enciso se confunde à história da educação do Estado. Esta professora aposentada, que completa 90 anos em abril, participou dos momentos mais importantes do setor educacional da região Centro-Oeste.

Apesar da fala mansa e aparência frágil, Oliva não esconde a mulher corajosa e ousada que foi para o seu tempo. Entidades como SESI, SENAI e até o antigo IPEMAT- Instituto de Previdência – hoje PREVISUL, foram entidades criadas graças ao empenho de uma mulher que nem sonhava que dedicaria uma vida inteira à assistência social e na formação de crianças.

Apesar de seu trabalho e conquistas, o interesse pela educação demorou um certo tempo para despertar em Oliva. Parece mentira, mas ela conta que até a sua juventude não gostava de estudar.

Nascida na fazenda Taquaral, em Corumbá, ela frequentou o curso primário até o dia em que a professora pediu que recitasse uma poesia chamada “Borboletas”. “Fiquei com raiva e não voltei mais, na verdade gostava de liberdade”, lembra.

O que ela gostava mesmo era de trocar os bancos da escola por pescarias no rio. Apesar da insistência dos pais em retomar os estudos, Oliva preferia aprender por conta própria, com a vida.

Com a morte do pai, Oliva mudou-se para Campo Grande com a mãe, Martinha Enciso, e as cinco irmãs. Ao chegar na cidade, ela foi morar em uma casa na Rua barão do Rio Branco.

Não demorou para Oliva se adaptar à nova realidade. A única coisa que continua igual era o desinteresse pelos estudos. O que a fez mudar de ideia foi um livro de pensamentos e orações de sua irmã, que ela descobriu sem querer.

A frase “um dia Deus pedirá contas do que fizemos com os dons que Ele nos deu” não saiu mais de seu pensamento. “Decidi me matricular no colégio Spencer e tornei-me uma boa aluna” ressalta.

Em 1924, Oliva foi estudar no antigo Pestalozzi – onde hoje é o Colégio Dom Bosco – a convite do próprio diretor. Como a família não podia arcar com as despesas, o diretor João Tessitori Júnior, acreditando em seu potencial, assumiu os gastos. “Aí não tinha mais jeito de escapar da sala de aula”, conta.

INÍCIO DA CAMINHADA – A vida de Oliva começou a mudar a partir do dia que o diretor designou-lhe uma classe com 45 alunos de 4ª série. “Fiquei apavorada e saí correndo atrás dele dizendo que eu não sabia lecionar, mas ele me acalmou dizendo que me ensinaria”, diz.

A professora não faz ideia de quantas crianças passaram por suas mãos, mas recorda de alguns casos envolvendo alunos ilustres, como o ex-senador Rachid Derzi, pai do deputado federal Flávio Derzi. Segundo ela, Rachid chorava muito quando foi estudar no Instituto Pestalozzi e só se acalmou quando foi para a sala de Oliva, tornando-se um dos melhores alunos.

Oliva acredita que hoje a espiritualidade não é bem desenvolvida, por isso as professoras encontram tantos problemas de comportamento. Concluído o ginásio, em 1930, Oliva foi estudar Medicina no Rio de Janeiro, mas ficou apenas seis meses. De volta a Campo Grande, foi trabalhar na prefeitura e passou a dedicar definitivamente à educação, ao ler um artigo de Miguel Couto, onde ele ressaltava que a ignorância era o pior dos males.

Seis anos depois de ler o artigo, ela conheceu uma comunidade de japoneses que trabalhava em uma lavoura sem qualquer infra-estrutura.

Foi aí que ela lembrou da mensagem de Miguel Couto e teve a ideia de criar a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, entidade que desenvolveu ao longo de sua vida foi uma missão. “Fico feliz de ter ajudado tanta gente, mas não fiz mais do que minha obrigação. Fui apenas um instrumento de Deus”, diz.

Vida na política começou em 50.

Oliva conta que nunca se preocupou em saber se as pessoas comentavam sobre seus atos, mas o fato é que ela desafiou as regras da sociedade dos anos 50, quando decidiu ingressar na política. O primeiro cargo foi o de vereadora, que ela exerceu por três anos, pela UDN, convidada pelo então funcionário da prefeitura, Wilson Barbosa Martins.

Seu trabalho se restringe a secretaria da Câmara, mas a aceitação popular foi tanta que ela acabou indo para a Assembleia Legislativa de Mato Grosso, onde foi deputada estadual de 1959 a 1963. Oliva tornou-se a primeira mulher do então Mato Grosso a ingressar na Assembleia. “Não gostava muito de política, mas aproveitava minha posição para conseguir recursos para nossa educação”, conta.

Foi durante seu mandato como deputada que ela agilizou a criação do IpeMAT - Instituto de Previdência, que ainda leva o mesmo nome em Cuiabá. (Jornal Folha do Povo, Campo Grande, pág.17, 09 de março de 1999).

Observa-se que a matéria fora publicada na página política desvelando o reconhecimento de Oliva Enciso nos vários campos sociais. A memorialista de Campo Grande

Maria Glória de Sá Rosa (1999, p. 251) registrou um dos últimos desejos de Oliva Enciso para sua cidade.

Quando lhe pergunto o que desejaria para Campo Grande, ela diz sem pensar duas vezes que a preparação dos professores é peça fundamental para o crescimento de uma cidade. Sem a Educação da infância e da juventude é impossível dar felicidade ao povo. Lembra que as escolas precisariam incluir nos currículos a disciplina Moral e Cívica para defesa e preservação dos valores. Em sua opinião, a parte do desenvolvimento artesanal seria muito benéfica para os alunos, que assim desenvolveriam o gosto pelo trabalho. Para isso, diz ela, precisaríamos preparar os professores. E por fim enfatiza a importância da família, pedra angular de todo o processo educativo. (ROSA, 1999, p.251).

Paul Ricouer (2007, p, 101) proclama que: “Somos devedores de parte do que somos aos que nos precedem”, e, é neste sentido que a história da educação de Mato Grosso e principalmente a do município de Campo Grande reconhece as contribuições da professora Oliva Enciso, reconhecimento que a nós calha como cumprir com um dever. Uma pioneira que nas palavras de Rosa (2005, p.12) “foi personagem determinante nas mudanças que ocorreram em Mato Grosso do Sul [...] alguém que transpôs os limites do eu para conquistar um lugar na história”. Corroborando com esta aceção Assis e Silva (2015, p.56) pontuaram: “Oliva Enciso, mesmo nascida em família pobre, conseguiu elevar sua posição de classe ao ingressar no campo político e participar da criação de importantes instituições educativas em Campo Grande.

CAPÍTULO II

A CRIAÇÃO DA FILANTROPIA E O ORFANATO

2 Filantropia Sociedade Miguel Couto dos Amigos dos Estudantes

A história da infância no ocidente teve como marco a obra de Philippe Ariès (1981), no entanto nesta pesquisa pontuaremos uma breve discussão de informações sobre a infância e de como esta fora percebida no meio social.

[...] nascimento e o desenvolvimento dos dois sentimentos de infância que distinguimos: o primeiro, difundido e popular, “paparicação”, limitava-se às primeiras idades e correspondia à ideia de uma infância curta; o segundo, que exprimia a tomada de consciência da inocência e da fraqueza da infância, e, por conseguinte, do dever dos adultos de preservar a primeira e fortalecer a segunda, durante muito tempo se limitou a uma pequena minoria de leigos, padres ou moralistas. Sem eles, a criança teria permanecido apenas *o poupard, o bambino*, o pequeno ser cômico e gentil com o qual as pessoas se distraíam com afeição, mas também com liberdade – quando não com licença – sem preocupação moral ou educativa. Passados os cinco ou sete anos, a criança se fundia sem transição com os adultos: esse sentimento de uma infância curta persistiu ainda por muito tempo nas classes populares. (ARIÈS, 1981, p.123).

Nas discussões sobre a infância notamos inúmeras concepções, porém nosso olhar volta-se para a criança abandonada na relação com o atendimento ofertado em filantropias e orfanatos a fim de compreendermos porque o orfanato existiu e qual a percepção da criança nesse ensejo. Para Priore (2015) “O orfanato e a prisão de crianças e jovens são imagens que assustam quem está fora deles e apavoram quem está dentro”. (PRIORE, 2015, p. 356).

Nos aportes teóricos sobre a infância assinalaram que a questão do abandono e outras práticas eram comuns no percurso dos séculos. A invisibilidade da criança, o paparico que colocava a criança em posição de utopia, a transferência de cuidados para a ama de leite, o anonimato dentro da própria casa, a mortandade infantil ou o abandono da criança nas ruas, na casa de um ente, na igreja ou em uma entidade filantrópica, são formas que registram concepções de infância e abandono ao longo da história.

Cada século cultivou formas peculiares de perceber a infância.

O infanticídio provavelmente teria sido mais comum no passado se não fosse relativamente fácil abandonar uma criança. O nível de abandono em determinadas cidades era muito impressionante, em particular durante o final do século XVIII e início do século XIX. A prática já tinha uma longa história, obviamente. (HEYWOOD, 2004, p. 103).

O abandono era uma prática que esteve presente ao longo da história e como afirma Heywood (2004) não havia meios legais que repudiassem o abandono, assim a solução cristã mais viável foi levar a criança para as instituições de caridade.

No Brasil a prática social de abandonar crianças não fora diferente dos demais contextos mundiais.

No século XIX, o abandono das crianças nas rodas dos expostos ou o recolhimento em instituições de muitas famílias para garantir a sobrevivência de seus filhos. Viam na misericórdia cristã, materializada nas santas casas uma possibilidade de sobrevivência e esperavam que a sorte trouxesse soluções para um futuro menos desesperador. Acreditavam nas ordens religiosas ou nas iniciativas filantrópicas de particulares como uma maneira de obter os meios para contornar a situação de pobreza que intensificava-se. (PRIORE, 2015, p.350).

No século XX e também no Brasil, segundo assinalam os estudiosos há poucos registros sobre a roda dos expostos, porém ainda pairava um olhar social pela infância que consentia o abandono e a adoção em virtude da miséria extrema dos progenitores; gravidez indesejada ou direcionamento dos filhos para estudarem em entidades religiosas ou filantrópicas, muitas crianças foram entregues às entidades religiosas que aos poucos perderam a força econômica para tal missão.

A caridade confrontada com uma nova realidade econômica e social, foi absorvendo objetivos e táticas da filantropia, como a “prevenção das desordens” por exemplo: a filantropia, por sua vez, não abandonou inteiramente os preceitos religiosos. Além disso, ordens religiosas de caridade fundaram asilos e orfanatos por toda parte. Os salesianos criaram Liceus de Artes e Ofícios com a filosofia de prevenir e remediar os vícios e infrações dos menores, mediante o ensino profissional e remunerado. A ordem de São Carlos veio para fundar asilos para os órfãos e desamparados, filhos de imigrantes europeus. Como o Orfanato Christo foro Colombo, em São Paulo e outro em Vila Prudente. Neste início de século, a maioria das pequenas rodas de expostas já havia desaparecido. [...]. (FREITAS, 2003, p.78).

Um dos projetos de vida de Oliva Enciso o qual envolvera-se até próximo ao seu falecimento foi a criação em 21 de janeiro de 1940 de uma Instituição filantrópica “Sociedade⁴² Miguel Couto dos Amigos dos Estudantes”, que objetivava abrigar aos pobres e desvalidos, como pode ser averiguado na transcrição da ata de criação da referida filantropia e na obra *Pensai na Educação Brasileiros!* (1990) que também relata a criação dessa instituição.

⁴² Nos depoimentos a família e os depoentes referiam-se a esta filantropia enquanto “Sociedade”, em toda produção colocamos em maiúsculas a primeira letra da palavra para especificar que tratamos da filantropia de Oliva Enciso.

Imagem 03 – Cópia da Ata de Fundação da Sociedade Miguel Couto dos amigos do Estudante

4- 21-1-40 uscb

Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante
 Removida da Unidade Pública Federal - Dec. 24.456, de 21-3-70
 Rua Joaquim Martins, 2293 - Telefone 624-2071
 79100 - Campo Grande - Mato Grosso do Sul

CARTORIO DO 4.º OFÍCIO
 Carlos Roberto Kolim
 Campo Grande

★ ★

CÓPIA

ATA DE FUNDAÇÃO DA

SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DO ESTUDANTE

Aos vinte e um dias do mes de Janeiro de mil novecentos e quarenta, no Sa-
 lão Nobre da Prefeitura Municipal de Campo Grande, Estado de Mato Grosso,
 pelas 10.30 horas da manhã, reuniram-se os abaixo assinados para a funda-
 ção de uma sociedade. Assumiu a presidência a Srta. Oliva Enciso, que ex-
 pôs o seguinte: A 14 de Setembro de 1939, os Srs. Antonio de Albuquerque,
 Ten. Waldemar de Souza Bezerra e ela dirigiram ao Exmo. Sr. Julio Muller,
 M.D. Interventor Federal em Mato Grosso, a seguinte petição: "Os abaixo as-
 sinados expõem a V. Exa. o seguinte: 1) Existem, nas cercanias da Chácara
 Municipal de Campo Grande, onde se encontra uma das represas de água, umas
 70 crianças em idade escolar, bem assim, mais de 50 do lado oposto, ao re-
 dor da olaria do Sr. Antonio da Silva Vendas. 2) Estas duas localidades,
 vizinhas, distam do centro da cidade, mais ou menos 4 Km, não havendo nas
 imediações nenhuma escola. 3) O Sr. Vendas oferece mobiliário necessário a
 uma das peças de sua olaria, desde que ali se instale uma escola. 4) A Chá-
 cara Municipal tem a área de mais ou menos 15 hectares, com ótimas terras
 para agricultura. Pelo exposto e confiantes no desvelo de V.Exa. em resolver
 os assuntos educacionais no Estado, solicitam os signatários: 1º) que
 seja criada, ao menos uma escola rural, que funcionará na olaria do Sr.
 Vendas, criando a Prefeitura outra, na sua chácara, conforme promessa do
 Sr. Dr. Eduardo Olympio Machado, M.D. Prefeito Municipal. 2º) que o Esta-
 do auxilie como for possível a instalação e manutenção de uma Escola Agrí-
 cola Profissional, anexa a primária da Chácara Municipal, visto ter o Sr.
 Prefeito dado ampla liberdade de aproveitamento da mesma para esse fim.
 Em vista disso, num dos galpões da chácara, anexo à residência do encar-
 regado da mesma, já vão ser instalados, no mínimo, 5 meninos pobres, para
 o que já estão os requerentes ultimando as medidas necessárias, com o au-
 xílio da Prefeitura, devendo as escolas serem inauguradas em Janeiro pró-
 ximo solenemente. Exmo. Sr. Interventor, a grandiosidade do alcance des-
 te empreendimento, dispensa comentários, pois que, segundo Miguel Couto, o
 maior problema brasileiro é a educação do povo, o que é confirmado por to-
 dos aqueles que pensam e observam a vida nacional. E a maior preocupação
 dos que desejam o soerguimento do país, é resolvê-lo. V.Exa., pelos seus
 atos, tem provado ser este o seu ideal e é por isso que os signatários a-
 guardam deferimento. Campo Grande, 14 de setembro de 1939. aa) - Oliva
 Enciso, Antonio de Albuquerque, Ten. Waldemar de Souza Bezerra." A orga-

(11.05)

Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante

Resolução de Utilidade Pública Federal - Dec. 26.400, de 31-10-34
 Rua Joaquim Marinho, 2295 - Telefons 624-2071
 78100 - Campo Grande - Mato Grosso do Sul

CANTORIO DO 4.º OFFICIO
 Carlos Roberto Rejón
 Campo Grande

nização dessa Escola Agrícola Profissional arrasta outros problemas e se-
 rem resolvidos: assistência, alimentação, vestuário etc. e por isso, aproveitando a boa vontade do Sr. Interventor Federal que, conforme carta ao Sr. Ulisses Serra, portador do requerimento, "o Sr. Interventor Federal que é lavrador, que sempre se dedicou entusiasmadamente ao amanho da terra, recebeu com grande simpatia a idéia dos pioneiros dessa obra benemerita de dotar Campo Grande de uma Escola Rural, em princípio modesta, para mais tarde expandir-se"; aproveitando ainda o estímulo e apoio, recebidos do Sr. Dr. Eduardo Machado; a colaboração de amigos dedicados de Mato Grosso, como o Sr. Eduardo Gonçalves, atualmente delegado regional do Recenseamento Nacional neste Estado, do Sr. Cap. Osório Torres e outras pessoas, - resolveram os signatários daquele requerimento fundar uma sociedade, com as seguintes finalidades: - 1º) Trabalhar junto as autoridades e como for possível para a criação, aparelhamento e funcionamento, no município de Campo Grande de uma Escola Agrícola Profissional. 2º) Promover a criação de Clubes Agrícolas Escolares, filiados à Federação Brasileira dos Clubes Agrícolas Escolares da Sociedade Alberto Torres. 3º) Pleitear a criação, aparelhamento e funcionamento de novas escolas primárias, onde se tornarem necessárias. 4º) Socorrer os estudantes necessitados, com prévia sindicância de comissão para esse fim designada: a) providenciando o fornecimento de uniformes, livros, etc. b) submetendo-os a exame médico e fornecendo-lhes os medicamentos necessários. c) encaminhando-os a profissionais que oferecerem maiores vantagens, até que a Sociedade disponha de gabinetes odontológicos ou os poderes públicos os ponha a serviço público. d) providenciando-lhes assistência alimentar. 5º) Visitar, por meio de comissões, os estabelecimentos de ensino, premiando os melhores alunos e providenciando reuniões dos professores, a fim de que haja intercâmbio de conhecimentos úteis à Instrução. 6º) Levar ao conhecimento das autoridades competentes, as irregularidades que forem observadas nos estabelecimentos de ensino. Disse ainda que votava para que a denominação da Sociedade fosse: "Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante". Miguel Couto, porque ele foi um estudante que se formou com sacrifício e se tornou um sábio e um dos brasileiros mais ilustres. No entanto, os presentes poderiam sugerir outra denominação, cuja escolha seria feita por aclamação. Aceita pelos presentes aquela denominação, ficou se chamando: Sociedade Miguel Couto - dos Amigos do Estudante. Foi aclamada, em seguida a Diretoria provisória e comissão de elaboração dos estatutos, composta a primeira de: Presidente - Oliva Enciso, Secretária - Elza de Albuquerque e Tesoureiro - Antonio de Albuquerque, e a segunda dos Srs. Antonio de Albuquerque, José Vieira, Arthur de Barros e Mário Maimone Oliva. Foi marcada para

CARTÓRIO DO 4.º OFÍCIO
Carlos Roberto Rolim
Campo Grande - MS

Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante
Reconhecida de Utilidade Pública Federal - Decl. 66.400, de 31-3-70
Rua Joaquim Murtafha, 2293 - Telefons 624-2071
79100 - Campo Grande - Mato Grosso do Sul

★ ★

o dia 25 do corrente, às 16.30 horas uma reunião para a leitura, discussão e aprovação dos Estatutos. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião da qual, eu, Elza de Albuquerque, secretária ad-hoc, lavrei esta ata que, lida e aprovada pelos presentes, vai por todos assinada. aa) Oliva Enciso - Eduardo O. Machado - Maj. Eudoro Corrêa de Arruda e Sã - Arthur M. Barros por si e pela Sociedade Seleta Caritativa e Humanitária - José Vieira - Mário Maimone Oliva - João Pedro de Souza - Mariano Cebalho - Mercedes Enciso - Vicencia de Souza - Antonio de Albuquerque por si e pelo Ten. Waldemar de Souza Bezerra - José Deodoro de Souza - Benedito Coelho Rodrigues - Afro Puga - Elza de Albuquerque - Aloysio A. Magiano Pinto. Confere com o original - L. 1 - fls 1/3.

Campo Grande, 30 de janeiro de 1985

Cléuza Gardner Mourão Ferreira
Cléuza Gardner Mourão Ferreira
1ª Secretária

CARTÓRIO DO 4.º OFÍCIO
Carlos Roberto Rolim
Oficial do Registro Civil das Pessoas Jurídicas
e Registro de Contratos com Reserva de Domínio

DOCUMENTO APRESENTADO E PROTOCOLADO SOB N.º 168.971 DO LIVRO A 6 E REGISTRADO SOB N.º 10.643 DO LIVRO A

30 DOU FE, 16 de 04 de 19 86

CAMPO GRANDE (MS),
4.º OFÍCIO

CARTÓRIO DO 4.º OFÍCIO
Registro de Tributos e Documentos
Carlos Roberto Rolim
Oficial
Wilson Fernandes
Aux. Judiciário
CGC 15.452.261/0001-10

Fonte: Arquivo da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante

SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DOS ESTUDANTES
 Reconhecida de Utilidade Pública Federal – Dec. 66400 de 31 -3-70
 Rua Joaquim Murinho, 2293 – Telefone 624-2071
 79100 – Campo Grande – Mato Grosso do Sul
 CÓPIA

ATA DE FUNDAÇÃO DA
 SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DOS ESTUDANTE

Aos vinte e um dias do mês de janeiro de mil novecentos e quarenta, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Campo Grande, Estado de Mato Grosso, pelas 10:30 horas da manhã, reuniram-se os abaixo assinados para a fundação de uma sociedade. Assumiu a presidência a Srta. Oliva Enciso, que expôs o seguinte: A 14 de Setembro de 1939, os Srs. Antonio de Albuquerque, Ten. Waldemar de Souza Bezerra e ela se dirigiram ao Exmo. Sr. Júlio Muller, M.D. Interventor Federal de Mato Grosso, a seguinte petição: “Os abaixo assinados expõem a V. Exa. o seguinte: 1) Existem, nas cercanias da Chácara Municipal de Campo Grande”, onde se encontra uma das represas de água, umas 70 crianças em idade escolar, bem assim, mais de 50 do lado oposto, ao redor da olaria do Sr. Antonio da Silva Vendas. 2) Estas duas localidades, vizinhas distam [deve ser distante] do centro da cidade, mais ou menos 4 Km, não havendo nas imediações nenhuma escola. 3) O Sr. Vendas oferece mobiliário necessário e uma das peças de sua olaria, desde que ali se instale uma escola. 4) A Chácara Municipal tem a área de mais ou menos 15 hectares, com ótimas terras para a agricultura. Pelo exposto e confiantes no desvelo de V. Exa. em resolver os assuntos educacionais no Estado, solicitam os destinatários: 1º) que seja criada, ao menos uma escola rural, que funcionará na olaria do Sr. Vendas, criando a Prefeitura outra, na sua chácara, conforme promessa do Sr. Dr. Eduardo Olympio Machado, M.D. Prefeito Municipal. 2º) que o Estado auxilie como for possível a manutenção de uma Escola Agrícola Profissional, anexa a primária da Chácara Municipal, visto ter o Sr. Prefeito dado ampla liberdade de aproveitamento da mesma para esse fim. Em vista disso, num dos galpões da chácara, anexo a residência do encarregado da mesma, já vão ser instalados, no mínimo, 5 meninos pobres, para o que já estão os requerentes ultimando as medidas necessárias, com o auxílio da Prefeitura, devendo as escolas serem inauguradas em Janeiro próximo solenemente. Exmo. Sr. Interventor, a grandiosidade do alcance deste empreendimento, dispensa comentários, pois que, segundo Miguel Couto, o maior problema brasileiro é a educação do povo, o que é confirmado por todos aqueles que pensam e observam a vida nacional. E a maior preocupação dos que desejam o soerguimento do país, é resolvê-lo. V.Exa., pelos seus atos, tem provado ser este o seu ideal e é por isso que os signatários aguardam deferimento. Campo Grande, 14 de setembro de 1939, as) – Oliva Enciso, Antonio de Albuquerque, Ten. Waldemar de Souza Bezerra.” A organização dessa Escola Agrícola Profissional arrasta outros problemas a serem resolvidos: assistência, alimentação, vestuário etc., e por isso, aproveitando a boa vontade do Sr. Interventor Federal que, conforme carta ao Sr. Ulisses Serra, portador do requerimento, “o Sr. Interventor Federal que é lavrador, que sempre se dedicou entusiasticamente ao amanho da terra, recebeu com grande simpatia a ideia dos pioneiros dessa obra benemérita de dotar Campo Grande de uma Escola Rural, em princípio modesta, para mais tarde expandir-se”;

[...] Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião da qual, eu Elza de Albuquerque, secretária ad-hoc, lavei esta ata, lida e aprovada pelos presentes, vai por todos assinada. as) Oliva Enciso – Eduardo O. Machado – Maj. Eudoro Corrêa de Arruda e Sá – Arthur M. Barros por ai e pela Sociedade Seleta Caritativa e Humanitária – José Vieira – Mário Maimone Oliva – João Pedro de Souza – Mariano Cebalho – Mercedes Enciso – Vicencia de Souza – Antonio de Albuquerque por si e pelo Ten. Waldemar de Souza Bezerra – José Deodoro de Souza – Benedito Coelho Rodrigues – Afro Puga – Elza de Albuquerque – Aloysio A. Magiano Pinto. Confere com o original – L. 1 – fls 1/3.

Campo Grande, 30 de janeiro de 1985.
 Cleuza Gardner Mourão Ferreira.
 1ª Secretária.

Na história de Mato Grosso Júlio Müller, arrolado nas negociação da referida ata, de fato foi o responsável no estado em receber a solicitação do tipo essa citada por Oliva Enciso, pois fora o interventor federal que propiciou investimentos e avanços na década de 40 em Mato Grosso como afirma Assis e Silva (2014), no relatório de 1941-1942 já citado.

É necessário assinalar que tanto a cópia e a transcrição da ata derivam da ata original, visto que para que o cartório a autenticou mediante a apresentação do documento original⁴³. É ainda imperativo pontuar que em 1940 Oliva Enciso exercia a função de inspetora de ensino municipal, e talvez por isso a reunião tenha ocorrido no “Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Campo Grande”, mas por outro lado pode-se perceber que Enciso já exercia o papel de liderança e que havia conquistado a confiança dos gestores municipal e estadual.

Esta acepção de liderança pode a nosso ver ser aferido em dois aspectos: primeiro quando assume a presidência da Filantropia no momento de sua criação, quando apresenta a petição encaminhada ao Interventor Federal do Estado em 14 de setembro de 1939 ao solicitar providencias a respeito das 70 crianças em idade escolar que não estavam estudando por falta de escolas e junto a esse pedido, e em nome da filantropia, solicita apoio do estado para o atendimento social. Destaca-se que na petição já apontava a possível solução para resolver o problema: “a existência da olaria do senhor Antonio que dispunha de duas salas”. A petição requisitava ainda a criação por parte do Poder Estadual de uma Escola, porém o interventor não atendeu à solicitação. O governo municipal criou a escola Miguel Couto nas dependências da Chácara Municipal de Campo Grande ao lado da filantropia “Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante”.

A história do surgimento das instituições filantrópicas em diversos lugares do país e do mundo associa-se à necessidade de trabalhar das mães operárias, pois surgiu enquanto opção para deixarem os filhos dando origem ao assistencialismo.

[...] A mulher operária, que continuava a cuidar de seu lar em horários alternados ao do seu trabalho, teve a necessidade de entregar seus filhos pequenos (os que ainda não tinham destreza o suficiente para acompanhá-la no trabalho fabril aos cuidados de outrem: as mães mercenárias ou gardeues d'enfants [...]).

Porém, ressalta que, passados cem anos a situação havia piorado bastante, pois aumentava consideravelmente a ausência da figura materna. Surgem então as pessoas que tomam para si a tarefa de acolher essas crianças que estavam nas ruas, por filantropia, dando origem ao assistencialismo no que tange o cuidado das crianças. (FULY E VEIGA, 2012, in Revista eletrônica: Interfaces da Educação, Vol. 2. nº6, p. 88).

⁴³ “Autenticação é nada mais que uma declaração fornecida pelo cartório em que lhe apresentaram uma cópia idêntica a um documento original” <http://www.tabelionatoandrade.com.br/autenticacoes.htm> – acesso em 27/11/2017.

As mulheres trabalhadoras no espaço público das fábricas viveram a dicotomia da luta pela sobrevivência e a necessidade do afastamento das responsabilidades maternas, não foi questão de abandonar os filhos e sim a ausência de políticas públicas de auxílio à mulher trabalhadora que não possuía recursos e apoio de um cuidador enquanto cumpriam sua jornada de trabalho. A história da infância e da luta da mulher pelo espaço público caminham juntas, por anos as crianças foram deixadas nas ruas à própria sorte quando estas não eram aparadas por familiares.

Porém, essa não foi a história dos abandonados no orfanato em Campo Grande, visto que não havia indústria na cidade, porém a ausência de escolas e a própria desestrutura familiar já existente enquanto problema social em diferentes contextos que levavam crianças aos orfanatos de Oliva Enciso, o qual não destoava dos motivos de outras entidades filantrópicas de assistência a menores espalhadas pelo Brasil.

Quanto à criação de entidades filantrópicas no século XX Freitas (2003) afere que:

A filantropia surgia como modelo assistencial, fundamentada na ciência, para substituir o modelo de caridade. Nesses termos, à filantropia atribuiu-se a tarefa de organizar a assistência dentro das novas exigências sociais, políticas econômicas e morais, que nascem com o início do século XX no Brasil [...].

Associações filantrópicas foram sendo criadas, notadamente a partir dos anos de 1930, para amparo e assistência à infância desamparada. Uma delas, de grande ação, foi a Liga das Senhoras Católicas; outra foi o Rothery Club: ambas fundaram ou apoiaram inúmeras instituições asilares. Em São Paulo, atuação notável teve a Associação Pérola Bythou para a atenção à infância desvalida.

A assistência filantrópica, particular e pública, imperava. (FREITAS, 2003, p.78).

A criação da entidade filantrópica de Oliva Enciso surgiu em 1941 e cresceu dentro de uma tendência espalhada por todo país, uma substituição à caridade exercida por grupos religiosos. Para Freitas (2003):

A caridade confrontada com uma nova realidade econômica e social foi absorvendo objetivos e táticas da filantropia, como a “prevenção das desordens”, por exemplo, a filantropia, por sua vez, não abandonou inteiramente os preceitos religiosos [...]. (FREITAS, 2003, p.78).

De fato percebemos os referidos preceitos religiosos interpelados nas ações da filantropia administrada por Oliva Enciso, principalmente no espaço do orfanato que segundo os ex-alunos havia missa em uma capela construída pela filantropia ao lado do orfanato e

também contava com a presença do padre aos domingos além do auxílio de irmãos “leigos”⁴⁴ Salesianos.

A história da criação da instituição filantrópica entrelaça-se com a história de vida de Oliva Enciso narrada na obra *Mato Grosso do Sul: Minha Terra* (1986) e é detalhada na obra *Pensai na Educação Brasileiros!* (1990) e também descrita na ata de fundação da filantropia, no próprio prédio, na memória dos familiares e dos ex-alunos internos.

No fragmento retirado do livro *Mato Grosso do Sul: Minha Terra* (1986, p.27) sugerimos uma interpretação hermenêutica a respeito dos vestígios que motivaram o propósito de criação da filantropia por parte de Oliva Enciso:

Eu recebia cartas de minha mãe, informando que tudo ia bem em casa. Eu estava tranquila e passava quase que o dia todo na Faculdade.

Todas as manhãs eu ia à Missa num Pensionato das Irmãs Salesianas, no começo da Av. Pasteur e me deliciava vendo o sol nascer e colorir com seus raios as águas calmas da Baía da Guanabara.

Um dia, uma Irmã me falou do objetivo da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, fundada por Dom Bosco, que visava a educação da juventude. Senti que era isso o que eu queria e embora gostasse da Faculdade, achava que era limitado o campo da medicina. Eu nunca tinha pensado em ser médica. Aliás parece que eu nunca tinha pensado em nada... Escrevi à minha mãe que ia voltar e logo que cheguei, talvez na mesma tarde, eu lhe disse que queria ser Irmã de Caridade. Ela então me falou da realidade financeira difícil da nossa família, ainda com a Conchita e a Carminha para estudar. Com a mesma facilidade com que fui para o Rio de Janeiro e entrei na Faculdade Nacional de Medicina eu a deixei, prometi à minha mãe que eu ficaria para trabalhar, deixando de lado a ideia de ir para o convento, o que em realidade não constituía um atrativo especial para mim – era um meio, não um fim [...]. (ENCISO, 1986, p. 27).

Ainda na acepção de interpretação hermenêutica parece-nos que aquele diálogo com a religiosa: “Um dia, uma Irmã me falou do objetivo da Congregação da Filhas de Maria Auxiliadora, fundada por Dom Bosco que visava a educação da juventude. Senti que era isso que eu queria e embora gostasse da Faculdade, achava que era limitado o campo da medicina” talvez, podemos afirmar que foi tal objetivo que levou Oliva Enciso ao desejo de entrar para ações de caridade. Desejo esse que materializou-se quando um senhor a abordou nas mediações da prefeitura dizendo: “Quero entregar o meu filho mais velho de 10 anos pra Sra., porque faz 3 anos que frequenta a escola e ainda não sabe ler e dorme durante a aula. Há de ser porque me ajuda na varrição e vai sem comer pra escola”. (ENCISO, 1986, p. 137).

Este episódio foi testemunhado por Newton Enciso de Freitas, o sobrinho de Oliva Enciso, que na época contava com 17 anos. O mesmo episódio também foi descrito pela

⁴⁴ Eram padres que estavam em processo de formação dentro das missões que ainda não haviam sido ordenados para o exercício dos sacramentos na igreja.

sobrinha a senhora Maria José Fontoura de Freitas (viúva) a qual descreveu-nos esse fato enfaticamente.

O Newton foi visitá-la e nisso chegou (pausa pensando) o cara que trabalhava, um cara que era, Senhor Vadinho, Senhor Vadinho não, Senhor (pensando), o pai do Napoleão? [...] Não lembro, chegou lá o funcionário que trabalhava na rua tudo e chegou e falou para tia Oliva: Oliva, eu não aguento mais esse menino, ele é meu filho, eu tenho que vir trabalhar, a minha mulher também, ele fica na rua, não quer saber de estudar, e vim entregar ele para a Senhora dar um jeito nele. [...] ela atendia tudo. [...] Aí a tia Oliva, olhou e falou assim: mas como? Não sei, mas a Senhora vai dar um jeito. Aí o Newton, estava perto dela, falou: Oliva, eu posso cuidar desses meninos, dá um jeito de arrumar um lugar aí que eu vou cuidar deles né, nisso com 17 anos.

Segundo a autobiografia o local que Oliva Enciso arrumara para “cuidar” das crianças pobres, a princípio, foram barracas cedidas pelo exército instaladas em um terreno da prefeitura de Campo Grande. Reitera-se que outras instituições de caridades já existiam em Campo Grande e nas regiões próximas já haviam outros orfanatos instalados.⁴⁵

O registro das lembranças dos ex-internos e por extensão da memória da senhora Maria José, a qual exerceu o cargo de professora na Escola Primária Miguel Couto nos direciona como acentua Bobbio (1997) a desencavar os poços das memórias guardadas por anos. Para Paul Ricoeur (2007, p. 108), “A memória continua sendo a capacidade de percorrer, de remontar no tempo, sem que nada em princípio, proíba prosseguir esse movimento sem solução de continuidade”, é interessante como os depoentes envolveram-se emocionalmente na busca de lembranças pretéritas aquecidas pelos sentimentos e evidenciam diferentes realidades.

Todos depoentes associaram a imagem de Oliva Enciso com a dedicação pelo orfanato, descrevem sua atuação em suprir a instituição, pois segundo as palavras de Enciso o orfanato era algo que a “absorvia”; essa palavra desvela o nível de seu compromisso dela com a causa.

Por parte de Oliva Enciso o abrigo não foi nomeado de orfanato, a mesma considerou o nome *Lar dos Menores Abandonados* “um título precário”, isso confirma-se na fala da superintendente do Instituto de Memória da Assembleia legislativa Isis Catarina Martins Brandão, que conheceu Oliva Enciso e asseverou: “Ela insistia sempre que as crianças não fossem tratadas como crianças abandonadas, principalmente porque ela tinha um lar que atendia a essas crianças”.

Confirmamos essa atenção excessiva na referência ao orfanato na fala dos sobrinhos de Oliva Enciso, testemunhamos um exortando ao outro, Ana Fontoura de Freitas advertiu o irmão

⁴⁵ Informação retirada da obra Campo Grande - 100 anos de Construção (1999).

Eduardo Fontoura de Freitas que proferiu a palavra orfanato: “a titia revira no túmulo quando você fala a palavra orfanato, ela nunca gostou desse nome”, ele a replicou alegando que o fez para que a pesquisadora compreendesse os fatos. Oliva Enciso nomeou a instituição de “Sociedade”, assim a referida palavra está presente também nos depoimentos dos ex-alunos que alegavam ser internos na “Sociedade” e não no orfanato, porém revelavam consciência plena dos significados de um orfanato.

O nome da filantropia Sociedade “Miguel Couto”⁴⁶ fora escolhido por Oliva Enciso que fora um médico de origem humilde, e como pode ser aferido na autobiografia a mesma repetia em diversos discursos parlamentares os ideais do referido médico higienista o qual não conhecera pessoalmente, porém admirava as ideias de educação que este divulgara em jornais e panfletos na década de 1940.

A influência política de Oliva Enciso fortalecia os contatos para manter os objetivos para a filantropia e para a educação em Campo Grande. Cercou-se das pessoas que tinham algo para oferecer, seus amigos em sua maioria eram políticos. Em sua obra *Pensai na Educação Brasileiros!* (1990) assim como na ata de fundação da Sociedade expôs a composição da diretoria da filantropia, notamos que haviam pessoas influentes no estado de Mato Grosso tais como: Paulo Coelho Machado (escritor), Antonieta Nassar, Major Eudoro Correa de Arruda e Sá, famílias tradicionais de Campo Grande.

Nossa protagonista viajou para outros estados a fim de buscar formas concretas para dar andamento ao projeto que idealizara e a ideia da filantropia com toda sua estrutura também foi obtida a partir de um modelo. Narra na autobiografia que foi de trem rumo a Belo Horizonte para conhecer diversos institutos educacionais a fim de observar o funcionamento e modelos administrativos das instituições.

Como foram proveitosos os dias que passei em Belo Horizonte!
 Conheci o INSTITUTO JOÃO PINHEIRO, notável educandário! A FUNDAÇÃO BENJAMIN GUIMARÃES, com hospitais para crianças tuberculosas – A SOCIEDADE PESTALOZZI com suas escolas para menores excepcionais: cegos, surdos, retardados... – O INSTITUTO PESTALOZZI com a sua Escola da Fazenda do Rosário, em Ibitité, perto de Belo Horizonte, fundada e então dirigida pela psicóloga D. HELENA ANTIPOF. (ENCISO, 1986, p.69 e 70).

Pode-se perceber a partir do registro grafado pela própria Oliva Enciso que ela não idealizava apenas o abrigo de pobres, na referida viagem a Belo Horizonte buscou modelos de

⁴⁶ Miguel Couto foi um médico que segundo Carvalho (2003, p. 306) foi um personagem-síntese do entusiasmo pela educação que disseminou nos anos 20 sua visão era de regenerar as populações brasileiras, por meio da higiene e da educação, o lema desse médico, suas convicções arrolam ao pensamento de nação e de Educação.

trabalhos desenvolvidos com escolas, abrigo para menores e assistência social. Ela expressara-se com uma frase que desvelou um pensamento peculiar: “a experiência alheia nos poupa tempo, trabalho e sofrimento”, e daí talvez o conselho de aproveitarmos as lições do passado para agirmos”⁴⁷. Foi nessa visita ao Instituto Pestalozzi que conheceu Helena Antipoff⁴⁸ e o modelo de filantropia.

[...] Em 1932, a importância do intenso trabalho que realizava de orientação educacional e de pesquisa no terreno da psicologia pedagógica já era reconhecida. Entretanto, vendo ao redor de si injustiça social, fome, miséria, Helena Antipoff quis fazer mais. Reuniu médicos, advogados, agrônomos, engenheiros e outros profissionais e partiu para a criação de uma sociedade de assistência social: a Sociedade Pestalozzi⁴⁹, que prestaria relevantes serviços à infância desamparada de Minas Gerais, inaugurada em 1934. (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000.p. 257).

Encontramos essa informação sobre o trabalho de Helena Antipoff desenvolvido em Minas Gerais, a nosso ver é possível perceber semelhança com o que Oliva Enciso idealizou em Campo Grande. No trabalho de Helena Antipoff está a matriz, o modelo que Oliva Enciso espelhou-se para seu trabalho no orfanato e com a Sociedade Miguel Couto, apesar de Oliva Enciso não mencionar detalhes dessa aproximação.

Foi a partir da visita à fazenda Rosário sob a administração de Antipoff que Oliva Enciso surpreendera-se por não haver muros na referida fazenda; na fazenda os internos eram crianças com limitações de convívio social e ela impactou-se com o fato de não fugirem. Afirmou que “Foi uma das melhores lições que recebi, para os nossos trabalhos de assistência a menores: tornar felizes as crianças...” (ENCISO, 1986, p. 70 e 71). Exemplo que buscou aplicar em seu orfanato, a estrutura do prédio assinala essa ausência de muros. Ao criar a Sociedade idealizou algo de grande proporção, notável na construção do prédio e na oferta de vagas.

Para ajudar os poderes públicos na parte da educação e assistência a menores, foi que fundamos a SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DO ESTUDANTE, cujo plano, realizado, dará a Campo Grande o privilégio de possuir um dos maiores e

⁴⁷ Parte do discurso na Ata 73, de 08 de setembro de 1959, folha 26.

⁴⁸ Segundo Dora Incontri, Helena Antipoff (1892-1974). Educadora. Nasceu em Godno, Rússia, em 25 de março de 1892. Helena, sua mãe e irmãs foram em 1911 para Paris. Tinha quase 20 anos quando se matriculou na Sorbonne, com o objetivo de tornar-se médica. Mas, ao ouvir as conferências de Henri Bergson, decidiu mudar seu caminho e estudar psicologia a convite do eminente psicólogo Edouard Claparède, cuja equipe de trabalho passou a integral, no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Em 1928, recebeu convite do governo brasileiro para prestar serviços técnicos de sua especialidade junto à Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, obra destinada à preparação dos futuros mestres e dirigentes educacionais. Em 6 de agosto de 1929 desembarcou no Brasil, onde deveria permanecer, pelo contrato, durante dois anos. Aqui ficou para sempre. (INCONTRI, 1997, p.132).

⁴⁹ Oliva Enciso conheceu essa Instituição em Belo Horizonte.

melhores serviços de assistência a menores. (Jornal Correio do Estado, 1954, página 02).

Ao analisar a referida ata de criação filantropia algo intrigou-nos visto que dentre os objetivos da filantropia estão: pleitear a criação, aparelhamento o funcionamento de novas escolar primárias, sendo uma instituição que mediasse a busca de melhorias para Campo Grande, e como ela trabalhava na Prefeitura seu acesso aos políticos tornou possível realizar muitas ações. Na transcrição da ata acima notamos que a relação do que é público e privado não se desassociam, no documento Oliva Enciso propõe ações que envolvem a prefeitura e a filantropia, assuntos distintos se fundem.

Essa dissociação entre o público e o privado é uma característica que advém do patrimonialismo recorrente na sociedade brasileira que toma por privado o bem público.

Tido como um conceito operador de grande importância em Max Weber, o patrimonialismo se constitui numa forma de dominação política na qual não existem claras divisões entre as esferas públicas e privada. Dessa maneira, a característica central do patrimonialismo é a não distinção, ou melhor, a não diferenciação por parte dos governantes e gestores públicos detentores do poder político-administrativo, da esfera privada da pública. Weber, a partir do estudo das sociedades ocidentais europeias, concebe essa forma de dominação tradicional como pré-moderna. Todavia, como já destacado por outros autores clássicos que estudaram esta sobreposição do privado sobre o público no país [...]. (MOURÃO, 2015, p. 02)⁵⁰.

No texto da ata de fundação da filantropia está expresso que havia um grupo de pessoas que reuniram-se para “resolver os assuntos educacionais no Estado” e que esses assuntos seriam encaminhados para o representante do estado o interventor Júlio Müller, nesse mesmo dia, na mesma ata consta a criação da filantropia e o pedido para que o estado responsabilizasse pela manutenção da assistência às crianças pobres ligadas à filantropia.

Diante do exposto e com a constatação em diversos depoimentos é possível aferir que tanto a construção do prédio do orfanato e o da Escola Miguel Couto são em partes bens públicos e doações de terceiros. Nos depoimentos do presidente da filantropia e sobrinho de Oliva Enciso, Eduardo Fontoura de Freitas, percebe-se essa fusão do bem público com a filantropia. Perguntamos ao presidente sobre a construção do orfanato e da escola Miguel Couto ao que respondeu-nos:

⁵⁰<http://dx.doi.org/10.4322/tp.24103>. *Celso Furtado e a questão do patrimonialismo no Brasil*. Acesso em 10 de novembro de 2017.

Olha, no começo a tia Oliva conseguiu dinheiro que era uma coisa muito rara, conseguiu através da, **é um dinheiro Federal**⁵¹, uma parte só, porque outra parte foi o meu pai e a terceira parte fui eu, depois que meu pai morreu eu construí mais oito salas, meu pai construiu quase tudo, aqui e lá. Lá foi meu pai que construiu, aqui meu pai construir, construiu quatro salas e não aumentou mais, quatro, oito, e eu construí mais oito com o dinheiro da Miguel Couto, sem dinheiro do estado, sem dinheiro do município. (EDUARDO FONTOURA DE FREITAS).

No discurso compreende-se que houve a cooperação do Governo Federal na construção da estrutura, porém evidenciou que Eduardo e o pai fizeram algumas construções no espaço, em seu depoimento não há ênfase na presença do Estado na manutenção do orfanato, no entanto assinalou que as alimentações dos alunos das escolas de responsabilidade da filantropia eram realizadas por parte do poder público municipal por décadas.

De vez enquanto e era tudo burocrático eu sempre tive problema de prestação de contas, era pouco dinheiro e muita burocracia, olha sempre foi uma loucura, município e estado, só para você ter uma ideia, eu, o fato porque a escola tinha merenda escolar, a única coisa que funcionava que existia uma pessoa descente lá dentro, por décadas chamado Danilo José Medeiros Olinó, que administrava a merenda escolar de Campo Grande que nos ajudou muito e a parte de alimentação básica a merenda escolar dava, é tanto para a fazenda como para cá, porque era escola, então, era uma ajuda consolidada e fora disso, não teria como ter funcionado décadas com uma alimentação que as despesas era muito grande [...]. (EDUARDO FONTOURA DE FREITAS).

No imaginário da família a filantropia existiu porque Oliva Enciso era a responsável por tudo, uma concepção veemente repetida e oblitera-se o poder público dessa participação.

Na ata nº 31 de 10 de julho de 1959 folhas 03, 04 e 05 Oliva Inciso solicita no plenário recursos para a Filantropia:

⁵¹ Grifo nosso.

Imagem 04 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959, folha nº 03.

| | | | | | | | |
|------------------------|--|--------------|--|----------|--|---------------|--|
| ASSEMBLEIA LEGISLATIVA | | FOLHA DE ATA | | FUBR | | 1º SECRETÁRIO | |
| ATA Nº | | 31 | | DE 10 DE | | Julho DE 1959 | |
| | | | | | | Fla. 3 | |

teve por teto a sombra das mangueiras numa chacara da Prefeitura e, por refeitório, um estabulo abandonado. Aliás, a Escola - Rural Miguel Couto já vinha funcionando, desde 1940, num depósito de gasolina condenado pela Prefeitura.

O SR. SANTOS PEREIRA ASSUME A PRESIDÊNCIA

A SRA. OLIVA ENCISO -Quero prestar um esclarecimento: quando fizemos, isso fomos denunciados à Legião Brasileira de Assistência.

"Mas os meninos viviam felizes: tinham alimentação, estudavam, trabalham em horta e lavoura e tinham uma boa praça de esportes. Viviam como pobres: descalços, roupa remendada, mas - se preparavam para a vida, vivendo num ambiente sadio, alegre.

A Sociedade iniciou uma campanha para construir os orfanatos, isto é, os seus abrigos, levando em conta a idade e o sexo dos menores.

Traçou um plano de cooperação com entidades públicas e particulares, visando amparar a criança desde o seu nascimento e só a abandonando, quando moço ou moça pudesse viver independente, no exercício de alguma profissão.

Num Congresso Nacional de Educação e Assistência a Menores, promovido pelo Ministério da Educação, em 1955, D. Eunice Weaver, essa incomparável Presidente da Confederação das Sociedades de Assistência aos Lazários e Defesa Contra a Lepra, - que conhece como poucos o nosso país, fez a surpreendente declaração, apoiada pelo Dr. Getulio Lima Jr., do Departamento Nacional da Criança, - que a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, de Campo Grande - Mato Grosso, deveria se difundir pelos municípios brasileiros. E o Exmo. Sr. Marechal Eurico Gaspar Dutra, quando Presidente da República, visitando os estabelecimentos da Sociedade, declarou por escrito, quando lhe apresentamos o livro de registro de visitas, para deixar apenas a sua assinatura, porque não costumamos pedir impressões a ninguém - "Esta obra merece o apoio dos poderes públicos". E ele mesmo deu o exemplo, porque no seu governo, as subvenções eram pagas pontualmente, e o seu apoio moral jamais nos faltou. Aliás, foram decisivos, na vida da Sociedade, o apoio moral que ela recebeu, desde o seu início, do Dr. Eduardo Olímpio Machado, que se tornou o seu sócio n. 1, na ordem de inscrição de sócios e do Dr. Vespasiano Barbosa Martins, que, como Senador da República, foi o seu patrono máximo. Seria longo enumerar, citar - os nomes de todos aqueles que ajudaram a Sociedade, cada um na medida de suas possibilidades. Deus, que tudo vê e pode avaliar as intenções; só ele poderá recompensá-los, porque é tão pouco um agradecimento da Sociedade em vista do muito que representa para ela, qualquer colaboração.

Os seus Estatutos foram publicados no Diário Oficial de 14-2-1940, mas, devido ao desenvolvimento da Sociedade, foram os mesmos modificados, conforme consta dos Diários Oficiais de 6-3-1958 e 12-12-1958.

Os sócios não auferem nenhum lucro material e ainda exercem, gratuitamente, quando eleitos, os cargos de direção e fiscalização.

Peço desculpas aos srs. deputados de estar prendendo a atenção por uma coisa local de Campo Grande, mas, cada um de nós aqui - pode fazer isso e muito mais do que isso.

Os artigos 1º e 2º estão assim redigidos:

Artigo 1º - Sob a denominação de SOCIEDADE MIGUEL COUTO

Imagem 05 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959, folha nº 04.

| FOLHA DE ATA | | 21 | | 2º SECRETÁRIO | |
|--------------|----|-------|----------|---------------|-----------|
| ATA Nº | 31 | DE 10 | DE Julho | DE 19 | 59 Fla. 4 |

DOS AMIGOS DO ESTUDANTE, podendo também ser citada por SOCIEDADE-DE MIGUEL COUTO, fica constituída uma sociedade, com sede nesta cidade de Campo Grande Estado de Mato Grosso, com a finalidade de cooperar com os poderes públicos e instituições particulares, nos seguintes setores:

I - EDUCAÇÃO:

- a) - Pleiteando, incentivando, auxiliando e mantendo o funcionamento de escolas e cursos pré-primários, primários, agrícolas, profissionais culturais de modo geral;
 - b) - Encaminhando para escolas e cursos aqueles que o desejarem e revelarem capacidade para os mesmos, pleiteando matrículas e bolsas de estudo.
- Já temos meninos que por lá passaram e hoje são Químicos, Industriais, temos na Escola de Engenharia, Medicina, Marinha, Aeronáutica.
- c) - Promovendo concurso com finalidade cultural e educativa;
 - d) - Cooperando em todos os empreendimentos com objetivos educacionais.

II - ASSISTÊNCIA A MENORES

- a) - Providenciando colocação de menores em casas e famílias, que possam sustentá-los e educá-los, quando a vida no próprio lar lhes for impossível ou inconveniente;
 - b) - Encaminhando-se a instituições próprias ou de outras entidades que os possam receber;
 - c) - Fazendo encaminhamento, pleiteando emprégos e tomando as providências que forem possíveis, em benefício dos menores.
- Devo um esclarecimento quanto a parte de Assistência aos Menores e com um plano incluído que mantemos.

Artigo 2º - Ficam criadas as seguintes dependências, denominadas SETORES, podendo a Sociedade instituir outros quando for necessário.

I - EDUCAÇÃO

- a) - ESCOLA RURAL MIGUEL COUTO - de ensino primário, para atender às crianças dos abrigos infantis da Sociedade e outras. (Funciona em prédio próprio, construído com auxílio do Ministério de Educação. Tem professoras do Estado e do Município. Tem ótimas instalações sanitárias, Bibliotecas etc).
- b) - ESCOLA NORMAL RURAL - mixta-externato e internato feminino (está sendo construído o prédio com auxílio do Ministério de Educação, através do INEP);
- c) - ESCOLA DOMÉSTICA DE CAMPO GRANDE - externato e internato feminino (já funciona em dependências da Escola Rural Miguel Couto);
- d) - GRANJA-ESCOLA MIGUEL COUTO - cursos práticos de atividades rurais (funciona na Chacara Miguel Couto de 54 ha. 9 104 m2., onde se acham localizados os abrigos infantis da Sociedade, a Escola Rural Miguel Couto e a Escola Normal Rural - possui hortas lavou=ras, pomar, gado leiteiro etc).

II - ASSISTÊNCIA

- a) - A CASA DA CRIANÇA DE CAMPO GRANDE - para crianças de 0 a 7 anos, com as seguintes seções:
 - 1- NINHO - para as de zero a 2 anos;
 - 2- ESCOLA MATERNA - para as de 2 a 4 anos e
 - 3- JARDIM DA INFÂNCIA - para as de 4 a 7 anos;
- b) - LAR DOS MENORES ABANDONADOS - abrigo infantil masculino para os de 7 a 12 anos, podendo também ser designado por LAR SANTA-THEREZINHA (funciona desde 1947, mas somente em 1956 ficou incluído o prédio próprio, com capacidade para 80 menores, mas sempre funcionou com aproximadamente 100 meninos).

Imagem 06 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959, folha nº 05.

| FOLHA DE ATA | | 2º SECRETÁRIO | | | | | | | | |
|--------------|----|---------------|----|----|-------|----|----|----|------|---|
| ATA Nº | 31 | DE | 10 | DE | Julho | DE | 19 | 59 | Fla. | 5 |

- c) - LAR SANTA INES - abrigo infante juvenil feminino, para as de 7 a 18 anos (funciona desde 1956, atendendo em média 20 meninas, não tendo ainda prédio próprio);
 d) - PENSIONATO SÃO LUIZ - abrigo juvenil masculino, para os de 12 anos em diante (funciona desde 1955, em parte do prédio próprio, ainda não concluído).

Essas divisões são preconizadas pelo Departamento Nacional da Criança, é uma coisa muito lógica, porque a criança no lar vai crescendo e mudando a alimentação, e numa associação é coisa diferente. Chamo a atenção para o nome de "Lar dos menores abandonados" - Nenhum dos menores que lá estão sabem desse nome, porque lá eles não estão abandonados, esse nome foi amigo nosso, Argeniro Fialho que colocou para conseguir subvenção infelizmente - temos que colocar esses nomes para conseguir esses auxílios...."
 e) - SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA DENTÁRIA - para atender aos beneficiários da Sociedade (internos dos abrigos masculinos e femininos, alunos das Escolas da Sociedade etc.)

- f) - SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA A MENORES - para atender aos casos de menores necessitados de assistência domiciliar (A Sociedade mantém uma Comissão de Sindicância, para dar parecer nos pedidos de internação e pedidos de auxílio e procede de acordo com as necessidades encontradas e suas possibilidades).

§ 1º - Esses setores terão os seus estatutos aprovados pelo Conselho Deliberativo, que poderá modificá-los quando necessário e seus regulamentos, pelo Conselho Fiscal.

§ 2º - A direção dos setores será confiada a pessoas nomeadas pelo Presidente da Sociedade, com vencimentos ou gratificações fixadas pelo Conselho Fiscal. A direção dos setores poderá ainda ser confiada a entidades idoneas, mediante contrato aprovado pelo Conselho Deliberativo.

§ 3º - A Sociedade providenciará os recursos necessários ao funcionamento dos setores, com a cooperação dos diretores destes.

Tenho a satisfação de informar que já conseguimos a colaboração das irmãs Missionárias de Jesus Crucificado que tem o seu serviço sediado em Campinas.

"Pelo exposto vê-se que a criança, quando necessário, poderá ser recolhida desde o seu nascimento e terá a assistência e educação que necessita, atendendo a idade e seus pendores naturais.

A Sociedade tem procurado fazer com que as crianças orfãs e abandonadas encontrem em seus abrigos, em seus internatos, o Lar que não possuem e que tanta falta lhes faz, nessa fase única da vida, em que se delineiam os destinos humanos.

A Sociedade recebe pedidos de matrícula em seus abrigos, de todos os pontos do Estado e até de alguns municípios vizinhos de S. Paulo.

Contando com as subvenções federais, no ano passado, foram atendidas, no regime de assistência integral, 105 menores. Mas elas não vieram como vinham e a situação da Sociedade se complicou. Neste ano, a situação é ainda mais difícil, porque muitas subvenções foram reduzidas em 75%, que passaram para um plano de economia do governo.

Não queremos discutir este assunto. Mas precisamos de auxílio.

Estamos pedindo por aquelas crianças que não conhecem a extensão da sua infelicidade, para que elas, amanhã, não venham a estender a mão, pedindo uma esmola ou para nos acusar pelo abandono em que as deixamos.

Na folha 05 da referida ata destacamos o trecho que registrou:

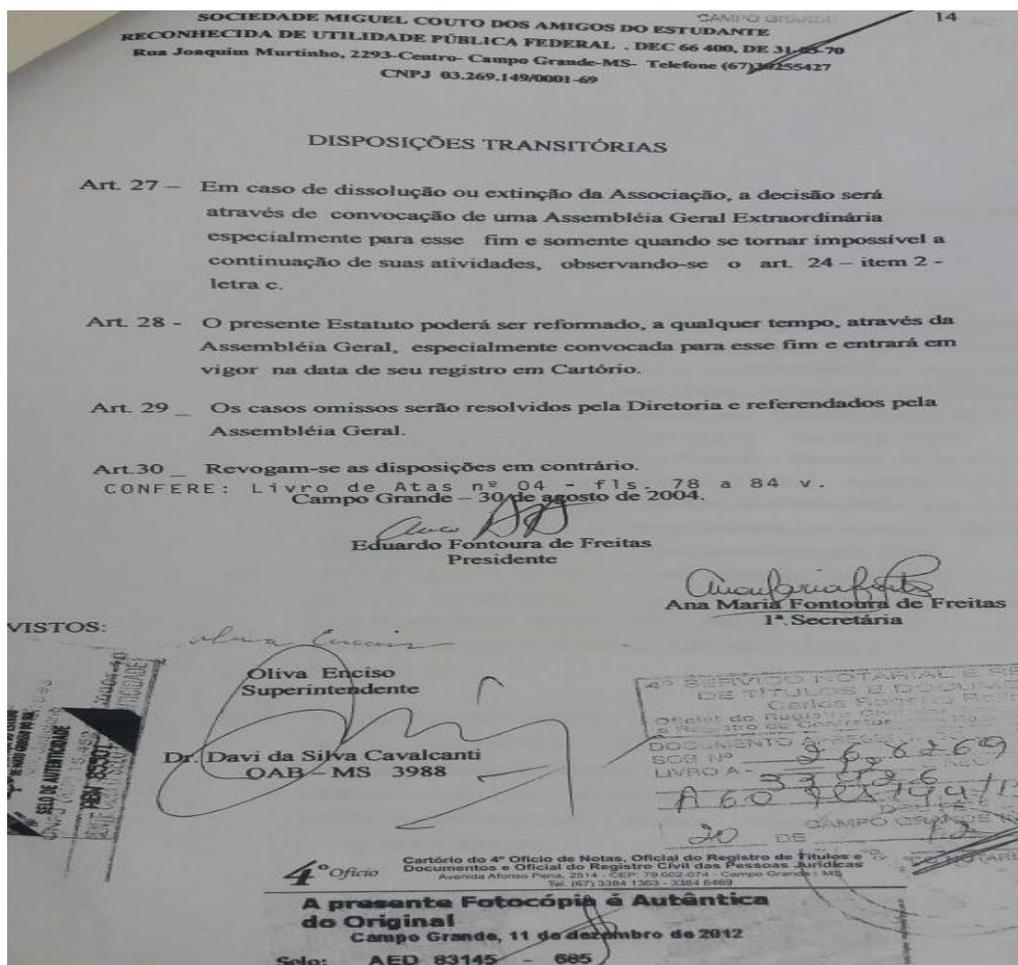
Contamos com as subvenções federais⁵², no ano passado, foram atendidas, no regime de assistência integral, 105 menores. Mas elas não vieram como vinham e a situação da Sociedade se complicou. Neste ano, a situação é ainda mais difícil, porque muitas subvenções foram reduzidas em 75%, que passaram para um plano de economia do governo.

Não queremos discutir este assunto. Mas precisamos de auxílio. (Ata nº 31 da Assembleia Legislativa de Cuiabá de 10 de julho de 1959 folhas 03, 04 e 05).

Enquanto funcionária da prefeitura, vereadora ou deputada Oliva Enciso recebeu auxílios para suprir a filantropia mostrando que as ações desta estavam aparelhadas com o poder público.

No Estatuto da Associação Amigos do Estudante, com data de 30 de agosto de 2004, traz a assinatura de Oliva Enciso.

Imagem 07 - Parte do Estatuto da Associação Amigos do Estudante, de 30 de agosto de 2004



Fonte: Arquivo da Sociedade Miguel Couto dos amigos do estudante.

⁵² Grifo nosso.

Diante da cópia do documento da filantropia também lavrada em cartório nota-se que dez meses antes do falecimento Oliva Enciso é registrada na função de Superintendente da instituição e que Eduardo Fontoura de Freitas destaca-se como o presidente da instituição, confirmando que de fato Enciso acompanhou a instituição até próximo ao fim de seus dias. No depoimento Eduardo depõe:

Olha, na verdade quando meu pai faleceu (NEWTON ENCISO)⁵³, eu assumi o orfanato. [...] Meu pai faleceu em 21 de janeiro de 1985, aniversário da Miguel Couto, naquela madrugada ele faleceu e desde então eu assumi a responsabilidade total, total, financeira, na parte de alimentação, na parte de saúde, na parte administrativa. [...] A tia Oliva ela sempre ficou assim, uma pessoa que dava respaldo total também, mas não financeiro, ela era tida assim, uma presidente de honra, ela era, como é que fala hoje, é até a minha mão que está no lugar dela, superintendente, porque tem a presidente e tem superintendente, ela era a superintende, e eu fiquei na presidência e assumi a direção toda, então as diretorias todas foram resumindo porque não tinha recurso, a gente sempre trabalhou, como uma grande família pobre e tinha que correr atrás de recurso, a gente tinha loteamento, a gente vendia lotes a prestação.

A Filantropia Sociedade Miguel Couto Amigos do Estudante ainda existe oficialmente no mesmo local está situada na Rua Joaquim Murtinho em Campo Grande e as atividades de assistencialismo ainda permanecem em outras perspectivas.

Atualmente a casa onde funciona o escritório da filantropia abriga cinco pessoas portadoras de deficiência os quais eram internos no orfanato quando este existia, alguns estão sob a guarda da filantropia há 40 anos, porém suas despesas são por conta dos benefícios da previdência social dos deficientes. Há dentre estes moradores um ex-aluno, não deficiente, que pediu para morar em um quarto aos fundos da secretaria da filantropia, pois não tem família e sente-se acolhido pelo diretor da Filantropia evidenciando a criação de laços profundos.

2.1 Memórias do orfanato “Lar Santa Teresinha”

O orfanato é também conhecido como *Lar Santa Terezinha* um atributo a Santa de devoção de Oliva Enciso⁵⁴, sua capacidade de atendimento era para 150 menores, dado confirmado pelo último presidente do orfanato e nos discursos parlamentares de Oliva Enciso.

⁵³ Grifo nosso.

⁵⁴ Informação aferida no depoimento da sobrinha Maria José Fontoura de Freitas.

O edifício onde era instalado o orfanato localiza-se nas proximidades da antiga Escola Miguel Couto e da antiga casa da família do diretor do orfanato.

Abaixo o casarão onde fora o orfanato *Lar Santa Teresinha*⁵⁵.

Imagem 08 - Orfanato Lar Santa Teresinha



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora da referida dissertação – 2017.

As reformas do espaço fazem a arquitetura resistir ao desgaste do tempo. Hoje o prédio da Sociedade Miguel Couto permanece sendo uma estrutura grande, de colunas fortes, janelas gigantes, o espaço do dormitório é grande e o refeitório sofreu mudanças na estrutura. Um monumento histórico da década de 40 e que segundo membros da família será transformado em espaço cultural e será um acervo das memórias e vida de Oliva Enciso.

O orfanato objetivava a internação de crianças do sexo masculino, para tanto, Enciso (1986, p.141) asseverou: “[...] demos preferência aos órfãos sem recursos, aos abandonados, aos filhos de operários rurais de localidades sem escola, aos filhos de indigentes”.

⁵⁵ A informação da existência do prédio partiu de uma testemunha ocular que é professora na Universidade Federal de Mato Grosso, campos de Cuiabá, a qual é de Campo Grande e que muito contribuiu para dar início em nossas pesquisas, pois informou-nos da existência do velho casarão do orfanato em Campo Grande. Colocou-nos em contato com a família de Oliva Enciso e relatou-nos que em sua infância lembra-se de ter visitado as crianças no orfanato, porém, não é nossa depoente, sua contribuição a essa pesquisa deu-se de outras formas.

Para compreender o orfanato e as relações internas buscamos evocar as memórias dos ex-alunos que moraram no orfanato, os quais esboçaram a memória coletiva, que segundo Ecléa Bosi (2003, p.22) é a memória que pertence a um grupo que teve as mesmas experiências. Para a autora essas memórias coletivas alimentam-se de imagens, sentimentos, ideias e valores e produzem identidade e permanência no grupo. Nesta pesquisa as imagens, os sentimentos, ideias e valores serão vistos, mediados pela lupa daqueles que vivenciaram, como acentuou Marc Bloch (2001, p.43) “por dentro [...]” o cotidiano do orfanato, de forma singular o que corrobora a concepção de memória oral apresentada por Bosi (2003, p.15):

A memória oral, longe de unilateralidades para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretende tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades. (BOSI, 2003, p. 15).

Para Ecléa Bosi “feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!” (Bosi, 2003, p.16). Seria impossível compreender o que o orfanato representou sem os depoimentos dos cinco ex-alunos e das ex-professoras.

Para registrarmos a memória oral do orfanato localizamos cinco ex-alunos, os quais evocaram as reminiscências daquele tempo, narrando suas histórias, e que às vezes esqueciam-se dos fatos, esquecimento que de acordo com o Halbwachs (2006, p.30) pode estar relacionado aos significados que cada depoente dispensou aos fatos vividos durante o período em que estiveram no orfanato, visto que: “Esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam”.

A ex-professora do orfanato Maria José Fontoura de Freitas aos 91 anos de idade, (a depoente mais idosa) foi uma presença feminina cotidianamente presente e efetiva tanto no orfanato, quanto na escola Miguel Couto, esteve nesses espaços desde os 17 anos de idade até o encerramento das atividades de ambos. Na expressão: “vivi para o orfanato e para a escola Miguel Couto” nela está aferido os significados da sua participação no orfanato. A ex-professora é testemunha ocular do percurso do orfanato e da escola Miguel Couto, no papel de professora e sobretudo de esposa do diretor do orfanato.

O depoimento da ex-professora para nós foram de valores inestimáveis, visto que “O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos e realizamos. (BOBBIO, 1997, p. 30)”. As memórias da referida professora contribuiu para remontarmos a representação de Oliva Enciso.

De acordo com Ecléa Bosi (2003, p. 15), “A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a geração e as testemunhas do passado”. A ex-professora foi descrita pelos ex-alunos por como a professora, a inspetora e “enfermeira”⁵⁶. As memórias da professora Zezé⁵⁷ trouxeram o tecido histórico que sustentou os fatos como afirma Bosi, uma mediadora na narrativa da vida de Oliva Enciso, pois trabalhou e conviveu 62 anos com Enciso a quem considerou “mais sogra do que a própria sogra”.

2.2 Memória do orfanato sob a perspectivas dos ex-alunos

Os internos ao chegarem no orfanato recebiam apelidos significando que a partir daquele momento, se assim se pode dizer eram rebatizados e passavam a ser conhecidos por tais apelidos, o que dificultou encontra-los. Ressalta-se porém que os apelidos integram a um dos hábitos da família Enciso “Conchita”, “Caminha” e “Ninita” e o ex-diretor Eduardo cujo apelido é “Boca”.

O primeiro ex-interno que localizamos viveu no orfanato nos anos de 1952 a 1954, era órfão de mãe, morava numa fazenda a 140k de Campo Grande, encaixa-se no critério de crianças que habitavam “localidades sem escola e sem recursos”, (Enciso, 1986, p, 141) ao indagá-lo sobre os motivos de ingressar no orfanato narrou:

Por quê? Porque nós não tínhamos meio, a gente morava no sítio, fazenda, enquanto isso meu pai [...] eu comecei vir para Campo Grande trabalhar em Hotel, para estudar. Antes fui trabalhar no hotel, faxineiro do hotel, aí a dona vendeu o hotel e foi quando eu consegui ir pro Miguel Couto, que era colégio interno né, Miguel Couto. [...] Então lá eu estudei em 52, 53, 54, lá no colégio. Morando, certo, e estudando lá, aí em 55, comecei o convênio com o SENAI eu vim pro SENAI estudei 55 e 56 foi o ano que eu me formei. (DEPOENTE E).

A declaração do depoente evidencia que a sua primeira opção para ter acesso a escola não foi o orfanato, veio para Campo Grande para trabalhar e estudar, depois que [...] a dona do Hotel vendeu e foi quando eu consegui ir pro Miguel Couto”, foi viver no orfanato na primeira década de existência deste.

⁵⁶O depoente (D) relata que dona Zezé fazia curativos nos alunos e dava remédios nas madrugadas, a lembrança sobre a mesma foi uma mulher doce, elegante e educada que defendia os alunos das situações de castigos impostas pelo esposo que era o diretor.

⁵⁷ Apelido da Senhora Maria José Fontoura de Freitas.

Em certos trechos de seu depoimento, o ex-interno, assinalou alguns detalhes referentes a escassez de produtos alimentícios, chegando ao ponto de ser servido “arroz com caruncho” e a esse respeito disse que “às vezes, porque às vezes não comento, porque o pessoal às vezes não acredita na gente, as vezes eu falo assim para o pessoal as partes”. A despeito dessa falta de credibilidade evidenciada pelo depoente Paul Ricoeur (2007, p. 175) assinala que: “Há testemunhas que jamais encontram a audiência capaz de escutá-la e entendê-las”. O depoente “E” supõe que a realidade atestada por ele talvez não seja acreditada.

A nosso ver e a partir de conversas com pessoas contemporâneas ao orfanato nota-se que havia uma certa idealização do orfanato personificada na pessoa de Oliva Enciso, esse fato ofuscaram e ofuscam os problemas levantados pelo depoente.

O depoente “B” cujos pais havia se separado explicitou os motivos de ingresso no orfanato:

Então, a minha história foi assim, meu pai que morava em Pedro Gomes e o pai da Zezé, que era esposa do Newton, que por consequência sobrinho da tia Oliva, meu pai era amigo do finado Lorico, aí, meu pai separou da minha mãe, e um dia comentado com o Lorico, ele disse que precisava colocar o filho para estudar, tal, e o Lorico falou: olha eu tenho uma escola para ele em Campo Grande, que era a qual a tia Oliva que era a presidente, porque o velho Newton, eu chamo de velho Newton, o senhor Newton era o diretor, e foi aí que eu vim. (DEPOENTE B).

Esse depoente “B” diferencia de outros depoentes em primeira instância por apresentar uma narrativa de relações de vizinhança como denomina Franca (1969) e pela amizade entre familiares mediou a entrada do referido depoente no orfanato. Em segunda instancia o depoente externa uma proximidade familiar com Oliva Enciso ao usar termos como “tia Oliva” e “velho Newton”. No decorrer do depoimento tal proximidade foi esclarecida, pois conviveu com a família do diretor do orfanato.

Os dois depoentes evocaram as lembranças pretéritas do espaço no orfanato:

Aquele prédio da Miguel Couto tinha o dormitório, a igreja, a capela, bem no centro tem uma varanda, e ali em cima tem um buraco, onde ficava um auto falante, tinha um aparelho muito potente, e esse aparelho mandava som para o bairro inteiro, era tudo mato né, tinha uma casa ali, casa lá, a chácara, até recado às vezes. (DEPOENTE D).

O depoente “E” relatou:

[...] A rotina, ó o Miguel Couto na verdade era um patrimônio grande de material assim, era praticamente uma fazenda né, era então onde tinha colégio, o interno, o interno era na média de 150 guri[...] então o que acontecia, o cara estudava, lá a gente ajudava na lavoura, plantar. [...] Então, ali tinha umas pedras, era muito grande aquilo

ali, inclusive, tinha uma plantação de laranja muito grande, que era onde que a gente tinha que limpar, você entendeu? carpir. (DEPOENTE E).

As características arquitetônicas do orfanato ainda permanecem e apenas a capela não existe mais. No dia-a-dia do internato eram atribuídas tarefas aos alunos para auxiliarem no cuidado com a horta, o gado, a pocilga e limpeza nos quintais. Em outro relato do depoente “D” afirmou: “Porque naquela época, tinha-se bastante fartura né, nós tínhamos, nós plantávamos, arroz, feijão, acho que sim, e produzíamos na matinha muda de café”.

A foto aponta para um cotidiano direcionado com atividades.

Imagem 09 - Alunos em atividades na Escola Rural Miguel Couto – 1948.



Fonte: Arquivo Público Estadual de Cuiabá.

Os alunos relataram que no quintal do orfanato havia vastos canteiros de hortaliças, e alunos com corpos disciplinados em fila, mostrando as atividades e o estilo de vida e educação que recebiam.

O depoente “B” pontuou mais dados:

A nossa rotina era a seguinte: dependente do horário, porque nós, que, a gente levantava, tinha um frei que cuidava da gente, então ele nos ensinava a arrumar a nossa própria cama, é organizar, não deixar nada solto, os meninos que estudavam de manhã no período da tarde, a gente fazia, porque a gente limpava, era um terreiro, um quintal bem grande, então a gente mantinha aquilo lá tudo limpo.

O depoente “D” também referiu-se a rotina do orfanato:

[...] Porque, levantava-se de manhã, fazia um fila, essa fila ia até lá, escovar dente, tomar banho, e aquele negócio, voltava de lá, entrava no refeitório, tinha que fazer a fila, quem tinha aula...[...] Ah, tinha época de ter 150 meninos. Aquele dormitório, eu sei que hoje é um salão de festas, com quatro fileiras de cama, tranquilamente que cabia mais de trinta camas, uma cama tem essa largura, mais os centímetros [...], então eram quatro fileiras, e teve época que não cabia todo mundo, morava, tinha gente quem dormia no porão, o porão também fazia parte do interno, ali funcionava como um teatro, tinha um irmão leigo lá que fazia muita peça teatral para a gurizada, era época de festa de São João, final do ano. Mas, voltando dali, como que era, então era mais ou menos assim, quem estudava de manhã tinha a sua prioridade, tomava o café, ia para o colégio, atravessava a rua e do outro lado as salas de aula, mas era bem assim é, não esse regime militar, autoritário, era direcionado, eu me lembro, a parte de cima, onde estão aquelas concessionárias de carro, se eu não me engano eram 80 hectares é isso? [...] tinha a parte ali, tinha a parte da represa que chamava, onde tem a cachoeirinha no córrego lá. (DEPOENTE D).

Outro depoimento acrescentou diferentes dados:

E a cozinheira era eu esqueço o nome dela, era bem morena, ela bebia uma cachaça, entendeu? (A esposa fala: contando detalhes não é). Então, aqueles guris, aqueles que ela tinha pegado amizade e confiança todo dia tinha que buscar a garrafinha de cachaça para ela e eles saíam escondido, então aqueles uns ela fazia de tudo, ela fritava preá, fritava pombo, porque, ela teve confiança para eles saírem fugido, para ir lá comprar a cachacinha dela.

[...] Naquela época só tinha o boteco do “Vendas” bem embaixo, sabe, na Joaquim Murtinho, só tinha o boliche do governo, era só guardinha, então tinha que sair no meio do mato no meio do Jaraguá, escondido, ir lá comprar cachacinha para ela, Dona Maria, mas era boa demais a coitada. (Depoente E).

Os depoente evidenciam como denomina Bosi (2003, p.95) “os fatos miúdos” do cotidiano do orfanato os quais podem ser vistos por três perspectivas: a primeira nos leva a reflexão que Norbert Elias (1994) apresenta sobre o exercício do poder, o de que nenhuma pessoa controla totalmente aqueles que estão sob sua jurisdição porque as pessoas encontram formas de burlar o controle a partir do surgimento de novas relações, novos acordos.

O depoimento demonstra que a cozinheira e os “guris” estabeleciam novas regras para os benefícios de ambos, o que certamente fugia do controle do senhor Newton, denominado como “Delegado do sertão”. A segunda perspectiva demonstra que a carne não constava com frequência no cardápio do orfanato, e pôr fim a cozinheira ingeria cachaça e para satisfazer seu vício ela “fritava preá, pombo para os guris que fugiam para buscar a garrafinha de cachaça”, ou seja uma relação de trocas onde cada parte tinha sua necessidade suprida.

Ressalta-se que essa descrição trazida no depoimento do ex-interno não encontra-se registrados nos documentos que versam sobre o orfanato, nem nos discursos parlamentares de Oliva Enciso e nem em sua autobiografia. Com relação precariedade da alimentação no orfanato o assunto ressurgirá mais adiante ainda no presente capítulo.

Os depoentes “D” e “E” ingressaram no orfanato na década de 1950, porém não lembraram-se um do outro, as lembranças são interpeladas pelos sentimentos coletivos que atribuíam para as vivências naquele lugar. Não se lembram porque mesmo na condição de órfãos vivenciaram realidades diferentes, o depoente “D” e “E” não compartilharam em tempo integral o espaço arquitetônico do orfanato, o depoente “D” conviveu no ambiente familiar dos membros da família do diretor.

Reitera-se que a entrada do depoente “B” no orfanato foi mediada pelas relações de amizade do pai com um conhecido do pai da esposa do diretor da instituição, o que significa que o depoente em questão não era um órfão qualquer, mas um órfão que chegou na instituição envolto em um laço afetivo. E o depoente “D” tinha apenas três anos de idade, era pequeno e recebeu tratamento diferenciado pela esposa do diretor, ambos desfrutaram da confiança do diretor e ao contrário dos “guris” que fugiam do orfanato para comprar cachaça para a cozinha.

Por isso as lembranças dos depoentes “D” e “E” tem sentidos diferentes, as lembranças do primeiro estão ancoradas de acordo com Halbwachs na memória afetiva, cujo vínculo afetivo continua com os familiares do ex-diretor, já as lembranças do segundo são seletivas cujos sentimentos afetivos são direcionados apenas a ex-professora a “dona Zezé”.

Quanto a este olhar retrospectivo dos depoentes Ricoeur (2007) grafa que ao exporem suas lembranças, lembraram de si mesmos e por extensão reconstruíram o passado vivido, porque “Toda a tradição do olhar interior se constrói como um impasse rumo à memória coletiva”, Ricoeur (2007, p.108), neste sentido as autoras Bresciani e Naxara (2001) acrescentam:

[...] A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação a outros)⁵⁸, mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como “realmente” aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido “ao mesmo tempo no passado e no presente” -, a memória recria o real [...]. (BRESCIANI e NAXARA, 2001, p.47).

Nesta acepção as alocações dos ex-alunos levaram-nos a recriar o orfanato e nos depoimentos remontaram as relações que presenciaram naquele espaço.

O depoente “D” lembra-se de detalhes que viveu no orfanato em 1953⁵⁹.

⁵⁸Parênteses assinalados pelos autores.

⁵⁹ Antes dessa data não localizamos nenhum outro depoente.

[...] Aí, tem a Afonso Pena que fica um pouquinho fora, mas eu me lembro que na rua quinze vinha a boiada e entrava ali para fazer volta, por trás da Miguel Couto.[...] O que nós fazíamos era, esses, na época que plantava café ou fazia muda de café e plantava arroz ou feijão, não me lembro agora, esse eu nunca participei, mas varrer quintal, limpar banheiro, carpir, limpar o laranjal, cuidar de, esses serviços.[...] Não sei se os tempos eram outros, você não tinha é uma necessidade a mais, tipo assim, eu nunca vi ninguém preocupado: E minha mãe! Pai! (DEPEONTE D).

Das lembranças deste depoente percebem-se as relações de trabalho dentro da instituição, algo recorrente da época, pois estamos falando de 1953, em que de acordo com Priore (2004, p. 374) havia o direito em prol da criança, mas não era exercido.

Encontramos no arquivo Público Estadual de Cuiabá fotos de 1948 da horta e das atividades na Sociedade e Escola Miguel Couto.

Imagem 10 - Horta: alunos em Atividade na Escola Rural Miguel Couto



Fonte: Arquivo Público Estadual de Cuiabá.

Os direitos voltados para a infância vieram a legitimar-se no Brasil apenas em 1990 através do Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA. Dessa forma, ao perguntar aos depoentes sobre essa relação com o trabalho na instituição, os depoentes compreendiam a sua infância a partir do tempo que viveram e reportam-se àquele contexto.

Tínhamos horta, tínhamos, cada aluno, os maiores, o que conseguia trabalhar um pouco mais, eles tomavam conta de até quatro canteiros cada um, eu por exemplo, na época eu gostava muito, até porque depois eu vendia, eu tinha era uma porcentagem a gente que, pelo trabalho que a gente prestava né. A gente podia vender e desse percentual, a gente ganhava um troquinho legal, na época ajudava bastante. (DEPOENTE B).

Quando chegou ao orfanato o depoente “B” tinha nove anos de idade, ingressou em 1967 e saiu vinte anos após em 1987, foi o único que trouxe o dado sobre a venda das hortaliças sendo autorizado a venda de produtos e participação nos lucros, porém essa realidade foi descrita apenas por esse depoente.

A gente, cada um dos meninos na semana, tinha as tarefas, então a gente ficava na cozinha ajudando a cozinheira [...] aí ela foi ensinando a gente e tudo, aí acabei aprendendo. Tínhamos horta [...]Tudo era a gente que fazia mesmo, tudo que a gente plantava e colhia era para nosso consumo, tudo. (DEPOENTE N).

O depoente “J” expressa o mesmo sentido:

A horta tinha, na época que eu cheguei tinha um instrutor para a horta lá embaixo, de manhã acordava ia para a horta, de tarde ia para a escola, tinha a horta ainda, até 80 e, até quando eu fui para o SENAI tinha a horta, depois que excluiu os monitores daí acabou depois que eu cheguei tinha a horta ainda. (DEPOENTE J).

Os demais alunos narraram o trabalho enquanto rotina, atividade do orfanato. Apenas o depoente “E” entendia que era pesado demais as atribuições para uma criança, os demais entendiam que era algo natural, “era assim que criavam homens naquela época” asseverou o depoente “J”. Os depoentes não evidenciaram queixas, alegavam não haver escolhas, era a realidade deles, não havia como fugir e nem queriam fugir. Para o depoente “E” “Ninguém fugia porque não tinham para onde ir”. Diante da falta de opção conformavam-se com a realidade.

Um dos ex-internos narrou quando foi expulso do orfanato.

Eu fui atípico porque era muito levado também (risos). Lá atrás onde dona Zezé mora, para cá pouco, tinha um projeto de construir um prédio novo, a estrutura toda pronta isso ficou uns dez, quinze anos parado, e tinha uma caixa d’água de uns trinta metros de altura, nós estávamos tomando banho nessa caixa d’água, dizia que era um tanque assim (mostra com as mãos) ficava na beirada trinta metro de altura, e nós ficávamos dentro dessa caixa d’água. E Senhor Newton, viu, foi lá, estava eu o Eduardo e mais uns dois meninos. – Desce daí. – Não vou descer. – Desce, não desce, (risos) desce. Bom, descemos e eu vim por último, aí ele me chamou: – vem cá. Falei: – não vou. – Vai. – Não vou. – Não. – Então você vai expulso. – Mas expulso para onde? Onde eu vou expulso, vai me mandar para onde? Mandou buscar seu Cilo, lá na cachoeirinha, seu Cilo que cuidava da cachoeirinha, o pai do seu Cilo cuidava da chacinha. O Seu Cilo veio de jipe. – leva esse menino lá para a tia Oliva. E Eu fui morar na tia Oliva [...] (DEPOENTE D).

No relato o depoente “D” foi expulso pelo Newton Enciso o diretor do orfanato e foi enfático “não havia para onde ir” e por isso foi mandado para a casa de Oliva Enciso, onde morou por dois anos. No depoimento o ex-aluno revelou:

Tipo assim, buscar tia Oliva, levar tia Oliva, atendia muito ali dona Zezé, o final de semana era eu que ia fazer compra já, tinha um grande mercado ali, ao lado do mercado municipal, não me lembro, esqueço o nome da pessoa, o dono, então, ia lá no sábado comprar todo aquele mantimento, e a gente fazia isso, e ajudava a tia Oliva atender, levava ela no banco, levava ela não sei aonde, em cartório, tudo que tinha que fazer eu acompanhava, eu fiz isso um bom tempo. (DEPOENTE D).

Muitos internos que permaneceram mais de 20 anos no orfanato chegaram na infância e saíram quando atingiam a maturidade e a estes era imputada a responsabilidade de cuidar dos internos.

Sobre as dificuldades que o orfanato enfrentava os depoentes narraram:

Na época, tenho que ser honesto comigo mesmo, não era, aqui, falar uma coisa que não era, em comparação a hoje, porque hoje é tudo diferente né, a gente, mas antigamente é (faz uma pausa) complicado, foi melhorando, faz dez anos, para cá né, que vai melhorando a situação. [...]
 Não, porque assim não tinha tanto recurso na época, pelo menos na época quando eu entrei, não tinha recurso do governo, foi depois, que teve dinheiro, foi bem depois, antes era só a associação que tinha, só a associação, então a gente, mas graças a Deus que tinha, a gente não passava fome nem nada, comia o que era feito, por exemplo se você fizesse uma sopa só de macarrão, era aquilo ali, ia fazer o quê? Entendeu, não tinha, então era aquilo ali, mas ia fazer o quê? Não passava fome, deixava estudar, cuidado, a gente tinha que manter a organização de limpeza de horta, era assim. (DEPOENTE N).

O depoente “N” quando indagado sobre as dificuldades do orfanato admitiu que às vezes haviam problemas, soube falar como resolviam os conflitos, principalmente nas questões da alimentação que eram um desafio constante. Segundo o atual presidente da Sociedade Miguel Couto era muito complicado administrar um orfanato sem recursos permanentes.

Esta questão foi narrada pelo depoente “D”:

A alimentação, tinha época que não tinha nada e ela tinha que ir ao Rio de Janeiro, buscar, mas a sociedade, tanto é que era a Sociedade Miguel Couto dos amigos dos Estudantes, então aquelas pessoas que eram referência em Campo Grande, eram sócios, entendeu? Sócios beneméritos, eles contribuía. (DEPOENTE D).

O depoente destaca que os problemas com a alimentação agravava-se em épocas de crise:

[...] Em crises? Crises, épocas difíceis, difíceis, mais a Miguel Couto sempre teve um aporte né, ela tem a fazenda, a fazenda tinha gado leiteiro, de vez enquanto se necessário matava alguma coisa. Na, na cachoeira tinha a criação de porcos, tinha um canavial muito grande, é leite inicialmente lá atrás, fartura na chacinha muita vaca, essa vaca produzia leite, naquela época tinha é, os Estados Unidos tinham aquele programa comunitário com as nações Unidas, não sei o que, nós recebíamos anualmente duzentas, trezentas latas de queijo, de leite, leite em pó, esse queijo que a gente come hoje aqui, é mozzarella, já vinha enlatado para a gente. [...] E é, de manhã cedo, um saco de pão, teve época que as padarias não levavam sempre tinha um ou dois meninos que iam buscar, eu não me lembro de nunca ter faltado pão algum dia. [...] **Teve época de vacas magras** [...] É uma instituição e dependia do dinheiro. (DEPOENTE D).

Os depoimentos acima desvelam um contexto em que o orfanato apresenta-se sem recursos financeiros, mas algo nos intriga: segundo a ata parlamentar nº 31 de 10 de julho de 1959 folhas 03, 04 e 04 e outras atas de outros anos e também no depoimento de Eduardo Fontoura de Freitas, descritos nesse capítulo, Oliva Enciso recebia recursos para a filantropia. A merenda era financiada também pelo governo, e mesmo assim os discursos dos alunos apontam para um problema constante em que os recursos ou não eram suficientes ou apontam para problema de natureza administrativa. Os depoentes indicam que haviam alternativas de sustento próprio no orfanato, mas nem isso amenizou os problemas na área da alimentação.

O depoente “E” pontua, como se diz popularmente, a realidade nua e crua do orfanato:

[...] Ia com roupa comum, tudo doado. [...] Era pobre, pobre, pobre mesmo. [...] de chinelo, descalço. [...] É, pobre, paupérrimo mesmo, assim, não tinha jeito, aquilo lá era um colégio de... Você esteve lá? [...] Preá, conhece preá? A gente pegava na arapuca para ela fritar para a gente comer. Então eles doavam. [...] Era tudo doado [...] Era muito difícil, porque na verdade aquela molecada, muitos não tinham nem pai, nem mãe né, pegava na rua levava para lá. [...] ali tinha um pomar muito grande, era jabuticaba e jaca, muito grande, aquilo lá, ficava distante então a gente podia ir lá pegar, mas só laranja não podia era proibido. (DEPOENTE E).

A realidade posta desvela um contexto pobre e agravante no período de 1953, o depoente “E” narrou essa situação que foi uma narrativa diferente dos demais depoimentos, o mesmo não era próximo à família de Oliva Enciso e tanto nas relações internas como na administração do orfanato ele acentuou problemas graves.

Esse depoente assegura que tudo era fruto de doações, o depoente “D” também assinalou sobre as doações de terceiros e apresentou outras medidas que Oliva Enciso tomava para manter a instituição: uma delas era recorrer ao próprio gado e porcos da instituição. O mesmo alega que “não eram tão ruins as roupas”, lembra-se que “havia pelo menos um chinelo no pé de todos e que chegavam a ir ao cinema”, fez uma comparação dizendo: “quem vai ao cinema talvez não está tão maltrapilho”.

Encontramos nas atas parlamentares projetos de recursos destinados ao orfanato, apresentados por Oliva Enciso:

[...] 2º) – Projeto de lei - Concede subvenção à Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante A Assembleia Legislativa do Estado decreta. Art. 1º - Fica concedida, à Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, com sede em Campo Grande, a subvenção anual de Cr\$ 200.000,00 (Duzentos mil cruzeiros) a figurar nos orçamentos estaduais, a partir de 1960, para auxiliar a manutenção dos seus abrigos de menores. – Art. 2º) – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário. Sala das Sessões, em 10 de Julho de 1959. A) Oliva Enciso, Edimir Moreira, Santos Pereira, - Edison Garcia, Augusto Mario. (Ata da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, 31 de 10 de julho de 1959, folhas 1 e 2).

Na descrição do conteúdo da referida ata Oliva Enciso fazia uso de sua força parlamentar para obter recursos para a Sociedade Miguel Couto, ela contava com o sobrinho Newton Enciso de Freitas para auxiliá-la na administração financeira e na disciplina do orfanato. Maria José Fontoura de Freitas, esposa de Newton, narrou que o esposo era quem fazia as negociações das compras de lotes e terrenos, acentuou que ele gostava de trabalhar com cheques.

Um dos depoentes assinalou que quando tinha 18 anos acompanhava o diretor nos boteco e o presenciou fazendo negócios, comprando e vendendo nesses bares, porém quem administrava os recursos era Oliva Enciso. O filho do referido Newton, Eduardo Fontoura de Freitas afirmou “a filantropia tinha um vasto patrimônio, muitos terrenos que vieram por meio de doação e aquisições e foi o que socorreu a instituição na ausência de verbas”.

Segundo Enciso em sua autobiografia, pelo orfanato ela apresentava-se como “mendiga disfarçada”, vale ressaltar que Oliva Enciso nunca negou que a instituição tinha problemas financeiros, essa questão sempre esteve presente em seus discursos e nas atas parlamentares.

Mesmo diante das situações adversas que enfrentaram no orfanato foi coletivo e recorrente nas respostas dos cinco ex-alunos a gratidão por serem acolhidos. Todos agradecem por terem passado pelo orfanato e pelas “mãos” de Oliva Enciso, acentuaram que ao contrário estariam “perdidos no mundo”, reconheceram o esforço de Oliva Enciso em ofertar acesso à escola e agradecem pelo encaminhamento ao SENAI, todos estudaram em cursos profissionalizantes. Dessa forma o depoente “E” assinalou: “Ela (Oliva Enciso) contribuiu sim, inclusive tem muitos profissionais que ela deixou aí. Muitos. [...] Eu mesmo fui um. Das mãos dela eu me transformei em um profissional”.

Apesar da figura de repressão do diretor, os depoentes expressaram a gratidão e lembranças agradáveis dos tempos do orfanato:

Se tinha nessa rota eu não me lembro porque eu ia lá a noite e na volta se reuniam dois ou três para subir, não tinha problema a gente reunia a gurizada, mas assim, de, na Miguel Couto eu me lembro muito bem dessa época em que, tinha, eu não tenho lembranças ruins só boas não tinha. (DEPOENTE D).

Para mim a Sociedade Miguel Couto era uma família, para mim foi. Saí da casa da tia para morar na Miguel Couto, e a rotina educativa era boa, porque você tinha domingo para assistir à missa, e na época que eu cheguei que eu já era meio grandinho a gente ia para o Dom Bosco”. (DEPOENTE B).

Sou muito grato a Deus, e a eles (família de Oliva Enciso) porque pelo que eles fizeram por mim, pelos meus irmãos, pelos outros, hoje para você ver, sou órfão de pai e de mãe, poderia ser bandido, ou estaria morto, ou era usuário de drogas, graças a Deus nunca usei droga nem nada, oportunidade a gente teve, porque era criado livre, tudo aberto [...], mas eu não precisei entrar nisso, isso para mim foi uma vitória né, o ensinamento [...] eu confesso que eu não cheguei na faculdade por opção minha, mas oportunidade todos tiveram, todos, se alguém falar, porque oportunidade todos nós tivemos, tudo [...] curso profissionalizante, tudo, eu não fiz porque eu não quis. (DEPOENTE N).

Os quatro fragmentos dos depoimentos evidenciam a importância do acolhimento que receberam no orfanato como a única possibilidade que naquele momento lhe fora assegurada: ter onde ficar, comer e estudar, eram crianças e não tinham famílias e por assim dizer, não tinham escolha.

Neste sentido é que a nosso ver é possível entender que apesar dos castigos os internos não fugiram do orfanato. Apenas um dos meninos fugiu do orfanato, uma fuga em busca de um lar:

Então, eu fugi assim, porque assim, eu queria ter uma família, sabe, aqui mesmo assim, que fosse, porque era uma família da gente, mas lá era diferente, eu queria ir para um lugar daquele, aí foi quando eu fugi e fiquei lá por muito tempo. Então, aí o monitor que cuidava da gente aqui, foi lá e conversou comigo, ele me explicou uma coisa para mim que eu até hoje jamais vou esquecer, eu era muito criança, ele falou para mim assim, olha, não é que a gente não quer que você venha para cá, você não tem família, você pode vir aqui e tudo, mas só que você tem que pensar uma coisa: eles são pessoas pobres e você está tirando comida da boca de um dos filhos dela, nossa, isso eu carregou para resto da minha vida, desde criança, eu carregou isso dentro de mim, por isso que hoje.

Eu fiquei pensando muito no que ele falou, ela tinha cinco filhos, aí ele falou, é viúva, então isso ficou na minha cabeça, sabe, aí foi quando deu aquele estralo, na minha cabeça e eu resolvi voltar atrás, fui ver. Aí voltei né, porque.

Fiquei pensando nisso, fiquei sentido né, fiquei pensando, puxa, só ela trabalha, realmente, só ela trabalha, com cinco filhos, tem mais um, sou mais uma boca. Era casa simples, assim tudo, mas o tanto que eles me acolher também, eu vi eles como minha família, por isso que independente de tudo assim eu fiquei lá. Me tratavam muito bem, eu me dava muito bem com os filhos dela lá, inclusive ela tinha três filhos que era interno aqui, eu me dava muito bem lá, aí foi, seguia a vida como lá. (DEPOENTE N).

Diante do depoimento do depoente “N” percebe-se que as relações humanas no orfanato não supriam o vazio da presença familiar, os internos não fugiam porque não havia para onde ir, foram abandonados de fato.

Ninguém fugia porque não tinha para onde ir. [...]Olha, não sei, geralmente apareciam alguns né, porque onde é Tiradentes, aquilo ali tudo era uma fazenda, aquilo ali não existia nada guria, entendeu? Era um campo. [...] Futebol, futebol tinha, tinha o campo de futebol. [...]Podia jogar, inclusive o colégio mesmo, tinha time de futebol lá que ia pessoal daqui jogava lá. (DEPOENTE E).

O orfanato era o lugar de segurança:

[...]Não sei se os tempos eram outros, você não tinha é uma necessidade a mais, tipo assim, eu nunca vi ninguém preocupado: E minha mãe! Pai! [...] Não, não me lembro disso, eu particularmente não me lembro[...] não me lembro de ter perguntado de ter questionado. [...] Então, porque você tinha tudo, é, você tinha uma boa alimentação, você tinha a hora para jogar futebol, você tinha hora para tomar banho, tinha a hora para estudar, você entendeu? Esse padre, esse irmão leigo, ele aos sábados passava. (DEPOENTE D).

Apesar das relações contraditórias que enfrentaram no orfanato o local foi um lar para alguns internos.

2.3 O diretor do orfanato na memória dos ex-alunos

Neste sub item registraremos as lembranças do ex-alunos relativas ao tempo que estiveram no orfanato sob a sentinela do diretor o senhor Newton Enciso de Freitas. Os ex-alunos ao ecoaram suas lembranças, acionaram o campo das emoções que estavam adormecidas, para Bresciani e Naxara, (2001, p. 47) “não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade”, por isso o surgimento das emoções foi representado pelas lágrimas, pela respiração profunda, pelo silêncio, pelos gestos etc. A memória aciona na mente humana e a subjetividade do sujeito aflora, daí o enquadramento da memória em diversos campos da ciência a fim de dar conta de explicar sobre que viés o sujeito se apoia para tal lembrança.

Pinto (1981, p. 209) afirma que, “A memória migra para além da história, assumindo dimensões psicológicas, íntimas e subjetivas”, são perceptíveis tais dimensões as vezes de forma clara outras vezes de forma implícita nos depoimentos dos ex-alunos.

Os autores acima indicam um panorama dos campos que a memória aparece relacionada e confirmam que existem diferentes perspectivas de interpretá-la:

Henri Bergson a coloca no centro de suas indagações filosóficas, Sigmund Freud a situa como base de suas investigações da personalidade psíquica, Marcel Proust a torna o eixo de uma produção literária fortemente autobiográfica que, a partir de uma Madalena mergulhada em chá de tília, renova a escritura do século XX [...]. Em Bergson percepções e intuições *deságuam nos labirintos da memória*, vincula-se à uma consciência de um passado que, filtrado pela exacerbação da instantaneidade presente, só se mantém vivo se resgatado por meio de imagens e estratégias. Em Freud a cena primitiva, entranhada nos labirintos do inconsciente, é recuperada como fundante da personalidade psíquica e *lugar de memória* ao mesmo tempo íntimo e universal. Em Proust, a manifestação involuntária da memória no ato de calçar uma botina, na Madalena – simples bolinho que revela a infância – mostra um mundo memorial guardado no esquecimento, prestes a se revelar, prestes a mostrar o peso das lembranças, também pessoais e coletivas, apropriadas pelo indivíduo a partir de um repertório ampliado, coletivamente tecido. (PINTO in Revista **Trabalhos da Memória**, 1981, p.209).

Le Goff (1996, p. 423 -427) assinala que mesmo reconhecendo a complexidade do conceito de memória ressalta que a memória desempenha, no percurso da história, uma função importante porque a memória é uma fonte histórica, quer escrita, oral, quer arqueológica, quer fotográfica e quer documental, que aglutina o pensamento de uma significativa parte da população de uma determinada região. Diante das palavras de Le Goff percorremos na certeza de que as fontes orais ecoam memórias e estas proporcionam novos olhares ao objeto estudado.

Neste trabalho tomamos a memória enquanto aquela que é individual e coletiva⁶⁰, portanto social. O tema memória perpassa diversas teorias e os seus teóricos a conceituam dentro dos campos de reflexão que atuam. Para tanto, ao dizermos que o indivíduo recorre à memória a partir do seu repertório que é subjetivo, estamos nos reportando ao que Proust, que menciona sobre os pesos dessas lembranças que partem do pessoal e do coletivo e que pertencem somente àquele que a viveu.

Diante do exposto, dentre as formas de ecoar as memórias, observamos que nos depoimentos as lembranças declinam, ora a representação daquele mesmo lugar é semelhante, ora mergulha dentro do sujeito que a devolve na intensidade que viveu.

É interessante a forma com que os depoente relembra-se dos fatos ocorridos no orfanato, viveram no mesmo ambiente, porém entoam realidades diferentes sobre o mesmo assunto, ainda que trilhem na mesma direção o olhar subjetivo do depoente atesta pontos de vista diversos.

Relataram fatos semelhantes sobre as punições dentro do orfanato, por exemplo, descreveram que o diretor batia nas crianças com um chinelo, um meio de coerção utilizada para corrigir a indisciplina das crianças. Três depoentes relataram a mesma metodologia por

⁶⁰ Ambos conceitos alicerçados em Maurice Halbwachs (2006).

parte do diretor, porém compreenderam de formas singulares esse fato, apenas para o depoente “E” entendeu enquanto agressão, para os demais a atitude foi conceituado enquanto umas “palmadas” apenas. Nas realidades depositadas revelam-se as próprias percepções da infância dos depoentes marcadas pelos valores subjetivos, elemento da memória social, descrito por Halbwachs (2006, p. 34).

E é com essa acepção carregada de valores subjetivos que o diretor Newton Enciso de Freitas surgiu no depoimento dos sujeitos que o conheceram seja no papel de esposo, de sobrinho de Oliva Enciso, de pai, e sobretudo de diretor para os ex-internos.

Para Maria José, a esposa de Newton, ele ocupava o papel de filho de Oliva Enciso:

[...] O Newton era um filho para ela, ela não casou, ela também queria ser freira, foi estudar, foi estudar no Rio, para fazer medicina, o pai do Newton quem mandou, o pai do Newton trouxe toda a família dela de Corumbá, casou e veio morar aqui, e trouxe a família dela que está aqui, e ele que cuidava, a mãe da tia Oliva e as irmãs elas eram costureiras, ficavam ali na da costura tudo, né. [...] Ela chegou aqui com as filhas. [...] A minha sogra que morava aqui, casou e veio para cá. [...] A Dona Bráulia [...] Newton foi estudar, Newton foi estudar aqui depois ele foi estudar no Rio, em uma dessas vindas do Rio, ele, porque **ela que educava ele**⁶¹ pagava colégio, pagava tudo, era o filho que ela não teve era o Newton, então, ela estava na prefeitura, ela já trabalhava nessa parte social, lá na prefeitura. (MARIA JOSÉ FONTOURA DE FREITAS).

Newton Enciso de Freitas era filho do senhor João Francisco de Freitas e da Bráulia Enciso, a irmã mais velha de Oliva Enciso, um sobrinho com relações de filho, uma pessoa pelo qual mantinha afeto. Segundo Maria José Enciso ajudou Bráulia a pagar os estudos do sobrinho. Aos 56 anos Newton faleceu por complicações de saúde.

Cada ex-aluno expressa lembranças sobre Newton de formas diferente.

Era bravo que só a peste, batia em aluno, entendeu, batia em aluno, naquela época não tinha leis para menores [...] graças a Deus nunca apanhei, mas fiquei de joelho das sete da noite até as duas da manhã um dia, em frente da casa dele, porquê, juntou uma turminha assim e acharam de fazer uma arte e o cara, um ex-aluno dedou a gente. [...] Sabe como ele fazia as coisas, ele chegava pra tomar a tabuada e tomava as quatro frações uma vez só, não tinha negócio, ele chegava de supetão na classe assim, fazia um círculo assim, pegava um chinelo daqueles assim com salto de couro, e começava a tomar o que é tom...tom...tom...mas ele não falava com você, ele fazia a pergunta e depois: (mostra o dedo indicador para mim) você. E aquele que errava, o que acertava ele pegava um chinelo para o cara dar um bolo naquele, se o cara batesse devagar ele falava, não é assim rapaz, é assim quer ver me dá aí, e pau! (DEPOENTE E).

⁶¹ Grifo nosso. O depoente refere-se a Oliva Enciso.

Ao esboçar suas lembranças, o ex-interno, a nosso ver mostrou-se ressentido com algumas situações: considerava que trabalhava muito na filantropia e também queixou-se das punições, no entanto descreveu o orfanato como algo que deu acesso aos estudos, um sentimento de gratidão mesclado com ressentimento. O mesmo ingressou no orfanato aos 12 anos de idade, era adolescente e a coerção para ele não foi algo assimilado com naturalidade, suas memórias são perpassadas por ressentimentos, os quais, segundo Bresciani e Naxara (2001, p.67) [...] ressentimento em seu sentido psicológico é comumente compreendido como estado ou condição duradoura, em vez de breve expressão de uma emoção”, diante do exposto, parece-nos que mesmo após 60 anos fora do orfanato ainda assim o ex-interno não mudou sua percepção do diretor do orfanato.

Outro sentimento que surgiu no depoimento do depoente “N” foi o de vergonha por ser reconhecido como um interno no orfanato cuja identificação ocorria devido ao uniforme:

Ah sim, tem né, é obvio, principalmente quando você estava naquela fase de adolescente, está querendo namorar e, aí você não contava para a menina mesmo não, eu não contava nem amarrado, mas no final elas acabavam descobrindo, porque tinha o uniforme, o uniforme nosso era diferente deles, da escola né, porque a gente era interno né, então o uniforme nosso era diferente do deles. Olha eu confesso para você, eu quando estava nessa fase. Não sei todos, mas eu tinha, alguns falavam que tinham vergonha, alguns falavam. Porque era assim, então, tocava o sino aqui, a gente vinha de lá debaixo em fila, quando a gente chegava aqui, ficava aquele impacto, cheio de alunos aqui, então agente morria de vergonha, vou falar para você, morria de vergonha mesmo, sabe, muitas vezes eu chegava atrasado, só pra que o pessoal não soubesse que eu era interno, não soubesse que eu era interno, então eu chegava atrasado. Agora eu morria de vergonha assim, do lado das meninas então Deus me livre! Vixe! Elas falavam: ah você é interno ali? Eu falava: eu não, eu não, eu moro lá no Tiradentes, morava num sei lá onde. (DEPOENTE N).

No trecho acima o ex-interno percebia que estar no orfanato era admitir sua condição de miséria e desamparo familiar, assim esconder a realidade ou fingir que não era do orfanato amenizara o desconforto de não ter um lar.

O depoente “D” asseverou que Newton Enciso de Freitas não era um homem agressivo, mas afirma que era respeitado pelos moradores da região como o “delegado do cerrado”, uma alusão a uma autoridade forte e temida, alega que ele defendia as mulheres que o procuravam após desavenças matrimoniais.

Segundo relatos dos depoentes Newton era alcoólatra:

Ele morava ali.
[...] Ele chegava de fogo, aí bem na frente tinha uma plantação de rosas, um dia ele chegou de fogo, ele tinha um Jipe era do colégio, chegou correndo desorientou caiu, caiu no meio daquelas roseiras lá se arrebitou todo.

[...] Tem, a professora Zezé, ela era muito, coitada, ela padecia muito com o marido viu. Ele bebia muito, sabe, e judiava muito dos moleques e ela não gostava, e ele era muito mal. (A esposa do depoente comenta: Daí que ele morreu e ela ficou). É, ela não gostava mas sabe o cara era muito rígido, então. (DEPOENTE E).

O depoente “E” alegou que a esposa do diretor, a professora Maria José, não apoiava as práticas rígidas dele e nem o vício. Nos depoimentos dos filhos de Newton não depreciariam a imagem do pai, mas assinalaram que era forte, enérgico, resistente e firme nas convicções, sua filha Ana Fontoura de Freitas acentua essas características em seu depoimento.

O depoente “N” viveu em outro orfanato e traduziu o sofrimento vivido através da palavra “inferno”, pois havia surras violentas e funcionários que não os respeitavam, comparou outros orfanatos e asseverou que de fato o Lar Santa Teresinha era mais humano e que nele sentia-se parte de algo.

A gente quando é moleque a gente sabe que a gente apronta né, não tem jeito, a gente sabe que, briga, então não tem jeito, a gente, mas não era aquele, não era igual o outro que eu vivia, no outro tinha espancamento, nesse aqui não, esse era para corrigir. [...]CIDEM. De cinta, já apanhei de fio, de cabo, como fala mesmo, cabo de aço, ficar de castigo.[...]
É, lá ficava de castigo em tampinha de refrigerante, atrás da porta, fiquei um ano lá, daí quando fechou veio para cá, daí quando foi uma maravilha, a gente aprendia muita coisa aqui, todo final de semana assim, a gente ia para a fazenda eles tem uma fazenda pra lá. (DEPOENTE N).

Porém, o depoente “N” reconhece a rigidez do diretor:

Eita, é eu nunca passei por nada com ele (Newton Enciso), mas era rígido, então.[...]É, os outros meninos falavam assim, mas assim, ele tratava bem, conversava com a gente, e tudo, eu lembro que na época aqui, tinha um sino de trem que era um sino de bater, então ele batia três vezes, igual quartel, ele batia três vezes, na terceira vez tinha que estar todo mundo aqui formado na fila, ele morava aqui [...] então ele fazia a fila aqui e fazia a contagem dos hecmeninos, conversava com os meninos e tudo, ele era assim, né.[...]Eu nunca apanhei dele não. [...]. Não. Dele não. Tinha um monitor que cuidava da gente, porque a gente quando é moleque a gente sabe que a gente apronta né, não tem jeito, a gente sabe que, briga, então não tem jeito, a gente, mas não era aquele, não era igual o outro que eu vivia, no outro tinha espancamento, nesse aqui não, esse era para corrigir. (DEPOENTE N).

Algo intrigou-nos diante do relato do depoente “J”:

A tia Oliva nunca fazia isso, (agressões)⁶² mas ela não conseguiu colocar isso na cabeça da educação do Senhor Newton né, tia Oliva não fazia isso. –Ela nem sabia disso? – Ela sabia, mas o jeito que agia na época não era ilegal né.

⁶² Grifo nosso.

[...] você nunca vê falar que um cara que tem a idade bem avançada 80, 70, falando que foi desumano, a educação do povo era outra, não tem como julgar o cara de 50 anos atrás, você vai julgar um cara que foi carrasco que matou não sei o que, mas quem tentou educar pelos meios rígidos, sei lá, palmatória na mão, cascudo e puxão de orelha, não precisa mais, mas era a pessoa saber que não precisa. (DEPOENTE J).

O depoente “N” explicitou o porquê Oliva Enciso não agiria com violência:

Ela não dava pito não. Ela era uma pessoas assim, não levantava a voz e nem te agredia com palavras, falava assim, baixo e tranquilo, aquilo ali, mesmo que você estava nervoso, isso aconteceu comigo várias vezes, então o jeito dela conversar assim, ela acalmava a gente assim, pelo menos eu, eu conseguia assim, ficar tranquilo com ela com o jeito dela conversar, daí ela falava muito, ela falava meu filho: falava meu filho você tem que estudar, a única coisa que tem aqui de bom que você vai levar para a sua vida é o estudo, isso que eu quero de você, então, isso tranquilizava a gente, o jeito dela conversar e não era explosiva, nada, conversava muito, falava pra gente que se a gente tivesse um pouco maior, ela ia dar oportunidade pra gente no SENAI, eu fiz curso no SENAI. (DEPOENTE N).

O depoente “B” assim se refere a Oliva Enciso:

Então assim, ela era muito legal, porque toda vez que você chegava próximo a ela, você sentia uma paz, ela era muito doce, muito meiga, muito querida, é impossível, eu acredito de haver uma pessoa que não gostasse cem por cento dela, impossível. Ela ajudava todas as pessoas, a gente, como a gente era interno, a gente via que vinham as pessoas, da periferia, porque na época isso aqui não era assim tão povoado, era bem, na época era bem afastado do centro, então, direto as pessoas vinham aqui pedir as coisas e ela nunca deixou de atender, ela sempre estendeu a mão a quem a ela procurasse.

Outro ex-aluno pontuou que as vezes Oliva retirava os meninos do castigo imposto pelo diretor:

Às vezes o Newton dava um castigo e ela vinha, não, não é assim, ela cansou, eu cansei de ver ela, tirando, porque tinha uns meninos, que não tenha dúvida, eles pagavam para ver, aí né, eu vou pra ver, ia no limite para ver se realmente acontecia, e acontecia, essa varandinha aqui era o entre aspas, era o como é que fala, era o tronco, digamos assim, mas que na verdade não é essa palavra, mas assim, essa varandinha aqui, por exemplo, guri fazia arte lá e eles vinham aqui, daí eles ficavam aqui, daí vinham aqui e colocavam sentados na muretinha aí tinha, ele ficava em uma rede ali, aí conversava, porque você brigou? –Ah nada. – Por que você brigou? Está certo? Então você vai ficar de castigo, colocava de castigo. Nossa está passando um vídeo em minha cabeça, um filme bom, um filme de boas lembranças. (DEPOENTE B).

O depoente “E” relatou algo interessante: “[...] inclusive o sobrinho dela, judiava, muitas vezes ela nem sabia [...] Porque ela morava na cidade aqui, ele morava lá. Então o que passava

lá ela nem ficava nem sabendo [...] ela nunca, não aceitou.”. O depoimento nos leva a crer que o diretor agia conforme suas convicções pessoais.

Diante das falas dos depoentes é possível aferir que Oliva Enciso e Newton Enciso de Freitas não compactuavam do mesmo olhar sobre a infância. E ainda que os depoentes neguem o autoritarismo de Newton Enciso seus discursos confirmam que ele era duro, os elementos de coerção típicos de tutores autoritários destacam-se nas palavras: castigo, pito, chineladas e na palavra tronco, a qual emerge significados profundos de extrema violência e opressão. A palavra tronco surgiu no depoimento do ex-interno “B”, porém pelos laços estreitados com a família o depoente protegeu a imagem do diretor e do orfanato.

Para os filhos de Newton a maior qualidade dele era a fidelidade à sua tia e com a causa do orfanato, desde os 17 anos não ocupou-se de outro ofício sua vida foi “estar ali para ajudar a tia e a família” como relatou a esposa. A viúva pouco comentou sobre o esposo, nada de especial mencionou também zelou pela a imagem do marido, e pela tranquilidade que emanou nos depoimentos notamos que foi uma professora acolhedora, os ex-alunos a descreveram enquanto materna e afável o oposto da descrição do esposo.

O depoente “D” que ao fazer 18 anos frequentou o boteco com Newton Enciso de Freitas, relatou que essa proximidade gerou um certo ciúme na filha de Newton, narrou que ele e o diretor amanheceram um dia no boteco, e relembra-se que às sete da manhã Newton foi tomado de um susto lembrou-se do compromisso de levar Oliva Enciso à igreja, saiu imediatamente, uma atitude que revelou que com a tia não podia falhar, mesmo na ressaca de uma noite boêmia o compromisso era inadiável.

Eu me lembro uma vez, eu passei a noite inteira com ele, tomando cerveja, daí, sete horas: -Puxa vida tenho que pegar a tia Oliva, pegar o Padre, chegava em casa, passou a água no rosto, pegou o padre, a tia Oliva, rezou a missa, ficou, os olhos vermelho assim, mas ele não perdia o batidão. (DEPOENTE D).

No entendimento do depoente a bebida não afetava a rotina de Newton, para tanto esse mesmo depoente ainda afirmou que:

Não. Ele era cuidadoso e tinha um medo dela que... estou falando para você. Imaginava ele durão com ela. O medo que a gente tinha dele, medo e respeito que eu tinha dele; ele tinha dela. Tia Oliva falasse “A”, acabava o mundo, não tinha B não, era aquilo mesmo.

Este sentimento de respeito por parte da família do diretor para com Oliva Enciso é confirmado no depoimento da sobrinha Ana Fontoura de Freitas:

[...] Ela era tão firme, era só uma vez só, aí se não obedecesse, ela alterava? Não. Não tinha se, ela tinha o dom, de, não tinha o e se, tipo assim, eu vou corrigir meu neto, eu falo: João Miguel! Tal coisa, aí pe, pe, pe, eu pá, pá, pá, tenha aquele retruque com meu neto, que é educado, graças a Deus! Com a tia Oliva, ela não dava chance, eu não sei o que ela tinha, ela não dava chance.

[...] Parecia que era um choque de caráter, de amor, de dignidade, você, cara, a tia Oliva chamava minha atenção, eu, velha, chamava a atenção, modo de dizer, eu choro, chorava, meu pai também tinha esse dom.

Nas relações afetivas Oliva Enciso se posicionava forte nos assuntos familiares, corroborando o depoimento do depoente “D” asseverou sobre a impossibilidade de discussão diante de uma ordem dada pela tia ao sobrinho Newton.

O depoente “B” e depoente “N” ambos estiveram após 1960 no orfanato e relataram que era um cabo da polícia que conduzia a disciplina dentro do orfanato, porém os internos também ficavam sob a responsabilidade de outros internos:

Aí teve, no finalzinho meu, teve um militar, cabo, não me lembro o nome dele, mas era legal, ele era muito gente boa, pelo menos nunca ouvi as crianças reclamarem dele, e tinha, como é que é o nome dela, que é que tomava conta da cozinha, que também ajudava a cuidar, a gurizada, mas na verdade quem ajudava a cuidar mesmo, eram os maiores, na época a gente falava, os maiores na verdade, na verdade os mais velhos né, então a orientação era, os mais velhos, ajudava a cuidar dos mais novos. (DEPOENTE B).

O depoente “N” viveu no orfanato em 1984 e a presença da polícia militar ainda era uma realidade coercitiva presente.

Quando eu entrei tinha passado três, depois que entrou esse que a gente chamava de tio “cavo”, esse que cuidou da gente, foi cabo sei lá. [...] Ele era cabo da polícia militar, então aí, ele foi muito bom a vinda dele, ele tinha aquela autoridade de quartel, os meninos viram homem no final, isso ele ensinou muito assim, ele falava: Calanguinho, o dia que você sair daqui não é porque eu sou mal com vocês, não é pra ser mal, eu quero que vocês saia pra fora como homem, não quero que saia daqui como bandido, aí amanhã vocês vai preso lá e fala: morei na Miguel Couto, e todo mundo fica no pensamento, na Miguel Couto só tem bandido, sabe, ele ensina isso demais para a gente. Ele como militar ele ensina muito as coisas para a gente. (DEPOENTE N).

O depoente “N” entendia que eram homens e que precisavam daquela autoridade que gerava respeito, o mesmo asseverou que “se não fosse ali no orfanato nunca aprenderia lições que foram ensinadas para vida toda”, seus relatos expressaram gratidão à educação autoritária e militar que recebera, orgulhou-se disso.

As atitudes corretivas dentro do orfanato emergem nas falas e mediante os termos “não era ilegal” e “a educação do povo era outra”. Maus-tratos e violência evidenciadas no

depoimento acima e corrobora com a história da humanidade em que maus tratos nas instituições de menores foram recorrentes no próprio comportamento social.

Abandonados, infratores e vitimizados são apenas três designações jurídicas que expressam a condição de crianças e adolescentes violentadas no Brasil. Dentro de suas casas, nos orfanatos, internatos e prisões são violentados pelos pais, parentes, desconhecidos e Estado. Estão incluídos no circuito das paixões, no sistema de crueldades.

Sabemos que as crianças abandonadas que perambulam pelas ruas, somam-se, hoje em dia, aquelas que fogem da violência que lhes é impingida pelos pais; que muitos vivem sob a ameaça da força física ou do assédio sexual de pais ou parentes. (PRIORE, 2004, p. 374 e 375).

Para Priore (2004) desde 1940 o Código Penal Brasileiro ainda no período da ditadura distinguiu no artigo 136 que maus-tratos é “toda lesão corporal”, e no artigo 384 do Código Civil também de 1940, afere que: “perderá por ato judicial o pátrio poder o pai ou a mãe que: I-castigar imoderadamente o filho; II-que o deixar abandonado; III-que praticar atos contrários à moral e aos bons costumes”. (PRIORE, idem, p. 374). Mesmo diante de leis impostas pelo governo os direitos para os infantes não consolidaram-se, prevaleceu no imaginário social a invisibilidade das questões de direito e afetividades que as crianças necessitavam. A violência sempre acompanhou a infância e a naturalização desta somente a fortaleceu.

2.4 Críticas externas ao orfanato

O orfanato sempre foi criticado, assim asseverou Ana Fontoura de Freitas, a qual trabalhou no orfanato e foi membro da diretoria da filantropia. “As denúncias eram recorrentes” asseverou Eduardo Fontoura de Freitas. No entanto a figura de Oliva Enciso, nessa época, suplantava tais fragilidades a nosso ver deixando transparecer que não passavam de meros boatos ou popularmente dizendo “fofocas”. Por outro lado evidencia-se que a família compreendia a realidade que passava o orfanato e a escola Miguel Couto.

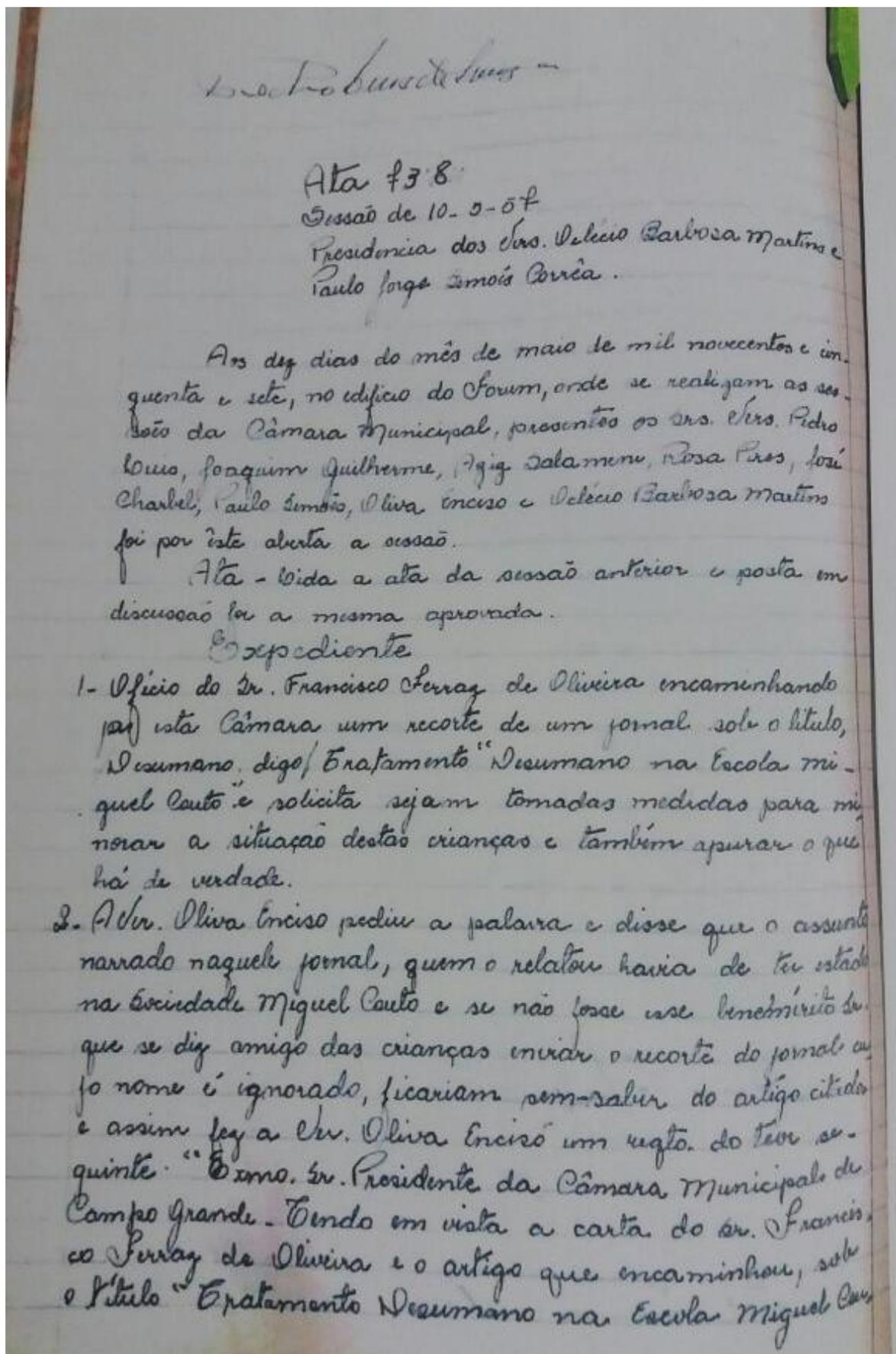
Tá chegava dava palpite, chegava elogiava, chegava e tal, um dia eu fiquei meio brava e li um pensamento não sei se foi de Rui Barbosa, não lembro mais, mas eu pus até entre aspas, você! Que está chegando... e não esqueço também, “Você que está chegando agora para criticar o que está feito, deveria ter vindo, na hora de planejar o que íamos fazer em prol da melhoria da sociedade”, porque a pessoa chega... [...] Sei lá, escrevi assim, a tia Oliva mandou eu tirar, aquilo lá era uma afronta para os outros que vinham. [...] Ela não gostava. (ANA FONTOURA DE FREITAS).

Se de um lado este fragmento do depoimento da sobrinha evidenciou, se assim podemos dizer, uma questão que sempre esteve à baila durante a história do orfanato, durante a pesquisa de campo ao conversarmos com pessoas que conheceram a instituição notamos que sempre remetiam-se para as fragilidades encontradas no orfanato, as más condições relativas ao tratamento das crianças, a dificuldade de mantimentos, denúncias ao poder judiciário.

Então, é aquela história, dizer que a Miguel Couto é uma baita de uma fundação... tudo muito lindo... Tudo! Era um lar. Um lar de crianças pobres! Só que melhor do que na rua, passando fome, do que com o pai bêbado, com mãe prostituta, com espancamento, com droga, com roubo, muito melhor, ou até às vezes sem nada disso, só a vida mesmo. (ANA FONTOURA DE FREITAS).

As críticas acompanhavam as ações de Oliva Enciso no orfanato e na Sociedade Miguel Couto, denúncias ocorriam na cidade e as razões eram diversas. Diante do exposto, na ata 738, de 10 de maio de 1957 da Câmara Municipal de Campo grande arquivada dentre os documentos parlamentares, localizamos um registro interessante, no qual menciona uma suposta denúncia contra o orfanato e a escola Miguel Couto nos seguintes termos:

Imagem 11 –Foto da Ata 738 – Sessão de 10 de maio de 1957



152

10, de jornal ignorado, requirio à mesa seja aberto o inquérito sugerido. Sala das sessões, 10 de maio de 1957. a) Oliva Enciso. Pediu a Sr. Oliva Enciso que todos os Circadanos fomassem par te no inquérito. Fez um relatório verbal de como surgiu a Sociedade e como tem agido até a presente data.

O Sr. Paulo Simões pediu a palavra e disse que primira- mente queria felicitar a Sr. Oliva Enciso pelo seu modo de agir pois são essas atitudes que dignificam as pessoas. Quan- to as acusações feitas contra a Soc. Miguel Couto, ele não tinha a menor dúvida que eram falsas, pois que aquela é uma entidade modelo e a Sr. Oliva Enciso tem feito pe- la Escola Miguel Couto aquilo que o governo não poderia fazer. Ao finalizar a sua oração disse o Sr. Paulo Simões ter pedido a palavra para se solidarizar com a Sr. Oliva Enciso e a Soc. Miguel Couto e que queria mes- mo acompanhar esta Comissão.

O Sr. José Charbel pediu a palavra e disse se con- gratular com a Sr. Oliva Enciso e ser contrário aquele falso artigo e após comentar o assunto deu o seu inte- gral apoio ao reqto.

O Sr. Pedro Luis pediu a palavra e comentando o assunto disse que realmente ninguém desconhece um campo grande a obra meritoria desenvolvida que é a Sociedade Miguel Cou- to, e que secundava as suas palavras com as do Sr. Paulo Simões. O Sr. Rosa Pires também pediu a palavra e disse não poder deixar de lançar o seu protesto contra a- quele artigo, porque caso fosse verdade a Presidente da- quella entidade, Sr. Oliva Enciso, não teria coragem de con- vidar os membros desta Casa como diversas vezes já o fez, pa- ra fazerem uma visita àquela Sociedade. Achava que a- queles acusações eram infundadas e a prova estava que o articulista não encontrara guarida em nossa terra e ele não acreditava em coisas escritas sobre anonimato.

Nesse mais achar desnecessário esse inquerito, pois não poderiam apurar nada. Antes de finalizar a sua narração, pediu a Sr. Oliva Enciso que desistisse desse inquerito.

O Sr. Joaquin Guilherme pediu a palavra e foi também contrário ao inquerito pois achava desnecessário ir lá uma Comissão, apurar um fato que sabem ser mentira. Poderiam ir a Escola fazer uma visita, mas não fazer inquerito.

A Sr. Oliva Enciso pediu a palavra mas uma vez, agradeceu o apoio dos Creadores e disse que como Presidente daquela Soc. gostava que fosse aberto o inquerito suscitado e fosse tirado copia desta ata e fosse enviada a este Sr. que diz interessar muito pelos problemas da infância brasileira. Convidou todos os Creadores a tomarem parte nesse inquerito, que fossem a Soc. Miguel Couto e seje dirigido a este Sr. convidando-o a vir conhecer a soc.

O Sr. Delício Barbosa pediu a palavra, passando a Presidencia ao Sr. Presidente Paulo Amorós e disse ser do mesmo ponto de vista da Sr. Oliva Enciso e que esse inquerito deve ser feito, porque no momento de mesmo favorável ou desfavorável, eles tinham um caminho a seguir e ele era daqueles que acredita ser favorável. Aqueles que querem se defender pedem, insistem e eles não duram tolher a liberdade, a defesa de ninguém. Assim duram dar essa liberdade a Sr. Oliva Enciso a fim de que a mesma defenda amplamente o assunto e pedir também a esse cidadão que enviou o recorte, vir até aqui.

O Sr. Joaquin Guilherme mais uma vez disse que continuava achando desnecessário o inquerito. Assim foi contrário a abertura do inquerito e pela visita da

Estimava
O Sr. Paulo
então e o
que os q
Miguel
e achar
corporad
Pelo m
Rigto. di
do e ple
Criação
tivo, pe
dos seu
melhor
habitu
cidade
caj fi
Marti
mimo
ser
certo
Paulo
mar
lar
Em
O
acc
le
di
a

Câmara a Sociedade Miguel Couto.

O Sr. Paulo Simões pediu a palavra mais uma vez e disse aceitar o convite formulado pela Sr. Oliva Enciso a fim de que os que dividam da Soc. saibam o que é a Escola Miguel Couto. Corrente com este ponto de vista se aceitava e achava que não era desdouro que a Câmara fosse incorporada.

Posto em votação foi o reqto. aprovado por 6 votos contra 2.

Reqto. do teor seguinte: "Sr. Presidente - Requeiro a Casa, em sessão plenária, seja dirigido um ofício, a direção da Empresa Cinematográfica Fiduciária, apresentando os cumprimentos deste legislativo, pelos melhoramentos que acabam de introduzir em seus cinemas, formulando votos para que estenda esses melhoramentos aos demais cinemas de sua propriedade, contribuindo desta forma para o maior progresso de nossa cidade. Este é o nosso requerimento. Sala das sessões 10/5/54. a) Paulo Jorge Simões Correia, Oliva Enciso e Delcírio Barbosa Martins. Justificação. Sr. Presidente - Se somos um dos primeiros em criticar os erros da Empresa, queremos agora ser também um dos primeiros a felicitá-la quando acertar. Sala das sessões 10.5.54. a) Paulo Jorge Simões Correia."

Posto em discussão e votação, foi o reqto. aprovado por unanimidade de votos, digo, / o Sr. Rosa Pires pediu a palavra e deu o seu integral apoio ao mesmo.

Em votação foi o reqto. aprovado por unanimidade de votos. O Sr. Radis Louis pediu a palavra e fez referências sobre reclamações por parte dos contribuintes com o aumento do imposto municipal. Fez uma exposição de vários recibos de imposto anteriores ao aumento e com o aumento e assim fez comparações, achando muito elevado esse aumento e achava justo que olhassem para isto com o devido respeito, razão pela qual trazia ao conhecimento da Casa. Em parte o Sr. Paulo Simões disse que como os aluguéis haviam

subido astronômicamente era justo que os impostos tam-
 bém fossem aumentados.

3 O Sr. Paulo Simões pediu a palavra e disse que estando
 do presente o Sr. Ruy de Oliveira representante do D.E.F.E. se-
 ria interessante que a Casa ouvisse alguma coisa so-
 bre os jogos nordestinos.

O Sr. Presidente consultou a Casa se estavam de acôr-
 do com a indicação do Sr. Paulo Simões.

Posto em votação foi aprovado por unanimidade.

Com a palavra o Sr. Ruy o qual fez um relatório ver-
 bal sobre os jogos nordestinos e que a Comissão Organi-
 zadora, fez, o que está por fazer, a sua impressão etc
 e ficou a disposição dos linedores para responder as
 perguntas que lhe fossem formuladas. Usaram a pa-
 larra os Srs. Paulo Simões, Rosa Pires, José Charbel e Oví-
 cio Barbosa solicitando diversos esclarecimentos. Antes
 de finalizar a sessão o Sr. Presidente agradeceu ao represen-
 tante do DEFE pelas informações pois todos sentiram-se
 satisfeitos com as respostas. Nada mais havendo a tra-
 tar foi encerrada a sessão da qual foi lavrada es-
 ta ata. Eu, Olívia Cecchi, Secretária,
 a publicação dos autos.

~~Olívia Cecchi~~
~~Luiz Augusto de Souza~~
 S. Soares
 Luiz Augusto de Souza
 Luiz Augusto de Souza
 João Gilmerto
 Luiz Augusto de Souza
 Luiz Augusto de Souza
 Olívia Cecchi

ATA 738
SESSÃO DE 10-05-1957
PRESIDENCIA DOS VEREADORES OCLÉSIO BARBOSA MARTINS E
PAULO JORGE SIMÕES CORRÊA.

Aos dez dias do mês de maio de mil novecentos e cinquenta e sete, no edifício do Fórum, onde se realizam as sessões da Câmara Municipal, presentes os Srs. Vereador Pedro Luis, Joaquim Guilherme, Agig Salameni, Rosa Pires, José Charbel, Paulo Simões, Oliva Enciso e Oclésio Barbosa Martins foi por este aberta a sessão.

Ata- lida a ata da sessão anterior e posta em discussão foi a mesma aprovada.

Expediente

1-Ofício do Sr. Francisco Ferraz de Oliveira encaminhando por esta Câmara um recorte de um jornal sob o título/Desumano, digo/Tratamento “Desumano na Escola Miguel Couto” e solicita sejam tomadas medidas para minorar a situação destas crianças e também apurar o que há de verdade.

2- A vereadora Oliva Enciso pediu a palavra e disse que o assunto narrado naquele jornal, quem o relatou havia de ter estado na Sociedade Miguel Couto e se não fosse esse benemérito Sr. que se diz amigo das crianças enviar o recorte do jornal cujo nome é ignorado, ficariam sem saber do artigo citado e assim fez a Vereadora Oliva Enciso um requerimento do teor seguinte:

“Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Campo Grande. Tendo em vista a carta do Sr. Francisco Ferraz de Oliveira e o artigo que encaminhou, sob o título “Tratamento Desumano na Escola Miguel Couto de jornal ignorado, requeiro à mesa seja aberto o inquérito sugerido. Sala das sessões, 10 de maio de 1957. A) Oliva Enciso”.

Pediu a Vereadora Oliva Enciso que todos os Vereadores tomassem parte do inquérito. Fez um relatório verbal de como surgiu a Sociedade e como tem agido até a presente data.

O Vereador Paulo Simões pediu a palavra e disse que primeiramente queira felicitar a Ver. Oliva Enciso pelo seu modo de agir pois são essas atitudes que dignificam as pessoas. Quanto as acusações feitas contra a Sociedade Miguel Couto, ele não tinha a menor dúvida que eram falsas, pois que, aquela é uma entidade modelo e a Ver. Oliva Enciso tem feito pela Escola Miguel Couto aquilo que o governo não poderia fazer. Ao finalizar a sua oração disse o Vereador Simões ter perdido a palavra para se solidarizar com a Vereadora Oliva Enciso e a Sociedade Miguel Couto e que queria mesmo acompanhar esta comissão.

O Vereador José Charbel pediu a palavra e disse se congratular com a Ver. Oliva Enciso e ser contrário aquele falso artigo e após comentar o assunto deu seu integral apoio ao requerimento.

O vereador Pedro Luis pediu a palavra e comentado o assunto disse que realmente ninguém desconhece em Campo Grande a obra meritória desenvolvida que é a Sociedade Miguel Couto e que secundava as suas palavras com as do Ver. Paulo Simões.

O Ver. Rosa Pires também pediu a palavra e disse não poder deixar de lançar o seu protesto contra aquele artigo, porque caso fosse verdade a Presidente daquela entidade, Ver. Oliva Enciso, não teria coragem de convidar os membros desta Casa como diversas vezes já o fez, para fazerem uma visita àquela Sociedade. Achava que aquelas acusações eram infundadas e a prova estava que o articulista não encontrava guarita em nossa terra e ele não acreditava em coisas escritas sobre anonimato. Disse mais achar desnecessário esse inquérito pois não poderiam apurar nada. Antes de finalizar a sua oração, pediu a Vereadora Oliva Enciso que desistisse desse inquérito. Pediu a Ver. Oliva Enciso que desistisse desse inquérito.

O Ver. Joaquim Guilherme pediu a palavra e foi também contrário ao inquérito pois achava desnecessário ir lá uma Comissão, apurar um fato que sabiam ser mentira. Poderiam ir a Escola fazer uma visita mas não fazer inquérito.

A Ver. Oliva Enciso pediu a palavra mais uma vez e agradeceu o apoio dos vereadores e disse que como Presidente daquela Soc. Gostaria que fosse aberto o inquérito sugerido e fosse tirado cópia desta ata e fosse enviada a este Senhor que diz interessar muito pelos problemas da infância brasileira. Convidou todos os vereadores a

tomarem parte nesse inquérito, quer fossem a Sociedade Miguel Couto e seja oficiado a este Senhor convidando a vir conhecer a Sociedade.

O Ver. Oclésio Barbosa pediu a palavra, passando a Presidência ao Vice Presidente ao Vice Presidente Paulo Simões e disse ser do mesmo ponto de vista da Ver. Oliva Enciso e que esse inquérito deve ser feito, porque no desenrolar do mesmo favorável ou desfavorável, eles teriam um caminho a seguir e ele era daqueles que acredita ser favorável. Aqueles que querem se defender pedem, insistem e eles não deveriam tolher a liberdade, a defesa de ninguém. Assim deviam dar essa liberdade a Ver. Oliva Enciso a fim de que a mesma defende amplamente o assunto e pedir também aquele cidadão que enviou o recorte, vir aqui.

O Ver. Joaquim Guilherme mais uma vez disse que continuava achando desnecessário o inquérito. Assim foi contrário a abertura do inquérito e pela visita da Câmara a Sociedade Miguel Couto.

O vereador Paulo Simões pediu a palavra mais uma vez e disse aceitar o convite formulado pela vereadora Oliva Enciso a fim de que os que duvidassem da Sociedade saibam o que é a Escola Miguel Couto. Coerente com este ponto de vista ele aceitava e achava que não era desdouro que a Câmara fosse incorporada.

Posto em votação foi o requerimento aprovado por 6 votos contra 2. [...]

A ata parlamentar da Câmara de Campo Grande foi lavrada por Oliva Enciso que era a secretária da sessão. No texto registra-se que o Jornal da denúncia era de nome ignorado, isso dificultou localizarmos o mesmo. A nosso ver, através da referida ata parlamentar não é possível compreender o teor da denúncia, Oliva Enciso subtraiu elementos que apresentariam o assunto em questão.

No entanto, localizamos o referido Jornal com a denúncia o qual está à disposição nos arquivos digitais de domínio público no site da Fundação Getúlio Vargas.

Imagem 12 – Foto de arquivos digitais de domínio público no site da Fundação Getúlio Vargas



Fonte: Site Fundação Getúlio Vargas

VOZ DOS LEITORES
TRATAMENTO DESUMANO NA ESCOLA MIGUEL COUTO
(DO CORRESPONDENTE)

CAMPO GRANDE (M.G.)

-Funciona, retirada desta cidade uns 2 ou 3 quilômetros, uma escola mantida pela ajuda popular e subvenções do governo nesse estabelecimento se dispensa um tratamento desumano às crianças que ali aprendem, que são ao todo cerca de 100.

No dia 31 de março próximo passado, encontravam-se doentes na Escola Miguel Couto três crianças, sendo uma de 10 anos de idade. Pelos sintomas que apresentava, cremos estivesse atacada de pneumonia. Outra em gritos com dor de ouvido e febre alta, e uma terceira nós não sabemos o que tinha, em virtude de estar prostrada em profundo sono.

A informação que recebemos no local é que as crianças são maltratadas por elementos responsáveis por aquele educandário. Alunos são espancados, são postos de castigo, horas a fio de joelho, a ponto de ficar com eles inchados. As crianças estão maltrapilhas. Obrigados pela fome que passam, as crianças são forçadas a adquirir maus hábitos como o de esconderem frutas para comer depois. Não faz muito tempo que alguns deles comeram feijão azedo e tiveram intoxicação. Nestes casos, o médico só é chamado quando o doente já está no desespero. São amplas as instalações da Escola, mas ali só existe uma preocupação demagógica – impressionar o visitante com as aparências externas.

Não é possível que uma centena de garotos, parte do futuro da pátria, continuem em tal situação e submetidos a um regime tão miserável. É preciso que as autoridades de Mato Grosso e mesmo de Campo Grande examine este caso. A Câmara de Vereadores de Campo Grande deve abrir um inquérito para apurar a verdade, punir os culpados e levar mais um pouco de conforto e compreensão às crianças da Escola Miguel Couto. (Jornal Voz Operária nº 00411, página 15, coluna Voz dos Leitores, Rio de Janeiro, ano 1957).

O Jornal *Voz Operária*⁶³ era do partido comunista e circulou em Mato Grosso e outros estados no período de 1949 a 1959 e outros anos a mais, o nome do correspondente segundo Enciso na referida ata parlamentar era Sr. Francisco Ferraz de Oliveira⁶⁴.

Na ata parlamentar da Câmara Oliva Enciso mencionou que havia uma matéria de cunho grave, porém invisibilizou os motivos da denúncia do jornalista, relatando apenas partes do assunto, tirou o problema de foco e os parlamentares a defenderam na tribuna. Porém diante do artigo do Jornal notamos que tratava-se de uma denúncia de forte repercussão e que desmoralizava a reputação da instituição que ela administrava.

O Jornal *Voz Operária* trouxe uma denúncia sobre maus tratos e sobre a intoxicação alimentar na Escola Miguel Couto além das condições precárias que encontravam-se as crianças naquele local. Cotejamos esses dados com as informações presentes nos depoimentos dos ex-

⁶³ Jornal Carioca, inicialmente semanal e depois mensal, fundado em fevereiro de 1949 pelo Partido Comunista Brasileiro então Partido Comunista do Brasil (PCB). Circulou regularmente até fevereiro de 1959, quando foi fechado por iniciativa do próprio PCB. Voltou a circular, na clandestinidade, entre 1964 e 1975 e, de então até agosto de 1979, foi editado no exterior. Teve alguns números editados clandestinamente durante o ano de 1980. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/voz-operaria>.

⁶⁴Não localizamos dados do jornalista.

alunos e ao contrário da posição descrita na ata a matéria do jornal não era fantasiosa, mas correlatas com o testemunho de internos daquela época

Reitera-se que os depoentes relataram que um diretor era duro, mencionaram que o espaço de correção como um “tronco”, o chamavam de delegado do cerrado, e no relato do depoente “E” o mesmo afirmou: [...] graças a Deus nunca apanhei, mas fiquei de joelho das sete da noite até as duas da manhã um dia, em frente da casa dele [...]. Os relatos fazem alusão ao que seria maus tratos aferido no Jornal.

O referido jornal denuncia uma intoxicação alimentar pelo fato das crianças ingerirem feijão estragado, também transpareceu nos depoimentos que a alimentação era um desafio e que muitas vezes era precária. A esse respeito o depoente “E” relatou:

Oh, na verdade, na verdade [...] sempre tinha alguma coisa né, mas só que era [...]. Você conhece o caruncho de arroz? Aquela traça branquinha [...] É mais tem uma traça, eu falava, é mais fácil você catar o arroz do que aquilo, certo? [...] Porque era tudo doado, uma vez, a gente saía porque, uma vez nós matamos um tamanduá bandeira e tinha a Senhora que era cozinheira, muito boa, ela fez tudo de carne moída para nós comerem. (DEPOENTE E).

No depoimento o ex-interno expressou a realidade do arroz carunchado e da alimentação com carne de animais silvestres, ao perguntar ao depoente “E” sobre o que poderia ser desumano dentro do orfanato o mesmo asseverou: “imagina você caçar bicho pra comer, isso era desumano”, na compreensão dele, a tal denúncia poderia referir-se a essa questão, porém desconhecia o teor da denúncia. Tanto o jornal *Voz Operária* como o depoente acima relataram as condições precárias da alimentação na escola.

O Jornal *Voz Operária* era de um grupo Comunista extremamente rejeitado no meio político brasileiro, daí a expressão de Enciso “Jornal ignorado”, o qual com certeza intencionou atingir a imagem política de Oliva Enciso que fazia parte da UDN, que por décadas foi um partido político forte no Estado de Mato Grosso e no Brasil o qual esteve na base do governo do país por longos anos.

Ao tomarem conhecimento dessa denúncia alguns depoentes foram fortemente em defesa de Oliva Enciso, dizendo que se fosse pelos castigos não havia fundamento, pois eram meninos e “aprontavam”, desobedeciam as ordens do diretor que eram claras e apresentadas na acolhida no primeiro dia que ingressavam no orfanato.

Para Ricoeur (2007, p. 163) a memória é singular, cada indivíduo tem uma leitura diferente de determinado momento. Assim para o depoente “E” foi diferente a forma com que

percebeu o orfanato, não era órfão, tinha família e isso alterou a percepção dele, não houve receio em revelar o que o discordava no orfanato.

Nos depoimentos do atual presidente da filantropia evidencia-se que na relação com os internos sempre houve atitudes contraditórias, porém asseverou que tentaram cumprir o dever social e que nunca foi fácil essa relação e a manutenção do orfanato.

2.5 Por fim as lembranças que guardam de Oliva Enciso

Os depoentes evocaram as memórias de Oliva Enciso partindo do que Paul Ricoeur (2007) assinalou e falaram a partir do “olhar interior” o qual desenhava uma imagem para nós. Descreveram-na como simples, meiga, fala suave e todos lembram-se dela na missa proferindo conselhos fraternos, os ex-alunos preferiam as repreensões do Senhor Newton a serem chamados para uma conversa em particular com ela, assinalaram que sentiam-se envergonhados quando ela os repreendia. O depoente “J” asseverou:

E na quinta série, tia Oliva entrou para dar aula de, eu lembro até hoje, ela entrou para dar aula de reforço, quando professor faltou, ela sempre entrava na sala, aí ela citou algumas poesias, nossa achei lindo, aí eu me interessei para esse negócio de literatura, comecei a gostar, um pouco de literatura, a poesia dela ela falou, daquela ali: Oh que saudade que tenho... Eu lembro até hoje dessa poesia dela, inclusive ela chegou na sala e falou de outros autores de uma poesia [...] aquilo foi tão legal, a aula estava tão boa. (DEPOENTE J).

Os depoentes lembraram-se de Oliva Enciso na relação dentro da sala de aula, pois ela sempre visitava as salas da Escola Miguel Couto para falar de Deus e de poesia, essa foi uma das marcas deixadas por Enciso nas lembranças pretéritas dos depoentes.

Oliva Enciso para muitos era a “salvadora” o depoente “E” assinalou que ela “descascava os abacaxis” do orfanato. Alguns alunos eram próximos a ela todos mostraram em seus discursos respeito e reverência. O depoente “B” comoveu-se ao lembrar-se que Oliva Enciso o promoveu de série na escola:

Essa classe aqui (parou de falar e chorou), desculpe. Me perdoe (silêncio). Um belo dia (com a voz embargada de emoção), eu cheguei para assistir aula, e, quando eu entrei na sala, a professora falou: a tia Oliva está te chamando... não vou conseguir, desculpe (chora e pede um tempinho). Retomando a história, então, a outra sala era ali assim (mostra a mão em direção as salas da Escola Miguel Couto), a segunda sala ali, essa sala aqui, era a sala querida de

todo mundo, que era onde as pessoas daqui saíam para estudar fora[...] essa sala aqui era toda especial porque o nível maior acabava sempre aqui, então o que acontece, eu peguei o último ano de admissão, que no caso era a quinta série, ginásial, na verdade ela era um vestibular para você poder entrar para o ginásio, você terminava a quarta série, aí você fazia o exame de admissão, era um vestibular para você entrar para o ginásio[...] então do terceiro eu passei, naquela época, eu tive a felicidade, eu tirei dez em tudo, aí estava, aí mandaram me chamar, eu fiquei preocupado, porque guri, você sabe como é que é, arteiro, e eu fazia as minhas artes, eu era briguento e, quando me deram a notícia de que a tia Oliva e o senhor Newton estavam me esperando na diretoria, eu fui com medo, mas para a minha felicidade, não era coisa ruim, ela me falou: você, não vai cursar o quarto ano, você vai direto para a quinta, essa sala aqui [...]. E hoje, graças a Deus, o que eu sou, eu devo a ela.

O diálogo era a maior estratégia de Oliva Enciso para resolver os conflitos que surgiam com os alunos, ela possuía uma forma branda nas palavras e na abordagem dos assuntos de indisciplina, os depoentes relataram que ao serem repreendidos por ela deixavam o seu gabinete com uma sensação de segunda chance.

A tia Oliva era assim, muito atuante, mas lá dentro do gabinete dela né, ela conversava muito com os meninos, sempre estava conversando e mostrando coisas novas e tal, mas ela se atinha mais a administração, porque naquela época, ela tinha que fazer muita captação de recursos né? Ela tinha que correr atrás disso e atrás daquilo. (DEPOENTE D).

Todos os depoentes descreveram Oliva Enciso enquanto aquela que ofereceu uma porta de saída para a situação extrema que viviam. As imagens que reconstruíram de Enciso foi de uma mulher trabalhadora, metódica e religiosa que conquistou o respeito de muitas pessoas.

[...] Ah! Eu acho que a pessoa não teria assim, acho que não apareceria ninguém para chegar perto dela, não teria não, o respeito que todo mundo tinha por aquela mulher era muito difícil. Onde ela chegava ela era referenciada. Como ela construiu isso? Na dedicação dela, essas pessoas que contribuía. [...] Não tinha vaidade, não queria adquirir nada, nunca vi um anel no dedo dela, uma corrente, nem nada, se tinha relógio, deve ser um relóginho daquele bem, a (expressão de desprezo), assim. [...] Se fosse hoje eu ia dizer aquele lá do Paraguaizinho, nem me lembro se ela usava relógio, então ela era totalmente, desprendida das coisas materiais, totalmente, o que ela mantinha dentro da casa dela, que eu convivi lá dentro, era uma boa alimentação, alimentação sadia, nada de exageros [...]. (DEPOENTE D).

O sobrinho de Enciso Eduardo Fontoura de Freitas também evidenciou em seu depoimento a simplicidade de Oliva Enciso: “[...] Ela tinha pouca roupa [...] Olha para trocar a bolsa dela era uma luta, ela usava a bolsa dez anos, a mesma bolsa, o sapato dela tinha que mandar no sapateiro”.

Essas imagens verbais descritas desenharam quem foi Oliva Enciso. Talvez por ser de estatura miúda e magra passava a imagem de frágil, o depoente “E” afirmou que Oliva Enciso “era uma coitada, não tinha boca para nada”, porém essa fragilidade toda entra em contradição

quando vimos a insistência em perdurar seis décadas com um orfanato, foram anos de trabalho prestados para a sociedade de Campo Grande. Tinha uma fragilidade corporal, porém seu espírito era de luta, buscou suprir os desafortunados, talvez, não fora como idealizara, mas oportunizou um teto à muitas crianças desamparadas.

Os ex-alunos e os sobrinhos não a descreveram como uma mulher maternal nas relações dentro do orfanato, mas reconheciam que Oliva Enciso foi a pessoa que resolvia as situações conflituosas, não deixou faltar pão, na hora das dificuldades no orfanato acalentava os seus parentes afirmando: “Calma, o dinheiro vai chegar, Deus dará”, essa expressão é uma recorrente nos depoimentos dos sobrinhos.

O sobrinho Eduardo relatou que ela tinha um lema: “fazer a criança sorrir primeiro”, com base nos 60 anos mantendo o orfanato notamos que Oliva Enciso enxergava a necessidade das crianças do orfanato e de fato mobilizou-se, movimentou-se e lutou para dar um lar provisório a eles.

2.6 O encerramento das atividades do orfanato Lar Santa Teresinha

A família de Oliva Enciso reconhece as dificuldades enfrentadas na manutenção do orfanato, mas colocaram em evidencia a história de luta pela permanência do mesmo. Para Eduardo a ideia do orfanato tornou-se superada com a nova concepção do poder público sobre infância e sobre as casas de recuperação para menores.

Quanto às novas Políticas Públicas para infância é possível evidenciar que:

Só a partir dos anos de 1960, houve profunda mudança, de modelo e de orientação na assistência à infância abandonada. Começava a fase do Estado do Bem-Estar, com a criação da FUNABEM (1964), seguida da instalação, em vários estados, das FEBEMs. Com a Constituição Cidadã de 1988, inseriam-se em nossa sociedade os Direitos Internacionais das Crianças, proclamados pela ONU nos anos de 1950. Com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 e a LOAS (1993), o Estado assume enfim sua responsabilidade sobre a assistência à infância e à adolescência desvalidas, e estas tornam-se sujeitas de Direito, pela primeira vez na História. (FREITAS, 2003, p.79).

O orfanato administrado por Oliva Enciso possuía regras de convivências pautadas em velhos moldes que foram diluindo-se a partir das novas leis e concepções acerca da infância brasileira, antes disso havia trabalho infantil na roça, no cafezal, na horta, no laranjal, na pocilga, no curral, em todos os espaços as crianças e adolescentes trabalhavam, os ex-internos

expressaram o entendimento de que o trabalho era uma forma de auxiliar nas tarefas do orfanato. Segundo Priore (2015, p. 376) “O Brasil tem uma longa história de exploração da mão-de-obra infantil, as crianças pobres sempre trabalharam”, essa realidade fez parte dos órfãos sob a guarda de Oliva Enciso.

As concepção sobre o menor sofreu alterações no código penal e civil e com as novas políticas públicas da infância, como assinala Freitas (2003) somente a partir de 1960 a criança passa a ser cidadã e os direitos a protegem de qualquer forma de trabalho infantil, sendo considerado exploração o recrutamento de sua mão de obra, nisso transforma-se as concepções de infância e do próprio abandono que atualmente é compreendido enquanto crime com penas prescritas em lei.

No Brasil, a partir das novas leis de amparo ao menor interrompe-se um ciclo resistente na história da infância e outros desafios despontam, pois a legitimação desse direito também é algo que depende de fiscalizações por parte de todos, visto que a constituição de 1988 afirma que a criança é “responsabilidade de todos”, não apenas da família, portanto a internação de crianças desamparadas segue com novas roupagens.

Houve avanços que apontam mudanças sucessivas nos métodos de internação para crianças e jovens. As medidas jurídicas deslocaram as internações para a tutela do Estado, porém as mesmas tornaram-se praticamente inalteradas as condições de reprodução do abandono e da infração, sendo este um motivo para a permanência de entidades filantrópicas que atuam sem encontrar as soluções efetivas para o abandono de crianças.

Sabemos que algumas vezes o confinamento desperta a compaixão naqueles que observam os seus efeitos. Afinal no internato as crianças são criadas sem vontade própria, têm sua individualidade sufocada pelo coletivo, recebem formação escolar deficiente e não raramente são instruídas para ocupar os escalões inferiores da sociedade. A internação traz o sentimento de revolta no residente porque ali anuncia-se, para ele, a sua exclusão social. Solidários com os internos, outros especialistas propõem a abolição das instituições de recolhimento e internação defendendo outras maneiras para lidar com o abandono e as infrações.

Durante o século XX, em nome da preservação da ordem social, da educação estatal obrigatória, da necessidade de integrar crianças e jovens pobres pelo trabalho, o Estado passou a zelar pela defesa da família monogâmica e estruturada. (PRIORE, 2008, p. 348 e 349).

Na atualidade o estado toma para si a responsabilidade dos abandonados e os distribuem de outras formas para ONGs, entidades sob seu controle, um alternativa que ainda apresenta fragilidades, assim compreendemos que desde o Código dos menores de 1927 até a Política Nacional do Bem estar do Menor que ficou consagrada no Código de Menores de 1979 (lei federal, de 10 de outubro de 1979), foram mais de sessenta anos usando da prática de internação

para crianças”. (PRIORE, 2015, p.358). As concepções de cuidados sofreram alterações, mas a questão dos comportamentos somando a ociosidade das crianças e jovens pobres e infratoras explodem em um novo modelo de sociedade que foge ao controle do estado.

Uma história de internações para crianças e jovens provenientes das classes sociais mais baixas, caracterizados pelo abandono e delinquentes pelo saber filantrópico privado e governamental [...] também deve ser registrada como componente da história contemporânea da crueldade. (PRIORE, 2015, p. 350).

Temos conhecimento que existem casas de internações para menores no Brasil que hoje são administradas pelo poder público, porém ainda contém práticas ultrapassadas que fortalecem a violência social. Para Priore (2015) ao escolher políticas de internação para crianças abandonadas e infratoras “O Estado escolhe educar pelo medo. Absolutiza a autoridade de seus funcionários, vigia comportamentos a partir de uma idealização das atitudes, cria a impessoalidade para a criança e [...] estabelece rígidas rotinas de atividades [...]”, (PRIORE, 2015, p. 356). Segregar pessoas como forma de resolver um problema social é um ranço que acompanha a humanidade que não dá conta de si e de suas neuroses ditas “freudianas”.

Segundo Eduardo Fontoura de Freitas o internato deixou de existir no ano de 2007, dois anos após o falecimento de Oliva Enciso, e na palavra “obsoleto” ele encontra os motivos para fechar o orfanato.

Nós por força do estatuto do menor, do adolescente, do ECA, mudaram muito as, assim, aptidões que a Miguel Couto tinha que era assim, uma grande família pobre, pegava menino não tinha idade pegava menino de três anos, quatro anos, cinco anos, e tinha os setores assim, então não tinha o feminino, mas acolhemos muitas meninas a gente colocava em famílias agregadas e dava assistências próximas ligadas a gente, a própria Miguel Couto e a atividade foi diversificando porque não podia mais ter o orfanato.(EDUARDO FONTOURA DE FREITAS).

No contexto exposto o orfanato encerra suas atividades. A família é saudosista em lembrar-se da saga de Oliva Enciso pelo orfanato, sentiu na pele o conflito de mantê-lo, porém não há em suas palavras um desejo de retorno das atividades do orfanato, pois entendera que os pobres e necessitados são de responsabilidade do estado e familiares e que o orfanato já não é uma opção viável. Eduardo assinalou que o orfanato “deve ser o último caso, a última escolha a alternativa menos esperada”, o mesmo entende que para a presente sociedade atualmente é uma opção inconcebível.

Para Oliva Enciso o orfanato constituiu-se em um projeto suicida, segundo relatou-nos Eduardo, a mesma percebendo as dificuldades em manter o orfanato desfez-se em grande parte

do patrimônio da Sociedade em prol da manutenção do mesmo, pois com os anos as verbas para a manutenção do orfanato foram estreitando-se. Os tempos mudaram, as políticas tomaram novas tintas e as empresas já não contribuem da mesma forma, assim a alternativa para a filantropia foi lotear áreas para suprir suas atividades, pois o orfanato consumiu quase todo seu patrimônio.

Em uma entrevista concedida na Revista Executivo de Mato Grosso do Sul (de abril de 1986, p.19) Oliva Enciso acentuou que “a Assistência Social foi objetivo de minha vida”, o orfanato fora um dos seus significados pessoais.

Jorraram das memórias dos depoentes as lembranças do orfanato as quais levaram –nos à reconstrução das ações e vida de Oliva Enciso, memórias estas que teceram os fios e deram significados à narrativa.

As memórias dos ex-alunos reconstruíram a representação de Oliva Enciso no orfanato e o *Lar Santa Teresinha* fora muito representativo, apontou para as ações e vida de sua administradora. Ao nosso ver não evidenciou-se na fala dos depoentes uma mulher do lar, mas uma mulher que dedicou sua vida por algo que acreditou. Em seu depoimento Eduardo Fontoura de Freitas presenciou desde a infância as ações do orfanato e participou do encerramento do mesmo, relatou-nos que em 60 anos de filantropia mais de 13.000.00 mil crianças⁶⁵ foram atendidas pelo Lar Santa Teresinha.

Norberto Bobbio (1997) destaca a memória como um ato de escavar um poço sem fundo, cada vez que escutamos os depoimentos sobre o orfanato a impressão causada é de que há muito a ser escavado ainda. As realidades postas sobre o orfanato são duras de ouvir, porém são testemunhos incontestes que fizeram parte da história de vida dos depoentes que são gratos pelo teto que Oliva Enciso oportunizou.

⁶⁵ A Sociedade tem arquivadas as fichas dos internos que recebeu desde 1941, tivemos acesso a alguns dos arquivos em 07 de julho de 2017.

CAPÍTULO III

AS ESCRITAS DE OLIVA ENCISO

3. A Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

Reitera-se que Oliva Enciso desvelou grande interesse pelo conhecimento em diversas áreas. Fez cursos em nível médio, técnicos e um de nível superior, tantos cursos apontam para um conjunto de traços de uma personalidade estudiosa.

Nossa protagonista foi escritora e membro da Academia Sul Mato-grossense de Letras e segundo a Revista nº 22 de 2012 da referida Academia pertenceu ao primeiro quadro feminino da instituição. Ocupou a cadeira nº 22 do patrono Vespasiano Barbosa Martins⁶⁶, uma figura próxima e um amigo político.

Oliva Enciso foi testemunha ocular da criação de dois importantes núcleos de pesquisa em Campo Grande: Academia Sul Mato-grossenses de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Entre outras escritas narrou em sua autobiografia a história da fundação de duas instituições e o convite que recebera de Ulysses Serra para ingressar na Academia Sul Mato-grossenses de Letras.

ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Quem se preocupa em tomar conhecimento do começo das coisas e sua evolução, há de achar muitíssimo interessante saber como surgiu a ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS.

Grandes rios são em geral, em suas nascentes, pequenos filetes de água [...]. A pessoa mais impressionada com o acontecimento foi, na certa, ULYSSES AZUIS DE ALMEIDA SERRA. E a ideia de fundar uma ACADEMIA DE LETRAS E HISTÓRIA não o abandonou mais.

Na manhã de sábado, 30 de outubro, isto é, 17 dias depois, ele foi convidar o seu dileto amigo DR. GERMANO DE SOUZA para um passeio. Passaram-se na casa de outro grande amigo, DR. JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES, que estava acabando de chegar de São Paulo [...].

Saíram os três no automóvel do Ulysses [...]. Os três intelectuais amigos imitavam, sem pensar, os filósofos gregos à sombra das árvores, na imortal e pequenina Grécia. E, no momento de inspiração e maior entusiasmo, Ulysses subiu num caixote e disse aos dois companheiros:

“A ACADEMIA DE LETRAS E HISTÓRIA DE CAMPO GRANDE – hoje está fundada!”

⁶⁶Formado na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, Rio de Janeiro, em 1915, Dr. Vespasiano Barbosa Martins trabalha uns tempos em Cáceres (MT), e, em 1917, instala consultório em sua terra natal.[...] Foi presidente de várias entidades como Rotary Club, Maternidade e Infância de Campo Grande, Associação Médica e partidos políticos. Como homem público tornou-se quatro vezes prefeito Municipal, governador revolucionário do Estado de Maracajú, em 1932, e duas vezes senador da República, dados colhidos no livro-homenagem “Vespasiano, meu pai”, p.77, da escritora Nelly Martins”. (CUNHA, 1999, p.257).

Nasceu assim, à sombra de uma árvore, no bucólico ambiente da “ESTÂNCIA GISELE”, num momento de alegria, no dia 30 de outubro de 1971.

Então Ulysses ficou sendo o seu Presidente nato, e cuidou da Academia nascente, com o amor e dedicação de um verdadeiro pai. [...].

Agruparam-se em torno do ideal de Ulysses Serra intelectuais de todas as tendências, escritores dos mais variados estilos, historiadores e poetas, conservadores e modernistas, exploradores do regional e do universal, considerando aqui não somente os sócios efetivos mas também os correspondentes.

Também fui convidada por Ulisses⁶⁷ e, em consideração a ele, que era meu conterrâneo e amigo, mesmo não vendo mérito nenhum em mim, passei a fazer parte do grupo que se reunia em sua casa, sendo recebida sempre com solicitude por ele e sua esposa D. Constancinha. (ENCISO, 1986, p. 150 e 151).

O nome de Oliva Enciso consta no site oficial da Academia. Familiares e amigos desconhecem os detalhes do convite para a Academia, nos depoimentos dos familiares ficou notório que não era uma personalidade vaidosa que celebrava suas conquistas. Tivemos acesso a esse convite somente através da autobiografia e uma breve⁶⁸ confirmação dos fatos pelo presidente da Academia Sul Mato-grossense de Letras que disponibilizou-nos um arquivo com documentos nos quais encontramos a cópia de documentos pessoais de Oliva Enciso, uma crônica e poesias datilografadas e assinadas. Dentre os papéis da Academia um documento em específico chamou-nos a atenção:

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, através do seu Presidente Dr. Elpídio Reis, consultamos sobre a possibilidade da Sociedade Miguel Couto ceder uma área aproximada de 1200m² para sua sede e considerando a alta finalidade dessa Academia e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, congêneres essas duas entidades em seu alto valor educativo, que se enquadra perfeitamente no objetivo primordial dessa Sociedade – que é a Educação, dirigiu o ofício nº 0006/90 citado ao Dr. Paulo Coelho Machado por ser ele o consultor permanente da Sociedade desde a sua fundação, tendo mesmo colaborado na elaboração dos seus Estatutos em 1940 e por ser também ilustre Membro daquela Academia e Sócio Fundados do Instituto Histórico e Geográfico, do qual foi o seu 1º Presidente[...]foi a concessão aprovada por unanimidade, tendo o Dr. Paulo Coelho Machado declarado em seu Parecer: “As entidades donatárias, sem qualquer equívoco, têm objetivos afins ao da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante –são voltadas para finalidades culturais e vêm prestando inestimáveis serviços no setor educacional”. (Cópia da Ata do Conselho deliberativo da Sociedade Miguel Couto, reunião ordinária de 20-02-1990).

⁶⁷Em 1971, Ulysses Serra fundou a Academia de Letras e História de Campo Grande. Instalou-se após seu falecimento, em sessão solene na noite de 13 de outubro de 1972, no salão de atos do Hotel Campo Grande, presentes como convidados de honra os acadêmicos Ivan Lins, da Academia de Letras, e Hernâni Donato, da Academia Paulista de Letras.[...] Até 1971, ano do lançamento de “Camalotes e Guaviras”, a produção de Ulysses Serra achava-se esparsa em jornais e revistas de Mato Grosso, principalmente no “Correio do Estado”, onde chegou a manter uma seção permanente de crônicas, trazendo no alto da coluna um pequenino retrato do autor. Nela, abordou os mais variados temas e assuntos, além dos estritamente literários, falando sobre os meninos de Campo Grande e sobre Pelé. (PONTES, 1981, p. 106 e 107).

Ulysses Serra, segundo Oliva Enciso fora um dos idealizadores da Academia Sul mato-grossense de Letras junto a José Couto Vieira Pontes e Dr. Germano de Souza, ele está citado na Ata de Criação da referida Academia, as primeiras reuniões e a ideia germinadora da academia fora em sua estância de Ulysses. (ENCISO, 1986, p. 154 e 155)

⁶⁸ O presidente da Academia desconhecia os detalhes do ingresso de Oliva Enciso.

Através da data no referido documento notamos que Oliva Enciso era presidente da Filantropia Sociedade Miguel Couto, dessa forma perguntamos ao Eduardo Fontoura de Freitas, citado no documento, sobre essa negociação da área para a Academia de Letras, o qual esclareceu-nos que houve de fato a intenção da doação da área por parte da filantropia, porém a academia não dispunha de recurso para a construção do prédio, em outro momento a Academia recebeu a doação de um casa onde passou a funcionar junto ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul na Rua Rui Barbosa em Campo Grande.

Oliva Enciso também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e atuou junto aos fundadores do referido instituto. A atual Diretora Executiva do Instituto, Maria Madalena Dib Mereb Greco, forneceu-nos uma cópia da ata da fundação da instituição e de fato consta o nome de Enciso arrolado nas tomadas de decisões.

Sobre a doação da suposta área para a construção das instalações da Academia e do Instituto a diretora executiva relatou-nos que ambos foram criados pelos mesmos fundadores e que são instituições que sobrevivem a caprichos políticos, o instituto ainda não tem sede própria. Maria Madalena desconhece essa negociação da aquisição do terreno, mas pontuou que o que realmente faltou tanto ao Instituto e para a Academia foram verbas para a construção das instalações e que até os dias atuais não há estabilidade da permanência no prédio que estão instalados o qual é concedido pelo governo.

Questionamos a diretora Maria Madalena quais os fatores para Oliva Enciso pertencer ao Instituto visto que a mesma não possuía pesquisa ao ponto de consagrá-la membro do Instituto, porém surpreendeu-nos ao asseverar que: “Oliva Enciso foi uma mulher à frente de seu tempo e muito importante na história de Campo Grande, ela venceu muitos códigos morais para ser quem foi”, a afirmativa nos leva a crer que Oliva Enciso foi uma convidada de honra para o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Maria Glória de Sá Rosa (2005, p.11) na obra *Personalidades de Campo* narra a entrevista que fizera com Oliva Enciso em 1988 a qual corrobora com as afirmações individuais presente na autobiografia de Enciso,

Em 1971, a convite de seu fundador, Ulisses Serra, Oliva Enciso ingressou na Academia Sul-mato-grossense de Letras, ocupando a cadeira 22, que tem como patrono Vespasiano Barbosa Martins cuja biografia escreveu e que foi publicada no primeiro livro de biografia de patronos.

Publicou dois livros: Mato Grosso do Sul – Minha Terra (1º edição/1986 – 2º edição/2003) e Palavras de Poesia (2004).

Foi colaboradora constante do Jornal do Correio do Estado. Sua presença na Academia impunha clima de respeito, de admiração pela cultura, pela humildade com

que se dirigia a seus pares, sempre procurando estimular os que buscavam sua influência para ingressar no mundo das letras. Tinha uma maneira clara e coerente de escrever, que atraía aos ouvintes.

Pertenceu também ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e ao Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso onde atuou de 1964 a 1966 e foi responsável pela aprovação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso. (ROSA, 2005, p. 18).

Para Rosa (2005),⁶⁹ Enciso também publicou um artigo biográfico de Vespasiano Martins na *Obras biografia dos Patronos de Campo Grande*, porém não localizamos a obra em questão.

Diante das obras publicadas por Enciso indagamo-nos: Quantas obras escrevera? O que refletiu em suas escritas? Quais os temas mais recorrentes? Qual o seu estilo de escrita? Será que enquadrava-se em algum movimento literário? As indagações foram respondidas mediante seus escritos. Oliva Enciso publicou três obras, as quais foram editadas por recursos próprios e reeditadas pelo SENAI em um ato de reconhecimento pelo empenho de Enciso em instalar a referida empresa em Campo Grande.

Para Michelle Perrot (2005) a presença das mulheres na escrita literária e em todos os campos da comunicação, aponta para sua imersão em debates e combates que balizaram a travessia de fronteiras que tendem a se reconstruírem e mudarem de lugar. A escrita também é uma forma de luta e resistência. Oliva Enciso através de suas escritas também acentuou sua participação e luta no mundo. Escrever também é a expressão das diferentes atuações dos sujeitos no espaço público e possibilita a visibilidade do indivíduo.

3.1 Obra Mato Grosso do Sul: Minha Terra

Uma das obras de Enciso é *Mato Grosso do Sul: Minha Terra* (1986) que constitui-se em uma autobiografia, tomamos a referida obra enquanto fonte documental para compreendermos a sua história de vida e por extensão sua trajetória de trabalho. Oliva Enciso a escrevera no século XX na ascensão desse estilo de escrita enquanto fonte documental no meio acadêmicos.

As sociedades modernas, nessa acepção, são individualistas porque se consagram tendo por base um contrato político-social que reconhece todos os indivíduos como

⁶⁹ Foi professora do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, membro da Academia Sul Mato-grossense de Letras, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul com diversas obras publicadas sobre pessoas importantes na literatura e na história de Campo Grande.

livres e iguais, postulando sua autonomia e abrindo campo para o novo tipo de interesse sobre esse “eu moderno”. Uma ideia que confere à vida individual uma importância até então desconhecida, tornando-a matéria digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros. É esse o sentido da feliz observação de Levillain, quando assinala que, se o ato de escrever sobre vidas é muito antigo, a ideia de que a vida é uma história é bem mais recente. E é esse fundamento que está na base do que se considera a escrita biográfica e autobiográfica. (GOMES, 2004, p.12).

O estilo de escrita autobiográfica tem contribuído para que as histórias de pessoas comuns sejam narradas, é a narração de outro ponto de vista além da perspectiva de grupos privilegiados na história da humanidade.

Mato Grosso do Sul: Minha Terra é uma escrita de si e aguçou nosso olhar a respeito da autora, afinal quem é esta pessoa que escreve de si? Qual seria o sentido dessa escrita? Na obra além das memórias da autora deparamo-nos com a história de um povo e de dois estados.

A obra é um acervo de informações sobre a criação de instituição e os avanços nas conquistas educacionais em Mato Grosso, elencamos os assuntos tratados na obra: Meus pais, minha infância, o Taquaral; Corumbá; Campo Grande; Instituto Pestalozzi e Professor João Tessitori Junior; Rio de Janeiro – Santos Dumont novos Caminhos; Prefeitura de Campo Grande; Agência de Estatística – Seção de Educação etc.; Escola Normal Dom Bosco – das Irmãs Salesianas- Outros cursos; Câmara Municipal e Assembleia Legislativa; IPEMAT – PREVISUL; Faculdade de Farmácia e Odontologia – UFMS; Dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas e Belo Horizonte; Dr. Roberto Mange e o SENAI; SESI; APAE; CNEC e o Dr. Felipe Tiago Gomes; Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante; Duas cidadanias; Academia Sul Mato-grossense de Letras e na segunda parte da obra consta o título: Um pouco de prosa e de poesia em que registra dez poemas da autoria de Enciso.

Pelos assuntos registrados na referida autobiografia e pela importância da escritora para Campo Grande é possível aferir que a obra constitui-se em uma fonte memorialista de grande relevância para os dois estados⁷⁰. Na referida obra é possível constatar que Enciso vivenciou lutas para a conquista de empresas, cursos, escolas junto a uma extensa teia de relação com personalidades políticas. Para a presente dissertação a referida obra representou o fio de Ariadne⁷¹ em que cotejamos os dados apresentados.

⁷⁰ Em algumas das ações de Oliva Enciso descritas na autobiografia Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não havia sido divididos e geograficamente e politicamente.

⁷¹Mito grego: Quando Teseu foi mandado a [Creta](#), voluntariamente, como sacrifício ao [Minotauro](#) que habitava o labirinto construído por [Dédalo](#) e tão bem projetado que quem se aventurasse por ele não conseguiria mais sair e era devorado pelo Minotauro. Teseu resolveu enfrentar o monstro. Foi ao renomado [Oráculo de Delfos](#) para

Em suas escritas Oliva Enciso fora detalhista compilou informações e apontou documentos tais como telegramas, ofícios e atas desvelando a veracidade dos fatos, seus escritos são em linguagem simples e poética e expressam sua gratidão pela confiança do povo em seu trabalho em prol do estado. Algo peculiar em sua escrita é que Enciso não se adjetivava, pelo contrário, buscou os documentos que evidenciaram sua participação no estado e para a história do seu povo, ao que nos parece foi uma mulher discreta.

A partir dos dados da autobiografia e dos depoimentos somando às obras dos escritores de Campo Grande conhecemos sua sensibilidade de reconhecer a importância do outro em sua trajetória, destacou pessoas que participaram das conquistas.

Foi nesse auto reconhecimento dos valores dos indivíduos que consideramos a autobiografia de Oliva Enciso de suma importância, pois buscou dizer as excepcionalidades de seus feitos, porém tão somente enquanto registro de suas memórias.

3.2 Palavras de Poesias

Palavra de Poesia (2004) é o título de uma das obras de Oliva Enciso e nela organizou 119 poesias, todas de sua autoria. Trouxemos algumas dessas poesias para a referida dissertação, pois seus escritos fazem parte da construção das suas memórias e desvelam as angústias e alegrias da poetisa. Na abertura do respectivo livro Enciso relatou algo sobre a obra em destaque:

Não pensava em publicar um livro com minhas poesias.

Mas a minha sobrinha Ana Maria Fontoura de Freitas, que convidei para pôr em ordem meus documentos e tratar da reedição do meu livro “MATO GROSSO DO SUL: MINHA TERRA”, onde ponho em destaque as pessoas, as minhas pessoas, que me ajudaram como funcionária da Prefeitura Municipal de Campo Grande, Vereadora, Deputada Estadual e na Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante e outros trabalhos, entendeu de pôr em ordem minhas poesias para publicá-las em um livro.

Concordei e assim parece este livro desprezioso, mas que representa um pouco da minha vida, que dedico à minha família e aos meus amigos, especialmente ao SENAI que se propôs a divulgá-lo.

descobrir se sairia vitorioso. O Oráculo disse-lhe que deveria ser ajudado pelo amor para vencer o minotauro. Ariadne, a princesa de Creta, a filha do rei Minos, lhe disse que o ajudaria se este a levasse a Atenas para que ela se casasse com ele. Teseu reconheceu aí a única chance de vitória e aceitou. Ariadne, então, deu-lhe uma espada e um fio de lã ([Fio de Ariadne](https://www.eusemfronteiras.com.br/omito-de-teseu-e-minotauro-mais-que-uma-historia/)), para que ele pudesse achar o caminho de volta, do qual ficaria segurando uma das pontas, Teseu saiu vitorioso e partiu de volta à sua terra com Ariadne. (<https://www.eusemfronteiras.com.br/omito-de-teseu-e-minotauro-mais-que-uma-historia/>).

Oliva Enciso
 Da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
 Cadeira nº 22 (ENCISO, 2004, abertura da obra Palavras de Poesia).

No texto de Oliva Enciso expôs que a organização para a publicação não fora iniciativa pessoal, concordou em organizar o livro que seria reeditado pelo SENAI, algumas poesias haviam sido escritas há anos. A sobrinha Ana Fontoura de Freitas relatou-nos que a tia considerou desnecessária essa publicação, pois era reservada demais, a mesma pontuou que existem outros poemas que estão sob sua guarda.

Rosa (2005) sobre as escritas de Oliva Enciso assinalou:

A ESCRITORA

O prazer de lidar com a palavra foi responsável pela produção de poemas e crônicas em que celebra as paisagens de Mato Grosso do Sul, a família, a religião, a vida nas fazendas, num registro de pessoas e coisas que permanecem pelo poder de sua sensibilidade. (ROSA, 2005, p. 18).

Ao analisar as poesias de Oliva Enciso notamos que as mesmas acentuam características do movimento literário Romântico. A poesia é um dos gêneros da literatura.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1995, p.242).

As poesias de Enciso foram escritas no contexto do século XX, buscamos observar em sua poesia as características mencionadas por Antonio Candido (1995) e notamos que o estilo dos poemas e da inspiração poética apontam de fato para o movimento Romântico, assim assinalamos características desse estilo em diversos poemas ao longo do referido capítulo.

O estilo romântico teve seu nascimento na Europa no século XVIII e foi expressivo no Brasil tanto na prosa quanto na poesia, para Antonio Candido (1995), um dos maiores críticos literários no Brasil, o Romantismo foi responsável por uma notável difusão da poesia.

O Romantismo, a par de uma ideologia, de complexo conteúdo artístico, social e político, uma época que propiciou o aparecimento de naturezas humanas caracterizadas pelo egocentrismo, pela hipersensibilidade, pela melancolia, pelo pessimismo, pela angústia, pela desesperação, ou, em uma expressão, pelo que na época se denominou o mal do século, isto é, a crise moral típica do homem da primeira metade do século XIX [...]. (AMORA, 1977, p.79).

No começo do movimento artístico do Romantismo o que havia entre os escritores era apenas um estado de espírito, porém o espírito romântico passa a designar toda uma visão de mundo centrada no indivíduo. Os autores românticos voltaram-se cada vez para o retrato do drama humano, amores trágicos, ideais utópicos e desejos, algo que atraiu as classes populares.

[...] podem-se apontar as seguintes qualidades que caracterizam o espírito romântico. 1-Individualismo e subjetivismo. A atitude romântica é pessoal e íntima. É o mundo visto através da personalidade do artista. O que releva é a atitude pessoal, o mundo interior, o estado de alma provocado pela realidade exterior. Romantismo é subjetivismo, é a libertação do mundo interior, do inconsciente; é o primado exuberante da emoção, imaginação, paixão, intuição, liberdade pessoal e interior. Romantismo é a liberdade do indivíduo. (COUTINHO E COUTINHO, 1997, p. 09).

Enciso mergulhou sua inspiração em temas recorrentes do movimento artístico Romantismo, o qual foi um movimento marcado pela subjetividade, pela emoção e pelo *eu* lírico, daí a palavra lirismo para a inspiração poética que é o “*eu*” lírico, o Romantismo dá voz a esse eu poético. A poesia é conceituada enquanto gênero lírico.

O lirismo se distingue essencialmente, podemos dizer, pelo seu fundo subjetivamente poético, seja em forma de verso ou de prosa. Na obra lírica predominam os sentimentos e emoções do autor, o artista reflete a si mesmo, no que Alceu Amoroso Lima chama de “confissão”.

Pertence a esse gênero toda a composição expositiva de conteúdo poético subjetivo, mesmo que este se apresente contaminado por elementos objetivos, como as descrições e as narrações.

Assim, lemos :Em prosa: a prosa poética; em verso: as formas poéticas de estrutura fixa e as espécies literárias [...]. (TAVARES, 1991, p. 118).

As poesias de Oliva Enciso refletiram e refletem alguma realidade, pois seus temas não desatualizam jamais, pois em si a poesia não tem um prazo de esgotamento. Segundo Alfredo Bosi (2003, p.98) “O lirismo, que aproxima negatividade e reflexão, é a relação entre a expressão e a intimidade do *si mesmo*⁷², de uma poética que é libertação, que nos abre a possibilidade de uma escuta, de acolhida e de comunhão com todos os seres vivos”. Para Bosi (2003, p.93) “compreende-se que o lirismo como emoção, como pungência, mas, ao mesmo tempo como um caminho em que se resgata a memória de uma unidade”.

Com o Romantismo o que era considerado íntimo, envergonhado, escondido, passou a ser confiado à obra, que é destinada ao “próximo, ao amigo, à amada, e, finalmente, aos estranhos”. (GONÇALVES, 2000, p.6).

Sobre os temas do Romantismo Antonio Candido (2002) assinalou:

⁷² Grifo do autor.

O romantismo puxou a literatura para poemas de paisagens locais, usando linguagem mais natural, aproximando dos usos linguísticos, embora o correr do tempo a faça parecer afetada para nós. [...] Nos poemas, ouviam falar do conhecido sabiá, compreendiam as alusões às “viagens morenas” e acomodavam bem o ouvido aos ritmos parecidos com o das letras de modinha. [...] Sob este aspecto, as diferentes formas de particularização foram importantes com o fator de democratização da literatura, inclusive atenuando um pouco o abismo que antes separava a literatura erudita da literatura popular. [...] uma linguagem mais apta a exprime o mundo em que vivia e os sentimentos que os animavam. (CANDIDO, 2002, p.93 e 94).

O Romantismo nas poesias de Oliva Enciso expressa esse uso da linguagem descrito por Candido, uma forma acessível ao leitor.

Para Amora (1971, p. 74) existe distinção entre poesia e poema, para tanto, poesia é o estado “emotivo” ou “lírico do poeta, no momento da criação do poema e o poema é a fixação material da poesia. Faz-se necessário pontuar essa diferença, pois ora falamos da estrutura do poema e ora analisamos os sentidos das poesias de Oliva Enciso.

Nas centenas de poemas de Oliva Enciso observamos que apresentam rimas de diversos estilos. Amora (1971) conceitua rimas:

Rima – Consiste na combinação sônica de fim de palavras, colocadas estas no fim do segmento melancólico. As palavras que rimam entre si podem, portanto, estar: a) no fim dos versos; b) uma no fim dos versos outra no interior de um versos seguinte. A rima exerce, a par de seu efeito musical, um considerável efeito sobre os ritmos melódicos e lógicos, porque chama a atenção para as pausas de interior e fim de verso. (AMORA, 1971, p. 107).

Nos poemas de Enciso encontramos rimas pobres, outras soltas e da mesma forma encontramos poemas com estrofes de diferentes métricas, não há um padrão. Na obra *Palavras de poesia*, em algumas poesias, Oliva Enciso traça o contexto para a inspiração de algumas poesias, uma espécie de roteiro para que o leitor entenda o sentido dado naquele momento poético.

Cursava o 2º ano ginásial e o Sr. Tessitore Jr., então Diretor do INSTITUTO PESTALOZZI, num dia em que o Professor de Português não comparecera, nos falou sobre poesia e nos ensinou a metrificar e rimar. Fiz então os meus primeiros versos, com ilustração.

LINA
Lá no alto da colina
Dos raios do sol beijada
E de flores circundada
Está a casinha de Lina.

De todo mundo afastada
Passa seus dias contente

Do lugar sendo alvorada
Sou vizinha inocente

Tem por amiga as flores
As aves e as águas puras
Que cantam hino de amores
Distraíndo as criaturas

Enfim é ela o encanto
O mais lindo das matrizes
Que enfeitam o róseo manto
Que cobre seus pais felizes⁷³. (ENCISO, 1986, p.10).

Oliva Enciso trouxe a memória da sua primeira poesia repleta de linguagem simples, traçada com rima pobre e evidenciando pessoas comuns e lugares simples. Foram seus primeiros ensaios poéticos que direcionaram todo estilo de escrita da mesma, depois da primeira poesia em uma tentativa de colocar o leitor a parte do seu processo de imersão na carreira de escritora, Enciso grafou:

Depois... anos depois... Em junho de 1938, noite fria de Domingo, li, num Suplemento no Correio da Manhã, uns versos assim, sou capaz de fazer e fiz e li para Conchita, minha irmã mais criança do que eu e ela: - “Horrível” – Também achei. – Vou fazer um soneto... Não havia motivação... Nada! – Vou fazer um acróstico... e escrevi em linha vertical; -CAMPO GRANDE e fui completando sem nenhum esforço de imaginação [...]. (ENCISO, 1986, p.10).

As poesias de Enciso são um aporte para suas vivências. Para Paixão (1982, p.31) “através da poesia escutam os dizeres ecoados das regiões profundas do ser humano”, por isso trouxemos as poesias de Enciso para esse registro das memórias, pois nelas estão dispendidos muitos contextos e sentimentos da poetisa.

Enciso trouxe para sua poesia uma série de elementos para a sua motivação poética e em alguns de seus poemas grafou o dia, mês e ano que o poema fora escrito, seus poemas funde a vida humana, o tempo, a sociedade e saudosismo da terra natal, assinalando o olhar melancólico daquilo que foi e viveu.

TERRA PARAGUAI
31-01-1944

Nós te queremos muito,
Terra paraguaia!
Pudessem estes meus pobres servos
Expressar de maneira convincente,

⁷³Todas as poesias do referido capítulo estão publicadas na obra *Palavras de Poesia* (2004) de Oliva Enciso e foram transcritas na íntegra.

A amizade,
Tão pura e tão sincera,
Da gente brasileira
À tua gente!

Sob o mesmo céu
Do maravilhoso anil,
O grande rio,
Que liga Paraguai-Brasil,
Simboliza a corrente imensa
De ideal e afeição,
Unindo dois povos diferentes,
Pelo coração.
E eu te confio, terra paraguaia,
Porque te quero tanto!
Porque ao ver tua linda bandeira,
Sinto estranha emoção...
- Sou brasileira,
Mas meu pai,
Que tanto quis era teu filho
E ele amava tanto o Paraguai! (ENCISO, 2004, p. 142).

O Paraguai foi a terra natal do pai de Enciso, na presente poesia é expresso o sentimento de emoção pela terra natal de seu pai, que um dia prometera levá-la para conhecer, porém não fora possível.

Octavio Paz na obra *O arco e a lira* apresenta inúmeros sentidos sobre o que é poesia e sua vasta importância.

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica das raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais de passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em formas superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia das Ideias. Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogos, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavras do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todas as faces, embora exista quem afirme que não tem nenhum: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana! (PAZ, 1982, p.15).

A poesia é trabalho humano, produto de um esforço consciente, que nasce da alma, no sentido de conhecimento filosófico como apontou Paz. Séculos e décadas poderão passar,

porém a poesia continuará sendo uma das formas mais sublime e subjetiva de expressão do ser humano. Na citação Octavio Paz trouxe-nos uma visão profunda do que é poesia. A poesia nasce entre os povos, independente dos fatores sociais, econômicos ou sentimentais, e assim como toda manifestação literária representa o ser, em sua realidade, em seu imaginário.

No poema descrito nas próximas linhas notamos um destaque a pessoa da Assistente Social uma figura presente na relação com a infância abandonada.

ASSISTENTE SOCIAL

17-07-1949

Quem é?
 Que entra no lar do pobre,
 Escutando paciente
 Ou indagando com arte
 A história da família,
 Onde às vezes se descobre
 Uma chaga bem dolente...
 Um coração em vigília?

E sabe ler num sorriso
 A tragédia de uma vida?
 E sabe estender a mão,
 Erguendo a fronte abatida,
 Alvorecendo a esperança
 Na alma desiludida?

Quem sabe fazer florir
 Um sorriso de alegria,
 Num rostinho inocente,
 Onde a dor deixou seu traço,
 Numa rudeza tão fria?
 Ou dizer ao adolescente,
 Que da virtude o caminho,
 Embora áspero às vezes,
 Porque tem flores e espinhos...
 Ele o deve seguir:
 É o único que o leva,
 O vitorioso por vir?

Esse ser tão diferente!...
 Que no anonimato da turba
 Não leva nenhum sinal,
 É essa criatura humilde,
 Que se chama simplesmente:
 “ASSISTENTE SOCIAL”. (ENCISO, 2004, p.46).

Pelo ano grafado junto à poesia é possível aferir que fora escrita na primeira década da criação do orfanato *Lar Santa Teresinha* e que a realidade exposta pelo poema demonstra a forma que Oliva Enciso percebia as relações humanas no manejo com as crianças órfãs e

abandonados. Nos poemas notamos súplicas pelas necessidades das crianças do orfanato, a fé sempre foi a essência de Enciso,

CARIDADE

Procura aliviar a dor
 Que o corpo oprime
 Ou entristece a alma,
 Mas em silêncio é preciso agir
 Porque é a caridade, esse amor
 Que redime
 E traz ao benfeitor
 A paz, a calma,
 Ventura indefinível,
 Quando praticada
 De maneira invisível. (ENCISO, 2004, p. 57).

Em outro poema versou:

MEU DEUS!...

Meu Deus!
 Vós que criastes o céu,
 A terra e o mar
 E os astros da abóboda infinita,
 Que nem pode nossa vista
 Alcançar...
 De vossas mãos saíam
 As pedras preciosas,
 A beleza das flores
 E a alva espuma finíssima
 Das ondas do mar...
 Na profusão magnífica das cores...

Vossa, toda a potência,
 Toda força e beleza
 Que regem
 E dominam a natureza!...

Fazei, Senhor,
 Que os cofres da Nação
 Se abram para que
 Que deles retire
 Apenas o que falta
 Àquelas crianças órfãs,
 Sem pais, sem lar, sem pão...

Nada peço pra mim, Senhor...
 A mim me basta
 O vosso paternal amor. (ENCISO, 2004, p. 89).

O poema fora escrito em 1950 na Secretaria do Palácio do Catete no Rio de Janeiro, enquanto Oliva Enciso aguardava uma carta do Presidente da República Brasileira Gaspar Dutra no Ministro da Fazenda, sendo uma referência à solicitação de recursos para a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. As angústias de Oliva Enciso para manter o orfanato são evidenciadas nessa poesia intitulada *Meu Deus!* O título assinala a realidade da busca de recursos para o orfanato que ela administrava, constitui-se em uma súplica da poetisa, pois crê na providência gerada como resultados da fé em um mito⁷⁴ do cristianismo “Deus”.

Para a filosofia Deus é descrito como mito, mas para Oliva Enciso era o seu *Senhor*, dividiu com a religião e a poesia as angústias do orfanato que administrara, escrevera poesias como se fosse uma conversa com o próprio “Deus” expressando-lhe suas dificuldades e dores, dessa forma sua vida fora colocada em versos, retratou nas poesias seus traçados de existência. E, novamente tomamos as palavras afirmadas por Candido (2002) o qual diz que a poesia do movimento romântico emerge exprimindo o mundo que o poeta vive, pois ao retratar Deus e os órfãos nas poesias Enciso expressou sua crença, suas convicções pessoais.

Reitera-se que a poesia é uma fonte singular e de ver a vida e os seres humanos à sua volta “o poeta lança mão do bisturi e começa a dissecar os tecidos da estranha e misteriosa natureza humana, em busca de um sentido e de uma explicação metafísica que satisfaçam ou convençam”. (PONTES, 1981, p.70 e 71). Segundo Menegazzo (1999, p. 120) “a palavra” é matéria prima que traz à tona os sentimentos de um povo, Enciso possuía a matéria prima e expressou-se por décadas.

Em seus poemas Oliva Enciso refletiu dezesseis vezes sobre a natureza com alusão a animais, flores e florestas.

AS AVES CANTAM...

As aves cantam
Ao despertar bem cedo
E à tardinha
Ao voltar aos ninhos
Nos ramos do arvoredos...

Celebram assim
A glória de viver
Um novo dia...

⁷⁴ “No mito o presente é explicado por alguma ação passada cujos efeitos permaneceram no tempo. Por exemplo, uma constelação existe porque, no passado, crianças fugitivas e famintas morreram na floresta e foram levadas ao céu por uma deusa que as transformou em estrelas; [...] O mito reúne, junta, relaciona e faz elementos diferentes e heterogêneos agirem uns sobre os outros [...] o mito organiza a realidade, dando às coisas, aos fatos, às instituições um sentido analógico e metafórico, isto é, uma coisa vale por outra, substitui outra, representa outra[...]” (CHAUÍ, 2005, p. 161, 162).

Mas seu canto
 Pode também ser de dor
 E não só de alegria...

Ver o ninho no chão...
 Ou encontrá-lo vazio...
 Há de apertar também
 O seu pequeno coração...

Mas ave não chora...
 Canta...
 E a gente ouve
 Sem entender...
 Talvez naquele canto
 Esteja dor tão forte
 Capaz de fazer também
 A avezinha morrer... (ENCISO, 2004, p.44)

Em outra poesia notamos mais dessa contemplação.

O VENTO E O ARVOREDO

Há sutil encantamento,
 Na dança silenciosa
 Dos ramos de um arvoredo
 Ao suave perpassar do vento.
 Mas se ele se enfurece!...
 Os ramos vergam
 Se partem...
 Árvores caem... fenecem...

Vida é movimento...
 A frescura, a brisa da manhã
 Cedem lugar ao calor
 À paralização do meio-dia...
 Vem a tarde
 Suave viração...
 E a noite chega
 Silenciosa... fria...

Mas às vezes a tempestade
 Vem durante o dia...
 E em sua dança louca
 Vai levantando ondas
 Arrastando nuvens
 Carregando poeira
 Derrubando árvores
 Arrancando ninhos...
 Arrasando tudo!
 Espalhando medo
 Semeando morte...
 Só respeitando
 O que encontrar
 Mais forte... (ENCISO, 2004, p. 112)

No poema “Borboleta Morta” desvela-se o paradoxo de algo tão simples mesclado aos sentimentos profundos aflorados pela escrita da poetisa.

Pensei que fosse
 Uma folha seca
 No batente da porta...
 Passei indiferente
 Mas voltei para ver melhor
 Me pareceu e era
 Uma borboleta morta!

Imaginei-a cheia de vida!
 Esvoaçando à toa...
 Asas coloridas...
 Seriam azuis
 Debruadas de preto?
 Ou brancas...
 Duas pétalas de rosa...
 Ou amarelas... grenás...
 Que cor teriam?
 A morte apaga
 O colorido da vida...

Borboletas...ilusões...
 Duram tão pouco!
 Morta no caminho...
 Nem parece que um dia
 As olhamos com amor...
 Ilusões que afagamos
 Com tanto carinho! ...
 Com tanta alegria! ...

E vamos prosseguindo...
 Como se não tivesse
 Acontecido nada! ...
 Outras borboletas...
 Outras ilusões...
 Até o fim da jornada! ... (ENCISO, 2004, p. 53 e 54).

Os poemas apresentados, bem como os demais poemas enquadram-se nas perspectivas do subjetivismo do estilo romântico.

Culto da natureza: Supervalorizada pelo Romantismo, a Natureza era um lugar de refúgio, puro, não contaminado pela sociedade, lugar de cura física e espiritual. A natureza era a fonte de inspiração, guia, proteção amiga. Relacionada com esse culto, ela teve tão avassalador domínio em todo o Romantismo, foi a ideia do “bom selvagem”, do homem simples e bom, em estado de natureza, que Rousseau exprimiu; foi também a voga da ilha deserta, e da “paisagem” na pintura e na literatura, paisagens exóticas e incomum (exotismo). (COUTINHO E COUTINHO, 1997, p.09).

Animais e a natureza são recorrentes na obra poética de Oliva Enciso sendo perceptível a proximidade com o leitor, são poemas de temas populares. Os poemas também apresentavam nos versos características do povo, lugares e costumes.

NO RIO PARAGUAI

Amanhecer. E vão se descortinando encantamentos mil,
Sob este céu lindíssimo de anil.

Às margens se refletem matas verdejantes
Ou ondulam macio camalotes errantes...

Queria ser artista, para imortalizar
As belezas todas que vejo passar...

É o buriti que agita os seus leques ao vento
E a baguari formosa com seu vôo lento...

Aqui, frondosos troncos de copas verdejantes
Além, o recorte azul – o das serras distantes

Têm aparência calma estas águas profundas
Que banham ora um tapete, ora matas fecundas...

E as águas correndo, ligeiras sem parar
Pra sumirem todas na vastidão do mar...

Não sei, Rio Paraguai, se alguém já te cantou um dia
Mas sei que tu mereces poemas de harmonia.

Da América do Sul, tu vens do coração:
És sua grande artéria de civilização.

Tuas águas que espelham os mais lindos arrebóis
Já se tingiram outrora com o sangue de heróis...

Teu nome está escrito em páginas da História
És rico de poesia, de lendas e de glória...

Porém, sabes por que tu mais famosos és?
-Da Corumbá fidalga
Tu lavas mansamente os pés. (ENCISO, 2004, p. 12 e 13).

Aspectos da região onde Enciso nascera são aferidas em sua poesia em que enalteceu os rios do seu estado e registra uma descrição simples das suas raízes. Por nove vezes Oliva Enciso escreveu poemas com temas tais como cidades, rios e locais de Mato Grosso em que destacou a beleza e a riqueza da fauna e da flora.

Segundo Chauí (1995, p.316) “A obra de arte dá a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, a dizer. Nela e por ela, a realidade se revela como se jamais a tivéssemos visto, ouvido, dito, sentido ou pensado”. A poesia de Oliva Enciso é arte, é linguagem, é pensamento e é diálogo, é a vida na

letra e é assim nesta despreensão dita por Enciso que sua poesia fala o que o outro não pensava jamais ouvir ou saber.

Na perspectiva de Paz (1982, p.15) algumas das poesias da obra *Palavras de poesia* são um reflexo dos sentimentos, emoção; assim sendo, esse mesmo autor afere que a poesia: “[...] revela o que somos e nos convida a ser o que somos”. Para tanto, os poemas de Enciso é também uma forma de compreendê-la, pois a poetisa emerge nos versos o que a movia.

Na análise dos poemas notamos que Enciso escrevera sobre a morte como um percurso a ser experimentado, suas reflexões apontavam para a correlação das suas palavras com sua crença.

Na obra em questão também há poemas em homenagem os seus amigos e familiares, escreveu versos em comemoração às bodas de casamento do Corina e Senhor Demóstenes, ex-prefeito de Campo Grande e ex-governador do estado de Mato Grosso.

BODAS DE DIAMANTE

Ao querido casal
Demóstenes Martins – Corila

No bastidor dos destinos humanos
Já disseram – o homem faz a tecedura
Mas o desenho é de Deus –
É ele quem orienta os passos
Da sua criatura – os filhos seus.

Há sessenta anos passados
Demóstenes e Corila
Em plena juventude
Uniram suas vidas
Pelo casamento
Com os corações em festa
Plenos de amor
E encantamento
E o tempo
Foi passando...
Dias de sol
Dias de sombras também...
E pode acaso viver
Diferentemente alguém?

Vêm a família abençoada
Sempre a crescer
Qual árvore frondosa
À beira de um regato...
E o mundo
Que dizem para muitos
Ser ingrato
Quis poupá-los
De grandes sofrimentos
E pode-se dizer
Que a vida de ambos

Foi e é venturosa...
 É que a Justiça Divina
 Premiou-lhes
 Os merecimentos

Os filhos, os netos
 E até os bisnetos!...
 Bodas de prata!...
 Bodas de Ouro!...
 Bodas de Diamante!...
 Idealista
 Como todo idealista
 Ele sofreu revezes...
 Mas o seu espírito forte
 Só conheceu a opressão:
 - AVANTE!

Ela, a esposa
 A mãe, a avó
 A bisavó admirável!
 Soube cultivar
 As virtudes
 Que tornaram
 As mulheres fortes
 Sob o tênue manto
 De uma atitude amável...

O puro amor
 Que os uniu um dia
 Vem se refletindo
 Na família querida
 E até os amigos
 Se beneficiam
 Com a riqueza moral
 Dessas duas vidas
 Que Deus uniu
 Numa só vida
 - FELIZ CASAL! (ENCISO, 2004, p. 49, 50 e 51).

Fez em forma de poema uma homenagem póstuma a “Newtinho” filho do sobrinho Eduardo, o bebê falecera e dessa forma uma dor familiar é compartilhada.

NEWTINHO
 Para Ilka e Eduardo

Você veio tão depressa...
 Entregou a sua mensagem
 E voltou!...
 Ficou apenas nove dias
 Junto dos seus pais...
 Mas de você
 Eles não esquecerão jamais!

Nove meses
 Sua mãe lhe esperou...

E você veio!
 Foi alegria imensa
 Para os seus
 Seus avós
 Os seus parentes enfim!
 Mas você não ficou...
 Você viverá Deles na lembrança
 Não importa o tempo...
 É muito difícil
 Esquecer-se uma criança!

Porque é um anjo
 Que vem do paraíso
 Traz o perfume
 Das coisas celestiais...
 Vem dizer
 Do nada que são
 Os bens deste mundo
 E leva a pensar
 Nos bens eternos
 Como seres imortais...

Difícil é o caminho
 Pra se chegar ao Céu!
 Trabalho, oração, penitência...
 E você, nada disso!
 Porque você
 É um anjo de inocência!

Você foi enviado pelo Criador
 Apenas por uns dias
 Para trazer e divulgar
 Uma mensagem de amor
 E voltar... (ENCISO, 2004, p. 102 e 103).

Ao todo na obra *Palavras de Poesias* dez pessoas foram homenageadas, sendo que escrevera uma poesia no falecimento de Ulisses Serra, o amigo que a convidara para a Academia Sul Mato-grossense de Letras, também escreveu uma poesia para Eduardo seu sobrinho; há também uma poesia a Roberto Simonsen que foi funcionário do SENAI.

Enciso também homenageou Inah Machado Metello, membro da Academia Sul Mato-Grossense de Letras, que segundo a Revista da Academia nº 22 de novembro de 2012 junto a Oliva Enciso e outras escritoras formou o primeiro quadro feminino da Academia. Também houve outras poesias em homenagens ao sacerdócio de padre e aos professores.

DIA DO PROFESSOR

“Não sei a quem devo mais
 Se aos que me deram a vida
 Meus pais
 Ou a meus mestres

Que me ensinaram a viver”
 Dizem que isso
 Uma grande figura da História
 Costumava dizer.

Mestre ou Professor
 E aquela pessoa
 Que desperta a nossa inteligência
 Para o saber
 Com amor
 E grande paciência...

As primeiras letras
 Os primeiros números...
 As primeiras palavras
 As orações
 Exprimindo nossos pensamentos
 Ao mesmo tempo
 Em que vão formando
 Os nossos sentimentos

Felizes os que encontraram
 Bons professores
 Em seus caminhos...
 E com eles aprenderam
 A subir na vida
 E a transformar
 Em flores, os espinhos...

É bem difícil
 E de muito responsabilidade
 A missão do professor!
 Por isso no seu dia
 Pedimos que os recompense
 E os faça muito felizes
 Ao criador. (ENCISO, 1990, p. 61 e 62).

No poema descrito Enciso apresenta o quanto as relações entre aluno e professor possuíam outros significados longínquo da atualidade, um registro do seu próprio tempo.

Intrigou-nos uma homenagem poética de Oliva Enciso ao sobrinho Newton Enciso de Freitas, pois o poema desvela uma energia mais forte em seus versos:

“VOCÊ NÃO PODE FUMAR!”
 1º.11.73

Para o Newton

“Você não pode fumar”...!
 Mas o coitado era fraco...
 Julgava-se inteligente!
 Falava bem, alto e grosso...
 Aparência de bom moço.

Mas era só aparência...
 Com burrice recolhida,

Esbanjava à toa a vida!

Uma noite ele sonhou
Que assistia o seu velório:
O seu corpo no caixão
E todo o mundo ia olhá-lo...
Ele ficou vaidoso
“Mesmo assim, sou bonito!”

Filho chora daqui,
Filho chora dali...
Os amigos vão chegando...
A viúva já assustando...
Cheiro de vela e flor murcha...
Todo mundo já cansado
Assunto, ninguém mais tinha
E o relógio vagaroso
Parecia estar parado!...

Mas enfim chegou a hora!
Aí todo o mundo chora...
“Ele era tão bom!”
Mas fecham logo o caixão.
“O que é isso?”
“Que desgraça!”
“O caixão pegando fogo...”
“Lá de dentro sai fumaça!”

Ele também gritou:
“Fogo!”

A mulher saltou da mama -
“Fogo! Onde?”

Ele acordou assustado!

E ficou muito sem graça -

“Eu sonhei...com uma fumaça! ... (ENCISO, 2004, p.152 e 153).

Nos depoimentos os sobrinhos evidenciaram que a “tia Oliva” era forte com os seus entes, foi enérgica na correção de erros familiares. No referido poema Enciso apresenta um drama familiar, em que suas concepções morais e religiosas a fizeram divergir da vida de vícios do sobrinho Newton, na poesia em questão não ocultou seu descontentamento.

Além das temáticas já descritas Enciso ainda escreveu poemas abordando outros temas, tais como infância, ciência, a capacidade humana, angústias, aposentadoria entre outros assuntos. Por três vezes Enciso escreveu sobre pobres e versou sobre o amor de mãe. Por nove vezes escreveu sobre as festas tradicionais dentre estas o Natal e Festa Junina. Também fez poemas sobre Deus, Jesus e Maria, pois era *filha de Maria*⁷⁵.

MÃE
11-05-58

Diz-nos o Catecismo

⁷⁵ Movimento da Igreja Católica Apostólica Romana que reúne fiéis que professam a fé na Virgem Maria.

Em suas sábias lições:
 “Deus criou o mundo...”
 E nós vemos seu poder
 Na beleza da luz,
 Da flora, dos sons,
 Nos abismos do mar,
 Na grandeza dos céus,
 Nos mistérios do ser.

“Os anjos e os homens
 São os seres mais perfeitos...”
 E deles tirou outra criatura:
 Um pouco do céu,
 Um pouco da terra,
 Um foco de amor
 A difundir ternura.

Tão encantado ficou
 Com essa criação,
 Que também Ele quis
 Um amor assim
 De um puro coração.

Mãe!
 O próprio Deus
 Quis ter uma!...
 Mas por ser Ele
 A infinita bondade,
 No-la deu ao pé da Cruz,
 Quando por nós sofria,
 A mais cruel agonia...
 Ele, o Caminho,
 A verdade e a vida,
 Nos entregou a Maria
 Mãe de Deus
 A mãe nossa!
 Não podemos compreender,
 Mas sentimos dentro d’alma,
 Uma divina alegria!

Abençoai-nos
 Santa mãe, virgem Maria! (ENCISO, 2004, p. 87 e 88).

A fé é um elemento forte nas poesias de Oliva Enciso e tema recorrente para do movimento do romantismo. Para Coutinho e Coutinho (1997, p. 19) “em vez da razão, é a fé que comanda o espírito romântico, não é o pão que satisfaz o romântico”, o movimento valoriza a faculdade mística e a intuição.

A vida e suas peculiaridades também foi tema inspirador e pano de fundo para a fruição poética de Oliva Enciso.

ANALOGIA

-“Srs. Passageiros, com destino...”
 E no lufa-lufa do embarque

Homens, mulheres,
 Jovens e crianças
 De qualquer origem
 De uma ou amálgama de raças
 Embarcam...

Por alguns,
 Dos olhos dos que ficam
 Correm lágrimas
 Silenciosamente...
 E sua lembrança
 Não se apaga da mente...

Outros embarcam
 Sem um sentido – “adeus!”
 Deles, nada fica...
 Não souberam amar
 Não conheceram
 Não cultivaram

O verdadeiro amor...
 Suas vidas?
 -Flores sem perfume
 Sem beleza
 Sem Cor...
 Não deixam saudade...

Pra nós também um dia-
 “Srs. Passageiros, com destino à eternidade...”. (ENCISO, 2004, p.35 e 36).

Em outro poema mais reflexões:

HOJE

Afinal, o que é HOJE?
 O passado e o futuro mais próximos
 No encontro imperceptível do momento
 Na corrida alucinante
 Do tempo!

Ontem, hoje, amanhã!...
 Ontem já passou, para não mais voltar...
 Hoje está indo...
 E o amanhã, chegando...
 Às vezes o hoje nem acaba de passar...

De hoje, só é nosso o AGORA!
 Porque o resto
 Ou ainda vem
 Ou já se foi embora...
 Tal como a linha
 “Caminho deixado por um ponto...”
 São os instantes
 Que escrevem a nossa história
 Soma de fracassos
 Soma de vitórias
 Conforme o predomínio
 Chão rasteiro

Ou pináculo da glória.
 A contrição de Pedro
 A conversão de Paulo...
 Não há explicações a dar!
 E até um copo de água fresca
 Dado com amor ao pobre
 Pode nos salvar!...
 Maravilhoso é Deus!
 Quem pode compreender
 Os planos seus!
 Nossa vida está em suas mãos
 E vem pedir-nos
 O puro amor
 Dos nossos corações!

E para amá-lo nós temos
 Somente hoje! (ENCISO, 2004, p. 79 e 80).

As palavras poéticas de Oliva Enciso traduzem um valor simbólico daquilo que ela valorizou, sua própria vida e suas tramas estão imprimidas em seus versos. Segundo Gonçalves (2000, p.118), “[...] O laboratório dos poetas está nas ruas, nos botecos, nos terminais rodoviários, nos jardins em abandono, nos filhos de ninguém, no homem sem voz ou naquele que se entregam tal qual biscates de feira ao ídolo dinheiro na ilusão de ser donos do mundo”, tudo que há pode transformar-se em poesia, não há uma regra para escrevê-la e essa é a liberdade do indivíduo expressada nos poemas do movimento romântico.

A poesia não está distante daquele que a escreve, pelo contrário ela representa o poeta. Antonio Candido (1995, p.243), afirma que “Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos [...]”. Diante da gama de poemas sobre a religião aferimos que a vida religiosa de Oliva Enciso significara muito a ela e por isso transbordou em suas palavras poéticas.

AGRADEÇO AO MEU DEUS
 27.8.1974

Agradeço a meu Deus
 Porque vim até aqui
 Olho para trás e vejo
 A longa estrada que percorri...
 Olho para frente
 E nada enxergo!
 A cortina opaca do futuro
 Nada me deixa divisar...
 Não sei se falta muito
 Ou pouco para se chegar...

Não importa! Vou indo...
 Seguindo o meu caminho...
 Encantada com as flores
 Suportando os espinhos...

Tropeçando, caindo...
Levantando...
Chorando...sorrindo...

Feliz quem possui
O Dom divino da Fé
Que alimenta a Esperança
E numa vida imortal...
Não ser como a pedra
Ou areias do mar...
Não ser uma folha
Ou qualquer animal...
Porque traz um destino:
Ser amado e amar!

Agradeço a meu Deus
Porque me criou
Porque me deu tudo!...
E me fez como sou. (ENCISO, 2004, p. 25 e 26).

Na discussão do artigo intitulado *Descobrendo Oliva Enciso* de Enilda Mougenot Pires, membro da Academia Sul Mato-grossense de Letras a autora traz essa fusão de vida e poesia na obra de Oliva Enciso.

A escritora sul-mato-grossense-de Corumbá – pretende estabelecer a fusão da estética com a expressão religiosa. Essa tentativa ressurgiu com mais força em seu poema “Agradeço a Deus” (p.178). O dom divino pode estar na Esperança de uma “uma vida imortal” porque quem ama e é amado, traz em si um destino: a Fé. Quem assim é, só pode agradecer a Deus pela longa estrada percorrida: “Agradeço a Deus/porque me criou/porque me deu tudo! /E me fez como sou”. Chora e sorri. Tropeça e cai. Levanta, segue seu caminho, “encantada com as flores/ suportando os espinhos...”. E o desfecho? A poetisa olha pra frente, esforça-se e nada pode enxergar, como afirma nestes versos: “A cortina opaca do futuro/Nada me deixa divisar.../Não sei se falta muito/Ou pouco para eu chegar...”. (Revista da Academia Sul Mato Grossense de Letras, nº 22, p.22, de novembro de 2012).

Oliva Enciso foi mencionada por José Couto Viera Pontes⁷⁶ em um sucinto trecho de sua obra *História da Literatura Sul-Mato-Grossense* (1981) onde acentua que os versos de Oliva Enciso eram “sutis e delicados”, esse autor a comparou com outras poetisas tais como

⁷⁶ Membro da Academia Sul mato-grossense e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, um crítico literário famoso em sua terra.

Henriqueta Lisboa⁷⁷, membro da Academia de letras mineira e Cecília Meireles⁷⁸, esta última foi considerada segundo a obra de Schumacher e Brazil (2000 p.146) “a maior poetisa do Brasil”.

O universo simbólico e vital da poesia é constantemente atravessando por um diálogo com o tempo e o lugar em que é gerada. Refletindo o sofrimento de um povo, subjugando a instituições arbitrárias, ou revelando a riqueza de sua cultura e tradição, a voz do poeta é sempre a de procura de identidade, simultaneamente individual e plural. (PAIXÃO, 1982, p.36)

Nas poesias de Enciso notamos o diálogo com o tempo da autora e de fato. Nas 119 poesias não foram acentuados subjugação às instituições arbitrárias, porém notamos outros aspectos na perspectiva do que nos apontou Paixão.

SUBINDO O RIO CUIABÁ

Deixando as águas desse rio da História
Onde o sangue escreveu: “Rio Paraguai”,
A lancha segue outra correnteza
E pelo Cuiabá subindo vai...

A gente se extasia e nunca a gente cansa
De contemplar as margens dessa água mesma...

A paisagem varia de instante a instante:
Aqui, uns troncos lisos, manchados de branco:
As copas verdejantes balançando ao evento
Ou galhos que se inclinam, indo além do barranco...

A água lisa e calma é às vezes espelho imenso
Refletindo das margens o verde escuro, denso...

Da imbaúba, além, as folhas recortadas

⁷⁷ Henriqueta de Lisboa (1904-1985). Poetisa, professora e feminista. Nasceu em Lambari (MG), em 1904 [...] Em 1924, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, onde Henriqueta continuou os estudos, seguindo cursos de literatura e língua. Em 1925, publicou seus primeiros poemas no livro *Fogo fátuo*; em 1929, o livro *Enternecimento*, que recebeu no ano seguinte o prêmio de poesia Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. Em 1935 retornou para Minas Gerais, fixando-se em Belo Horizonte, e foi nomeada inspetora federal de ensino secundário. Em 1936, participou do III Congresso Feminista Nacional, como representante oficial das mulheres mineiras. Em 1943, tornou-se catedrática de Literatura Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Santa Maria [...] (SCHUMACHER e BRAZIL (2000.p. 264).

⁷⁸ Cecília Meireles (1901-1964). Considerada a maior poetisa do Brasil. Cecília Benevides de Carvalho Meireles, nasceu em 7 de novembro de 1901 na cidade do Rio de Janeiro [...] Um dos aspectos fundamentais da poética de Cecília Meireles é sua consciência da transitoriedade das coisas. Marcada pela perda precoce dos pais e, posteriormente, de outros entes queridos, Cecília afirmava ter adquirido uma certa intimidade com a morte. Dizia que nunca havia se esforçado para ganhar, nem tinha se espantado por perder, como uma forma de se preservar da dor. Poucos escritores conseguiram expressar a consciência da transitoriedade da vida com tanta maestria e, ao mesmo tempo, de forma tão doce e gentil. [...] Ensinou literatura brasileira na Universidade do Distrito Federal entre 1936 e 1938, e na do Texas, em 1940. Viajou longamente por vários países de sua predileção, tais como México, Índia e sobretudo Portugal, onde viu reconhecido seu talento antes mesmo de consagrar-se, no Brasil, como uma das maiores vozes poéticas da língua portuguesa contemporânea. [...] SCHUMACHER e BRAZIL (2000, pp.146 e 147).

Se elevam sobre as demais
 Enquanto à sua sombra, embalados ao vento
 Vicejam capinzais...

Que seria esta zona, se não fosse o rio?
 Deserto ou matagal inóspito e sombrio

À sua margem, o homem, o pobre camponês
 Com barrotes e palha eleva uma cabana
 E logo em volta surge promissora e fértil
 A cultura do milho, mandioca e cana

Mais ele plante, mais pode ele colher...
 Nenhuma semente ali há de morrer.

Parece que as matas se comprimem às margens
 Para alagar-lhe o leite ou para o ver passar
 Ou quais formosas damas se inclinam faceiras
 Sob cortina verde para se espelhar.

Aqui e além, nesses imensos verdores
 Ostentem-se gentis, lindos grupos de flores.

A leve baguarí e a japuía esperta
 Deste mundo verde de belezas infindas
 Fizeram seus domínios e junto a outras aves
 Improvisam concertos de harmonias lindas!

Nos camarotes entremeados de flores
 Pousam borboletas de variadas cores...

Manhãs e tardes que não se descrevem...
 E quando a noite estende o seu escuro véu
 O Cruzeiro cintila com mais brilho
 No escrínio azul do céu. (ENCISO, 2004, p. 13 e 14).

No poema retratado acima presenciamos o que Fernando Paixão acentuou sobre o diálogo que a poesia proporciona. Nos versos de Enciso está exposto o diálogo da autora com seu próprio tempo. No verso “Rio Paraguai” Enciso traz a história de Mato Grosso retratando a guerra do passado, pois a poetisa conhecia a história da terra onde foi gerada. Já nos versos “[...] o homem, o pobre camponês”, apresenta um cenário de pobreza dos povos ribeirinhos que habitam às margens do rio, onde estivera por inúmeras vezes quando descia para Cuiabá nas embarcações fluviais antes da existência de estradas, assim, expõe a cultura do lugar e o sofrimento do povo que ali habitava.

Na obra *Campo Grande – 100 anos de construção* (1999) no artigo *Manifestações Culturais em Campo Grande* de Maria Adélia Menegazzo, Oliva Enciso é colocada entre o grupo feminino que fez parte da história da literatura da cidade.

A presença feminina nas Letras de Campo Grande é fato que merece ser relevado. Já na revista *Folha da Serra*, Maria da Glória faz notar a presença de crônicas de Anna

Luiza Prado Bastos, conhecida como Dona Galega “professora que influenciou gerações com sua personalidade e vivência das artes e das letras”; Lenira Alves Campos, “que assinava como *Laque* crônicas bem-humoradas sobre o mundo feminino ilustradas por ela mesma”; Oliva Enciso, que escrevia sobre educação e também poemas; além da colaboração esporádica de Isis Moura Ferraz, Judith Medeiros França e Chiquinha Gonçalves.

Na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, antecipando-se a outras Academias, temos a presença de Oliva Enciso, Inah Machado Metello, Henedina Hugo Rodrigues e Maria da Glória Sá Rosa, entre seus primeiros membros. (Menegazo, 1999, p.120).

Sobre sua poesia Rosa (2005) grafa a participação de Enciso no artigo intitulado “A mulher que imprimiu novos rumos a Mato Grosso do Sul” em que descreve uma entrevista no ano de 1988 e uma breve biografia de Oliva Enciso. Sobre a produção de Enciso Rosa (2005) assinalou:

[...] foi responsável pela produção de poemas e crônicas em que celebra as paisagens de Mato Grosso do Sul, a família, a religião, a vida nas fazendas, num registro de pessoas e coisas que permanecem pelo poder de sua sensibilidade. (ROSA, 2005, p. 18).

Para José Couto Pontes (1981), poeta e escritor de Campo Grande, “Andorinhas” fora a poesia de mais relevância de Oliva Enciso:

Primavera!
Uma andorinha no ar
Uma outra...dezenas
Centenas a voar.

Principia a “temporada”:
A um secreto sinal,
Descem, sobrem...
É uma faixa que se enrosca...
Uma hélice ideal!

Pedaço de fita ao vento,
Que se triparte em um momento.
Em ordem e alacridade,
No eucalipto do jardim,
Procuram comodidade.

Muito cedo despertam:
Quando o Sol vem surgindo
Como vieram, todas vão sumindo...

Mas, com ordem secreta de voltar
À hora crepuscular. (ENCISO, 2004, p. 36).

Pontes (1981) acentuou que a poesia em questão foi também publicada na edição de julho-agosto de 1940 na revista *Folha da Serra* (1930) e foi uma poesia apreciada por muitas pessoas. Diante dos versos de Oliva Enciso compreendemos que em suas inspirações

encontramos cultura e nos reportamos à beleza das matas de Mato Grosso, além de desvelar o cotidiano das pessoas e do povo.

Suas poesias “podem ser saboreadas com o prazer com que se descobrem as coisas que fascinam pela simplicidade.
Cada poema seu desperta o leitor para a beleza oculta das coisas, modifica sua maneira de ver, atingir-lhe a sensibilidade como suave gota, que vai marcando as horas.
(ROSA, 1999, p. 249).

Diante do exposto a poesia enquanto arte possibilita um encontro com o outro, pois segundo Aranha e Martins (1993, p.348) “É pelas veredas da arte, que nos sintonizamos com o outro [...] servindo de lugar de encontro”. Lendo versos de Enciso nos encontramos com as realidades enfrentadas por Oliva Enciso.

3.3 Obra Pensai na Educação, Brasileiros!

Pensai na Educação, Brasileiros! (1990) é outra obra publicada por Oliva Enciso nos cinquenta anos da Filantropia Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante⁷⁹ e constitui-se em uma fonte de memória para a filantropia, detalhes da obra assinalam o planejamento e objetivos da diretoria da instituição.

Na abertura da obra em questão Oliva Enciso expressou as motivações da publicação da obra: “Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante – de Luta pela Educação e Assistência a Menores”⁸⁰, uma frase que expressa as motivações explícitas da criação da Filantropia. Na primeira parte da obra Enciso trouxe os ideais da Filantropia criada em 21 de janeiro de 1940, os nomes dos primeiros membros foram destacados, um ato que expressou que não esteve sozinha na luta pelo orfanato e que esteve auxiliada pela sociedade civil.

Nas demais obras notamos que Oliva Enciso situou o leitor das intenções dessa escrita, porém para a publicação das crônicas o mesmo não ocorrera, ao que nos parece aproveitara a publicação da obra para divulgar suas crônicas. Na segunda parte da obra consta a publicação de sete crônicas.

Indagamo-nos sobre quais assuntos Oliva Enciso escrevera em suas crônicas, assim fomos obtendo respostas mediante o acesso às produções. Notamos que nos poemas e em suas crônicas Enciso trouxe a relação do homem com Deus, mas também há aquelas que refletem

⁷⁹ A história dessa instituição está relatada no capítulo II da presente dissertação.

⁸⁰ Texto da capa da referida obra.

outros temas tais como o patriotismo, a vida e a caridade. Na respectiva obra foram publicadas as seguintes crônicas: *Do mundo nada se leva; Você sabe sorrir!; Brasil Admirável!; Os nossos dons; “Tu podes dar...!”; O irlandês da lenda e O 1º missionário.*

Massaud Moisés (2008) apresenta conceito de crônica:

A crônica, como indica a sua etimologia (gr. *Khronikós*, de *Khrónos*, tempo, pelo lat. *chronica*, “livro de cronologia”, narração), está ligada ao dia-a-dia, um episódio cotidiano, uma cena de rua, ou praia, ou local de trabalho e de reuniões festivas, etc., é suficiente para deflagrar a imaginação do cronista, levando-o a redigir um texto para fixar o acontecimento inesperado ou que chama a atenção, capaz de entreter o leitor ou, quem sabe, contribuir para aprimorar o seu modo de ver a realidade à sua volta. (MOISÉS, 2008, p. 238).

As primeiras crônicas foram de origem portuguesa surgidas enquanto registros das viagens dos navegantes. Ao reportarmos à palavra “crônica” remetemo-nos às crônicas do escrivão Pero Vaz de Caminha que imortalizou-se pela carta ao rei D. Manuel com a finalidade de comunicar e descrever os primeiros contatos entre os europeus e nativos.

Para Pontes (1981) no Brasil existem poucos cronistas. “A crônica é um gênero literário muito antigo [...] nascida naturalmente de imperiosa necessidade de narrar, contar, relatar e preservar a memória dos fatos [...]” Pontes (1981, p. 104). Porém os conceitos e concepções avançam junto com a humanidade e no século XX temos outros aspectos da crônica.

O desejo de buscar novos horizontes e caminhos para as manifestações artísticas e resgate a identidade nacional, o sentimento íntimo brasileiro, revela ser a crônica um dos recursos narrativos caracterizadores deste momento [...] Com o advento do Modernismo, um grupo substancial de escritores adere ao novo prazer e escrevem crônicas: Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Vinícius, Drummond. Cada um deles emprestando ao texto cronístico seu estilo; imprimindo ali suas emoções, sua visão de mundo, seu olhar bastante subjetivo da realidade, dos fatos e dos acontecimentos. (DUTRA E COELHO, et, al, p. 2811, 2012).

As crônicas de Oliva Enciso circularam em Campo Grande e segundo fontes memorialísticas Enciso possui publicações na Revista Folha da Serra⁸¹ da 1930. Para Menegazzo (1999, p. 204) a referida revista “é uma fonte importante nos estudos das primeiras manifestações literárias de Campo Grande”.

Para Rosa (2005) a escrita de Oliva Enciso foi algo que combinava prazer de escrever e amor ao que fazia. Nos depoimentos bem como nos documentos de Oliva Enciso arquivados

⁸¹ No Arquivo Público Municipal de Campo Grande, encontramos exemplares da Revista Folha da Serra, as quais continham artigos de Oliva Enciso.

na Academia testemunhamos que ela escrevia manuscritamente, a tecnologia era uma realidade distantes para Enciso, muitos dos seus escritos foram registrados à mão e segundo o sobrinho Eduardo eram datilografados em um escritório de contabilidade.

Rosa (2005, p. 18) assinalou que “Desde muito jovem, já colaborava na imprensa local, como atestam crônicas e artigos sobre Educação que publicou na Revista Folha da Serra, editada em Campo Grande de 1931 a 1940”. Os sobrinhos de Oliva Enciso nos depoimentos relataram que Enciso escreveu outras crônicas e que estas não estão publicadas, outras de fato foram publicadas no jornal Correio do Estado em Campo Grande.

No passado o jornal fora uma ferramenta de publicações de crônicas.

A crônica [...] um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. “Crônicas” são pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais ou revistas. (COUTINHO E COUTINHO, 1997, p. 121).

Os motivos desse gênero estar publicado em jornais e revista “não implica em desvalia literária do gênero” (COUTINHO, 2007, p. 305), a crônica é um meio vivo, insinuante, ágil, acessível a qualquer leitor e não busca expressar-se com linguagens rebuscadas. Na perspectiva do referido autor é um gênero textual altamente pessoal. Na acepção de Afrânio Coutinho (2007, p. 306) “A crônica tem que valer-se da língua falada, coloquial, adquirindo inclusive certa expressão dramática no contato da realidade da vida diária”.

O presidente da Academia de Letras, Reginaldo Alves de Araújo em entrevista à TV Morena⁸² na gravação declarou que Oliva Enciso: “deu um toque de beleza e de rara sensibilidade com suas poesias, com seus livros históricos, com suas crônicas, ela foi uma das primeiras a escrever aqui nos jornais em Mato Grosso do Sul, aqui em Campo Grande”, informação cotejada nos relatos dos funcionários do Jornal Correio do Estado que asseguram que Oliva Enciso sempre publicou crônicas no referido jornal.

Transcrevemos no presente capítulo todas as crônicas, na íntegra, publicadas na obra *Pensai na Educação, Brasileiros!* (1990).

BRASIL ADMIRÁVEL!

Há alguns anos, uma professora italiana me mostrou um livro de Gustave Le Bon, onde havia um comentário sobre a “raça brasileira”, atribuído a Agassis. Então li que a “raça brasileira” era decadente... Agassis andou pela Amazônia...

⁸²Emissora de TV Morena localizada em Campo Grande concedeu-nos um CD com a reprodução da matéria do dia do velório de Oliva Enciso.

Dias depois, essa mesma pessoa, minha vizinha, me mostrou a edição do “Correio da Manhã” do Rio de Janeiro, com a estampa de Leônidas, nossos jogadores de futebol, após a vitória do Brasil num campeonato internacional, ocupando toda a 1ª página!

- “Veja que povo fútil! O mais importante jornal do Brasil! ...

Pintacuda está cansado de ganhar no Circuito da Gávea e lá na Itália ninguém se importa! ...”

Fiquei triste, A raça brasileira tendendo a desaparecer... e agora essa futilidade! Mas, por acaso, encontrei num suplemento do mesmo jornal “Correio da Manhã”, um pequeno artigo, trazendo apreciações de cientistas estrangeiros sobre a gente brasileira. Ali estava que não havia uma “raça brasileira”, porque o que havia no Brasil era um aglomerado de raças, do qual o mundo muito poderia esperar. E citava brasileiros expoentes na civilização, em vários setores: Rio Branco, Rui Barbosa, Santo Dumont, Osvaldo Cruz, Carlos Gomes e outros. Criei alma nova. Lembrei-me que “O entusiasmo é próprio dos jovens...” – O Brasil, em relação à Itália, era um país jovem... Mostrei esse artigo à minha vizinha, já com os meus argumentos, diplomaticamente.

Somos um amálgama de raças... Quando Roosevelt viu as mulatas do Rio de Janeiro, as morenas de Copacabana, disse que no Brasil não havia o problema racial como em seu país. Aqui tudo se fez com uma caneta de ouro e pétalas de rosa... E lá, como seria?

Dentro do Brasil não há limites... Os Bandeirantes Paulistas recuaram as suas fronteiras até onde foi possível. E a diplomacia brasileira consertou as nossas “cercas”, na melhor das harmonias com os nossos vizinhos.

E aqui dentro, o vai-vem continua. Paulistas fundaram Cuiabá. Mineiros, Campo Grande. E o Norte, o Nordeste, o Centro, o Leste e o Sul a esparramar gente boa por aqui... É claro que há exceções, que por serem exceções, mais confirmam a regra geral. Tão boa e hospitaleira é nossa terra, que filhos de outras pátrias, aqui chegando, se tornam seus filhos adotivos. (ENCISO, 1990, p. 59 e 60).

Ao analisarmos o conteúdo das crônicas de Oliva Enciso notamos que apontam de fato para reflexões diversas contendo um diálogo acessível ao leitor. Na crônica *Brasil Admirável!* O povo brasileiro e a pátria são colocados em evidência e tema é uma reflexão para fatores que tornam o Brasil um país interessante com seu contexto pluricultural, a cronista quer acreditar que não é um país fútil, porém hospitaleiro sendo possível agregar negros e brancos nas relações sociais.

Outra crônica de Enciso:

O 1º MISSIONÁRIO

O rei Herodes estava preocupado. Os Magos não voltaram de Belém para lhe informar sobre o menino...

Os Magos chegaram a Jerusalém e foram diretamente ao palácio de Herodes, para prestarem suas homenagens e entregarem os presentes que haviam trazido de seus distantes países, indagando na chegada:

-Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?

Vimos sua estrela no Oriente e vimos adorá-lo.

Herodes se assustou. Como era noite, mandou-os descansar e, no dia seguinte, orientado pelos seus conselheiros, disse que fossem em Belém e lhes pediu que voltassem para lhe informar e assim ele também iria ver o menino. Os Magos encontraram o menino Jesus numa manjedoura em Belém e, felizes decerto, lá deixaram seus presentes e voltaram por outro caminho... Herodes então mandou matar todas as crianças abaixo de um ano...São José, essa figura singular da História, instruído divinamente, leva o menino Jesus e sua mãe para o Egito e de lá volta quando

Herodes já tinha morrido. Mas não parou em Belém. Seguiu para a Galiléia e lá em Nazaré Jesus passou o resto da sua infância e juventude, crescendo “em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens”.

Trinta anos depois da adoração dos Magos, um moço era batizado nas águas do rio Jordão e só João Batista que o batizara, sabia quem ele era, porque ele, João Batista, “era mais do que um profeta”.

Os Evangelistas contam como aí começa a missão de Jesus, chamando humildes pescadores, andando com eles de cidade em cidade, atraindo multidões com sua palavra, seus conhecimentos da doutrina divina, o que já revelara quando ainda tinha apenas 12 anos de idade, no templo de Jerusalém; seus milagres, sua personalidade fascinante enfim.

Na Galiléia, na sinagoga, num sábado como era seu costume, em Nazaré, levantou-se para ler e lhe deram um livro de Isaías. Desenrolou o pergaminho e leu:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos, a restauração da vista; para por em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor.”

Enrolou o pergaminho e começou a falar:

“Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir...”

A assembleia⁸³ o ouvia atenta e admirada. Mais tarde, ele diria aos seus apóstolos e discípulos:

“Ide, pois, ensinai a todas as nações...ensinai e observai tudo o que vos mandei...”

Eu vos envio como cordeiros no meio de lobos... Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo.”

E desde então todas as nações vêm ouvindo a sua voz, através dos seus missionários.

“Ide, pois, ensinai a todas as nações...” – Isso foi dito há quase 2000 anos! Mas ele prometeu estar com os missionários todos os dias, até o fim do mundo e é por isso que há missionários em todas as nações e aqui no nosso país também, desde o seu descobrimento: Frei Henrique de Coimbra, que aqui celebrou a 1ª Missa, os Jesuítas, como Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, entre outros, que são figuras de destaque na História do Brasil; os Franciscanos, os Salesianos, os Redentoristas, os Capuchinos... Congregações femininas também: as Filhas de Maria Auxiliadora, Jesus Adolescente, Catequistas, Missionárias de Jesus Crucificado... e outras tantas Congregações espalhadas pelo Brasil, nas Américas e em todos os outros continentes. –“Ensinai a todas as nações... estou convosco todos os dias...”

Ontem, hoje, manhã e sempre! (ENCISO, 1990, p.70 e 71)

As crônicas de Enciso são narrativas que expõe vasto conhecimento bíblico contendo citações de textos dos manuscritos bíblicos e apresentam uma acentuada inclinação para que o homem reflita suas ações e sua capacidade de doar-se para outrem, um temática que apontou para a própria vivencia da escritora que foi envolvida com questões sociais.

DO MUNDO NADA SE LEVA

- “Do mundo nada se leva!”

Pobre ou rico, fechou os olhos, acabou-se! Se era rico e não fez antes a partilha de tudo o que possuía, vem o inventário. O inventário! ... – “Eu saí prejudicado!” Se fosse possível dar tudo a cada um dos herdeiros, todos ficariam contentes. E o número dos herdeiros sempre aumenta: entram o governo, o advogado, a justiça e mais gente e mais confusão. A família do pobre é mais feliz, porque pode chorar tranquila o ausente, se ele deixou saudade. Se não, “graças a Deus!”.

Há alguns anos, num jornal do Rio, li o que dissera o então Monsenhor Fulton Scheen, depois Bispo de Nova York e hoje um dos luminares da Igreja, em uma de suas

⁸³As crônicas foram transcritas obedecendo às normas ortográficas do ano em que a obra foi publicada.

famosas palestras radiofônicas, depois publicadas pela imprensa e algumas reunidas mais tarde em livros: que é comum ouvir-se – “Do mundo nada se leva!” – Mas que não é assim, porque “do mundo a gente leva o que a gente dá”.

E para fazer compreender, para gravar na mente dos seus ouvidos os preceitos evangélicos do amor cristão, contou que uma Sra. rica chegou ao céu e logo S. Pedro mandou um anjo levá-la para a sua nova morada. Ela estava encantada com as casas belíssimas que ía vendo. E o anjo ia passando. À certa altura, ele lhe mostrou: aquela é a casa do seu motorista. Ela ficou contente e pensou: se aquela é a casa do seu motorista. Ela ficou contente e pensou: se aquela é a cada do meu motorista, o que será a minha mas o anjo foi passando, foi passando... e ela já alarmada:

E a minha casa?

- É uma daquelas lá do fim...

- Como! – O meu motorista naquela casa e eu numa daquelas?!

-Com o pouco material que a Sra. mandou, com muito custo foi possível fazer a sua... Isso faz pensar na cena do Juízo Final, descrita por Jesus.

- “Vinde, benditos de meu pai, tomai posse do reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nú, e me vestistes; enfermos e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim.” Perguntar-lhe-ão os justos: - “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? – com sede e te demos de beber? – Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nú e te vestimos? – Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar?” – “Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.”

Tudo isso é “material” que a gente pode mandar lá pra cima. O resto fica, porque **“Do mundo a gente leva o que a gente dá”⁸⁴**.” (ENCISO, 1990, p. 56).

Em outra crônica a temática circula em volta dos conceitos e experiências da religião:

O IRLANDES DA LENDA

Encontrei este título na narrativa inserida na “CARTA A SANTA TERESINHA” do Papa João Paulo I, publicada na revista “LEGIÃO DE MARIA” nº 16 – Ano IV fls. 135/138. Esse Papa ocupou a Cátedra de SÃO PEDRO, só por 33 dias, tempo suficiente no entanto para iluminar o mundo cristão com seu otimismo, manifestado em seus escritos e no seu constante sorriso.

Nessa carta se referiu à influência que exerceu em sua vida, a vida de Santa Terezinha, descrita em sua admirável Autobiografia, em que se tem conhecimento de como soube amar a Deus e ao próximo, numa dedicação total de sua existência neste mundo, sendo suas últimas palavras: - “MEU DEUS, EU VOS AMO”.

“Ao amor misericordioso de Deus, tu te ofereceste como vítima. Tudo isso não te impedia, porém, de gozar as coisas belas e boas: antes da última doença, pintavas alegremente, escrevias poesias e pequenos dramas religiosos, interpretando alguns personagens com fino gosto de atriz. Na tua última doença, num momento de trégua, pediste um tablete de chocolate. Não tinhas medo da tua própria imperfeição, nem de dormir de cansaço enquanto meditavas (“as crianças agradam as mães mesmo dormindo”). – Tanto ela é mística na capela e no trabalho – escrevia a teu respeito a priore – como é engraçada e cheia de presença de espírito nos recreios, sempre pronta a provocar o riso.”

Santa Terezinha elevou a “INFÂNCIA ESPIRITUAL” ao mais alto nível de santidade e mostrou que diante de Deus tudo é importante, até o se apanhar um alfinete do chão... Ele, que criou o Universo com todas as suas maravilhas e o homem à sua imagem e semelhança com poderes quase infinitos, parece se deliciar com a delicadeza do colorido, a forma e o perfume variados das flores, com as nuvens de cores a enfeitar o azul do céu, quando não está bordado de estrelas; das pedras preciosas; com as ondas alvas das praias oceânicas; com a música e a poesia que espalhou em toda parte; com

⁸⁴Grifo do texto original.

a candura do olhar e o sorriso inocente das crianças... Ele parece que aceita as migalhas de amor que lhe damos...

Um exemplo que é uma fantasia, mas que dá o que pensar:

“O irlandês da lenda, tendo morrido de repente, não se achava muito tranquilo ao enfrentar o tribunal divino; o balanço de sua vida lhe parecia bem fraco. Havia uma fila na frente dele e pôs-se a observar. Após consultar um grande livro de assentamentos, Jesus disse ao primeiro: - “Eu tive fome e me deste de comer. Muito bem! Entra no Céu.” Ao segundo: - “Eu tive sede e me deste de beber.” A um terceiro: - “Eu estava na prisão e me visitaste.” E assim por diante.

O irlandês considerava todas aquelas que eram admitidos no Paraíso e achava que tinha razões para estar temeroso: ele nunca dera a ninguém de comer ou beber, jamais visitara um prisioneiro ou doente. Quando chegou a sua vez, pôs-se a tremar, enquanto Jesus examinava os assentamentos. Mais eis que Jesus levantou os olhos para ele e disse: - “Não há muita coisa anotada. Mas ao menos uma fizestes: - “Eu estava triste, desanimado, abatido; tu vieste, contaste uma anedota, me fizesse rir e recobrir o ânimo. Céu!”

E o papa João Paulo I acrescenta: “Trata-se de brincadeira, estou de acordo, mas que ilustra muito bem que nenhuma espécie de caridade será esquecida.”

“Me fizeste rir e recobrei o ânimo...” – Já disseram que um sorriso não empobrece quem o dá, mas enriquece quem o recebe.

Eu quis ver na Bíblia o papel da alegria que, no dizer daquele Papa “pode tornar-se uma deliciosa forma de caridade, quando comunicada aos outros...” E encontrei, na parte da “ilícita, honesta e virtuosa” - porque há “proibida se pecaminosa”, expressões maravilhosas, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Nos provérbios: 3, 21- 26 – “Felicidade dos justos” - 10, 22-26 – “Felicidade da virtude” – “É a benção de Deus que enriquece...” – “A expectativa dos justos será coroada de alegria...” – 15, 13-23 – “Uma resposta branda aplaca a ira...” – “Saber dar uma resposta causa alegria e uma palavra dita a tempo quando bem faz!” – I Crônicas 29, 8-9 – Neemias 12, 43 – Salmo 68, 3-4.

“Como se dissipa a fumaça ao sopro do vento
 Como se derrete a cera ao fogo
 Assim à vista de Deus pereça os malvados.
 Mas os justos alegram-se e rejubilem
 Na presença de Deus
 E exulto de regozijo.”

São Paulo – Epístola aos Filipenses 4, 4-7 – “Alegrai-vos sempre no Senhor, - repito: alegrai-vos sempre!” – que a vossa afabilidade seja notória a todos. O Senhor está próximo” – “Não vos inquieteis com coisa alguma; mas que em tudo pela oração e pela súplica, acompanhadas de ação de graças se tornem presentes a Deus os vossos pedidos.” – E a paz de Deus, que supera todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus.”

E aos Tessalonicenses I – 5, 16-18 – “Sede alegres sempre!” – “Não cesseis de orar!” – “Dai graças por todas as coisas, pois isso é o eu Deus quer de vós em Cristo Jesus.” Aprendi muito com essas leituras e de coração as transmito aos meus leitores, que considero amigos. Talvez isso fique registrado nos meus “assentamentos” ...

Quero terminar, repetindo o grande apóstolo São Paulo: “Sede alegres sempre!” – “Não cesseis de orar!”

Observemos que a alegria está unida à oração. Sem Deus em nossa vida é impossível sermos alegres, com essa alegria profunda que transborda, indo atingir os nossos semelhantes, restituindo-se o ânimo...

Jesus – Deus Filho – veio ao mundo e sofreu até a morte na cruz, para nos aproximar de Deus – pai. E só pede em troca o nosso amor. Ele mesmo nos ensina como o amor e nos faz promessas incríveis! – Se me amardes guardareis os meus mandamentos” - “E eu pedirei ao Pai e Ele vos dará outro Confortador, para estar convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Vós, porém, o conheceis, porque habita entre vós e em vós estará...” – “Quem tem presente os meus mandamentos e os guarda, esse realmente me ama. E quem me ama, será amado por meu Pai, e eu amá-lo-ei e manifestar-me-ei a ele”. - “Se alguém me ama, guardará as minhas palavras: meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele a nossa habitação. “3º - 14, 15-16-17-21-23).

Quais são esses mandamentos “Ama o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento” – “Este é o primeiro e o maior mandamento. O segundo é semelhante a este: - “Ama o teu próximo como a ti mesmo.” – “A estes dois mandamentos reduz-se toda a lei e os profetas.” (Mt. 22, 36/40).

E assim, para demonstrarmos o nosso amor a Deus, temos de nos servir do próximo! ... Como? – Servindo-o ... Mas, conhecendo a nossa fraqueza, Jesus se prontificou a nos ajudar: - “Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo”. (Mt. 28, 19) – Só assim seremos capazes de vê-lo na pessoa do próximo: do mendigo, do doente, do prisioneiro... Só assim, até um copo de água dada a um pobre pode levar-nos ao Paraíso... Só assim, poderemos ser “alegres sempre!”. (ENCISO, 1990, pp. 64 a 68).

Reitera-se que quase todas reflexões das crônicas de Oliva Enciso caminham para o homem espiritual, os elementos da religião derramava-se nas palavras da cronista. De fato a obra da autora mistura a vida e registra a memória, passando também a ser um documento de vida. José Pontes (1981, p.114) asseverou que Oliva Enciso “é cronista de temas sutis”, segundo o autor em questão Enciso em suas escritas traz a doutrina cristã com lirismo e ternura.

Os temas da vida cotidiana foram evidenciados na voz poética de Enciso que ponderou sobre o sentido da vida e a necessidade da existência de seres humanos altruístas. Para Candido (et. al, 1998, p. 170) “A crônica é o texto livre, “desfadigado” que pode tratar de qualquer assunto”.

“TU PODES DAR...”

Não resisti à vontade de transmitir aos meus leitores, o poema de AMADO NERVO, poeta mexicano, tradução de PASCOAL RANGEL:

DAR

“Todo homem que te procura vai pedir-te algo.

O rico entediado, a amenidade de tua conversação; o pobre, teu dinheiro; o triste, um consolo; o débil, um estímulo; o que luta, uma ajuda moral.

Todo homem que te procura, seguramente, há de pedir-te alguma coisa.

E tu ousas impacientar-te! E tu ousas pensar: “Que aborrecimento!”

Infeliz! A lei escondida, que reparte misteriosamente as excelências, dignou-se outorgar-te o privilégio, o bem dos bens, a prerrogativa das prerrogativas: dar! Tu podes dar!

Tantas horas quantas tem o dia, tu dás, ainda que seja um sorriso, ainda que seja um aperto de mão, ainda que seja uma palavra de alento.

Tantas horas quantas tem o dia, te pareces com Ele, que não é senão doação perpétua, difusão perpétua e dádiva perpétua.

Deverias cair de joelhos diante do Pai e dizer-lhe:

- Obrigado, meu Pai, porque posso partilhar: Nunca mais passará por minha face a sombra de uma impaciência.

Em verdade voz digo que vale mais dar do que receber!” (ENCISO, 1990, p. 62).

Por fim reitera-se que as reflexões de Oliva Enciso em seus escritos perpassam a caridade, a esperança dentre outros temas, algo que vai ao encontro da própria vida da poetisa. A crônica “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade de

insuspeitas”. (CANDIDO, et al, 1998, p. 14). Oliva Enciso valorizara em sua escrita pequenos gestos e ações humanas, tais como o sorriso que poderia trazer conforto ao próximo.

VOCE SABE SORRIR?

Poucos sabem sorrir.

É uma arte e – como todas as artes – exige tirocínio.

No cristianismo encontramos a melhor escola e a força para poder sorrir, mesmo quando no nosso interior estivermos chorando...

Não podemos viver sorrindo a toda hora e a todo mundo, mas devemos acolher com um sorriso amigo, as pessoas que se aproximam de nós, principalmente se precisam de nós, da mesma forma que gostaríamos de ser acolhidos, mesmo quando recebêssemos uma negativa.

Muitas vezes, o sorriso faz o efeito da brisa em manhã de primavera, que traz a frescura e o perfume dos campos, no ambiente árido e quente da vida.

Já disseram que o mundo é como um espelho: se sorrimos, ele nos sorri...

Meditemos nas palavras do P. Faber, sobre o valor do sorriso – “ Um sorriso nada custa, mas vale muito. Enriquece quem o ganha e quem dá, não fica mais pobre.

Dura apenas um instante, mas pode, na lembrança, durar eternamente. Ninguém é tão rico que o possa desprezar, nem tão pobre que não o possa dar.

Traz, ao lar, felicidade; nos negócios é esteio e é a prova mais palpável de uma profunda amizade. Um sorriso dá repouso a quem se acha cansado e, a quem está desanimado, dá nova força e coragem; consola na tristeza e, em nossas penas, é o mais caseiro remédio.

Ninguém o compra, nem empresta, nem rouba, pois só vale quando é dado livremente. Se um dia você encontrar quem lhe negue o seu sorriso, dê-lhe, generosamente, o seu, pois ninguém precisa tanto do conforto de um sorriso, como aquele que, fechado em si, não aprendeu a dá-lo.”

Nossos agradecimentos, P. Faber. (ENCISO, 1990, p. 57 e 58)

Suas crônicas evidenciaram uma escrita sensível supervalorizando a simplicidade de um sorriso, algo que apontou para a subjetividade daquilo que escrevera. Candido (1998, p. 15) pontuou que a crônica “permite que o leitor a sinta na força de seus valores próprios”.

OS NOSSOS DONS

A humanidade se pode comparar com o rei no vegetal: há plantas com as mais diversas propriedades e dos mais diversos portes. Algumas dão flores como que somente para embelezar o seu ambiente e exalar perfume, outras dão flores e frutos e outras, só folhas e algumas folhas... Há as de espinheiros... E diem que numa mesma planta, as folhas não são iguais.

Assim as criaturas humanas: cada uma com os seus dons, os seus talentos ou sem nenhum... Talvez as que julgamos sem nenhum, tenham também o seu valor, que não chegamos a compreender e julgamos injustamente ou ignorantemente.

Os sábios, os artistas da palavra, das cores, do cinzel e das notas musicais e os santos nem chegam a despertar inveja, porque achamos muito natural que se apresentem assim, aproveitando os seus dons.

Gosto de pensar na passagem da vida de Santa Teresinha, quando ela perguntou à sua irmã mais velha se os santos não sentiam inveja uns dos outros, porque parecia que alguns eram mais dotados. A irmã mandou que ela trouxesse um copo e um dedal e mandou que os enchesse de água e depois mandou que pusesse mais água no copo e

mais água no dedal – Não cabe mais – informou Santa Terezinha – Assim são as almas diante de Deus: elas se satisfazem de acordo com as suas capacidades – disse a irmã. O importante é a gente saber aproveitar a própria capacidade, os talentos que recebeu. Mas como podemos saber até onde devemos chegar?

- Será que nós não nos omitimos e desperdiçamos o nosso tempo, deixando-o passar ou passando por ele sem o aproveitar como devemos?

E não é só fazendo coisas que o aproveitamos. É crescendo moral e espiritualmente e ao mesmo tempo aproveitando as oportunidades que Deus nos oferece, que justificam a nossa presença neste mundo.

Na vida dos santos, temos grandes exemplos. A própria Santa Terezinha foi uma jovem que aos 15 anos, entrou num convento de Carmelitas dessas que, entrando, nunca mais saem. Se isolam do mundo, para viver em silêncio, oração e trabalho. E poucos se tornaram mais célebres, mais populares do que Santa Terezinha, que morreu aos 24 anos de idade, deixando apenas uma autobiografia, sem nenhuma preocupação literária, escrita por obediência e que encantou o mundo, traduzida em vários idiomas – porque tornou o sobrenatural acessível a todas as idades e culturas, sublimando no amor a Deus, na infância espiritual. Papas, bispos, religiosos e leigos se encantaram com a sua vida e até hoje! – O papa João Paulo II fez incluir em sua visita à França, sua ida a Lisieux, onde ela nasceu, viveu e morreu. E foi, não como Papa, mas como um dos peregrinos, porque ela é santa de sua devoção, como ouvimos nas reportagens da televisão, diretas da França. E ela, que nunca tinha arreado os pés do seu Convento, foi considerada, pelo Papa Pio XI, como Padroeira Universal das Missões. O importante é fazer bem, o que temos de fazer, sem nos esquecermos de que sozinhos isso é impossível, porque não sabemos - o que temos de fazer - Mas o Evangelho nos desvenda o segredo da perfeição: - “Eu sou o Caminho...” e “Sem mim nada podeis fazer...” – o que quer dizer que com o Divino Mestre tudo é possível. E assim realizamos o nosso destino, aproveitando todos os dons que recebemos. Não importa quantos... mas todos! (ENCISO, 1990, p. 62).

Como forma de homenageá-la Rubenio Marcelo, também membro da Academia Sul Mato-grossense de Letras, criou em 2012 o concurso de poesias Oliva Enciso promovido pela própria Academia no qual pessoas de Campo Grande puderam participar e ter suas poesias editadas em exemplares. Para o autor do referido concurso essa é uma forma de fomentar a cultura e a literatura no estado ao passo que homenageia a escritora.

Na Revista nº 22 da Academia contém vários artigos dos acadêmicos em uma forma de homenageá-la após a sua morte. As palavras de Maria Glória de Sá Rosa, amiga e membro da Academia de Letras fizeram sentido, quando grafou: “através das poesias Oliva Enciso encontrou um lugar na história”. Para Enilda Mougenot Pires⁸⁵ (2012, p. 22) “é no livro que o poeta é enterrado vivo”, diante do exposto Oliva Enciso vive em seus versos.

⁸⁵ Membro da Academia Sul Mato-grossense de Letras.

CAPÍTULO IV

A PROFESSORA OLIVA ENCISO NA POLÍTICA

4 A mulher na política

No mundo e no Brasil a representação da mulher na política inicia-se com o direito ao sufrágio. Ser cidadã era um passo, uma conquista e ainda que esse espaço conquistado apresente suas ambiguidades, com esse ato a mulher avançou para a esfera da política.

Segundo o portal oficial da Justiça Eleitoral Brasileira,⁸⁶ que celebrou os 80 anos de participação da mulher na política, a história do voto feminino começa com o código eleitoral aprovado pelo Decreto nº 21.076 de 24 de fevereiro de 1932. O referido decreto trouxe significativas inovações ao sistema político, pois inicia-se a participação da mulher enquanto cidadã, em uma tentativa de participar dos processos de tomadas de decisões na sociedade.

De acordo com Bonacchi e Groppi (1995, p.110) a premissa de cidadania vincula-se ao sufrágio na metade do século XVIII coadunando com a ideia da mulher ser um indivíduo que exerce o poder de participação, porém sua representação sempre fora sufocada pelo sexo oposto.

O acesso das mulheres ao poder político sempre e em toda parte foi difícil. A cidade grega, primeiro modelo de democracia, excluía-as radicalmente. No mundo contemporâneo, a parte das mulheres nas instâncias representativas está longe de ser igual em todos os países. Elas chegam com frequência ao poder executivo como substitutas, prosseguindo uma tradição familiar (é o caso da Índia ou do Paquistão) ou em caso de crise, que ativa o mito da mulher salvadora. (PERROT, 1998, p.118).

Em diferentes partes do mundo na França, Grécia, América do Norte e em outros berços das “civilizações” sempre houve o interesse da mulher em participar das decisões do mundo. A França, país da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, foi o penúltimo país do continente Europeu a conceder no ano de 1944 o direito ao voto para a mulher.

Para Priore (2015, p.644) o direito à cidadania política – o direito ao voto – em parte foi alcançado por algumas brasileiras em 1932, o Código Eleitoral do referido ano aplicou leis em favor do voto feminino, para tanto no art. 2º do referido código assinala-se algumas arbitrariedades:

[...] o exercício do direito de sufrágio pela mulher só veio a ser constitucionalizado na Lei Maior de 1934 (“são eleitores os brasileiros de um ou de outro sexo, maiores de

⁸⁶ <http://www.justicaeleitoral.jus.br/>

18 anos, que se alistarem na forma da lei" - art.108, "caput") tornando, porém, obrigatórios o alistamento e o voto apenas para as mulheres que exercessem função pública remunerada (art.109, 2ª parte). (In <http://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino>).

A Justiça Eleitoral Brasileira e a Constituição Federal estabelecidas pelo Estado Novo em 1945 regem que eleitores são aqueles "brasileiros de um e de outro sexo, maiores de 18 anos", o Decreto-Lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945, regulou as primeiras eleições pós-ditadura Vargas ao estabelecer a obrigatoriedade do alistamento e o voto, porém o referido decreto fez a essa regra geral a ressalva: para as mulheres, que não exerciam função lucrativa, essas não votariam. Havia um direito, porém as restrições cerceavam as possibilidades.

Para Priore (2015, p. 641) esses atos ainda que contraditórios inauguram no Brasil a constituição da cidadania social, pois de acordo com Simone de Beauvoir (2009, p. 879 “A mulher sustentada – esposa ou cortesã – não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto [...]”, o voto assinalava apenas um começo do exercício da cidadania.

No Brasil o direito ao voto impulsionou o direito à legislatura e foi justamente em 1933 que um número expressivo de mulheres foram eleitas pelos estados do país. Assinala-se que na década de 1930 as feministas, dentre elas Bertha Lutz, lutavam para despertar nas mulheres uma visão mais ampla de sociedade e de mundo:

Bertha Lutz – desempenhou funções de uma força social construtiva. Conquanto não tenha obtido pleno êxito e nem tenha contado, mesmo na sua fase de apogeu, com a adesão de grandes massas femininas, desempenhou relevante papel no que diz respeito ao despertar de consciência da mulher não apenas para os seus problemas, como também para todos os problemas do mundo moderno, que, em última instância, a afetam direta ou indiretamente. (SAFFIOTI, 2013, p. 382).

Maria Júlia Lutz (Bertha Lutz– Licenciada em Ciências – 1894/1976) nasceu em São Paulo e segundo Heleieth Saffioti (2013, p. 364) “Bertha Lutz fora pioneira das lutas feministas no Brasil”; participou de lutas como a aprovação no Conselho Feminino Internacional de princípios de salário igual para ambos os sexos e a inclusão da mulher no serviço de proteção aos trabalhadores, coordenou trabalhos dos congressos promovido pelas feministas em 1931, 1932 e 1936, entre outras participações foi deputada pelo estado de São Paulo em 1936.

Bertha Lutz junto a outras feministas levou à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal o projeto de lei que estendia o direito ao voto às mulheres, este projeto fora tramitado e aprovado no Senado apenas em 1930, porém a revolução a suspendeu garantia desse direito e somente em fevereiro de 1932, Getúlio Vargas, subscreveu o novo Código Eleitoral prevendo o direito de voto à quase todas as mulheres.

Entre estas mulheres citadas outras emergem no campo da política: Carlota Pereira de Queirós (Médica-Paulista), a primeira Deputada Federal da América Latina assume seu mandato em 1934. Outra mulher na política foi Antonieta de Barros (professora – Deputada por Santa Catarina – 1933 a 1937), a primeira de muitas que resistiram a dominação masculina na política, além de mulher era negra, dois desafios a serem enfrentados.

Lili Lages (Médica – Deputada Estadual de Alagoas – 1934), Maria do Céu Pereira Fernandes (Técnica de Comércio -Deputada Estadual do Rio Grande do Norte- 1934), Maria Luiza Bittencourt (Advogada – Deputada Estadual da Bahia -1934 a 1935), Maria Teresa Nogueira de Azevedo (Normalista – Deputada Estadual de São Paulo – 1935), Zuleide Bógea (Normalista - Deputada Estadual do Maranhão – 1934), esses foram exemplos de mulheres que romperam fronteiras e abriram caminhos para um tempo de direitos iguais e uma janela para a participação da mulher no parlamento, além de instauração da democracia no país⁸⁷.

De acordo com Perrot (2005) o militar, o religioso, o político, constituem três santuários que fogem às mulheres, no entanto a mulher adentrou nesses núcleos de poder, como aferiu a respectiva autora. Entraram no santuário e esforçam-se em permanecer e como resultado dessa conquista hoje há direitos regidos em lei legitimando a obrigatoriedade dessa participação na política. Na atualidade a política ainda continua sendo um espaço público permeado pela representação quase absoluta da figura masculina, por isso a luta ainda é legítima.

A participação da mulher na política é inexpressiva e isso relaciona-se a muitos fatores:

[...] a política que nos parece importante realçar é a que aponta sua prática como algo não muito limpo, pervertido, desonesto e perigosamente solvente dos mais legítimos valores morais. A própria expressão “meter-se em política” tem uma conotação bastante próxima de envolver-se em lamaçal, mergulhar na imunidade. Ora, ainda de acordo com a melhor tradição romântica, a mulher é um “ser naturalmente puro e inocente, que deve ser preservado de um tipo de experiência tão negativa. A mulher não foi feita para a política”, eis uma afirmação repetida com tanta insistência que as próprias mulheres são as primeiras a não contestá-la, abstendo-se frequentemente, de demonstrar qualquer interesse pelos fatos políticos, na medida em que tal interesse poderia ser tomado como índice de pouca feminilidade. Atitude de tal modo generalizada entre nós que mesmo as mulheres de políticos militantes evitam, quase sistematicamente, envolver-se nas atividades do marido, guardando uma “prudente distância” em relação a elas. (TABAK E TOSCANO, 1982, p.58).

A referida citação demonstra e ao mesmo tempo reforça que política sempre foi compreendida enquanto uma atividade inapropriada para mulher. Socialmente ainda a mulher é percebida, idealizada com a pureza calcada no tecido social religioso e romântico de séculos

⁸⁷ As profissões e as datas dos anos de mandatos das referidas deputadas foram retirados da obra *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade/biográfico e ilustrado* de Schumacher e Brazil (2000), onde consta a biografia de cada uma das deputadas mencionadas acima.

anteriores, o que nas entretinhas significa dizer que ela não tem capacidade para outros papéis além de esposa e mãe.

Por outro lado a citação de Tabak e Tostano (1982) assinala o quão é difícil mudar uma mentalidade enraizada historicamente, o que nos remete a Halbwachs (2004) ao assinalar que os seres humanos sempre pensam que quando se finda um século todas as suas características findam-se concomitantemente, no entanto as pessoas do século anterior continuam no século novo, alimentando, o que no sentido histórico-social-cultural e econômico o sustentáculo da vida dos homens no novo século.

Entre essas permanências históricas como acentua Reinhart Koselleck (2006) encontra-se a resistência por parte do gênero masculino relativa a participação da mulher na política, para Cruz (2013, p.68) “os homens, publicamente, até admitem a importância da participação feminina nas esferas públicas, mas na prática têm muita dificuldade em compreender ou conviver com essa realidade”. Essa resistência é percebida nas entrelinhas dos discursos e nas ações sociais. Segundo Beauvoir (2009, p.902) “Nem homens nem mulheres gostam de se achar sob as ordens de uma mulher”. Por fim as leituras sobre gênero assinalam que ainda que a mulher tenha adentrado no espaço público da política, ainda assim a participação é meritariamente masculina como acentua Cruz (2013, p. 30):

O espaço da política é caracterizado, ainda em nossos dias, como um espaço masculino. A atuação feminina na política ainda é tabu, e seu engajamento é frequentemente desestimulado. As barreiras são imensas, e muitas sentem ou acham que esse espaço de ação está muito distante ou que talvez seja inatingível!

Schumacher e Brazil (2000, pp. 456 e 457) na obra *Dicionário de Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade* registram que Oliva Enciso está entre grandes ícones da história das mulheres brasileiras sendo a primeira vereadora de Campo Grande (1955 a 1958) e a primeira mulher a adentrar no espaço sagrado masculino do parlamento mato-grossense nos anos de 1959 a 1963, portanto um marco na história da mulher mato-grossense também.

A entrada de Oliva Enciso na política deu-se em meio a um momento de mudanças na mentalidade social do século XX em um cenário de transformações, em uma nação que voltava da guerra e que começa a impulsionar para um novo homem, uma nova sociedade.

Na década de 1950 Juscelino Kubitschek era o presidente do Brasil.

Assim as vésperas das eleições presidenciais brasileiras de 1955, o que impera no mundo capitalista, ao lado da paranoia nuclear, é o voo nupcial dos meios de comunicação – a publicidade e a propaganda, em especial – em direção a uma

sociedade de consumo particularmente sensível à aquisição do risco de um conflito atômico.

A palavra de ordem é rejubilar-se. E a sociedade de massa de tudo prova um pouco. Afinal, o racionamento da guerra está superado, enterrado no passado; e um conflito nuclear só ao futuro pertence. Aqui e agora, é preciso desfrutar da vida com intensidade. E ela desponta ao alcance da mão, prática, fácil, confortável como um bom eletrodoméstico. [...] E despertam a mulher feminina e coquete, de cintura bem marcada, usando luvas e salto-agulha, peles e jóias. (COHEN, 2005, p.18).

Precisamente em 1950 chamados de “Anos Dourados” mesmo diante de diversas mudanças no mundo permaneceu sendo um período com forte código de moralidade. Nesse período havia a mulher idealizada nas propagandas, na TV e em jornais e aquela que permanecia em casa mantendo os costumes tradicionais, uma expressava um pensamento moderno e a outra os valores tradicionais resistentes à mudanças.

De fato a década de 1950 foi um grande seleiro de mudanças como afere Heleieth Saffioti:

O grande surto industrial verificado no governo Juscelino, elevando substancialmente o nível de emprego nas zonas urbanas, trouxe consequências para o montante de força de trabalho feminino efetivo. Em 1960, as mulheres representavam 17,9% do total da mão de obra efetiva do país, não se devendo, contudo, este aumento de 3,2% em relação a 1950 à elevação do emprego de força de trabalho feminino nos setores econômicos essencialmente urbano. (SAFFIOTI, 2013, p. 339).

Mudanças políticas, econômicas e sociais refletiram na forma de pensar do povo brasileiro. Nesse interim a mulher começava a galgar espaços, o ingresso no trabalho das fábricas apontava um começo de muitas conquistas, mas ainda não era o suficiente para transformar o pensamento cristalizado sobre o papel da mulher na sociedade. As referidas mudanças foram pano de fundo e criaram um cenário que propiciaram às classes populares acesso à escola, ao passo que começa-se a ser instaurada a democracia e a participação do povo, porém a ditadura da moralidade era uma realidade permanente.

O Brasil dos anos 50 viveu um período de ascensão da classe média. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país assistiu otimista e esperançoso ao crescimento urbano e à industrialização sem precedentes que conduziram ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres. Democracia e participação eram ideias fortalecidas nos discursos políticos. Em geral, ampliaram-se aos brasileiros as possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo. As condições de vida nas cidades diminuíram muitas das distâncias entre homens e mulheres; práticas sociais do namoro à intimidade familiar também sofreram modificações.

As distinções entre papéis femininos e masculinos, entretanto, continuaram nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa”. Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina [...]. Na família modelo

dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado com os filhos e do marido – e das características próprias de *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura [...]. (PRIORE, 2015, p. 608).

A organização das feministas sublevaram contra as tradicionais características apontadas pela autora da referida citação.

A organização feminista, no entanto, tinha bem definido seu objetivo: lutar para ocupar os mesmos espaços que os homens na esfera social, política e econômica. O movimento feminista fez uma trajetória valiosa, contribuiu e continua contribuindo na organização, na construção teórica e na mobilização, gerando possibilidades para as mulheres de diversos segmentos sociais conquistarem novos espaços na sociedade como iguais e, com certeza, criando um novo paradigma. (CRUZ, 2013, p. 24).

Não encontramos nas obras escritas por Oliva Enciso, nem em documentos da época de atuação parlamentar da mesma, indícios que a identificassem feminista, tais fontes indicam que era uma católica praticante e que utilizava-se de outras maneiras de luta. Reitera-se que era cercada por contatos políticos e sociais que expressaram seus meios para a conquista de resultados.

Simone de Beauvoir (2009, p. 905) grafou que: “O desejo de um destino feminino – marido, lar e filhos, - e o encantamento do amor nem sempre se conciliam com a vontade de vencer”. Oliva Enciso com vontade de vencer e com o desejo para sobreviver a todas as adversidades enfrentadas desde os 14 anos, conjugou a vontade de vencer com a força para lutar contra a escassez financeira do lar e assim conseguiu sobressair-se mesmo estando na contra mão de um sistema machista.

Assis e Silva (2015, p. 56) pontuaram que “Oliva Enciso, mesmo nascida em família pobre, conseguiu elevar sua posição de classe ao ingressar no campo político [...]”. Enciso adentrou no espaço do parlamento vencendo as barreiras de ser mulher, solteira, e pobre, três empecilhos que impedem muitos indivíduos de adentrarem em uma carreira na política.

4.1 O mandato de vereadora por Campo Grande 1955 - 1958

Encontramos no acervo da Câmara Municipal de Campo Grande o discurso de Olivia Enciso para candidatura ao cargo de vereadora publicado no Jornal Correio do Estado de 1954.

Imagem 13 - Jornal do Correio do Estado de 1954 - Discurso de Olívia Enciso

CORREIO DO ESTADO
Quarta-feira, 15 de Setembro de 1954
2. página

CORREIO DO ESTADO

— EXPEDIENTE —

Propriedade de:

EMPRESA CORREIO DO ESTADO LTDA.

DIRETOR-PRESIDENTE: Dr. José M. F. Fragelli

DEBATOR-CHEFE: J. Barbosa Rodrigues

Edição e Officina:

Rua 14 de Julho, 1.028

Assinatura anual R\$ 70,00

Assinatura semestral R\$ 35,00

Número de dias 1,00

Número atrasado 3,00

A Direcção não se responsabiliza pelos conceitos expressos em artigos assinados ou de origem definida.

Não se devolverá originais, mesmo quando não publicados.

U. D. N.

PARA DEPUTADO FEDERAL

JOSE FRAGELLI

PARA DEPUTADO ESTADUAL

NELSON EVANGELISTA DE SOUZA

(EX-DEPUTADO ESTADUAL)

Notulas e informações: Escritório Eleitoral José Fragelli, à rua Dom Aquino, 409, próximo do cine Santa Helena

Ecos do comício da U. D. N.

Discurso da candidata a Vereador srta. OLÍVIA ENCISO

Aceitei o honroso convite das minhas amigas da UNIAO DEMOCRATICA NACIONAL para candidatar-me ao cargo de vereadora, por 3 mandatos:

- 1 - Seu funcionamento pública e como tal, apesar das muitas limitadas possibilidades, tenho tomado parte nas administrações municipais desde 4 de novembro de 1938, com exceção da atual, por me achar licenciada, trabalhando no SESI. Por isso, na Câmara ou fóra da Câmara Municipal, tenho de trabalhar por Campo Grande, o que tenho feito com grande satisfação;
- 2 - Como vereadora, tenho de trabalhar por Campo Grande, o que tenho feito com grande satisfação;
- 3 - Aceitei que o nosso regime democrático é o melhor e que nenhuma pessoa de responsabilidade pode recusar o seu concurso

para a eficiência do seu funcionamento. Nesta fase de conturbado mundo e no Brasil, quando os homens emprezam a iniciativa e os deuses todos que Deus lhe deu, para vencer os seus inimigos, para se apoiar na fortuna mal adquirida ou se pavonear na glória, imerecida, roubando, matando, destruindo

laria, etc. — é preciso que haja um levantar de consciências e que a maioria possa proferir e orientar o povo na escolha do seu dirigente, levando aos postos de mando do governo, pessoas que não vão preencher uma vaga, mas desempenhar os cargos para que foram criados, com inteligência e dedicação.

Dos 3 poderes em que se apoia a nossa Democracia, 2 são constituídos por eleição do povo: o Poder Legislativo e o Executivo. O primeiro é formado pelos Vereadores, Deputados Estaduais e Federais e os Senadores e o segundo, pelo Prefeito, Governadores e Presidente da República.

Esta é a verdade na democracia, privilégio dos povos civilizados, em que cada indivíduo, tem a liberdade de escolher aqueles que deseja votar e nomear o bem estar de todos da comunidade. Daí a responsabilidade do voto, porque todos são uma só pessoa, referida às consequências ou ao bem da comunidade.

Esta é a verdade na democracia, privilégio dos povos civilizados, em que cada indivíduo, tem a liberdade de escolher aqueles que deseja votar e nomear o bem estar de todos da comunidade. Daí a responsabilidade do voto, porque todos são uma só pessoa, referida às consequências ou ao bem da comunidade.

Com a autoridade que os meus mais de 16 anos de serviço público me dão, eu apresento aos eleitores de Campo Grande os candidatos que merecem o seu voto:

Para Senadores: Drs. Dolor de Andrade e João Villalobos; Para suplentes: Dr. W. Martins;

Deputado Federal: Dr. José Fragelli;

Prefeito: Dr. Marcelino Oliveira Lima;

Vice-Prefeito: Sr. D. Nabuco Inácio de Souza;

Deputado Estadual e Vereador Municipal: qualquer dos Candidatos que integram a Chapa da UDN.

Esses são os verdadeiros amigos de Campo Grande, que tudo fazem pelo seu progresso e pelo bem estar do povo. De minha parte, como firmes no dia 13 de setembro na rádio Cultura: Entre na vida política de C.G. somente se os princípios cristãos: PARA SERVIR E NÃO PARA SER SERVIDA.



DR. JOSE FRAGELLI, líder da Assembléa Legislativa, valoroso compenheiro e candidato DEPUTADO FEDERAL



DR. DOLOR DE ANDRADE, é dos mais destacados dentre os deputados Federais, Merece o nosso voto para Senador da República

Fonte: Acervo digital do Jornal Correio do Estado, Campo Grande, ano de 1954

Nas diversas edições do referido jornal encontramos publicados pequenos convites à população com os seguintes dizeres: “Para vereadora Olívia Enciso”, o que significa dizer que este jornal apoiava o seu partido e sua candidatura.

Com os recursos da tecnologia ampliamos a letra dos documentos para transcrevê-los. O discurso do artigo “Ecos do Comício da U.D.N” é sobre a campanha eleitoral de Olívia Enciso.

Ecos do Comício da U.D.N

Discurso da Candidata a vereador Srta. OLIVA ENCISO

Aceitei o honroso convite dos meus amigos da UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL para candidatar-me ao cargo de vereadora, por 3 motivos:

1-Sou funcionária pública e como tal, apesar das minhas limitadas possibilidades, tenho tomado parte nas administrações municipais desde 4 de novembro de 1930, com exceção da atual, por me achar licenciada, trabalhando no SESI. Por isso, na Câmara ou fora da Câmara Municipal tenho de trabalhar por Campo Grande, o que tenho feito com grande satisfação;

2-Como vereadora terei naturalmente, mais possibilidades de melhor atender a este setor da administração pública a que me dediquei: EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, cuidando principalmente das crianças órfãs e abandonadas;

3-Acredito que o nosso regime democrático é o melhor e que nenhuma pessoa de responsabilidade pode recusar o seu curso para a eficiência do seu funcionamento.

Nesta fase de confusão no mundo e no Brasil, quando os homens empregam a inteligência e os dotes todos que Deus lhe deu, para destruir os seus irmãos, para se afogar na fortuna mal adquirida ou se pavonear na glória imerecida, roubando, matando, destruindo lares, etc – é preciso que haja um levantar de consciências e vozes honestas para protestar e orientar o povo na escolha dos seus dirigentes, levando aos postos de mando do governo, pessoas que não vão preencher uma vaga, mas desempenhar os cargos para que foram eleitos, com inteligência e dedicação.

Dos 3 poderes em que se apoia a nossa Democracia, 2 são constituídos por eleição do povo: o Poder legislativo e o Executivo. O primeiro é formado pelos Vereadores, Deputados Estaduais e Federais e os Senadores e o segundo, pelos Prefeitos, Governadores e Presidente da República.

Esta é a verdadeira democracia, privilégio dos povos civilizados, em que cada indivíduo, tem a liberdade de escolher aqueles que deverão zelar e promover o bem estar de todos da coletividade. Daí a responsabilidade do voto, porque todos, não uma só pessoa sofrerão as consequências ou gozarão as vantagens das atitudes dos eleitos. É preciso que “os povos têm o governo que merecem”, como já disseram.

A minha ambição nunca foi além de querer uma aposentadoria merecida, para poder ir cuidar melhor dos trabalhos da SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DO ESTUDANTE, socorrendo crianças órfãs e abandonadas para encaminhá-las na vida, satisfazendo assim 2 compromissos sagrados: o da Caridade e o do patriotismo. Evitar que uma criança de hoje seja um indigente de amanhã, e para mim mais do que patriotismo e mais do que caridade ao mesmo tempo.

Foi por isso, srs, que me tornei dos Ministérios, das repartições particulares.

Quando compreendi que na educação dos brasileiros principalmente das crianças, se firmava o futuro do Brasil, firmei as minhas atividades nesse setor. Mas infelizmente, no nosso país não se pode pensar em educação, sem cuidar da assistência. A mortalidade infantil entre nós se eleva a números assustadores e a criança brasileira, do modo quase geral, é sub-nutrida e fraca.

O ensino primário é precaríssimo. Estamos atrasados uns 50 anos essa é uma das causas porque o Brasil, apesar da sua potencialidade econômica, é um país atrasado sob todos os pontos de vista.

Para ajudar os poderes públicos na parte da educação e assistência a menores, foi que fundamos a SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DOESTUDANTE, cujo plano, realizado, dará a Campo Grande serviços de assistência a menores.

Foi no cumprimento desse plano que pleiteamos a ESCOLA SENAI, que atende ao Estado de Mato Grosso, com o internato para os meninos de outros municípios; conseguimos o SESI, com parte de assistência social ao operário da indústria e a sua ESCOLA DE FORMAÇÃO DOMÉSTICA para senhoras e moças; instalamos o GINÁSIO BARÃO DO RIO BRANCO aqui em Campo Grande e o Ginásio Bela Vista; construímos parte dos prédios do ABRIGO INFANIL MASCULINO da ESCOLA RURAL MIGUEL COUTO e do PENSIONATO JUVENIL MASCULINO, tudo em funcionamento.

Não vim à praça pública para me elogiar, mas para dizer aos campo-grandenses que tudo isso foi possível graças ao apoio incondicional que sempre encontrei neste grande filho de Campo Grande, que é o Governador Vespasiano Barbosa Martins; graças ao apoio do Senador João Villasboas e Deputado Dolor Ferreira de Andrade; do Dr. Fernando Correa da Costa, Sr. Demóstenes Martins e outros.

Não sou filha de Campo Grande, porque Campo Grande é um pedaço do Brasil. Aqui estudei e já dei a Campo Grande o melhor de minha vida, que foi a minha mocidade. Com autoridade que os meus quase 24 anos de serviço público me dão, eu aponto aos eleitores de Campo Grande os candidatos que merecem o seu voto:

Para Senadores: Drs. Dolor de Andrade e João Villasboas; p/s/suplentes: Dr. W. Martins; P/ Deputado Federal: Dr. José Fragelli; p/Prefeito Dr. Marcílio de Oliveira Lima; p/ vice-prefeito: Sr. D´namérico Inácio de Sousa; p/Deputado Estadual e vereador Municipal: qualquer dos Candidatos que integram a Chapa da UDN.

Esses são os verdadeiros amigos de Campo Grande, que tudo farão pelo seu progresso e pelo bem estar do povo. De minha parte, como afirmei no dia 13 de agosto na rádio Cultura: Entro na vida política de C.G. coerente c/ os m/ princípios cristãos: PARA SERVIR E NÃO PARA SER SERVIDA. (Jornal Correio do Estado, quarta-feira, 15 de setembro de 1954, p. 02).

Esse discurso ao que tudo indica foi uma das apresentações públicas da candidatura de Oliva Enciso ao cargo de vereadora por Campo Grande, cujo termo “vereador” como pode ser aferido no jornal ainda está no masculino. A então candidata evidenciou que sua candidatura não foi uma iniciativa sua e sim um convite que adjetiva como “honroso” que partiu de seus “amigos da União Democrática Nacional para candidatar-me ao cargo de vereadora”, observa-se que usou o termo no feminino, o que evidencia seu capital cultural diferenciado do autor de matéria do jornal, e por extensão de seu editor.

Enciso apresenta os três motivos que a levaram a aceitar o “honroso convite”, não apresenta-se, mas “apresenta” ao mundo como acentuou Arendt (2000); suas ações realizadas até aquele momento, diga-se suas ações como funcionária pública, certamente conhecidas por boa parte dos munícipes de Campo Grande: “[...] tenho tomado parte nas administrações municipais desde 4 de novembro de 1930, com exceção da atual, por me achar licenciada, trabalhando no SESI [...]”, percebe-se que a candidata era sujeito ativo na administração, ou seja não mais a “secretaria amanuense” dos anos de 1930 quando foi admitida como funcionária pública municipal, o que demonstra que progressivamente foi conquistando espaço conjugado com reconhecimento, social e político, o que a nosso ver foi a razão do convite dos políticos da U.D.N.

Em seguida, no referido discurso, Oliva Enciso acentua a seriedade do seu desempenho laboral: “Por isso, na Câmara ou fora da Câmara Municipal tenho que trabalhar por Campo Grande, o que tenho feito com grande satisfação”, ou seja, enquanto vereadora ou funcionária pública sempre haveria compromisso em sua atuação pública.

Outro motivo da candidatura está calcado ao setor do qual estava sob seu comando, ressaltando que: “como vereadora terei naturalmente, mais possibilidades de melhor atender a este setor da administração pública a que me dediquei: EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, cuidando principalmente das crianças órfãs e abandonadas”.

Outra razão para essa investidura na candidatura está no terceiro item do seu discurso em que Enciso defende a importância do regime democrático, certamente sua defesa seja em virtude da experiência com a ditadura que existiu no período do governo de Getúlio Vargas: “Acredito que o nosso regime democrático é o melhor e que nenhuma pessoa de responsabilidade pode recusar o seu curso para a eficiência do seu funcionamento”, pode-se entender que Enciso reafirma o seu compromisso em prol da eficiência do desempenho do serviço público estendido à seriedade dos políticos.

No quarto parágrafo do discurso compreende-se que a candidata tinha conhecimento do que ocorria no meio político: “[...] quando os homens empregam a inteligência e os dotes todos que Deus lhe deu, para destruir os seus irmãos, [...]”, neste fragmento transparece o conhecimento religioso da candidata, ela é consciente da persistente existência da corrupção dos mandatários de cargos públicos “[...] para se afogar no fortuna mal adquirida ou se pavonear na glória imerecida, roubando, matando, destruindo lares etc., [...]”, isso demonstra que não foi ingênua quanto ao funcionamento do espaço político.

Olivia Enciso alerta aos que lhe escutam durante o comício e ao mesmo tempo, sutilmente, pede seus votos: “[...] é preciso que haja um levantar de consciências e vozes honestas para protestar e orientar o povo na escolha dos seus dirigentes [...]”. Para Enciso dentre as vozes honestas estavam a de seus companheiros de partido para os quais atestou que:

Com autoridade que os meus quase 24 anos de serviço público me dão, eu aponto aos eleitores de Campo Grande os candidatos que merecem o seu voto:
 Para Senadores: Drs. Dolor de Andrade e João Villasboas; p/s/suplentes: Dr. W, Martins; P/ Deputado Federal: Dr. José Fragelli; p/Prefeito Dr. Marcílio de Oliveira Lima; p/ vice-prefeito: Sr. D´namérico Inácio de Sousa; p/Deputado Estadual e vereador Municipal: qualquer dos Candidatos que integram a Chapa da UDN.
 Esses são os verdadeiros amigos de Campo Grande, que tudo farão pelo seu progresso e pelo bem estar do povo.

Nota-se também no referido discurso que para vereador a recomendação foi: “qualquer um dos Candidatos que integram a Chapa da UDN”. Na finalização do pronunciamento reafirma o que parece ser o seu slogan de campanha: “De minha parte, como afirmei no dia 13 de agosto na rádio Cultura: Entro na vida política de C.G. coerente c/ os m/ princípios cristãos:

PARA SERVIR E NÃO PARA SER SERVIDA”, é interessante assinalar o destaque aos princípios cristãos, o que não deixa de ser um forte apelo.

Por fim no discurso de Oliva Enciso notamos que não havia embaraço em mostrar ao eleitor os motivos para escolherem-na por sua representante, elencou suas atividades e serviços prestados o que evidencia o seu conhecimento do campo político, em outras palavras, o que era necessário destacar numa campanha política.

Nos documentos das duas eleições de Oliva Enciso e no depoimento dos sobrinhos evidencia-se o apadrinhamento político, ela não destoou da tradição política em que padrinhos fazem parte da *arte política*⁸⁸, porém quem legitimou seu ingresso na política foi o povo que percebeu nela condições para representá-lo. Elegeu-se vereadora com uma quantidade expressiva de votos, foi a quarta mais bem votada entre os candidatos.

No livro ata de resumo dos projetos anos de 1955 a 1958, da Câmara Municipal de Campo Grande, encontra-se registrado que a vereadora Oliva Enciso apresentou os seguintes projetos: o projeto de número 0756 de 10 de dezembro (ano incerto), no valor de Cr\$ 50.000,00 para Natal da criança pobre que foi aprovado; o projeto 0735 de 13 de agosto de (ano incerto) que concede auxílio de Cr\$ 40.000,00 ao Centro Social de Educação e Caridade, sendo aprovado. Projeto 0572 de 16 de setembro de 1955, o qual concede auxílio ao Ginásio Barão do Rio Branco e foi aprovado; Projeto 0560/1955 que torna de utilidade pública o colégio Miguel Couto e Projeto 0561/1955 que trata da doação de móveis para o Colégio Miguel Couto o de Imóveis, ambos aprovados.

Projeto nº 0615 de 22 de junho de 1956 de 10 de dezembro de (ano incerto) que considera feriado municipal 29/06/56 e o projeto 0613 de 22 de junho de 1956 de denominações Rua Roberto Mangue, projetos aprovados. Essas proposituras confirmam que o apreço e as preocupações maiores de Enciso foram sempre às questões educacionais e assistencialistas envolvendo a situação das escolas e dos professores.

A sobrinha de Oliva Enciso, Ana Fontoura de Freitas, narrou que sua tia ia para as reuniões da Câmara a pé, pois o plenário era perto da residência da tia. Ana asseverou que “naquela época o vereador não recebia para legislar na Câmara”, informação que foi contrariada, pois na ARCA consta a folha de pagamento de 1954 dos vereadores e notamos que Oliva Enciso recebia 2.400,00 (dois mil quatrocentos cruzeiros) para exercer a referida função, portanto era remunerada para legislar.

⁸⁸ Termo utilizado por Max Weber (2011, p. 52) ao definir política partidária.

Em seus projetos na vereança de Campo Grande Oliva Enciso envolvera mais com o cargo de secretária das sessões, naquele tempo as atas eram manuscritas, assim encontramos diversos encaminhamentos e atas redigidos e assinados pela secretária. Na obra *Mato Grosso do Sul: Minha Terra* (1986, p. 36) Oliva Enciso declarou que: “Como vereadora pouco fiz e me coube a Secretaria da Câmara quase o tempo todo do meu mandato”. Enciso foi presidente da Câmara por uma vez em janeiro de 1959, fim do mandato antes tomar posse como deputada estadual, fato anunciado no Jornal Correio do Estado (de 10 de janeiro de 1959, página 04, número 1393, ano V), em que traz um breve relato intitulado “OLIVA ENCISO NA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA”:

Imagem 14 - Jornal Correio do Estado - 1959, página 04, nº. 1393, ano V

The image shows a newspaper page with the following content:

- Top Header:** Figueiredo - da «Cidade Branca» Vai cantar no Libanês
- Main Title:** CORREIO DO ESTADO
- Sub-headers:**
 - LOTERIA DO ESTADO - A melhor das loterias
 - CIMENTO NOVO - OBTIEM A VITÓRIA CASA MASSER
- Article 1:** Filinto renunciou a liderança do Senado. Descontente o governo com a atitude do Senador matogrossense, afirma o "Diário Carioca" — Será substituído por Lamela Bittencourt.
- Article 2:** Trigo Importado: 40 Mil Toneladas dos Estados Unidos.
- Article 3:** Oliva Enciso na presidência da Câmara.
- Article 4:** Grande Baile Carnavalesco Dia 10 no Clube Libanês.
- Article 5:** Corte de cabelo CR\$ 30,00.
- Article 6:** Seguiu para os EE.UU. o presidente da Petrobrás.
- Article 7:** Autorizado aumento das passagens de ônibus.
- Advertisements:**
 - Carvão
 - LOTERIA DO ESTADO - A melhor das loterias
 - 2 CRUZEIROS O PREÇO DESTA EDIÇÃO
 - Assunção Será Candidata
 - BELEM — O general Zaccaria de Assunção...
 - FLORES-Miss Católica...
 - GACCHO — Oliva...
- Bottom Section:** Boas Festas - Feliz Ano Novo! Lembre-se Que a Primorosa Tem os Melhores Presentes Para as Festas: estrolas de Alta Fidelidade, Radios RCA VICTOR, Refrigeradores Elétricos e a Querosena, Acordeões, Vitrolas, Instrumentos Musicais, Liquidificadores e os Conjuntos Walita. Os Últimos Sucessos em Discos em Todas as Rotações. Visitem a A Primorosa. 14 de Julho, 974 — Fone 3082 — CAMPO GRANDE — MATO GROSSO.

Imagem 15 – Anúncio Oliva Enciso na Presidência da Câmara - Jornal Correio do Estado 1993.

Oliva Enciso na presidência da Câmara

Em dias da semana passada, a Câmara Municipal de Campo Grande elegeu sua mesa diretora para o mês de janeiro corrente, enquanto aguarda a posse dos novos edis, eleitos no pleito de outubro último.

Foi eleita, para presidente a vereadora Oliva Enciso, que brevemente ocupará uma cadeira na Assembleia Legislativa.

A vice-presidência coube ao Dr. Oclécio Barbosa Martins, advogado de renome e suplente de deputado federal.

A secretaria, posto-chave dentro do Legislativo Municipal foi para as mãos do Dr. Paulo Jorge Simões Corrêa, merecidamente reeleito no pleito de outubro.

A mesa da Câmara continuará, portanto, com a União Democrática Nacional, partido majoritário no município.

Fato curioso deu-se com relação à constituição da mesa diretora da Câmara: houve empate em todos os cargos, saindo, porém, vitoriosa a chapa constituída desses nomes que toda a cidade admira.

Majoração das p

São Paulo-Entrou em vigor ontem o novo aumento de preço das passagens aéreas. A majoração é de 12% sobre o preço básico das passagens, acrescido de

Viajant

Encontra-se entre nós em visita ao seu famíliares, o Sr. Dr. Otávio Assabuja Santos.

Dr. Santos vem de

Autorizado aumento das passagens de ônibus

A Coap, custou mas deu um sinal de vida, autorizando pela Portaria n.º 16, de 15 de Dezembro último, o aumento, nas passagens de ônibus, nos bairros Amambai, e vilas Carvalho, Gloria e Castelo, para Cr\$ 4,00.

De acordo com essa portaria, os estudantes terão um desconto de 50%. Somente os estudantes, bem como

Ao prefeito da cidade foi atribuída a função de fiscalização como o encargo da execução da referida portaria.

2
CRUZEIRO
O PREÇO DE
EDIÇÃO



Fonte: Arquivo Público Municipal de Campo Grande, Jornal Correio do Estado, ano de 1959

OLIVA ENCISO NA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA

Em dias da semana passada, a Câmara Municipal de Campo Grande elegeu sua mesa diretora para o mês de janeiro corrente, enquanto aguarda a posse dos novos eleitos no pleito de outubro último.

Foi eleita, para presidente a vereadora Oliva Enciso, que brevemente ocupará uma cadeira na Assembleia Legislativa.

A vice-presidência coube ao Dr. Oclécio Barbosa Martins, advogado de renome e suplente de deputado federal.

A secretaria, posto-chave dentro do Legislativo Municipal foi para as mãos do Dr. Paulo Jorge Simões Corrêa, merecidamente reeleito no pleito de outubro.

A mesa da Câmara continuará, portanto, com a União Democrática Nacional, partido majoritário no município.

Fato curioso deu-se com relação à constituição da mesa diretora da Câmara: houve empate em todos os cargos, saindo, porém, vitoriosa a chapa constituída desses nomes

eu toda a cidade admira. (Jornal Correio do Estado de 10 de janeiro de 1959, página 04, número 1393, ano V).

Como presidente Oliva Enciso deu encaminhamento aos trabalhos e assim encerrou sua contribuição como parlamentar em Campo Grande.

4.2 De vereadora municipal à deputada estadual

Antes de encerrar o mandato de vereadora Oliva Enciso é convocada pelo amigo e político Wilson para pleitear a eleição para a assembleia legislativa por Campo Grande, informações presente no depoimento de um de seus familiares:

Tem casos que não só presenciei, mas ela me contava, falou que o Dr. Wilson falou: Oliva você vai ser deputada estadual. Mas como? Você não vai gastar um tostão. Não, não quero eu não tenho capacidade e eu preciso trabalhar aqui. Não você vai ser. O Dr. Wilson lançou ela e fez o santinho dela branco e preto[...]. Aí eu já participei, eu era criança, pequenininho. [...] Eu acompanhava meu pai nesse jipinho que ela ganhou do Dr. Roberto Mange, do Nestor Cunha, saía de madrugada para pregar Oliva Enciso nos postes, todos os postes da cidade foram pregados só um panfleto branco e preto com o número dela lá, nome, fotografia dela assim. [...] Um papel bem barato, branco e preto para colar e ela ganhou para deputada, mas ela não queria mais. Eu lembro que tinha discurso, eu lembro que uma vez ela foi, eu não fui junto, foi até Aquidauana parece, foi Teresa, Quidauana, todo mundo junto. [...] Caravana, subia da UDN e descia e sua PD, PSD.[...] Era UDN - União Democrática Nacional, o Partido Social Democrático e mais um que tinha que era meio que escondido, mas eram todos amigos juntava vamos embora para Campo Grande e veio embora. (EDUARDO DE FREITAS).

O Jornal Correio do Estado de 09 de setembro de 1958, p.05, no artigo escrito por N. Campos de P. Porã, parabeniza-se, se assim se pode afirmar, o partido da União Democrática por ter escolhido Oliva Enciso como candidata além de apresentá-la com palavras afirmativas e singelos adjetivos:

A UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL, de Campo Grande, acaba de escolher para um dos seus candidatos a Deputada Estadual, OLIVA ENCISO. Quer escolha mais feliz do que essa? Não é possível. Vejamos quem é e sempre foi Oliva Enciso. Moça educada, jamais esperou que o humilde lhe estendesse a mão para o cumprimento. Sempre fez questão de ser a primeira a fazê-lo. Desde menina pode dizer quem como eu a conhece desde a sua infância, que foi sempre dedicada à luta pelo alheio. Jamais encontrou uma hora para descanso [...] se o povo de Campo Grande, quiçá do Estado, tiver a cabeça no seu devido lugar, esquecerá, por certo até a sua filiação partidária, para levar à Assembleia do Estado, esse valor inigualável, esse tesouro das mais virtudes cristãs. (Jornal Correio do Estado, Ano V, nº1302, p. 06 de 29 e setembro de 1958).

Nas palavras “moça educada” e “tesouro das mais virtudes cristãs”, a nosso ver, evidencia-se os vestígios da formação religiosa de Oliva Enciso que iniciou com a tal Dona D. Emiliania Brandão através de um certo livro: “[...] Não era um livro de orações, embora tivesse algumas, mas era de orientação [...]” (ENCISO, p.18, 1986). Diante do exposto evidencia-se que Oliva Enciso procurou vivenciar tais orientações demonstradas em suas atitudes e que foram reconhecidas socialmente e grafadas no artigo do referido jornal.

No entanto, não pode-se negar que numa campanha política tais adjetivações são eleitoralmente e socialmente positivas, mas ressalta-se que a candidata Oliva Enciso já possuía o capital político reconhecido pelos meios de comunicação (jornal e rádio) e pelo partido da UDN, como pode ser averiguado em mais uma matéria do Correio do Estado.

No Jornal de 1954 apresentado acima, a foto em evidência é do companheiro de partido, em outras palavras, sua imagem foi associada a UDN e do prefeito Marcílio de Oliveira. Por outro lado, se considerarmos que Oliva Enciso era a primeira mulher do município de Campo Grande e do Estado a concorrer a um pleito político, o destaque da foto não pode ser menosprezado por entendermos que o partido da UDN precisava da credibilidade dela que era respeitada e reconhecida pelos eleitores, de modo que a foto falava por si.

A frase da propaganda do jornal em questão, também não poderia ser mais feliz e coerência com o passado da candidata: “é um nome que pelo seu passado de trabalho, merece o voto do povo campo-grandense”, ou seja Oliva Enciso à sua maneira se impôs no mundo político masculino.

Neste sentido Selem assevera:

Embora exercendo uma função tipicamente masculina como vereadora e depois como Deputada, sentiu-se muito prestigiada e respeitada, até porque como funcionária pública, que iniciou em 1930 como “Amanuense-datilógrafa” e depois exercendo diversos cargos, já estava habituada a trabalhar em ambiente masculino. (SELEM, 1999, p 56).

Para a referida autora Oliva Enciso encarou como algo natural estar na bancada do parlamento entre homens. A foto por ocasião da recepção ao presidente Getúlio Vargas desvela essa naturalidade.

Imagem 16 - Foto da professora Oliva Enciso recepcionando Getúlio Vargas na Capital



Fonte: Arquivo Público Municipal de Campo Grande

Oliva Enciso não foi descrita como uma feminista e nem partidarista, sua ousadia de estar entre os homens foi perceptível por muitos, não apresentou dificuldades nessa aproximação, pois sua posição de enfrentamento diante dos desafios e sua postura ponderada gerou o respeito da sociedade.

Ana Fontoura a respeito da ousadia da tia revelou:

Ah, isso aí eu sempre ouvi falar que era audaciosa, a tia Oliva era a única mulher na época, era a única mulher no meio daquele monte de homem, eu lembro, até depois, foi até bem depois que eu já era mulherona, em Brasília, onde a gente passava, era uma secretaria, uma coisinha aqui, outra ali, onde a gente passava era aquele monte de homem reverenciando. (ANA FONTOURA DE FREITAS).

Portanto, assim como os demais políticos Oliva Enciso fez sua política partidária, subiu em palanques, acompanhou o grupo político, realizou inúmeros discursos, estabeleceu contatos políticos. Porém proibia os sobrinhos de envolverem com comícios políticos, asseverava a eles que “não queria que envolvessem-se com a política”⁸⁹. Foi eleita e classificada em quarto lugar entre o grupo de deputados eleitos e tomou posse em fevereiro de 1959.

⁸⁹ Depoimento de Eduardo Fontoura de Freitas em julho de 2017.

As atas parlamentares são documentos históricos e nelas analisamos a postura de Oliva Enciso nos trabalhos no legislativo, verificamos quais os projetos apresentou e se a mesma jogou o jogo político mencionado por Weber (2011, p.132). Nas referidas atas focamos em percebermos como era seu pronunciamento e quais seus tons de discursos. Segundo Orlandi (2002, p. 95) “[...] o sujeito discursivo não realiza apenas atos. Se, ao dizer, nos significamos e significamos o próprio mundo, ao mesmo tempo, a realidade se constitui nos sentidos que, enquanto sujeitos, praticamos”. Diante dos discursos notamos que Enciso priorizou ações que faziam significados para si.

Em suas falas transcritas nas atas parlamentares evidenciaram-se os propósitos e reverberaram o protagonismo de Oliva Enciso. O discurso “[...] é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2002, p.15). Foram através dos discursos parlamentares que conseguimos observar Enciso e foi nos apresentado a professora e a mulher política que tornou-se.

Sua trajetória enquanto deputada estadual com suas ações, projetos e conquistas estão registradas nas Atas Parlamentares e em outros documentos que encontram-se no acervo do Instituto de Memórias da Assembleia Legislativa de Mato Grosso- ALMT em Cuiabá-MT. Para o historiador Le Goff documento é:

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 1996, p.472).

Para a referida pesquisa analisamos 443 atas parlamentares estaduais. Nos documentos representados pela assinatura de participação nas sessões parlamentares, estes testificam que Oliva Enciso era assídua nas sessões. Havia um tempo cronometrado para cada parlamentar na tribuna e isso tornava o discurso bastante objetivo, diante do exposto, as atas não transpareceram privilégios a nenhum parlamentar durante as reuniões transcritas.

Nos documentos parlamentares ainda analisamos as falas de Oliva Enciso e observamos as entrelinhas dos discursos na tentativa de perscrutar suas intenções, e notamos que ela não usava a tribuna para críticas pessoais e que, por diversas vezes, destacou que estava entre o governo e o povo. De fato percebe-se um alinhamento entre a ação e o discurso de Oliva Enciso, nessa coerência desvelou quem ela foi como afirma Arendt (2000, p, 192).

O primeiro discurso de Oliva Enciso na Assembleia ocorreu cinco dias após a posse no cargo, conforme ata nº07 da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, de 05 de fevereiro de 1959, folha 10, a mesma realizou seu discurso engajador sobre “Educação”, em que no seu

primeiro requerimento solicitou ao executivo um relatório do departamento de estatística com dados da população urbana e rural, quantidade de professores, orçamento para a educação, nomes das escolas, valores das mensalidades dos alunos e condições de ocupação dos prédios escolares.

Enciso foi uma parlamentar preocupada com estatísticas e números, era metódica e passou todo mandato de deputada destacando a necessidade de compilar esses dados. Na ata 03 da ALMT de 14 de junho de 1962, na folha 9, fez uma crítica ao governador Ponce de Arruda pela negligência em disponibilizar os dados da educação e ao final do mandato em 1962 relatou que nunca recebera tais informações do gabinete do governo.

A cada requerimento que fora transcrito pelo sistema de comunicação da Assembleia Legislativa, naquela época, havia uma justificativa dos objetivos do requerimento. Na ata 07 da ALMT apresentou a seguinte justificativa:

Justificando, Sr. Presidente, - como membros da Comissão de Educação e Cultura apresentamos este requerimento, para podermos fazer um levantamento das situações de instalações e pessoal destinados às escolas mato-grossense, em suas diversas modalidades, e assim nos acharmos capacitados a prestar nossa colaboração com o conhecimento de causa quando formos solicitados ou atender às necessidades dos municípios nesse importante setor de administração pública que é o da educação: Agitou os meios culturais do país, há poucos dias, o projeto, aliás o substitutivo ao Projeto de Diretrizes e Bases da Educação, visando dar novo rumo ao ensino, porque na questão educacional, o Brasil, que conta com o elemento humano comprovadamente inteligente, dos mais inteligentes do mundo, pouco tem evoluído. E cabe a esta Casa, indicar medidas ou possibilitar o Executivo fazer mais do que tem feito, pela educação da nossa gente, especialmente da infância e juventude da nossa terra. Estamos iniciando esta legislatura e é necessário que a educação seja uma das nossas maiores preocupações, por ela o alicerce e a consolidação da vida das nações. Mato Grosso, que tem dado vultos de inconfundíveis valores, deve dar exemplo, como sentinela desta imensa fronteira do Oeste Brasileiro, cuidando com mais eficiência da educação das crianças mato-grossenses que serão os continuadores das nossas tradições e sustentáculos desta República, que tanto amamos. (Ata da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, nº 07, 1959, folha 10).

Após o discurso de Enciso o deputado Licínio Monteiro da Silva replicou que “tomará as exigências regimentais, para o encaminhamento do requerimento”. Averiguamos que após essa inferência de Oliva Enciso não houve comentários relacionados ao seu discurso e cada parlamentar seguiu a reunião com seus requerimentos pessoais enquanto ato isolado, cada qual focava em seus interesses partidários.

Na fala de Oliva Enciso transcrita anteriormente a mesma asseverou: “cabe a esta Casa, indicar medidas ou possibilitar o Executivo fazer mais do que tem feito, pela educação da nossa gente, especialmente da infância e juventude”, notamos que seu discurso era coerente com suas

ações, não apenas discursou, mas lutou para reverter o quadro de pobreza e falta de educação em sua cidade e concomitantemente do estado de Mato Grosso.

Em toda sua articulação política Enciso apresentou projetos para implantar escolas em sua região, ações refletidas no discurso: “é necessário que a educação seja uma das nossas maiores preocupações, por ela o alicerce e a consolidação da vida das nações”, seu discurso significou seus objetivos. Nos discursos segundo Orlandi (2002, p.16) estão “as maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos sejam enquanto membros de uma determinada sociedade”. Ela defendeu políticas para a educação do povo ao passo que apresentou projetos em prol das causas.

A deputada Oliva Enciso era uma senhora de 50 anos e dado a sua maturidade por várias vezes convocou os deputados a uma tomada de consciência dos atos dentro do parlamento, seu discurso era perpassado pela fé, e demonstrava um pensamento democrático, sempre sensível a causa dos oprimidos e desafortunados, baseado no que Orlandi (2002) assinala, podemos afirmar que seus discursos significavam seu mundo, seus sentidos, sua realidade.

Nos discursos Enciso revelou respeito ao eleitorado. Em certa ocasião os deputados estavam com os ânimos elevados com acusações ao governo por projetos emperrados na gestão passada, típico do espaço político, denegrir e acusar; é o dominado falando do dominador, até que o jogo vire ao contrário. Abaixo um dos discursos de Oliva Enciso conclamando a todos à realidade que lhe parecia mais correta.

A SR. OLIVA ENCISO – Nobre deputado Sebastião Cunha, “Águas passadas não movem moinhos”, gosto de viver o dia de hoje. V. Exa. Sabe muito bem que em 1959 com o objetivo de cuidar da educação pedi informações sobre o professorado de Mato Grosso, e, até hoje não tive essa informação. No Governo de V. Exa. não consegui e no atual Governo com esta situação que está, acredito. (...) Agradeço aparte de V. Exa. mas até hoje não recebi a informação, vamos deixar o Executivo e **vamos cuidar de nossa vida somos os legisladores**, e mais uma vez quase que encerramos o presente período de sessão, vou pedir que nos elevemos cada vez mais com a nossa dignidade dando exemplo ao povo de Mato Grosso, que então nos depositara a sua confiança que é o que todos nós desejamos. (APLAUSOS). (Ata nº11 da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, de 27 de março de 1962, folha 25. Grifo nosso).

Oliva Enciso não aderiu lamúrias aos seus discursos no plenário, porém convocava os legisladores a legislarem e esquecerem-se do passado imutável, uma postura que foi confirmada por Maria José Fontoura de Freitas que asseverou: “a tia Oliva não reclamava, era persistente”. Como forma de contribuição Oliva Enciso envolveu-se nas comissões especiais da Assembleia Legislativa as quais estudavam detalhadamente a abrangência e a necessidade dos projetos apresentados.

Por várias vezes Enciso apresentou vasto discurso sobre a Educação, um dos exemplos foi sobre a criação dos Educandários em Mato Grosso na ata 31 de 10 de julho de 1959, folha 17 da ALMT⁹⁰, em que apresentou aos legisladores a leitura de um artigo da Revista Manchete de 1959, onde enfaticamente narrou avanços nas conquistas de Educandários em Mato Grosso.

Imagem 17 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959. Folha nº 17.

| FOLHA DE ATA | | SECRETÁRIO | |
|--------------|----|------------|-------------------|
| ATA Nº | 31 | DE 10 | DE Julho DE 19 59 |
| | | | Fla. 17 |

O SR. MARIO VAN DEN BOSCH - Satisfeito com essa declaração de V. Excia. sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - Com a palavra a nobre deputado Oliva Enciso em explicações pessoais.

A SRA. OLIVA ENCISO - Sr. Presidente, srs. deputados. Ocupo novamente hoje esta tribuna para trazer ao conhecimento de V. Excia. a excelência de uma Campanha que se espande pelo País visando - cooperar com os Poderes Públicos na solução deste grave problema que é a educação da nossa gente. A revista Manchete de dois - de maio deste ano traz esta reportagem, prodigiosa audiência de um Professor e traz aqui o retrato deste grande brasileiro que é o Dr. Felipe Tiago Gomes, cuja vida hábil se acha aqui resumida, que peço permissão desta Casa para lêr, alguns trechos. Tudo começo em 1943. (Transcrever Original)... Revista.....

Devo esclarecer que este Felipe Tiago Gomes, muitas vezes foi descalço. "Ele natural de Alagôas, contou o seu sonho "Iera - Haya de la Torre", que me inspirava um grande movimento para -

Fonte: Instituto de Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, ano de 1959.

⁹⁰ Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

Imagem 18 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959. Folha nº 18.

| ASSEMBLEIA LEGISLATIVA | | RUBRI | | 1º SECRETÁRIO | |
|------------------------|----|-------|----|---------------|---------|
| FOLHA DE ATA | | | | 2º SECRETÁRIO | |
| ATA Nº | 31 | DE | 10 | DE | Julho |
| | | | | DE | 19 59 |
| | | | | | Fla. 18 |

para criar no Brasil, como aquele criara no Perú, a escola - para o estudante pobre em todo o País, sem pêso para os pais e angústia para os filhos. Decidiram, então, iniciar a luta. Ninguém acreditava nessa impossível quimera. Foi no tempo de Capanema, disse êle aplicada a primeira estratégia. Mas nem o poeta mais querido, Carlos Drummond de Andrade, que era chefe do gabinete do Ministro, quiz acreditar naquele jovem estranho. A trincheira continuou aberta, os primeiros marechais ficaram no caminho, cumprindo outros destinos, mas Felipe - continuou. Davi começou a matar o Golias. A Câmara ajudou, o Ministério da Educação, as Prefeituras locais, eclesiásticas militares, professores deram aulas de graça, classes produzidas cooperaram e também as pessoas de boa vontade. As escolas começaram a brotar pelo Brasil inteiro. E aí está a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, modesta violeta - que se escondeu debaixo de moite viride, recendendo seu perfume, que envolve já nesse momento uma realidade nacional."

Aqui também o Diário de Notícias do dia 7 do corrente traz em suas paginas - Lê - Educandários Gratuitos - Mais um plano de aplicação de dotações orçamentárias, no Ministério da Educação, e Cultura, foi aprovado pelo presidente da República, beneficiando a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. O montante das dotações é da ordem de 55 milhões de cruzeiros. Esta entidade, no ano letivo corrente mantém 257- estabelecimentos de ensino médio, em todo o país."

Nós que trabalhamos neste setor, nós que conhecemos - de perto os grandes problemas dos estudantes brasileiros sabemos que na capital da República tem apenas, gratuito, o Colégio D. Pedro II. E, por êste Brasil a fora ainda temos municípios cuja angústia conhecemos de perto e mesmo já tive a oportunidade de dizer aqui. A cidade de Bela Vista, separada da República do Paraguai apenas por um rio, nos ali encontramos crianças que estavam no quarto ano e continuavam nessa mesma série por 2, 3, 4 vezes por não ter outra coisa a fazer. Lá chegando para fazer a campanha em Bela Vista, na época da efervescência política, tivemos que entrar em entendimentos com dois líderes de partidos contrários que eram o doutor Castro Pinto e o sr. Caporossi para formar a unificação em torno desse grande ideal. Ali se instalou a Campanha - nha que, sem côr politica ou religiosa, congregava elementos, todos concios de sua responsabilidade. A Campanha vem dando a oportunidade de dar ao estudante pobres o ensino secundário. Por principio sou contrário a instalação indiscriminada de estabelecimentos de ensino secundário, como sabemos o ensino primário precisa de mais atenção. Países dos - mais adiantadas do mundo tem o curso primário de sete anos de estudos, como a Alemanha, a Suecia, a Belgica e os Estados Unidos. Infelizmente, quando se falou em ensino primário de sete anos em nosso país, apenas argumentou que não tinhamos professores em condições para isso, como disse o professor Miguel Couto. "ainda seremos um grande povo".

Quero dizer aos representantes do Estado de Mato Grosso que não é difícil fundar ginásios e construir edificios - que satisfaçam as condições mínimas do Ministério de Educação, construir um edificio é facil mais manter o professorado e o ensino à altura não é trabalho facil.

E, a campanha tem por objetivo elevar o nivel do ensino secundário do Brasil. Em 1948, este rapaz que se projetou no cenário nacional, o Sr. Felipe Tiago Gomes, chegando a

Fonte: Instituto de Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, ano de 1959.

Imagem 19 - Ata nº 31 de 10 de julho de 1959. Folha nº 19.

| ATA Nº | | 31 DE 10 DE Julho | | DE 19 59 | | Fla. 19 | |
|--|--|-------------------|--|---------------|--|---------|--|
|  ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA FOLHA DE ATA | | RUBRIC | | 1º SECRETÁRIO | | | |
| | | | | 2º SECRETÁRIO | | | |
| <p>Campo Grande nos procurou e fundamos o ginásio Barão do Rio Branco que hoje é um dos melhores ginásios do Estado de Mato Grosso. O doutor Castro Pinto tomando conhecimento dessa campanha pediu para instalar em Bela Vista, um ginásio. Lá fomos e fundamos o Ginásio Bela Vista. Os professores eram militares, médicos, as Irmãs Vicentinas funcionárias do Banco do Brasil.</p> <p>O ginásio de Bela Vista se projetou no cenário nacional e foi motivo de discussão no Ministério de Educação, quando a Divisão do Ensino Secundário solicitou o seu fechamento, porque os seus professores não tinham feito exame de suficiência em Cuiabá. O Conselho Nacional de Educação disse que Bela Vista servia de exemplo para as outras cidades e, em vez do Ministério de Educação mandar fechar o ginásio, designou uma comissão para ir lá fazer o exame; mas, aconteceu que Aquidauana, Três Lagoas e Campo Grande pediram o exame de suficiência para seus professores e então se realizou em Campo Grande e o Ministério de Educação pagou as passagens dos professores de Bela Vista. Em Guia Lopes da Laguna já existe o terreno para o ginásio, um auxílio de mais de duzentos mil cruzeiros, donativo da população.</p> <p>Em 1957, a Campanha estava com 131 estabelecimentos e como nós vemos neste Diários de Notícias está com 252 estabelecimentos de ensino atualmente. Eu me ponho a disposição dos senhores deputados para prestar qualquer informação ou esclarecimento a respeito. Devo dizer que a diretoria da seção estadual que funciona em Campo Grande, está assim constituída: Presidente - Oliva Enciso; Vice Presidente - Abel Freire de Aragão; 1º Secretário - Raul Amelio Costa dos Reis Cleto; 2º Secretário - Maria José de Carvalho e Castro; Tesoureiro - Antonio Mendes Canale; Diretor Executivo - José Inacio Mulinari.</p> <p>Esta é a diretoria da seção estadual e podem ser fundados setores municipais onde houver necessidade e possibilidade de funcionamento de estabelecimento de ensino secundários.</p> <p>O sr. Edimir Moreira - Peço a palavra.</p> <p><u>O SR. PRESIDENTE</u> - Tem a palavra o nobre deputado - EDIMIR MOREIRA.</p> <p>O SR. EDIMIR MOREIRA - Sr. Presidente, Srs. Deputados:</p> <p>Pedi a palavra para falar em nome do Partido Social Progressista, do qual sou líder na Bancada desta Casa, para dar os votos de boas vindas, ao suplente da União Democrática Nacional, que hoje vem conosco comungar com os nossos trabalhos. É o Sr. Oscar Soares, um dos representantes do leste-matogrossense, e não poderíamos deixar de saudá-lo neste momento.</p> <p>Reitero os nossos votos, com a certeza de que S. Excia. nesta Casa, fará serviços em prol do Estado de Mato Grosso, e por isso, a Bancada do Partido Social Progressista, nesta oportunidade, quer transmitir a S. Excia. Deputado Oscar Soares, os votos de Boas Vindas conclamando-o trabalhar conosco pelo engrandecimento de Mato Grosso.</p> <p>O Sr. Reis Costa - Peço a palavra, Sr. Presidente.</p> <p><u>O SR. PRESIDENTE</u> - Com a palavra o nobre Deputado Reis Costa.</p> <p>O SR. REIS COSTA - Sr. Presidente, a nossa inscrição nesta parte de nossos trabalhos, foi exatamente para</p> | | | | | | | |

Fonte: Instituto de Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, ano de 1959.

As atas parlamentares de 1959 a 1963 mostraram a história da educação do estado com um quadro caótico, prédios em péssimas condições de funcionamento, falta de merenda escolar, em que os funcionários eram nomeados aleatoriamente por políticos, muitos professores leigos designados politicamente afetavam a estabilidade do professor considerado capacitado. Foram fechadas escolas, o analfabetismo imperava, e a população mais carente não tinha acesso às escolas devido aos custos educacionais e a distância geográfica, pois não havia transporte público, contextos denunciados pela oposição e pelo grupo do governo, levando-nos a entender o porquê do governo negligenciar em fornecer os dados à Oliva Enciso.

Na ata 11 de 20 de junho de 1962, folha 22 da ALMT foi transcrita uma denúncia de supostos “professores fantasmas”.

Imagem 20 - Ata 11 de 29 de junho de 1962, folha 22 da ALMT. Folha 06.

| | | | | | |
|------------------------|----|----|----|----------------|-------|
| ESTADO DE MATO GROSSO | | | | PRESIDENTE | |
| ASSEMBLEIA LEGISLATIVA | | | | 1.º SECRETÁRIO | |
| FOLHA DE ATA | | | | 2.º SECRETÁRIO | |
| DA Nº | 11 | DE | 20 | DE | JUNHO |
| | | | | DE | 19 62 |
| | | | | | FL 6 |

cópia vinte e dois professores no Grupo Pedro Gardes e nas escolas -
 rurais quarenta e quatro, perfazendo o total de sessenta e seis. No
 Governo passado haviam três contínuos e agora cinco contínuos.

Que é que se vê agora, sr. Presidente?

Sómente no Grupo Escolar Pedro Gardes que tinha no passado -
 Governo vinte e dois professores existem hoje quarenta e quatro. E -
 em todo município o total é de cento e trinta e cinco não incluindo-
 dezanove professoras do quadro suplementar. Premido pelos mandatos -
 de segurança concedido pela Justiça aos professores indevidamente de-
 mitidos o Senhor Fernando Corrêa tem criado escolas onde não há alu-
 nos, desrespeitando o dispositivo moralizador do Regulamento do Ensi-
 no que determina expressamente que o desdobramento de escolas no pe-
 ríodo letivo só poderá ser feito por solicitação do Inspetor Escolar
 demonstrando haver mais de cinquenta crianças em idade escolar.

O SR. VALDEVINO GUIMARÃES - (Aparte) - Acompanhando com mui-
 ta atenção o discurso de V. Excia. que traz à Casa, dados estatísti-
 cos e concretos da maneira com que o atual governo vem atuando no se-
 tor do ensino do nosso Estado. Quero declamar a V. Excia. e a Casa
 que enquanto se verifica no município de Varzea Grande um número ex-
 cessivo de professoras, com o fim exclusivo de apagar correligioná-
 rios do governo. É lamentável dissermos que em outras regiões do nos-
 so Estado, que em outros municípios como por exemplo os municípios -
 de Coxim e Rio Verde, onde tive a oportunidade de há pouco tempo vi-
 sitar vários núcleos coloniais que ali existe, onde existe grande nú-
 mero de crianças em idade escolar, e que ali, praticamente não exis-
 te escola, não existe, não existe prédio escolar, para que possam as
 famílias ali residente, verem seus filhos receberem a instrução pri-
 mária. V. Excia. Deputado Licínio Monteiro, está focalizando com -
 muita precisão, em momento oportuno, quando nós vimos à Tribuna des-
 ta Casa, para a difusão do ensino, especialmente na zona rural do -
 nosso Estado.

O SR. LICÍNIO MONTEIRO - Agradeço o aparte do nobre colega -
 Valdevino Guimarães. Assim, na ância de dar destino aos professores
 que sobram em grande número o Senhor Fernando Corrêa criou duas esco-
 las reunidas com as designações de "Pedro Gomes" e 1ª de Janeiro" e
 mais duas escolas rurais mixtas em Trairas e Jacaré, sendo que num -
 raio de um quilômetro na zona do Porto e do Capão de Negro existem -
 três escolas rurais mixtas e uma "escola reunida".

E onde estão os alunos para tantas escolas nas quais estão -
 encostados os protegidos do Governo?

Imagem 21 - Ata 11 de 20 de junho de 1962, folha 22 da ALMT. Folha 07.

| | | | | |
|---|------------|--|----------|------|
| ESTADO DE MATO GROSSO ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA FOLHA DE ATA | REPUBLICAS | <div style="text-align: right; margin-bottom: 5px;">PRESIDENTE _____</div> <div style="text-align: right; margin-bottom: 5px;">1º SECRETÁRIO _____</div> <div style="text-align: right; margin-bottom: 5px;">2º SECRETÁRIO _____</div> | | |
| 11 | DE 20 | DE JUNHO | DE 19 62 | FL 7 |

Que força moral tem o Senhor Governador para acusar graciosa-
mente o governo passadista passado de manter "professores fantasmas"?

Desejo declarar, para edificação desta Augusta Assembléia -
que a Professora MARIA JOANA DE SOUZA, até há pouco, cozinheira do -
Deputado Ubaldo Monteiro, lotada na Escola Rural Mixta da Barca Pên-
dulo, é agora cozinheira do Agente da Cruzeiro do Sul e nunca compe-
receu na referida Escola para dar a sua presença. Ainda agora o Se-
nhor Fernando Corrêa vem de criar um Curso de Admissão junto ao Giná-
sio de Varsea Grande, entretanto, vem funcionando, há vários anos um
Curso de Admissão junto ao Grupo Escolar Pedro Gardez. A simpática-
pequena Varsea Grande tem agora dois cursos de Admissão. Entretanto,
Senhor Presidente, o Ginásio de Varsea Grande, criado no Governo --
Ponce de Arruda, em decorrência do projeto que apresentei a esta As-
sembléia, já dispõe de verba para seu funcionamento no ano corrente,
porém o Governo não se interessou para que ele funcionasse neste a-
no. É para isso apresentei uma emenda a proposta do orçamento do -
corrente exercício concedendo a verba necessária para esse funciona-
mento e mesmo assim não foi levada em consideração pelo Senhor Fer-
nando Corrêa. É esse, senhor Presidente o quadro verdadeiro da ins-
trução no próspero município de Varsea Grande.

Diante dos fatos que estou enumerando para ciência desta -
Augusta Casa, é de perguntar-se com que autoridade com que força mo-
ral o Senhor Fernando Corrêa pode falar em "professores fantasmas",
que teriam existido no passado governo, na opinião suspetíssima de
S. Excia. e de seus assessores.

E para dar conhecimento aos senhores deputados quero nesta-
oportunidade lêr os nomes dos professores que existem no município-
de Varsea Grande.

Para que fique bem provado o número de professoras citarei-
no meu discurso os nomes e a lista do número de professoras .

GRUPO ESCOLAR PEDRO GARDEZ

| | | |
|-------------------------------|---------|---|
| 1 - Maria Francisca Barros | Diretor | P |
| 2 - Josefina Andreolina Silva | Prof. | M |
| 3 - Edith Arruda de Deus | " | K |
| 4 - Nadir de Oliveira | " | M |
| 5 - Elmas Gattass | " | J |
| 6 - Francel Monteiro | " | J |
| 7 - Maria Cosme da Silva | " | J |
| 8 - Maria Leite Marcoski | " | J |

Na referida ata os deputados consideravam professores fantasmas aqueles beneficiados dos vencimentos sem prestar trabalho às escolas, algo denominado pelo deputado Sebastião Cunha (PSD) como a “imoralidade na Educação”, umas dessas imoralidades era justamente o mando e o desmando por parte da política que sem qualquer critério nomeava e exonerava professores nas escolas. Esses contextos impulsionavam os deputados a elaborarem projetos para a construção e manutenção de escolas e dessa forma criaram projeto de lei para um dos concursos públicos ocasionando mudanças nas práticas educacionais.

A educação, enfim, as escolas passavam por um momento histórico impulsionado pelo nacionalismo, o amor à pátria e à bandeira, Mato Grosso estava em um momento pós- guerra, os homens reproduziam esse discurso que era perpassado aos educadores e educandos. Nesse mesmo ano 1959 o deputado Estadual Sebastião Cunha lançou um concurso de títulos, objetivando corrigir a questão de professores nomeados por políticos, Oliva Enciso se opôs a esse concurso alegando que muitos professores experientes na docência ficariam desempregados, porém votou a favor do concurso público.

Oliva Enciso teve participação ativa e buscou avanços para a Educação, na ata 99 da ALMT de 28 de setembro de 1959, folha 10, consta o projeto de lei nº 87/61 que objetivava conceder auxílio de 1.000.000.00 (um milhão de cruzeiros) para a construção do Ginásio Barão de Rio Branco⁹¹ em Campo Grande, o mesmo ginásio que na Ata 23 de 26 de junho de 1961, folha 12, apresentou um projeto que requeria 200.000.00 (duzentos mil cruzeiros) a fim de efetuar pagamento aos professores. Há trinta anos atrás esse projeto de 1.000.000.00 (um milhão de cruzeiros) designado para a Educação em Campo Grande era um projeto de imensa proporção, o suficiente para construir uma escola por completo.

O Ginásio Barão do Rio Branco era destinado aos trabalhadores e funcionou em uma sala anexa ao Grupo Escolar Joaquim Murtinho, no período noturno, até a inauguração do novo prédio do Colégio Estadual Campo-Grandense, em 1954. Ofereceu o primeiro ciclo do ensino secundário, o curso ginásial, em conjunto com cursos profissionalizantes, necessários à preparação profissional para o mercado de trabalho. (Nota de roda pé) (ASSIS E SILVA, 2015, p. 62).

Outro projeto no mesmo ano de 1961 também requeria auxílio ao Ginásio D. Aquino Corrêa em Cuiabá, o qual encontrava-se com sérias dificuldades de para seu funcionamento. Outro projeto de lei nº 91/61 que objetivou conceder auxílio de 1.000.000.00 (um milhão de

⁹¹ Pertencia à CNEC, e era coordenado pela Campanha dos Educandários da Comunidade mencionado na discussão sobre a representação da professora acima.

cruzeiros) para Escola Normal de Campo Grande, ambos aprovados pelos parlamentares, unanimemente. Para aquele momento histórico esses foram projetos de grande magnitude.

Notamos no discurso de Enciso uma preocupação com o conhecimento sobre as causas que discursara. Oliva Enciso mostra que era precavida, não abordava assuntos sem conhecimento prévio, além de procurar modelos e espelhar-se em experiências educacionais e administrativas que já estavam sendo aplicadas em outros estados da federação, sempre dizia: “a experiência alheia poupa tempo”, jargão constantemente repetido em seus depoimentos e documentos parlamentares.

Oliva Enciso foi autora da criação do Instituto de Previdência de Mato Grosso, associou-se a um grupo de parlamentares e fez parte da comissão especial que estudou documentos e buscou modelos em São Paulo e Rio Grande do Sul a fim de realizar estudos para a criação da lei da Previdência do Estado, quem apresentou o projeto foi Rosa Pires, um dos membros da comissão especial.

O SR. ROSA PIRES – [...]Nesse mesmo dia deu entrada nesta Casa requerimento de autoria da nobre deputada Oliva Enciso, solicitando uma Comissão para estudo das possibilidades de ser criado o Instituto de Previdência de Mato Grosso e pela Resolução 16/61, foi constituída a seguinte Comissão composta de sete senhores deputados a saber: Oliveira Lima, Garcia Leal, Edison Garcia, pela U.D.N, Vicente Vuolo, Rosa Pires pelo P.S.D., Alarico d’Ávila do P.T.B, e Alberto Monteiro do P.S.P. para estudar a possibilidade de ser criado o Instituto, concluindo pelo Projeto de Lei competente. (Ata 72, da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, de 24 de agosto de 1961, folha 25).

Oliva Enciso idealizara o projeto de criação do IPEMAT em 1961 o qual foi um projeto de grande referência para sua carreira política, sua imagem de política também está associada a essa ação. Ao entrevistar à superintendente da ALMT essa foi a primeira ação de Enciso mencionada pela mesma. Eis os objetivos do IPEMAT:

Parágrafo único – Na presente lei, o Instituto de Previdência do Estado de Mato Grosso, será designado por IPEMAT.

Artigo 2º - O IPEMAT tem por fim: a) assegurar: 1-aposentadoria aos funcionários públicos civis estaduais efetivos e interinos, extranumerários, serventuários da Justiça, funcionários nomeados pela Assembleia Legislativa e, nas condições adiante estabelecidas, aos municipais. 2- reforma nos militares estaduais, e, sob aquelas mesmas condições, aos bombeiros e guarda noturnos municipais. 3-pensão aos beneficiários dos contribuintes em geral e auxílio funeral. b) conceder: assistência médica e hospitalar aos segurados e seus beneficiários, na forma mencionada no capítulo “Disposições Gerais”, 2- empréstimos simples. 3- empréstimos hipotecários para a aquisição ou construção de casa para moradia própria. Artigo 3º - Poderá ainda o IPEMAT, realizar, acessoriamente, seguintes operações: a) seguros contra acidentes no trabalho, a operários estaduais e municipais. b) empecilho aos associados e seus beneficiários.

PARÁGRAFO ÚNICO- As operações constantes deste artigo terão planos e regulamentos especiais.

CAPÍTULO II- Das fontes de Receita – Artigo 4º - A receita do IPEMAT constituir-se-á pelas atribuições e rendas seguintes: - a) -uma contribuição mensal dos associados, correspondentes a 6(Seis) por cento da remuneração efetiva percebida e não excedente a cinco vezes o maior salário mínimo vigente no Estado. b) -uma contribuição do Estado e dos municípios quando for o caso. Idêntica a dos associados. [...]. (Ata 72 da Assembleia Legislativa de Mato Grosso de 24 de agosto de 1961 – folha 6).

Aos ler os termos e objetivos do projeto é possível perceber a sua importância para os funcionários públicos, os quais antes desse projeto não dispunham de atendimento e licenças remuneradas, não havia benefícios assegurados em lei, de fato constatamos a importância do IPEMAT aos funcionários públicos do estado. O projeto 405/61 que dispõe sobre a Previdência de Mato Grosso de autoria de Oliva Enciso e da comissão parlamentar foi aprovado no dia 06 de outubro de 1961 a constar na Ata 107 arquivada no Instituto de memórias de Mato Grosso na ALMT.

Após aprovado o projeto do IPEMAT dois deputados externaram em seus discursos reconhecimentos aos trabalhos de Oliva Enciso, um deles foi realizado pelo deputado Leal Garcia e outro pelo deputado Rosa Pires, ambos atribuíram a conquista aos esforços de Oliva Enciso, uma homenagem consta na Ata de nº108 da ALMT, de 07 de outubro de 1961, folha 08.

Nós já votamos o Estatuto dos Funcionários Públicos e agora vamos votar o Instituto de Previdência dos Funcionários Público e tudo isto se deve nobre deputado, não quero dizer de nós todos, mas se deve muito a deputada Oliva Enciso que dirigiu a comissão e tornou possível a votação do Instituto dos Funcionários e foi também a nobre deputada que trouxe de São Paulo os elementos de Campo Grande, que tornou possível redigir o projeto que a Casa apoia.

O Deputado Rosa Pires (PDB.) também expressa seu reconhecimento ao trabalho da Deputada:

[...] Presto também minha homenagem ao trabalho deputada Oliva Enciso e demais deputados componentes da comissão. Realmente foi uma feliz lembrança da nobre deputada em constituir uma comissão especial composta de deputados pertencentes à todas as bancadas [...]. (Ata de nº108 da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, de 07 de outubro de 1961, folha 08).

Na data da aprovação do projeto do IPEMAT Oliva Enciso não proferiu discurso, deixou que os fatos e os outros falassem por ela, uma postura modesta e peculiar que preservou durante a sua existência.

O projeto foi homologado pelo poder executivo no diário oficial de 28/10/61, que gera a Lei de nº 1.614 de 23/10/61 que criou o INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DE MATO GROSSO, assinado pelo governador de Mato Grosso Fernando Corrêa da Costa.

Após 42 anos de funcionamento o projeto do IPEMAT foi extinto pelo Decreto nº 1.122 de 12 de agosto de 2003, o texto da lei segundo o site da Secretaria de Fazenda do Estado de Mato Grosso- SEFAZ, dispõe sobre a extinção do IPEMAT publicado no diário oficial nº2 de 12 de agosto de 2003, assinado pelo governador de Mato Grosso Blairo Borges Maggi (2003 a 2010). No lugar do IPEMAT foi criado o MT SAÚDE administrado pela Secretaria de Administração - SAD. Na divisão do Estado em Mato Grosso do Sul essa instituição foi denominada PREVISUL que atualmente leva outro nome.

Outra atuação de Oliva Enciso está na tentativa de obter recurso para os abrigos para menores abandonados, o que nos remete ao discurso da mesma proferido no comício da campanha ao cargo de vereadora, ao anunciar seu empenho na: “EDUCAÇÃO E ASSISTENCIA SOCIAL, focando principalmente em crianças órfãs e abandonadas”. Porém na legislatura estadual seus projetos foram direcionados ao Orfanato Santa Teresinha todavia também demonstrou atenção à diversas instituições.

Resumimos todos os projetos que Oliva Enciso apresentou na Assembleia Legislativa em benefício de orfanatos e abrigos para crianças: Na ata 115 de 29 de outubro de 1959, consta Projeto nº 123/59 que concedeu auxílio de 150.000.00 (cento e cinquenta mil cruzeiros) ao Lar Santa Inês em Campo Grande, Projeto nº 125/59, que concedeu um auxílio de 150.000.00 (cento e cinquenta mil cruzeiros) ao Lar dos Menores Desamparados, também em Campo Grande, e na ata 56 de 05 de agosto de 1961, folha 07, apresenta o projeto nº 81/61 que concedeu auxílio de 200.000.00 (duzentos mil cruzeiros) ao Instituto Imaculada Conceição, em Campo Grande e na ata 99 de 28 de setembro de 1961, folha 10, está um dos Projetos de valores avantajados destinado à Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, apresentou o Projeto 90/61 de 600.000.00 (seiscentos mil cruzeiros) que concedeu subvenção anual à referida Sociedade. De acordo com os documentos parlamentares todos os projetos descritos receberam aprovação.

Notamos que Enciso discursou por diversas vezes e versou sobre diferentes assuntos. Quando afirmamos que versava discursos, é no sentido de dizer que ora apresentou projetos ora

aproveitou a discussão no parlamento e deu seu posicionamento e muitas vezes foi enérgica e desvelou conhecimento de causa.

Enciso realizou elogios e homenagens na tribuna, para ela essa era uma forma de reconhecer os méritos de pessoas que contribuíram de forma positiva seja com exemplos ou ações, para Weber (2011) elogios e honras fazem parte dos sentidos impressos na ideologia da própria política. Elogiou enfaticamente ao governador Fernando Corrêa da Costa revelando sua paternidade política presente no jogo da política, no qual Maquiavel (1973, p. 29) já aconselhava que os “homens prudentes devem assim escolher os caminhos já percorridos pelos grandes homens”. Oliva Enciso asseverava aos parentes e amigos que não era uma pessoa política, mas a estratégia discursiva para persuadir o outro estava presente na materialização do seu discurso.

Localizamos um dos discursos realizados antes da eleição para deputada estadual publicado no jornal Correio do Estado em 05 de outubro de 1955 no qual a nosso ver, mostrou a política partidária ideológica e apelativa.

Imagem 22 - Jornal Correio do Estado em 05 de outubro de 1955.

ATÉ AS SEIS HORAS DA MANHÃ DE HOJE RACHID DERZI GANHAVA EM TODO O ESTADO, SEGUNDO DADOS DO TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL, POR UMA MARGEM DE 36 VOTOS!

Correio do Estado

DIÁRIO VESPERTINO DE MAIOR CIRCULAÇÃO EM MATO GROSSO
 DIRETOR-PRESIDENTE: J. M. Fragelli DIRETOR-GERENTE: J. Barbosa Rodrigues
 ANO 11 | CAMPO GRANDE, Quarta-feira, 5 de outubro de 1955 | N. 471

Arruaceiros em ação no dia do pleito eleitoral

Forças do Exército, sem derramamento de sangue e sem violência mantiveram a ordem e o respeito à autoridade constituída

Campo Grande, na tarde de 3 de hoje corrente, quando se realizava o pleito eleitoral, esteve, por alguns momentos, sob a ameaça de ver a ordem perturbada por lamentável atitude de certos elementos populares que, sob as ordens de agitadores, desordeiros e arruaceiros, tentaram faltar ao respeito devido à autoridade, unicamente por que não puderam votar, por não constarem seus nomes das listas de votação.

Forças federais, da 9.ª R.M., convocadas, entraram em ação imediatamente sem que houvesse derramamento de sangue ou violência.

Os membros da nossa Redação, cumprindo patrioticamente a missão que lhes fôra confiada, achavam-se presos às mesas eleitorais, não sendo, pois, a eles permitido acompanhar o triste acontecimento, como reporteres.

Todavia, a fim de registrar o fato lamentável, damos a seguir, a estampa, o

artigo de nosso ilustre colaborador Dr. Wilson Barbosa Martins, intitulado «Agitações estêreis», no qual se encontra relatado o acontecido.

Antes, porém, congratulamo-nos com o Comando da 9.ª R.M. pela prestesa e bom senso com que os com-

ponentes das suas forças saubaram agir.

E' o seguinte o artigo do Dr. Wilson Barbosa Martins:

«Nas seções eleitorais, o pleito de ante-onitem transcorreu na mais perfeita ordem. Os partidos, representados pelas suas equipes de

fiscalização, se respeitaram, não surgindo sino um ou outro incidente de menor relevo. A tarde, porém, um magote de desordeiros, insuflados por cabos eleitorais inescrupulosos e chefes políticos irresponsáveis, se postou em frente ao cartório eleitoral

e, à viva força, queria obrigar o juiz a criar nova seção, com menosprezo da lei e das instruções expedidas para as eleições.

(Conclui na 2.ª página)

Final em Corumbá e Ladário

Estão terminadas as apurações em Corumbá e Ladário, sendo obtido o seguinte resultado:

| | |
|--------------------------|-------|
| Rachid | 4.097 |
| Ponce | 3.543 |
| Diferença pró Rachid 554 | |

DR. DEMÓSTENES MARTINS

A fim de cumprir o seu dever de cidadão, chegou anteontem a esta cidade, onde se topou em uma das seções eleitorais, o exmo. sr. Dr. Demóstenes Martins, digno Secretário da Agricultura do Estado.

A PALAVRA DA VEREADORA OLIVA ENCISO

Discurso pronunciado no comício de encerramento da campanha de Rachid e Octacilio, na noite de 30 de setembro último, na Praça da Liberdade, nesta cidade.

«Convidada para falar neste comício, pedi a Deus que me inspirasse o que deveria dizer àqueles que me honram com o seu voto. Àqueles que iriam me ouvir. E ao sair da minha Igreja, hoje, vi uma propaganda que me trouxe essa inspiração: "O Brasil será salvo pelo sinal da Cruz".

Meus patriotas, salvemos o Brasil com o sinal da cruz, traçando-o na cédula única, ao lado do nome de Juarez Távora, esse grande brasileiro que pautou a sua vida na doutrina cristã, traçando-a também ao lado do nome desse inimitável cidadão, que é Milton Campos.

Os inimigos de Cristo tudo estão fazendo para desviar esse sinal do nome de Juarez. E é de enriquecer pensar que muitos que se dizem cristãos irão traçar esse sinal, que lembra redenção, diante de outros nomes que absolutamente, não o merecem.

Os que são inimigos de Deus sabemos porque o fazem. Mas, os outros? O seu gesto é guiado pela falta de compreensão da grave situação nacional; pelo interesse pessoal que sufoca o interesse do nosso país, pela indiferença pela sorte dos seus irmãos, dos nossos patriotas.

O Brasil de Tiradentes, Caxias, Santos Dumont, Rio Branco e tantos outros que o elevaram ao conceito universal, é hoje um país fraco, desorganizado e desmoralizado, por culpa dos seus próprios filhos. Observar aqui com horror, o que nem entre os animais se vê: os filhos comeram a carne e beberam o sangue dos próprios pais.

O Brasil agrária, paralisado por brasileiros.

E quando aparece um brasileiro capaz de levantá-lo, as forças de, mal se unem, forças internas e externas, com o consentimento, a cooperação, daqueles que sabem que se a Cruz e redenção também ela simboliza a morte.

Sabiam os pais que levantaram as mãos para abençoar seus filhos, que no dia 3, com essas mesmas mãos traçariam o destino de seus filhos.

Se quiserem que eles vivam num país em que haja ordem, justiça social, oportunidade para todos prosperar e vencer honestamente, então traçam o Sinal da Cruz ao lado dos nomes de Juarez Távora e Milton Campos.

E quando forem dar o seu voto para Governador do Estado, pensem ainda em seus filhos e coloquem no envelope a cédula de Rachid Saldaña Derzi e Octacilio Faustino da Silva.

Já é sabido, provado e comprovado, que a maior fortuna que os pais podem deixar aos filhos, é a educação. E quem cuidou dela em nosso Estado? Somente Pedro Celestino e Fernando Corrêa da Costa. Tendo em vista a época, as facilidades e dificuldades que encontraram, ficaram às vezes indagando quem fez maior governo: o pai ou o filho?

O filho, projeta o Estado de Mato Grosso no cenário nacional, como nenhum outro o fez e ainda abriu e construiu escolas, concertou e abriu estradas, cuidou da produção, concertou as finanças do Estado, cuidou da saúde do povo, etc. Todos os Municípios de Mato Grosso foram beneficiados.

Tão grande é o seu governo que não é possível as suas contemporâneas avalliar-lhe o alcance.

Mato Grosso também era um doente quando ele entregaram. Ele o curou.

(Conclui na última página)

A instalação de modernas vias de comunicação em Campo Grande

PALPITANTE ENTREVISTA DO DR. HUMBERTO NEDER (Leia texto na 3.ª página)

Dourados não morreu!

Vitório Fedrizzi

Cateador de Dourados

Depois da onda de frio, a lógica descepo que tornou conta dos ânimos dos agricultores passado o primeiro susto, podemos observar mais objetivamente a situação criada pela geada.

Em nosso Município e em Mato Grosso, em geral, tivemos uma perda grande, não todavia chamar de calamidade. Irreparável esta ocorrência que veio dois anos depois de uma outra geada prejudicial à economia do País. Temos pelo menos um ano com safra reduzida, em particular nos Municípios do norte do Paraná; em Dourados a nossa esperança de colher com mil sacas (a primeira colheita de valor) caiu a zero.

Mas todos estes prejuízos, no quadro nacional, poderiam ser muito bem contrabalançados com uma exportação, pois as 24 milhões de sacas armazenadas anteriormente com a safra deste ano podem tranquilamente abastecer o mercado consumidor nos próximos dois anos.

A experiência de 1953 não devia permitir especulações loucas, permitindo-se, porém, não se fale em cé de sacrifícios, não sejamos contra a produção e a lavoua.

O Brasil ainda é um país agrícola e o café é a base da sua economia. Procuremos portanto produzir e muito, aprimorando a qualidade do produto, para termos mercados, melhores preços e preços estáveis. Devagar, entretanto, estudaremos um aumento de área para outras culturas para uma pecuária racional. É ridículo, num ano, pensar de transformar o País em produtor e exportador de trigo, carne, soja ou algodão. Ainda o Brasil é o maior produtor de café e poderá dominar o mercado mundial, defendendo-se da aumentada concorrência de outros países.

Os políticos, os economistas, os administradores, só-

(Conclui na última página)

RESULTADOS DAS APURAÇÕES

| 1.ª SEÇÃO | | VICE-PRESIDENTE | |
|----------------------|-----|----------------------|-----|
| Forum | | Milton: | 44 |
| Número de eleitores: | 300 | Jango: | 35 |
| Número de votantes: | 142 | Danton: | 11 |
| Votos anulados: | 4 | GOVERNADOR | |
| PRESIDENTE | | Rachid: | 68 |
| Juarez: | 35 | Ponce: | 42 |
| Adhemar: | 38 | VICE-GOVERNADOR | |
| Juscilino: | 65 | Octacilio: | 68 |
| Filho: | 0 | Vieira: | 49 |
| VICE-PRESIDENTE | | 3.ª SEÇÃO | |
| Milton: | 55 | Prefeitura Municipal | |
| Jango: | 64 | Número de eleitores: | 300 |
| Danton: | 10 | Número de votantes: | 117 |
| GOVERNADOR | | Votos anulados: | 2 |
| Rachid: | 62 | PRESIDENTE | |
| Ponce: | 73 | Juarez: | 38 |
| VICE-GOVERNADOR | | Adhemar: | 24 |
| Octacilio: | 62 | Juscilino: | 48 |
| Vieira: | 72 | Filho: | 0 |
| 2.ª SEÇÃO | | VICE-PRESIDENTE | |
| Forum | | Milton: | 57 |
| Número de eleitores: | 300 | Jango: | 48 |
| Número de votantes: | 122 | Danton: | 11 |
| Votos anulados: | 1 | GOVERNADOR | |
| PRESIDENTE | | Rachid: | 53 |
| Juarez: | 38 | Ponce: | 37 |
| Adhemar: | 47 | VICE-GOVERNADOR | |
| Juscilino: | 43 | Octacilio: | 53 |
| Filho: | 0 | Vieira: | 50 |

Resultados no ESTADO

CORUMBA, 4 — 16.30 horas (Do correspondente) — Resultado das 4 primeiras urnas apuradas: Rachid: 394; Octacilio, 389; Ponce, 289;

Vieira, 258; Frente geral pró Rachid: 124 votos. Podem-se prever uma vitória por 1.500 votos.

RIO BRILHANTE, 4 — 17

horas (Do correspondente) — A primeira urna aberta neste município apresenta o seguinte resultado: Rachid 117 votos; Ponce, 62; Juarez, 91;

Juscilino, 56; Adhemar, 22; Filho, 4; Milton Campos, 97; Jango, 88; Danton 12. Tulo indica nossa vitória aqui sem precedentes.

O Brasil agrária, paralisado por brasileiros.

(Conclui na última página)

Fonte: Acervo digital do Jornal Correio do Estado, Campo Grande, ano de 1955.

A PALAVRA DA VEREADORA OLIVA ENCISO

Discurso pronunciado no comício de encerramento da campanha de Rachid e Octacílio, na noite de setembro de último, na Praça da Liberdade, nesta cidade.

Convidada para falar neste comício, pedi a Deus que me inspirasse o que deveria dizer àqueles que me honraram com o seu voto, àqueles que iriam me ouvir. E ao sair da minha Igreja, hoje vi uma propaganda que me trouxe essa inspiração: “O Brasil será salvo pelo sinal da Cruz”.

Meus patrícios! Salvemos o Brasil com o sinal da cruz, traçando-os na cédula única ao lado do nome de Juarez Távora, esse grande brasileiro que pauta a sua vida na doutrina cristã; traçando-a também ao lado do nome desse inatacável cidadão que é Milton Campos.

Os inimigos de Cristo tudo estão fazendo para desviar esse sinal do nome de Juarez. E é de entristecer pensar que muitos que se dizem cristãos irão traçar esse sinal, que lembra redenção, diante de outros nomes que absolutamente, não o merecem.

Os que são inimigos de Deus, sabemos porque o fazem. Mas, os outros? O seu gesto é guiado pela falta de compreensão da grave situação nacional; pelo interesse que sufoca o interesse do nosso país, pela indiferença pela sorte dos seus irmãos, dos nossos patrícios.

O Brasil de Tiradentes, Caxias, Santos Dumont, Rio Branco e tantos outros que o elevaram no conceito universal, é hoje um país fraco, desorganizado, desmoralizado, por culpa dos seus próprios filhos. Observa-se aqui com horror, o que nem entre os animais se vê; os filhos comerem a carne e beberem o sangue dos próprios pais.

O Brasil agoniza parasitado por brasileiros.

E quando aparece um brasileiro capaz de levantá-lo, as forças do mal se unem, forças internas e externas, com o consentimento, a cooperação daqueles que sabem que se a Cruz é redenção, também ela simboliza a morte.

Saibam os pais que levantam as mãos para abençoar seus filhos, que no dia 03, com essas mesmas mãos traçarão o destino de seus filhos.

Se quiserem que eles vivam num país em que haja ordem, justiça social, oportunidade para todos prosperar e vencer honestamente, então tracem o sinal da Cruz ao lado dos nomes de Juarez Távora e Milton Campos.

E quando forem dar o seu voto para Governador do Estado, pensem ainda em seus filhos e coloquem no envelope a cédula de Rachid Saldanha Derzi e Octacílio Faustino da Silva.

Já é sabido, provado e comprovado, que a maior fortuna que os pais podem deixar aos filhos, é a educação. E quem cuidou dela em prol do Estado? Somente Pedro Celestino e Fernando Corrêa da Costa. Tendo em vista a época, as facilidades e dificuldades que encontraram, ficamos às vezes indagando quem fez maior governo: o pai ou o filho? O filho projeta o Estado de Mato Grosso no cenário nacional, como nenhum outro o fez e ainda abriu e construiu escolas, consertou e abriu estradas, cuidou da produção, consertou as finanças do Estado, cuidou da saúde do povo, etc. Todos os Municípios de Mato Grosso foram beneficiados.

Tão grande é o seu governo que não é possível aos seus conterrâneos avaliar-lhe o alcance.

Mato Grosso também era um doente quando lhe entregaram. Ele o encaminhou, viu o que era preciso fazer. Tratou de ligá-lo mais e melhor ao grande Estado Bandeirante e daí surgem as célebres Comissões dos vales do Paraná, Uruguai, etc., que trarão resultados inúmeros não só a Mato Grosso, mas a uma grande região do país.

Vemos no Dr. Rachid Saldanha Derzi o continuado: de Dr. Fernando Corrêa da Costa. O seu adversário também já teve o destino de Mato Grosso em suas mãos durante uns 15 anos. E o que fez? O seu maior erro, no meu ponto de vista foi fechar as Escolas Normais do Estado. Enquanto outras unidades da Federação abriram e aperfeiçoavam suas Escolas Normais, ele nos disse, quando o procuramos pedindo para reabrir a Escola Normal das Irmãs de Campo Grande, que o Governo de Mato Grosso não cogitava disso. E durante 7 anos Mato Grosso esteve com as Escolas fechadas, como

se elas fossem perniciosas à sociedade mato-grossense! Como se ela não fossem o fator mais importante do processo, da cultura, da elevação moral de uma sociedade. Meus patrícios, cada uma dá o que tem. Vamos colocar o General Juarez da República e Rachid Derzi, no Governo do Estado e teremos no país e no Estado; dignidade, justiça, trabalho, bem estar e felicidade para a nossa pátria gente.

Oliva Enciso apresenta-se persuasiva ao pedir votos para seu grupo político, há um teor apelativo em suas palavras, misturando elementos da fé à decisão de votar dos eleitores. A partir desse discurso, nota-se uma mulher extremamente interpelada pela política.

O público que Enciso referia-se no discurso mencionado é o da igreja que na maioria são pessoas subservientes ao temor de Deus, esse temor é usado para influenciar as escolhas dos eleitores. No referido discurso entende-se que ela sabia jogar o jogo político valendo-se de estratégias discursivas para convencer os eleitores. Não é possível afirmar se ela tinha a tomada de consciência dessa persuasão, porém diante do seu discurso percebe-se que estava valendo tudo no jogo político, até mesmo apelar para a fé.

Nas atas parlamentares Oliva Enciso por diversas vezes reverberou um discurso extremamente técnico, as atas mostram que seus discursos apontavam para uma parlamentar leitora e observadora do desenvolvimento econômico, educacional e político do Brasil e do mundo.

Um dos discursos enfáticos de Oliva Enciso foi quando posicionou-se contra um possível acordo de Roboré, que tratava-se da concessão de terras brasileiras para a Bolívia. Enciso asseverou na tribuna: “será considerado traidor da pátria aquele que assinar o acordo de Roboré”⁹², assim pede a todas as Assembleia do país que protestem contra o acordo, pois visa diminuir um pedaço do solo mato-grossense. O referido acordo não foi assinado.

Oliva Enciso versou sobre construção de estradas de rodagem em Aquidauana-MT a Campo Grande-MT, Bonito-MT e Miranda-MT⁹³. Ela solicitou a construção da estrada Brasília a Cuiabá e mostrou a sua preocupação com a questão da mortandade infantil em Rondonópolis-MT que era associada à qualidade da água da população, assim pediu providências ao governo. Oliva Enciso usou a tribuna para demonstrar apoio ao projeto do deputado Valdivino Guimarães apoiando a construção de uma estação no Noroeste do Brasil. Apresentou projeto junto a outros parlamentares pela construção de ponte sobre o Ribeirão Campo Alegre, região de Mato Grosso Uno.

⁹² Ata nº 24 da Assembleia Legislativa de Mato Grosso de 01 de julho de 1959, folha 12.

⁹³ Essas cidades pertenciam ao antigo Mato Grosso antes da divisa em 1977.

Na ata 162 de 12 de dezembro de 1961, folha 19 apresentou o projeto 631/61 que objetivou conceder 168.000.00 (cento e sessenta e oito mil cruzeiros) para a Associação de proteção à Assistência à maternidade e a Infância de Nioaque-MT que fortaleceria o atendimento às questões de saúde pública.

Em outras atas a parlamentar percebeu os problemas da situação da colônia de Itá e elaborou requerimento solicitando dados desse povoado. Em um dos seus discursos requereu ambulatório para as cidades de Itiquira-MT e Ponte Branca-MT. Na ata nº 21 da ALMT de 24 de junho de 1960, folha 01 desvela-se sensibilizada com a situação das crianças que perdiam sua infância nas usinas de cana de Mato Grosso, porém não propôs ações, apenas demonstrou estar atenta ao problema.

Sua fé a movia e mesmo em tempos de política não a abandonou, pois na ata 126 de 23 de outubro de 19, folha 3 Oliva Enciso pede isenção de imposto para as igrejas católicas, usou a política em favor dos seu grupo ideológico.

Segundo a Superintendente da Assembleia Legislativa Ísis Catarina a Assembleia funciona com projetos que vão à votação e todos os políticos buscam fortalecerem-se atraindo mais políticos para os apoiarem suas ideias. Sendo assim, na maioria desses projetos elencados acima Oliva Enciso buscou apoio e voto aos projetos de seu interesse, pois seguramente sem esse apoio o projeto sofreria veto na primeira discussão.⁹⁴

Desde a primeira ata parlamentar foi possível perceber a posição de Oliva Enciso frente ao parlamento, replicou com parlamentares do seu partido União Democrática Nacional e com os outros deputados da oposição, foi pressionada, teve projetos aprovados e vetados, estava no jogo da política como afirmou Weber (2011) e quando seu partido não aprovava projetos e não compareciam nas seções, ela acompanhava as orientações do partido e comportava-se como os demais.

Weber (2011) afirma que existem dois tipos de político: os *políticos profissionais* que vive “para” política e “da” política. O político que vive “para” a política é aquele que encontra forma de gozo na simples posse do poder, encontrando na política equilíbrio interno a qual exprime um valor pessoal, colocando-se a serviço de uma “causa” e vive dela, o mesmo deve ser economicamente independente, deve possuir fortuna pessoal, é o poder pelo poder.

Outro tipo de político que vive “da” política o qual não possui recursos materiais para esse fim, sua atuação funde-se com uma luta de classe, vê na política renda para si, para esse

⁹⁴ Informações cedida pela Superintendente Isis Catarina Martins Brandão superintendente da ALMT.

tipo ser político, a política é o meio de acesso às portas da fortuna. Pobres, ricos e grandes intelectuais se misturam nessa escalada ao poder.

Diante do exposto, no presente século, a política funciona em partes nas mesmas perspectivas discutidas por Max Weber (2011). Atualmente o político pode ser um proletário, desde que existam financiadores de campanha será possível qualquer pessoa acender ao poder. Oliva Enciso não se enquadra na política que ostentava o poder, a política não fora seu valor pessoal.

Oliva Enciso entrou e saiu da política afirmando que “não era política”, e de fato se atentarmos para a ótica descrita por Weber (2011) ela não viveu “para” a política e nem “da” política, pelo contrário participou daquele espaço, sabia das tramas internas e quando teve a oportunidade colocou em evidência suas motivações, não perdeu o foco daquilo que acreditava.

O discurso da democracia emergem nas afirmativas de Enciso.

A Sra. Oliva Enciso – (aparte) – Fico encantada por ver o nosso regime democrático, em que, apesar de todas suas falhas, temos uma tribuna para falar. Mesmo deficiente, é esse regime que nos serve. E, como deputados, devemos, cada vez mais, aperfeiçoá-lo, elevando o legislativo mato-grossense. Não vejo motivos, não há motivos para fecharmos a Assembleia. Ao contrário, devemos lutar para que o povo saiba escolher os seus representantes, e esses representantes tenham capacidade e liberdade para virem à tribuna reivindicar seus direitos. (Ata nº03 da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, de 14 de junho de 1962, folha 10).

Oliva Enciso valorizou o espaço do diálogo na Assembleia, não apresentou um discurso ingênuo e tolo, era politizada.

Em um dos discursos uma contenda entre os deputados e Oliva Enciso toma parte da conversa e desvela entender os termos da política partidária.

O Sr. Wilson Pinho – (Aparte com permissão do orador) – Quero dizer ao nobre deputado líder da bancada da União Democrática Nacional que qualquer atitude por mim tomada ou tomar por mim nesta Casa, jamais será em virtude de instigação a revelia, isto porque não sou tão ingênuo assim, pois como deputado mesmo da situação, posso tomar atitudes que melhor caiba na minha consciência. [...]
A Sra. Oliva Enciso – (Aparte com permissão do orador). Apenas para dizer que admiro a atitude e a maneira com que dirige o deputado Wilson Pinho os nossos trabalhos legislativos, a independência como deputado, porque a filiação partidária vai até ao ponto em que as determinações do Partido não vão contra os ditames das consciências. (Ata nº 76 da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, de 14 de setembro de 1959, folha 16).

Enciso compreendia que estava no meio de um jogo político em uma luta de intenções e que as posições e opiniões nem sempre são justas, notamos na disputa de opiniões que o presidente da casa Wilson Pinheiro (PSD) discutia com um membro da bancada da UDN, uma

espécie de guerra de opiniões opostas, onde a ética, segundo Weber (2011) não encontra repouso na casa de leis. Na tribuna valia o entendimento de cada um sobre o que é certo ou errado, isso é política partidária e Oliva Enciso compreendia perfeitamente as nuances daquele espaço.

Esse mesmo deputado Wilson Pinho do (PSD) registrou que via em Oliva Enciso “um espírito de luta” e realmente ela não foi silenciada e nem silenciou-se no espaço masculino do parlamento. O deputado Leal Garcia (UDN) também reconhece que a mesma tinha um conhecimento profundo sobre Educação.

No Jornal do Comércio (1962) o artigo “Oliva Enciso-Para Deputada Estadual” na matéria sem assinatura do jornalista conta o seguinte apelo:

OLIVA ENCISO candidata-se à reeleição para o cargo de DEPUTADO ESTADUAL, atendendo à solicitação de amigos e com a convicção de que ninguém tem direito de se furtar a colaborar em benefício da coletividade a que pertence [...]
Como Deputada, vem desempenhando o seu mandato com a dignidade que sempre caracterizou a sua vida, sem ambições de glória ou de fortuna, interessando-se vivamente pela solução dos problemas da educação, saúde e assistência social, principalmente, em todo o Estado de Mato Grosso. À sua ação e idealismo devem, os funcionários públicos estaduais[...] O que já fez por Campo Grande e por Mato Grosso, antes de ser Deputada, é garantia do que ainda poderá fazer. MERECE SER ELEITA. (Jornal do Comércio, ano 42, folha 01 e 02, nº 9.182 de 11 de agosto de 1962).

Pelo ano do referido jornal Oliva Enciso concorreu à reeleição para uma cadeira na Assembleia, porém não foi reeleita, encerrou sua participação no parlamento em 1963.

Weber (2011, p. 132) grafou “as alegrias íntimas da carreira política está no sentimento de obter poder”, talvez essa busca pelo poder não se enquadre na história de Oliva Enciso, a política foi um meio para buscar formas para desenvolver sua cidade e auxiliar aos pobres, isso ficou evidente nos discursos. Enciso não deixou a política mudar seu comportamento não comportou-se enquanto “poderosa” e nem “narcisista”, conceituações estas sobre “o homem político” descritos também por Weber (2011).

Sobre os prestígios do cargo observamos que Oliva Enciso valeu-se deles, se considerarmos que era amiga de políticos, amizades iniciadas com a família do Interventor Coronel Antonino Mena Gonçalves que a indicou em 1930 para a prefeitura de Campo Grande. Tais amizades lhe possibilitaram cargos administrativos na esfera municipal ao ser nomeada para ser secretária e inspetora de escola e, segundo (ROSA *apud* ASSIS e SILVA, 2015, p.66) “Quando alguém era escolhido para presidir a direção ou a secretaria de algum órgão era como se evidenciasse seus ciclos de relação social, em 1950, diretor é cargo de confiança do Governo,

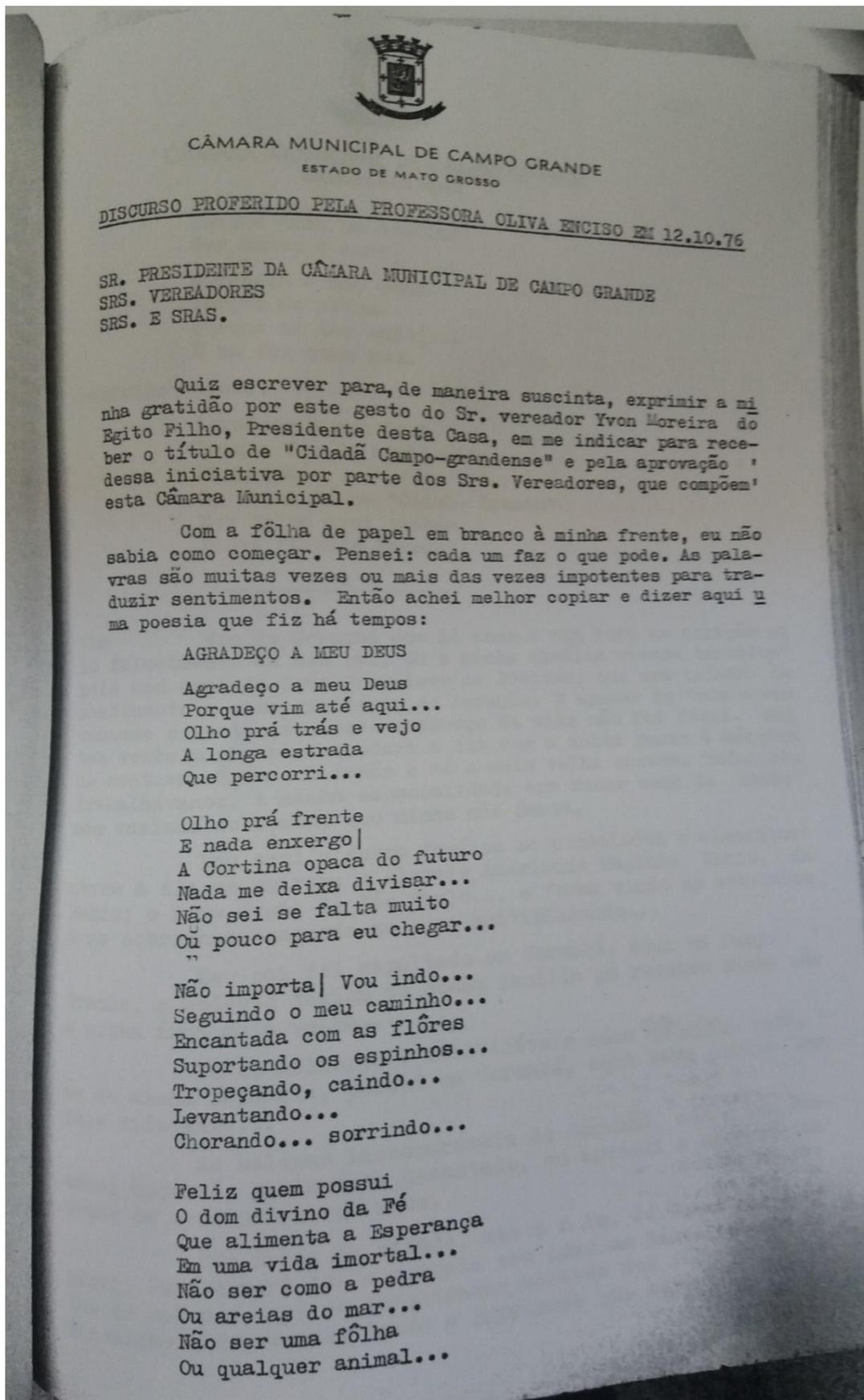
só ele pode escolher”, ou seja Oliva Enciso gozou da confiança governamental que lhe conferia a possibilidade de trabalhar junto a administração em órgãos públicos em Campo Grande.

Para Rosa (1999, p. 248) Oliva Enciso era paciente “com a paciência nascida da determinação, esperava horas diante da sala dos poderosos, tecendo lindos trabalhos em crochê. Cada ponto era uma barreira vencida contra o analfabetismo, a ignorância”, essa insistência e paciência surgiu nos depoimento daqueles que viviam próximos a ela. Oliva Enciso tinha uma personalidade sisuda, mas era compreensiva. Na legislatura os documentos apontam que Oliva Enciso foi uma mulher de uma personalidade que não titubeou.

A atuação parlamentar de Oliva Enciso enquanto vereadora por Campo Grande ou enquanto deputada estadual está registrada na memória histórica e o reconhecimento é notado através das diversas homenagens no estado. Os espaços do plenário da Câmara dos vereadores de Campo Grande e a Sala da Mulher na Assembleia Legislativa possuem o nome “Oliva Enciso”.

Campo Grande recebeu Oliva Enciso como cidadã campo-grandense pela resolução nº 174 em um ato solene lavrado na ata nº 2201 na Câmara Municipal de Campo Grande em reunião presidida por Yvon Moreira do Egito Filho, no dia 12 de outubro de 1976.

Imagem 23 – Foto da Ata parlamentar de 1976 – Discurso Oliva Enciso.





-02-

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO

Porque traz um destino:
Ser amado e amar |

Agradeço a meu Deus
Porque me criou
Porque me deu tudo |...
E me fez como sou.

Completo: agora:

Agradeço a meu Deus
Porque fez da minha vida
Um poema |...
Se nasci lá na "Cidade Branca"
Sou filha aqui também
Desta "Cidade Morena".

x

Vim de Corumbá com 14 anos e com luto no coração pelo falecimento do meu pai. Eu e minha família viemos trazidos pelo meu cunhado João Francisco de Freitas, que era baiano de nascimento e campograndense de coração. E apesar de toda a sua vontade e dedicação, esse recomeço da vida não foi fácil. Muitas vezes minha mãe emendava o dia com a noite junto à máquina de costura. Éramos 7 irmãs e só a mais velha casada. Todas nós trabalhávamos. A minha especialidade era fazer casa de botão nas camisas de homem, que minha mãe fazia.

Mas aqui a nossa família se consolidou e elementos novos a ela se uniram: o Aloysio Americano Magiano Pinto, da Bahia; o Afro Puga, de São Paulo... e foram vindo os sobrinhos e as sobrinhas, casando-se e se multiplicando...

Meu pai foi sepultado em Corumbá. Aqui em Campo Grande, o modesto jazigo de nossa família já recebeu minha mãe e minha irmã mais velha...

Se os melhores e inolvidáveis anos de minha vida, os de minha infância, passei em Corumbá, aqui teve início uma fase diferente...

As belezas incomparáveis de Corumbá, com o seu Pantanal hoje tão justamente decantado, eu aprendi a apreciá-las desde os meus primeiros anos.

Não nasci na cidade, mas a 6 Km. de Corumbá, no Taquari. Para chegar lá, a estrada era como um túnel, em que a luz do sol e o luar se infiltravam através das folhas das árvores altas e frondosas, dando a impressão que estava coberta de



-03-

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO

tapete estampado. E as flôres... as parasitas - orquídeas sil-
vestres - a se confundirem com as aves de penas coloridas ...
Havia um córrego de água cristalina perto da nossa casa, que
era de palha... e uma criação de marrecos de penas de várias
côres, de incrível beleza. Ao longe o recorte azul dos mor-
ros do Urucum... E o rio Paraguai | o por do sol em Corumbá...
a deslumbrar pintores e poetas... As flôres flutuantes... os
camelotes brancos e lilazes, que Ulisses Serra immortalizou no
seu livro: Camelotes e Guavirais...

Nada disso encontrei em Campo Grande.

Num domingo à noite, aqui, lendo uns versos de Álvaro
Moreira, num suplemento do Correio da Manhã, do Rio, dis-
se a uma de minhas irmãs, prêsa como eu em casa, por forte
gripe: - Versos assim, também faço.

O Sr. João Tessitore, no Instituto Pestalozzi, ha-
via nos ensinado o que era métrica, rima... Mas ali, naqueles
versos, não havia nada disso. Escrevi uns versos soltos e li
para minha irmã, muito mais criança do que eu e sua aprecia-
ção veio rápida e espontânea: - "Horrrível!".

Resolvi fazer um soneto, sem ainda saber que era o
caminho mais difícil que eu estava escolhendo... Nada | Falta
va motivação... Mas eu estava resolvida a fazer versos e me
lembrei do acróstico. Escrevi em linha vertical - CAMPO GRAN
DE - e fui preenchendo... Saiu assim:

Caso estranho | ... Tens pouca beleza natural...
A monotonia vive em teus horizontes...
Matas não tens, nem rios, nem fontes...
Poeira | Só poeira que irrita e faz mal...
O que tens de notável afinal?

Gosto porém de ti, imensamente |
Razão por que não pude descobrir...
A beleza que me encanta
daqui está ausente...
Nada | Mas dizem que atraís...
Deves ser como essas moças feias
Essas que quando entram em uma vida
não a deixam mais |

O Dr. Arlindo de Andrade Gomes viu esse acróstico
em cima da minha mesa na Prefeitura e o levou para publicar.
Deu um barulho mais tarde | ... Mas escrevi também parece que
no ano seguinte: O CÉU DE CAMPO GRANDE

O mais hábil pintor
O mais sublime artista



-04-

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO

Não poderia imitar
No combinar das cores
O céu de Campo Grande
Que nos encanta a vista
E tanto nos deslumbra
Com tantos esplendores |

Quando o sol vem surgindo
No róseo levante
O ar tão puro e fresco
Espalha alegria
E a cidade desperta
De vida estuante |
Impressiona-nos vê-la
Nessas horas do dia.

À tarde, o movimento
De vagar vai sumindo...
Enquanto no poente
As nuvens multicores
Na tela azul do céu
Têm o matiz mais lindo |

Quando a lua ilumina
Estas altiplanuras
Ou as estrelas clareiam
O azul infinito
Nosso olhar deixa a terra
E se volta às alturas.

x

Tudo o que as circunstâncias da minha vida me ensinaram e me possibilitaram fazer, está longe de retribuir a Campo Grande, o que Campo Grande, eu e minha família recebemos.

Se os despreocupados e felizes anos da minha infância os passei em Corumbá, aqui vivi a minha juventude. Embora o passar dos dias venha embranquecendo os meus cabelos e querendo-me envelhecer, sinto-me ainda com a mesma disposição, o mesmo entusiasmo de viver e de servir, para poder dar ao menos um pouco do muito que recebi.

Aqui terminei o curso primário, fiz o secundário e o superior e vários cursos que surgiram no meu caminho.

Aqui me tornei funcionária municipal e quando o meu nome apareceu na relação dos candidatos a Vereador, em 1954, recebi a 1ª demonstração de confiança de grande parte do eleitorado campo-grandense que mais tarde, em 1959, me levou à



-05-

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO

Assembléia Legislativa, fazendo de mim a 1ª e única mulher até agora, a ocupar o cargo de Deputado Estadual de Mato Grosso. Como retribuir tudo isso?

x

Srs., justamente neste ponto de interrogação em que parei, recebi um telefonema do Cap. José Dorilêo de Pina, dizendo que para não prolongar tanto esta cerimônia, ele, o Prof. Virgílio e o Prof. Nagib acharam melhor que eu só falasse em nome deles também. - Eu? | "Sim. A Sra...."
- Mas e demais | - respondi.
- Foi pensamento de nós três homenagearmos também assim a Sra.

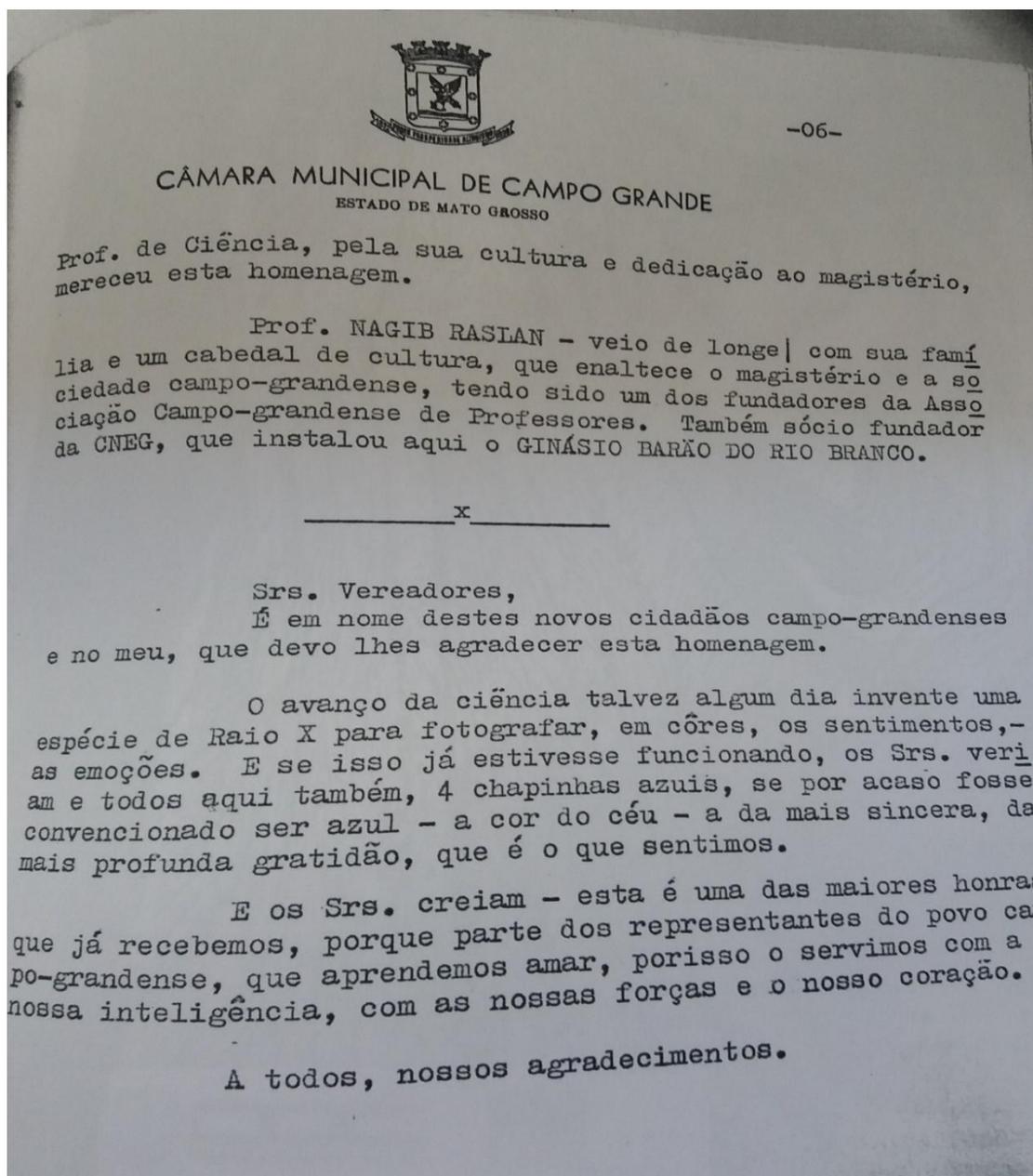
Quando vi no Convite o nome dos três, fiquei aliviada, pensando: não preciso falar muito. Vou resumir e vou ou vir... E agora? - Homenagem? - Não é bem uma covardia, perdome-me, é uma dificuldade, bem difícil, agradecer com palavras, uma homenagem, esta sim | desta Câmara, que representa o povo de Campo Grande, desta Campo Grande que os Srs. escolheram para aqui viver, com suas famílias, trazendo o seu cabedal de cultura no cofre do seu coração.

Acharam, e penso que se enganaram, que eu poderia, porque as mulheres sabem escolher melhor as palavras que saem do coração, - dizer aos Srs. Vereadores, quanto este seu gesto tocou fundo em nosso ser e como repercutiu no seio de 'nossas famílias, que conhecem a nossa vida, no que ela teve de luzes e de sombras, de amarguras e de alegrias, de fracassos e sucessos.

Hoje é o DIA DA CRIANÇA e estamos na SEMANA DO PROFESSOR. A escolha deste dia, é um acréscimo a esta homenagem, que jamais esqueceremos, porque somos professores. E aqui nos encontramos:

Cap. JOSÉ DORILÊO DE PINA também é professor. Se não, não estaria exercendo o cargo de Chefe do Setor Regional da C.N.A.E. em Campo Grande, confiado pelo Ministério de Educação e Cultura, a Professor. E como exerce esse cargo, o Cap. Dorilêo | A sua eficiência, a sua atenção, a sua pontualidade são por todos nós, Diretores de Escolas, conhecidas.

Prof. VIRGÍLIO ALVES DE CAMPOS, com seus pais e 'seus irmãos, entre eles o Dr. Pery Alves de Campos - o fundador da BIBLIOTECA MUNICIPAL - veio também enriquecer, com seu valor humano, a sociedade campo-grandense. O Prof. Virgílio,



Fonte: Câmara Municipal de Campo Grande

Na referida ata parlamentar registra um ato político que demonstra o quanto Oliva Enciso foi importante para Mato Grosso do Sul.

Gostaríamos muito de ter encontrado alguns depoentes para evocarem as memórias de Oliva Enciso na política, porém o tempo não parou e as testemunhas oculares também faleceram, diante do exposto os documentos foram nossa maior evidência das ações de Oliva Enciso no parlamento.

Por fim, reitera-se que a participação de Oliva Enciso no espaço político masculino tanto na Câmara Municipal de Campo como na Assembleia Legislativa de Mato Grosso que era sagrado na perspectiva de Michele Perrot (1998) foi um marco histórico para a trajetória da mulher mato-grossense.

A participação de Oliva Enciso nos dois parlamentos não teve a conotação de apenas estar, mas de opinar, interferir, discordar e concordar também. A participação de Enciso nos oito anos na política partidária corrobora a nosso ver com conceito do termo participar de Tabak e Toscano (1982).

O conceito de participar é aqui usado para designar uma ação que não se esgota na simples presença física, mas que se exercita no desempenho de papéis sociais e no cumprimento de determinadas funções que refletem a vontade de pertencer a um grupo ou instituição e de nele ingressar-se como parte do todo. O termo toma, pois, um sentido de ação e engajamento, e é destino, nesta medida, da simples participação como presença, como estado ou situação de quem faz parte de uma totalidade, mas disso tem consciência [...]. (TABAK e TOSCANO, 1982, p.59).

As ações de Oliva Enciso não esgotaram-se com o fim de sua presença física, pois no campo historiográfico tais ações como a criação do Instituto de Previdência dos Servidores Públicos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, enquanto houver funcionários públicos estaduais nos dois estados essa ação continuará a beneficiá-los.

4.3 A despedida de Oliva Enciso

[...] A compreensão das coisas históricas e políticas, pelo facto de elas serem profunda e decisivamente humanas, tem qualquer que se parece com a compreensão de outra pessoa: aquilo que alguém *é*, só o podemos compreender depois de sua morte. Tal é a verdade do antigo adágio: *nenō ante mortem beattus esse dicipotes*⁹⁵. Para os mortais, o definitivo e o eterno só depois da morte começa. (ARENDRT, 2000, p. 233).

No dia 30 de junho de 2005 os jornais trouxeram a manchete Oliva Enciso se despede definitivamente de Campo Grande rumo a eternidade e durante o velório não faltaram pessoas para dizer-lhe adeus.

Ao revermos a gravação do noticiário cedido pela TV Morena foi perceptível o reconhecimento e a comoção dos entrevistados. Um dos entrevistados foi senhor Jorge Zahran⁹⁶ visivelmente emocionado destacou que Oliva Enciso “Foi uma mulher excepcional sobre todos os pontos de vista a ela se deve a primeira escola do SESI aqui, ela foi buscar o apoio dos

⁹⁵ De ninguém pode dizer-se que é feliz antes de ter morrido(N.T).

⁹⁶Donos do grupo TV MORENA, um empresário influente no Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

industriais no Rio de Janeiro e montou o SESI aqui em Campo Grande”. A gravação⁹⁷ mostra que entre os que compareceram ao velório estiveram ex-prefeitos, ex-senadores e escritores do Estado de Mato Grosso.

Oliva Enciso faleceu aos 96 anos de idade viveu por quase um século e durante esse percurso tornou-se uma personalidade em Campo Grande, além de tornar-se “imortal” já que pertenceu a Academia Sul Mato-grossense de Letras, para a história sua a imortalidade residirá nos trabalhos e nas ações que realizou.

Porém a morte é uma realidade como assinalou Viorst (1988):

Nossa existência é finita. O eu que criamos em tantos anos de esforço e sofrimento morrerá. E por mais que nos apoiemos na ideia, na esperança, na certeza de que uma parte de nós viverá para sempre, temos que reconhecer também que esse “eu” que respira, ama e trabalha, que conhece a si mesmo, será obliterado para sempre...para todo o sempre”. VIORST (1988, p. 331).

Farinatti (2002, p. 130) assinalou que “o processo de envelhecimento seria, do nascimento até a morte, geneticamente programado”, ou seja, não somos eternos, nascemos, envelhecemos e morremos.

O anúncio da morte de Oliva Enciso chegou a Campo Grande pelos meios de comunicação.

⁹⁷Gravação concedida à pesquisadora da referida dissertação pela diretoria da TV Morena em julho de 2017.

Imagem 24 – Anúncio da morte de Oliva Enciso nos meios de Comunicação em Campo Grande



Fonte: Recorte de Jornal localizado no Arquivo Público Municipal de Campo Grande

A 1ª vereadora e deputada estadual pelo MT uno morreu aos 96, deixando uma vida marcada por realizações nas áreas educacional e política.

MORRE A PROFESSORA OLIVA ENCISO
Daniella Arruda

Primeira mulher eleita vereadora de Campo Grande e deputada estadual pela Mato Grosso uno, faleceu ontem, aos 96 anos de idade, a professora e escritora corumbaense Oliva Enciso. Familiares, autoridades, amigos, alunos do Colégio CNEC, que leva seu nome e também a Assembleia Legislativa, por meio de moção de pesar apresentada pelo deputado estadual Pedro Teruel (PT), durante a sessão legislativa de ontem, além de vereadores da Câmara Municipal de Campo Grande prestaram as últimas homenagens à grande educadora, que também teve influente atuação política, literária e assistencial no Estado.

Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Oliva Enciso ajudou a fundar há 65 anos, a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, instituição que atende até os dias de hoje crianças carentes na Capital. O corpo da professora e escritora foi sepultado no fim da tarde no Cemitério Santo Antônio.

Segundo informações de familiares, a professora Oliva Enciso estava com a saúde debilitada desde o início do mês e depois de passar seis dias hospitalizada no Proncor, voltou a ser internada anteontem à noite no Centro Respiratório Procardio, com quadro de insuficiência cardiorrespiratória grave. Ela teve falência múltipla dos órgãos e morreu às 5h de ontem. Solteira e sem filhos, professora Oliva os cuidados de quatro sobrinhos: Marcos Puga, Maria Inês Puga Barcelos, Ana Maria Fontoura de Freitas e Eduardo Fontoura de Freitas.

Influência

Testemunha e, ao mesmo tempo, coparticipante do processo do crescimento do Estado e principalmente de Campo Grande, Oliva Enciso nasceu em Corumbá em 17 de abril de 1909, na Fazenda Taquaral, filha de um paraguaio Santiago Enciso – e uma brasileira – Martinha Enciso. Fez o curso primário no Colégio Imaculada Conceição (Corumbá) e o secundário no Instituto Pestalozzi (Campo Grande), passando depois pelo curso norma do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o de Farmácia na Faculdade de Farmácia e Odontologia em Campo Grande.

Em 1930, ingressou na prefeitura e, em 1954, foi eleita vereadora, com uma votação expressiva. Ao término do mandato, em 1959, Oliva Enciso foi eleita deputada estadual de Mato Grosso, cargo que ocuparia até 1963. Como parlamentar, foi autora da lei que criou o Instituto de Previdência do Estado de Mato Grosso (IPEMAT) e durante seu mandato lutou pela implantação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande, que daria origem mais tarde à Universidade Federal de Mato Grosso DO SUL (UFMS).

Paralelamente participaria da fundação e organização da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, além de atuar decididamente para a instalação em Campo Grande das escolas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e da Campanha Nacional de Educandários da Comunidade (CNEC), entidade que leva seu nome e onde atualmente estudam 370 de educação infantil e ensino fundamental até a 8ª série. Além desta instituição, uma escola da rede estadual de ensino, situada no Bairro Tiradentes, também foi denominada Oliva Enciso, em homenagem à contribuição dada pela professora à educação de Campo Grande e do Estado.

Até quando pôde, a professora Oliva Enciso também teve participação ativa na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, destacando-se junto à entidade pela intensa produção intelectual. Um universo que nunca deixou de acompanhar, apesar da saúde frágil. Colaboradora no Suplemento Cultural do Jornal Correio do Estado, no ano passado a professora comemorou seus 95 anos de idade com a publicação de livro de sua autoria pelo Senai, “Palavras de Poesia”. Além desta obra, publicou ainda “Biografia de patronos”, escrito em conjunto com outros acadêmicos. “Mato Grosso do Sul – Minha terra” e “Pensai na educação brasileiros”.

Trajetória

“Sinto um vazio dentro de mim e sei que a morte dela (Oliva Enciso) abre um claro difícil de preencher na vida educacional do Estado, especialmente na educação dos desassistidos”. Assim o ex-governador de Mato Grosso do Sul Wilson Barbosa Martins referiu-se à amiga e antiga companheira política. Oliva Enciso, que conta ter conhecido no Ginásio Municipal, em 1930, quando ela frequentava o quinto ano ginásial e ele, por sua vez entrava para o colégio, vindo da fazenda, no terceiro ano primário.

“Ela era muito conhecida em todo o colégio, pela sua aplicação e devoção religiosa”, lembra o ex-governador, que depois acompanhou a trajetória da professora, “sempre trabalhando pela educação”, e sua iniciação na carreira política, ingressando no mesmo partido ao qual pertencia, a União Democrática Nacionalista (UDN), em 1945, após a queda da ditadura Vargas.

“Oliva Enciso foi convidada para ser vereadora por Campo Grande, aceitou, por causa da grande amizade que tinha por Vespasiano Martins (seu pai) e do desejo de servir à Campo Grande e ao Estado, e foi eleita com grande sufrágio de votos. Foi uma excelente vereadora, e então surgiu o para que ela fosse deputada estadual. Mas uma vez eleita com votação expressiva, mudou-se para Cuiabá”, relata.

Entre as contribuições que Oliva Enciso trouxe para o Estado, dr. Wilson Barbosa Martins destaca a vinda para Campo Grande do ginásio gratuito, por meio da Campanha Nacional de Educandários da Comunidade (CNEC), que foi construído com terreno doado pela prefeitura; a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande e instalação das escolas do SENAI e do SESI, tudo por influência de sua atuação política. “Era ainda uma mulher que se aprimorava na literatura, na prosa e no verso, deixou livros de poesia e inclusive a vida dela narrada” comentou.

Legado

Para o presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Reginaldo Alves de Araújo, o falecimento de Oliva Enciso representa uma perda irreparável para o meio cultural acadêmico. “Quando vereadora, ela se preocupou em criar projetos para elaboração de textos na linha literária que são um legado maravilhoso; como deputada estadual, não somente projetou com sua influência a construção de escolas de Campo Grande como construiu uma escola com seu próprio conceito de educação, que hoje leva o nome dela. Na literatura, além de ser poetisa das mais notáveis, também editou livros históricos sobre Mato Grosso do Sul e seu desenvolvimento educacional. A lição que ela deixa é de alta determinação e um compromisso elevadíssimo em termos de produção na linha educacional e literária”, completou.

O presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Hildebrando Campestrini, destacou a visão de futuro para o sistema educacional adiantada para a época que Oliva Enciso tinha, citando por exemplo que na década de 40, a professora já sinalizava para a necessidade de se investir no ensino profissionalizante, projeto que infelizmente não teve continuidade. “Oliva Enciso é a mulher mais importante do século 20 na história de Mato Grosso do Sul. Um autor diz que não se morre quando perde-se a vida, e sim quando se perde o significado. Nesse sentido, Oliva Enciso não vai morrer nunca”, completou. (Fonte: Arquivo Público Municipal de Campo Grande/Recorte de Jornal sem identificação, de 01 de julho de 2005)

O artigo escrito por Daniella Arruda é o recorte é de um Jornal que localizamos entre os documentos da ARCA, se observamos no enunciado a matéria está publicada na página da educação. Nas fotografias no referido jornal notamos a presença de alunos da CNEC, escola que levou o nome de Enciso.

Pela certidão de óbito disponibilizado pelo Eduardo Fontoura de Freitas a causa da morte fora por meio de Insuficiência Cardio Respiratória: Pneumonia.

Imagem 25 – Certidão óbito de Oliva Enciso.



Santos Pereira

Serviço Notarial e Registral

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que, em data de 30 de JUNHO de 2005, no Livro nº 0052 às Fls 235 sob nº 15487, foi feito o Registro do Óbito de OLIVA ENCISO, falecida em 30 de JUNHO de 2005 às horas 05:00, em CLÍNICA CAMPO GRANDE, CAMPO GRANDE -MS, do sexo FEMININO, profissão PROFESSORA, natural de CORUMBÁ -MS, residente e domiciliada R. BARÃO DO RIO BRANCO, 1643 - CENTRO, CAMPO GRANDE -MS, com NOVENTA E SEIS anos de idade, estado civil SOLTEIRA, sendo filha de SANTIAGO ENCISO, profissão ***** natural de ***** residente e domiciliado em *****; e MARTINA FLORENTIN ENCISO, profissão ***** natural de ***** residente em ***** Tendo sido declarante JOSÉ CARLOS ÁQUILA (RG:110928-MS) e o Óbito atestado pelo Dr. FERNANDO VASCONCELLOS DIAS CRM: 269, que apontou como causa da morte o seguinte: INSUFICIÊNCIA CARDIO-RESPIRATÓRIA; PNEUMONIA.

O sepultamento foi feito no cemitério SANTO ANTÔNIO N/CAPITAL. .
Informações adicionais:RG:203295/SSP/MS;DN:17/04/1909.
Observações:NADA CONSTA.

O referido é verdade e dou Fé.

Campo Grande (MS), 30 de JUNHO de 2005.



OFICIAL DO REGISTRO CIVIL DA 2ª CIRCUNSCRIÇÃO

Idmilson Rodrigues de Almeida
ESCREVENTE

VÁLIDO SOMENTE COM O
SELO DE AUTENTICIDADE
Nº ACB 70833

NONO OFÍCIO DE NOTAS E SEGUNDA CIRCUNSCRIÇÃO DO REGISTRO CIVIL
DAS PESSOAS NATURAIS DA COMARCA DE CAMPO GRANDE - MS

Av. João Rosa Pires, 938 - Bairro Amambá - CEP 79.008-050 - Campo Grande - MS
Fone: (67) 321-0169 - Fax: (67) 321-4022
E-MAIL: 9oficio@terra.com.br
HOMEPAGE: <http://www.santospereira.com.br>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na produção dos quatro capítulos da presente dissertação trouxemos o registro sobre a memória da professora Oliva Enciso que teve representativa participação no espaço público nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Para que tal registro fosse possível localizamos pessoas que auxiliaram-nos na reconstrução de passos significativos na vida de Oliva Enciso. Para Ecléa Bosi (2003, p.36) “a memória é o retorno ao tempo, ao lugar, aos fatos e de uma forma descontínua apresenta uma narrativa de “força subjetiva”. Os depoentes e os documentos balizaram e narraram aquilo que parecia perdido no tempo, os feitos de Oliva Enciso jorraram da memória dos depoentes.

Oliva Enciso foi uma mulher singular que saiu do espaço privado, não por escolha, não teve tempo para as intempéries da adolescência, de origem humilde, foi no campo do labor que traçou as linhas da sua existência. Para Beauvoir (2009, p. 879) há mulheres que almejam vencer e Oliva Enciso venceu à sua maneira.

Enciso participou da vida pública, fez parte do grupo de mulheres que na história ocupou espaço no magistério, sua identidade profissional foi perpassada pelos créditos da vocação materna, no entanto não foram tais créditos que imputaram a Oliva Enciso o reconhecimento que a tornou uma das personalidades importantes de Campo Grande, de Mato Grosso e a partir de 1977 de Mato Grosso do Sul. O reconhecimento de Oliva Enciso alicerçou-se em suas ações em prol da própria cidade de Campo Grande, na construção de escolas e na captação de cursos de formação no município, foi reconhecida como professora e será professora para sempre de Campo Grande, cidade que representou na política ao exercer pioneiramente os cargos de vereadora e de deputada estadual.

Foi uma mulher à frente de seu tempo, constituiu a primeira Sessão de Educação de Campo Grande na década de 1940 ao ocupar o cargo de inspetora da educação, uma ação que desvelou o quanto Oliva Enciso possuía um olhar atencioso para a educação pública.

Nos exercícios desses cargos hasteou as bandeiras: educação e assistência social, discursos permanentes até o fim dos mandatos. Enciso foi forte em seus propósitos, não intimidara-se por ser o único sexo diferente dentre os demais no parlamento.

Oliva Enciso, enquanto parlamentar, tentou reparar a ignorância apresentando projetos de lei para a construção e manutenção de escolas por Mato Grosso, a educação foi seu discurso mais significativo no parlamento. Engrenou projetos a fim de manter abrigos para menores

abandonados existentes em Mato Grosso, realidades que a fizeram sair do silêncio por inúmeras vezes na tribuna.

Na respectiva pesquisa respondemos a nossa primeira indagação assinaladas nas considerações iniciais: Quem foi Oliva Enciso? Diante dos dados da pesquisa ficou evidente que Enciso foi uma mulher importante para Mato Grosso não somente por ser a primeira professora a adentrar no parlamento estadual, mas pela sua visão de desenvolvimento educacional e social, de fato uma mulher importante e o registro de suas ações torna-se indispensáveis para a história da educação dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Muitos aspectos da sua vida e de suas ações ainda podem ser pesquisadas e nas falas dos depoentes há muitos caminhos e pontos a serem trilhados, desatados, afinal é a história de uma vida vivida dia após dia como aferiu Clarice Lispector (1998).

Durante a pesquisa não foi possível responder todas as indagações trazidas pela imensa soma de dados, para nós ficaram inquietações que possibilitam outras discussões e que apontam para novas pesquisas. Uma delas está na atuação de seis décadas do orfanato em Campo Grande e este não ser aferido na obra *Campo Grande – 100 anos*, na qual há destaque a muitos orfanatos, asilos e filantropias, porém o orfanato de Oliva Enciso não fora mencionado. Essa é uma questão que nos instiga a refletir e nos perguntar em primeira instância: quais foram os fatores que ocasionaram a obliteração do orfanato Santa Teresinha de constar numa obra, onde tudo indica, é de cunho histórico para a cidade? Em segunda instância: Será essa obliteração ancorada no fato de que durante a história do referido orfanato houve suspeitas de denúncias de maus tratos aos órfãos?

De igual modo também ficamos intrigados a respeito dos bens e imóveis da Filantropia Miguel Couto dos Amigos dos Estudantes, pois ficou notório nos documentos que os terrenos e as construções naquele espaço foram oriundas de doações da sociedade civil e governos Federal e Estadual, em que os imóveis foram doados para a filantropia e não para a família de Oliva Enciso, porém o atual presidente nos depoimentos assevera um discurso que funde o público com o privado. Quais os limites dessa parceria entre privado e público? A quem pertencem os bens doados à filantropia?

Em relação à filantropia outra questão instiga-nos: Por que as crianças do orfanato experimentaram tantas necessidades quanto à alimentação? Nos documentos parlamentares e no depoimento do atual presidente da filantropia Oliva Enciso captava recursos junto aos órgãos federais, municipais e estaduais para suprir o orfanato. Em que foram aplicadas as subvenções do governo recebidas pela Filantropia Sociedade Miguel Couto? Se no orfanato cultivava

hortas, possuía pomares, pocilgas, gado e recebiam doações, por que a precariedade da alimentação no orfanato? Para nós são questões em aberto.

Outra relevante discussão seria refletir o lugar da infância dentro do orfanato, notamos crianças órfãos e abandonadas, curvadas ao trabalho e a disciplina dos corpos. De onde eram os internos no orfanato? Quais os fatores do abandono? Como foi a infância naquele espaço? Diante das indagações poderíamos levantar dados interessantes sobre a infância nos meados do século XX em Mato Grosso reconstruindo a história de uma das partes do sentimento de infância instaurado do referido estado.

Outra indagação seria sobre a criação de sete escolas da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos as quais fizeram parte do cenário educacional de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul na década de 50. Quais educandários foram criados pela mediação de Oliva Enciso? Onde estão os documentos dos mesmos? Por que os educandários foram desativados? Quem financiava as despesas desses educandários? Qual o tipo de ensino eles ofertavam? Que público atendiam? Na presente pesquisa não foi possível responder essas questões, é necessário mais dados.

Pontuamos nas considerações iniciais da presente dissertação que um questionamento externo nos intrigava: Qual a importância e a contribuição dessa pesquisa para o campo da educação? E a resposta foi construída com os aportes teóricos, escrita e a própria pesquisa empírica.

Reitera-se que na presente dissertação pontuamos uma discussão sobre uma professora, que não contribuiu apenas no espaço da sala de aula, mas que sua atuação abarcou seu envolvimento, compromisso, trabalho e luta pelo acesso de muitos cidadãos à educação, foram beneficiadas crianças, jovens e adultos. Oliva Enciso mediou a busca pela educação profissional. Registramos as memórias de uma professora que ultrapassou os muros da escola, a qual foi para o parlamento buscar emendas para construir muitos outros muros e salas de aulas.

O que é ser professor? Quais as ações que determinam a grandeza de um professor? É estar somente na relação com alunos? Será que a luta para tirar o povo da ignorância é somada nas ações de um professor? A professora Oliva Enciso preocupava-se com a educação enquanto saída para o caos humano, poderia ter apenas um orfanato, um depósito de órfãos, como tantos na década de 1940, porém a mesma lutou para construir uma escola na porta do orfanato, uma oferta para driblar o infeliz destino traçado para muitos. Em 1948 não medira esforços para

instalar o SENAI e o SESI em Mato Grosso, criara alternativas de conhecimento, trabalho e subsistência às massas não privilegiados.

Ao que nos parece a importância da pesquisa está também em desvelar a capacidade transformadora de um professor, em que pode somar esforços na busca de escolas e na participação do plano de educação para o seu estado, como ocorrera com Enciso no parlamento.

Oliva Enciso talvez tenha sido a primeira professora na década de 1930 a criar a Seção de Educação dentro de uma prefeitura e quiçá no estado de Mato Grosso, em um tempo em que professores não envolviam-se com política, devido as perseguições políticas partidárias que por décadas anulavam e silenciavam pessoas, porém, ela driblou as intempéries políticas e permaneceu na luta pela educação para todos.

A vida e ação de Oliva Enciso fora uma reconstrução também dos passos da educação para os dois estados, com sua competência aliada a sua energia representou a garantia de acesso à educação em Mato Grosso, eis a importância da pesquisa.

Como dito, não encerra-se a discussão de uma vida nessa produção, há muito a ser pesquisado. Mas, por hora fiquemos com os dados que encontramos, para nós, são nossos “achados” que desembocaram nesse registro de memórias.

Ainda existem professora e professor mato-grossenses que fizeram muito pelo estado, pela educação e que de fato possuem histórias inenarráveis, como afirmou Michelle Perrot (1998) e que suas conquistas estão no silêncio junto a massa da humanidade, invisíveis na história. Nisso assinalamos a grandeza do projeto guarda-chuva vinculado à essa dissertação: tirar da invisibilidade docentes que contribuíram com o desenvolvimento e o progresso da educação no estado de Mato Grosso.

REFERENCIAIS

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- AMORA, Antonio Soares. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1977.
- ARANHA, Maria Lúcia. MARTINS, Maria Helena. *Filosofando - Introdução à Filosofia*. 2ªed. Moderna: São Paulo, 1993.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- ARENDT, Hannah. *Compreensão e Política e Outros Ensaio*s. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2001.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. São Paulo: Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL –APE EM CAMPO GRANDE – Diversas obras e diário oficial do estado de Mato Grosso período anos de 1962 a 1963. Coordenação: Alexandre Prado Sogabe em 2017.
- ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL DE MATO GROSSO. *Coletânea “Coleções de imagens sobre Mato Grosso das administrações estadual, municipais, instituições, acontecimentos e pessoas”*. Organizada pelo Prof. Me. Lauro Virgínio de Souza Portela. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 2013.
- ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE-ARCA. *Jornais Correio do Estado, Do Comércio e Mato Grossense período de 1954 a 1963, revistas e recortes de jornais*. Coordenação: Leoneida Ferreira, visita em janeiro e julho de 2017.
- ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. SILVA, Alice Felisberto da (org.). *Memórias do Ensino Secundário no Sul de Mato Grosso no século XX*. Campo Grande-MS: Ed. Oeste, 2015.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. (trad.Sérgio Milliet). Vol I. São Paulo: Difusão Européia, 1970.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. (trad.Sérgio Milliet). Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENATHAR, Roberto Levy. *Lugar e posição de Anísio Spínola Teixeira na pedagogia brasileira. Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro, v.33, n.12, dez. 1981.
- BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONACHI, Gabriela. GROPPPI, Angela (org.). *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. Trad. De Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Apartado & Publicações Europa-América: 2001.

BOSI, Alfredo. VILHAÇA, Alcides. NUNES, Benedito. ANDRADE, Fábio de Souza, LAFETÁ, João Luiz. KOSHIYAMA, Jorge. WISNIK, José Miguel. MOURA, Murilo Marcondes de. *Leitura de poesia*. (org. Alfredo Bosi). São Paulo: Ática, 2003.238p.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia (org.). *Memória (re)sentimento: Indagação sobre uma questão sensível*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

BRASIL - TV SENADO. Discurso na tribuna do Senador da república brasileira: Juvêncio da Fonseca do PDT de Mato Grosso do Sul-MS, Brasília-DF, 15 de Julho de 2005, 1 CD-ROM.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE/MS. *Atas parlamentares do período de 1955 a 1959 e Ata nº 2.201, p. 01 de 12 de outubro de 1976*. Coordenação Geral de Apoio Legislativo e do setor das atas, Aparecida Maria Vandieira. Campo Grande: Sala de Apoio, visita em fevereiro de 2017.

CANDIDO, Antônio. *O romantismo no Brasil*. FFLCH/USP, São Paulo, 2002.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 3ªed. Duas cidades: São Paulo, 1995.

CARMO, Vilmaria Pereira do. PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS INSTÂNCIAS DE PODER. Sinpro Mulher, disponível em www.sinprodf.org.br, Ed.01, ano 01, p. 01-32, março de 2014.

DUARTE, Jorge e BARROS. Antonio (org). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. – São Paulo: Atlas, 2005.

COHEN, Marleine. *Juscelino Kubischek: o presidente bossa-nova*. São Paulo: Globo, 2005;

CUNHA, Francisco Maia (coord.). *Campo Grande-100 anos*. Vários textos. Campo Grande-MS: Matriz, 1999.

CHACON, Dr. Miguel C. M. *40 anos velhas questões, novos desafios*. Campo Grande: APAE, 2007.

CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*. In: *Fronteiras*. Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 5ªed. Ática: São Paulo, 1995.

CLANDININ, D. Jean e CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores. ILEEL/UF. EDUFU: Uberlândia, 2011.

CÔRREA, Valmir Batista. *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso (1889-1943)*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1995.

CRUZ, Maria Isabel da. *A mulher na igreja e na política*. São Paulo: outras expressões, 2013.124p.

ELIAS, Norbert. *Solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ENCISO, Oliva. *A instrução em Campo Grande*. **Revista - Folha da Serra**. Edição Especial dedicada ao município de Campo Grande. Ano II, nº23. Prateleira 3. Campo Grande-MT, ago. de 1933.

ENCISO, Oliva. *Mato Grosso do Sul: Minha Terra*, Campo Grande-MS: Resenha 1986.

ENCISO, Oliva. *Palavras de poesia*. Campo Grande-MS. SENAI/DR/MS, 2004.

ENCISO, Oliva. *Pensai na Educação Brasileiros!* Campo Grande-MS: Resenha, 1990.

FARINATTI, Paulo de Tarso in **Revista Brasileira Médica de Esporte**. Teoria biológica do envelhecimento do genético ao estocástico. Vol. B, nº 4, julho, agosto de 2002.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História social da infância no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Os cacos da História*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GIULANI, P. *Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira*. In PRIORI, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GOMES, Angela de. *Escrita de Si – Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004

GONÇALVES, Antenor Antônio. *Educação e Literatura*. DP&A: Rio de Janeiro, 2000.

- GONÇALVES, Marlene. *Fragmentos da memória subterrânea das usinas de açúcar: Aricá, Conceição, Flechas e Maravilha*. Curitiba-PR: CRV, 2011.
- GONÇALVES, Marlene. *Viva Bela Verena*. São Paulo: Idea, 2000.
- GUIMARÃES Neto, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá, MT: Carlini&Caniato; EdUFMT, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. (trad. Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006.
- HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Artmed 2004.
- HYPÓLITO, Álvaro Moreira. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas: SP, Papyrus, 1997.
- INSTITUTO DE MEMÓRIA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE MATO GROSSO. *Atas parlamentares do período de 1959 a 1963. Superintendente Ms. Ísis Catarina Martins Brandão*. Cuiabá, visita em novembro de 2017.
- JORNAL CORREIO DO ESTADO, exemplares eletrônicos do período de 1953 a 1963 e ano de 2005. Disponível em Software privado do Jornal. Campo Grande-MS. Pesquisa na cede do jornal em janeiro de 2017.
- KOSELLC, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2.ed.rev. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 1996.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOIZOS, Peterin BAUER, Martin W. e GASKEL, George. Tradução Pedrinho A. Guarechi. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2014
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. – São Paulo: EPU, 1986.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe – Escritos Políticos*. Trad. Lívio Xavier. 1ªed. São Paulo-SP: Athena, 1973.
- MAYMONE, Hercules. *Da Farmácia e Odontologia à Universidade: Memórias*. Campo Grande-MS: UFMS/Núcleo de Imprensa Universitária, 1989.

MENDONÇA, Rubens. *Nos bastidores da História de Mato Grosso*. Cuiabá: SEC/MT; Integrar, Defanti, 2012.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira*. Recife-PE: Ed. Massangana, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia?* Brasiliense, 1982.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. (Coleção Logos). Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1982.

PEREIRA, Geraldo Ramon Pereira. Oliva Enciso – Educadora... Humanitária... Literata... ou “irmã de caridade?” **Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras**. 22ª Ed. v.22, n.22. Campo Grande-MS: Life Editora, p.304, 2012.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: fundação editora da UNESP, 1998.

PINSKY, C. *Mulheres dos anos Dourados*. In PRIORI, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Apresentação. In: PINSKY; PEDRO, Joana Maria (Org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PONTES, Jose Couto Vieira. *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*. Do Escritor: São Paulo, 1981.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5. N. 5 1989. P. 3-15. (Disponível domínio público).

_____. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5. N. 10. 1992. P. 200-215. (Disponível domínio público).

PRIORE, Mary Del e PINSKY, Carla Bassanezi. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

PRIORE, Mary Del (Org.). *História das crianças no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. – São Paulo: T. A. QUEIROZ, 1991.

RAGO, M. *Trabalho Feminino e Sexualidade*. In PRIORI, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____**Revista Executivo Plus.** Nº3, Ano III, vol. 03, jan/jul de 1979, p.36.

_____**Revista A mulher e o universo do trabalho.** Federação Democrática Internacional das Mulheres. São Paulo: FSIM. 1ª Ed. Volume 11-2011, 139 p. 2012.

_____**Revista da Academia Sul Mato-Grossense de Letras,** nº 1, vol. 01 de setembro de 2003.

_____**Revista da Academia Sul Mato-Grossense de Letras,** Vol.22, nº 22, 185 p., novembro de 2012.

_____**Revista da Associação Brasileira de História Oral.**Nº 03, vol. 03, junho de 2000.

_____**Revista Folha da Serra.** Educação. C.C. Ano IV, nº 37 a 48, p. 26, de 07 de setembro de 1937.

_____**Revista Folha da Serra.** Sociedade Miguel Couto dos Amigos dos Estudantes, ano IV, janeiro a fevereiro de 1935, nº 37 a 38, p. 12.

_____**Revista Executivo** – A revista de Mato Grosso do Sul. 60 anos da Associação Comercial. Ano II, nº23, p. 18 e 19, abril de 1986.

_____**Revista Trabalhos da Memória – Projeto História.** Nº 17, novembro de 1981.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento.* Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, Guimarães. *Oliva Enciso- A benfeitora da educação profissional e da cidadania.* **Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.** 22ª Ed. v.22, n.22. Campo Grande-MS: Life Editora, p.11, 2012.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Deus quer o homem sonha a cidade nasce/Campo Grande 100 anos de história.* Organização: Fundac/ARCA. Campo Grande-MS, 1999.

ROSA, Maria Glória de Sá. *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul: história de vida.* Campo Grande-MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1990.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Personalidades de Campo Grande.* Fundac/ARCA. Campo Grande-MS, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes – Mitos e realidade.* São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, Linet de Sá. *Mulher Matogrossense na era Vargas: Educação e representações.* 15/12/2014. 90 p. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, 15 de dezembro de 2014.

SAVIANI, Dermeval. ALMEIDA. SOUZA, Jane Soares de. SOUZA, Rosa Fátima de. VALDEMARIN, Vera Teresa. *O Legado Educacional do Século XX no Brasil.* Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

- SCHUMAHER, Schuma. BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário das mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SCHRÖDER, Luciane Thomé. *Recortes e Apontamentos sobre a teoria do discurso* In: *Análise de Discurso – Estudos de estados de corpora*. Toledo-PR: Fasul, 2014.
- SELEM, Terezinha de Alencar. *100 mulheres pioneiras em 100 anos de Campo Grande: relatos que falam de mulheres que fizeram a história de Campo Grande*. Campo Grande-MS, 1999.
- _____. SESI – Serviço Social da Indústria. *Catálogo SESI 50 anos – Mato Grosso do Sul*, 1998.
- SILVA, Marineide de Oliveira da. *Escola Primária Rural – Trilhando caminhos e transpor barreiras na educação em Mato Grosso (1927-1945)*. Cuiabá: EdUMT, 2014.
- SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. *História de Mato Grosso/ Da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. *Revivendo Mato Grosso*. Cuiabá: SEDUC, 1997.
- STONE, Lawrence. *Prosopografia*. Daedalus, Cambridge, v.100, n.1, p.115-137, 1971.
- TALBAK, Fanny. TOSCANO, Moema. *Mulher e Política*. Paz e terra: Rio de Janeiro, 1982.133p.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. – São Paulo: Atlas, 2013.
- TV MORENA. *Imagens do velório de Oliva Enciso*. Campo Grande-MS, 30 de julho 2005. 1 CD-ROM.
- VIORST, Judith. *Perdas Necessárias*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- WEBER, Max. *Ciência e Política- duas vocações*. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Moda. – São Paulo: Cultrix, 2011.

Pesquisas na Internet

ALMEIDA, Carla Beatriz de. A prosopografia ou biografia coletiva: limites, desafios e possibilidades. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300892678_ARQUIVO_anpuhsp2011.pdf. Acesso em 20 de abril de 2017.

BRASIL, Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Senado. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm, acesso em junho de 2017.

BRASIL, PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/ensino-fundamental-de-nove-anos>, acesso em julho de 2017.

DUTRA, Lenise Ribeiro. COELHO, Marcos Antônio Pereira. [et al]. *Crônica: nos limites da literatura*. Disponível em www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/189_B.pdf. Cadernos da CNLF, vol. 04, p. 2811, 2012. Acesso em maio de 2017.

FERRARI, Marcela. Prosopography and political history Some approaches. *Revista Antíteses*. vol. 3, n. 5, jan.-jun. de 2010, pp. 529-550. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>, acesso em maio de 2017.

FULY, Viviane Moretto da Silva. VEIGA, Georgea Suppo Prado. *Educação infantil: da visão assistencialista à educacional*. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/viewFile/588/552>, acesso em 27 de maio de 2017.

MATO GROSSO. Site do IOMAT. Disponível em <https://www.iomat.mt.gov.br>, acesso em junho de 2017.

MATO GROSSO. CARTÓRIO ELEITORAL. <http://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino>, consulta em 03 de dezembro de 2016.

RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. Romantismo contextualização histórica e das artes. 12/2010. 90 p. Dissertação de mestrado. Instituto Politécnico de Castelo Branco - Portugal. Disponível em <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/656/1/Romantismo.pdf>. Acesso em 24 de maio de 2017.

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria. Disponível em: <http://www.senaipr.org.br/o-senai/conheca/historia-1-20291-169224.shtml>. Acesso em Abril de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Disponível em endereço eletrônico: <https://www.ufms.br/universidade/historico/>, acesso em 11 de março de 2017.

DEPOENTES DA FAMÍLIA DE OLIVA ENCISO

FREITAS, Ana Fontoura. **Depoimento** concedido ao grupo de pesquisa: Docência e memória social, ação política de sujeitos envolvidos na docência e no exercício de cargos políticos eletivos em janeiro de 2017.

FREITAS, Eduardo Fontoura. **Depoimento** concedido ao grupo de pesquisa: Docência e memória social, ação política de sujeitos envolvidos na docência e no exercício de cargos políticos eletivos em janeiro e julho de 2017.

FREITAS, Maria José Fontoura. **Depoimento** concedido ao grupo de pesquisa: Docência e memória social, ação política de sujeitos envolvidos na docência e no exercício de cargos políticos eletivos em janeiro de 2017.

BARCELOS, Maria Inês Puga. **Depoimento** concedido ao grupo de pesquisa: Docência e memória social, ação política de sujeitos envolvidos na docência e no exercício de cargos políticos eletivos em janeiro de 2017.